

# Não nasci para agradar

intrínseca

MICHELLE QUACH



# Não nasci para agradar

Michelle Quach

Tradução de Ana Beatriz Omuro



Copyright © 2020 by Michelle Quach

Trechos dos capítulos 16 e 35 retirados de *Macbeth*, de William Shakespeare, traduzido por Bárbara Heliadora, Nova Fronteira, 2015.

TÍTULO ORIGINAL

Not Here to Be Liked

PREPARAÇÃO

Vic Vieira

REVISÃO

Raquel Nakasone

ADAPTAÇÃO DE CAPA E LETTERING

Henrique Diniz

ARTE DE CAPA

© 2021 by Fevik

DESIGN DE CAPA

Molly Fehr

GERAÇÃO DE E-BOOK

Érico Dorea

REVISÃO DE E-BOOK

Laura Zúñiga | Zúñiga Consultoria Textual

E-ISBN

978-65-5560-485-6

Edição digital: 2022

1ª edição

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

 [intrinseca.com.br](http://intrinseca.com.br)

 [@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)

 [editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)

 [@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)

 [@editoraintrinseca](https://www.tiktok.com/@editoraintrinseca)

 [intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

# Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Sumário](#)

[Dedicatória](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Um mês depois

Agradecimentos

Sobre a autora

Leia também



Para o verdadeiro J.

# 1

Divido um quarto com minha irmã mais velha, Kim, o que não seria um problema se ela não tivesse o hábito de fazer careta sempre que eu entro.

— Você vai vestida desse jeito? — diz ela, apontando o aplicador do rímel na minha direção. A incredulidade em sua voz é tão densa que poderia me soterrar.

— Tá bom assim. — Arregaço as mangas, e elas caem de novo. — Não esquenta.

Para ser justa, estou usando um suéter largo de poliéster com um tom de cinza exatamente igual ao do asfalto de um estacionamento, e ninguém consideraria isso um bom visual. Mas não estou nem aí. Na verdade, é basicamente assim que me visto todo dia. Li uma vez que muitas pessoas importantes têm um “uniforme” para poder dedicar sua energia a coisas que realmente façam sentido para elas, então comecei a fazer isso também. Kim acha que viver dessa forma é horrível.

— Hoje não é seu grande dia?

Afundo na cama com um livro, um romance de Eileen Chang que encontrei por acaso na biblioteca. Gosto dele porque a protagonista é uma garota chinesa esperta mas um pouco temperamental, uma combinação da qual o mundo precisa mais. É só minha opinião, óbvio.

— Não vai responder? — pergunta Kim, quando eu viro mais uma página.

Mastigo meu sachima à moda cantonesa — doce e pastoso. Sentindo a impaciência de Kim praticamente se condensando no meu silêncio, tomo um longo gole de chá e viro outra página.

— Sim — concordo —, é um dia importante.

Hoje a equipe da *Corneta de Willoughby*, o jornal da escola, vai escolher o novo editor-chefe para o próximo ano. É um ritual sagrado que ocorre mais ou menos na mesma época durante a primavera, e dessa vez, como aluna do terceiro ano, finalmente posso concorrer.

— Então você não deveria tentar vestir algo melhor? — Agora Kim está fazendo nas sobrancelhas um contorno horizontal e grosso semelhante ao das heroínas de K-dramas. — Você não quer que as pessoas votem em você?

Veja bem, não acredito em autopromoção, nunca acreditei. Gosto de dizer que uma pessoa é tão boa quanto os fatos sobre ela, e isso vale para o jornalismo e para a vida. Aqui vão os meus:

Há quase três anos, sou a integrante mais produtiva, esforçada e responsável que a *Corneta* já viu. Escrevo um ótimo artigo de setecentas e cinquenta palavras em trinta minutos, proponho metade das matérias de primeira página todo mês e já sou a atual chefe de redação — um cargo normalmente dado aos veteranos. Então não, não preciso que o pessoal da *Corneta* vote em mim só porque sei me vestir.

Eles vão me escolher porque sou a decisão mais sensata. Porque ninguém, ninguém mesmo, vai fazer um trabalho melhor.

E também, no caso, porque não há mais ninguém na disputa. Estou concorrendo sem adversários.

— Já que sou a única candidata, só preciso de votos suficientes para ser confirmada — explico, mordendo o último pedaço de sachima. — Na verdade, vai ser mais uma espécie de nomeação da Suprema Corte

do que uma eleição.

Kim não está convencida.

— Você quer que eu pelo menos faça *babyliss* no seu cabelo?

Às vezes, a perseverança da minha irmã só compete com sua lerdeza, juro.

— A *Corneta* não é assim, Kim. É uma meritocracia. — Faço uma bola com a embalagem de sachima. — Se eu quisesse participar de uma farsa, concorreria ao conselho estudantil.

— Bom, você concorreu uma vez.

É uma alfinetada inesperada, afiada e inconsequente como um corte de papel.

— Isso foi há muito tempo.

Kim é apenas dois anos mais velha que eu e estudou em Willoughby também. No ano passado, pensei que minha irmã fosse se formar e eu finalmente me veria livre dela, mas obviamente ela acabou indo para a Universidade da Califórnia em Irvine. “É tão perto!”, disse papai. “Você não precisa nem ficar no alojamento estudantil. É desperdício de dinheiro.” Então aqui estamos nós duas. Como nos velhos tempos.

— Você não vai morrer se ficar mais bonita, Eliza. Sabe, no geral.

Faço uma careta — um olho semicerrado, o nariz franzido, a língua para fora pelo canto da boca.

— Você não me acha bonita? — brinco, tentando falar e manter a expressão ao mesmo tempo.

Kim responde como se eu tivesse feito uma pergunta séria.

— Não.

Lá se vai minha diversão, escorrendo pelo meu pescoço em um fio gelado. Observo-a por um momento enquanto ela passa um *lip tint* coral, e então, meio desanimada, faço outra tentativa.

— Não se renda ao olhar masculino, Kim.

Mas ela se rendeu completamente. Sabe, Kim é uma dessas garotas que têm a infelicidade de acreditar que precisam ser bonitas. Não é realmente culpa dela: Kim *é* bonita. Ela tem olhos lindos e grandes como os de Fan Bingbing, com pálpebras duplas pelas quais você certamente cogitaria se não matar, ao menos se submeter a uma cirurgia para ter. Quando éramos mais novas, as pessoas exclamavam (na maioria das vezes em cantonês) como ela era linda: “*Gam leng néuih ā!* Ela poderia participar do concurso de Miss Hong Kong!”.

“Por que diabo você iria querer participar disso?”, perguntei uma vez, e mamãe me mandou ficar quieta: “Ninguém está falando para *você* participar!”.

Mamãe está na porta agora, esperando para ver se estou pronta para sair.

— *Đi được chưa?* — pergunta ela em vietnamita.

Além do cantonês, esse é o outro idioma ouvido com frequência em nossa casa. O mandarim, por outro lado, só faz aparições ocasionais, geralmente em algum sábio ditado. Minha família é o que os cantoneses geralmente chamam de *wàh kùih*, ou “chineses do estrangeiro”, o que na verdade significa que, apesar de termos passado três gerações no Vietnã, nós nunca desistimos de ser chineses. Kim e eu entendemos tudo, mas, como as estadunidenses preguiçosas que somos, geralmente respondemos em inglês.

— Sim — digo para mamãe, me levantando da cama e começando a juntar os livros que vou levar para a escola.

Ela aproveita a oportunidade para inspecionar minhas roupas.

— Você...

— Vamos. — Dou um salto para passar por ela, com os livros

apertados contra o peito e a mochila ainda meio aberta. — Tchau, Kim!

Do lado de fora, o ar ainda está frio, como se o sol tivesse se levantado, mas ainda estivesse sonolento. Os irrigadores acabaram de ligar, deixando partes da calçada molhadas ao longo do gramado. Enquanto mamãe e eu caminhamos pelas familiares fileiras de prédios residenciais, inspiro a névoa que evapora, cheirando a concreto úmido e adubo quente — ou seja, apenas mais uma manhã em uma selva de pedra e cimento.

Seguimos pelo longo caminho até nossa vaga no estacionamento, e então meu celular vibra. Uma mensagem de James Jin, o atual editor-chefe da *Corneta*:

**Talvez você queira saber o que Len DiMartile me mandou por e-mail ontem à noite.**

Que aleatório. Len é um garoto de ascendência japonesa por parte de mãe e caucasiana por parte de pai que está na equipe da *Corneta* e ficou responsável pela seção de Notícias este mês. James e eu nunca falamos sobre ele antes.

**Eu: Por quê? Ele vai sair ou algo assim?**

**James: Na verdade, ele decidiu concorrer a editor-chefe.**

— Eliza, já disse para não franzir tanto a testa — repreende mamãe. Nosso carro está alguns metros à frente, e ela o destrava emitindo um som de reprovação. — Você quer que o seu rosto fique igual a um repolho em conserva?

Eu me detenho alguns passos para que minhas sobrancelhas possam se erguer em paz.

**Eu: Ele é egocêntrico ou masoquista?**

**James: Ah, qual é, Quan. Cadê seu espírito esportivo?**

— Você com certeza puxou isso do seu pai. — Mamãe ainda está tecendo comentários sobre minha calistenia facial. — É uma mania tão

ruim.

Eu a ignoro e me sento no banco do passageiro, fechando a porta com uma das mãos para continuar digitando com a outra.

**Eu: Mas eu tenho espírito esportivo.**

**James: Ah, é? Então tudo bem por você o nosso garoto Leonard te dar trabalho?**

Agora minha testa realmente enruga. Sério? “Nosso garoto.” Leonard acabou de entrar na *Corneta*, no ano passado. Não sei o que deu nele para ter uma ideia dessas, mas isso não muda o fato óbvio de que ele é mais verde do que casca de limão.

**Eu: Não ligo para o que ele faz. Deixa o garoto sonhar.** 🙄

**James: Ok, ótimo. É bom ver que você não tem medo de um pouco de concorrência.** 😏

— Eliza, você está me ouvindo? — Mamãe faz uma careta para mim enquanto liga o motor.

— Estou, sim.

Na verdade estou tensa, sentindo os ombros pesados, como sempre ficam quando estou prestes a garantir uma pontuação alta no Scrabble, e minha atenção está voltada para a resposta que estou digitando para James:

**Manda ver.**

## 2

A *Corneta* foi fundada três anos após a Escola de Ensino Médio de Willoughby abrir as portas, a primeira instituição preparatória para a faculdade da cidade de Jacaranda. A equipe original era um grupo pequeno e dedicado liderado por Harold “Harry” Sloane, da turma de 1987, um jovem com uma visão incomum da posteridade. Podemos atribuir quase todas as tradições da *Corneta* à sua mente extraordinariamente fértil.

Um exemplo é o próprio nome *Corneta*. Harry o escolheu para combinar com as associações vagamente militares suscitadas das mascotes da escola, os Sentinelas. Em algum momento naquele primeiro ano, ele apareceu com uma corneta de latão de verdade, supostamente roubada da Academia St. Agatha (na época conhecida como Escola Militar St. Agatha para Garotos). Na verdade, Harry a comprou em uma loja de antiguidades em Fullerton. Sei disso porque certa vez lhe escrevi um e-mail, por curiosidade, e ele me contou. Eles gravaram nela com o lema da *Corneta*, *Veritas omnia vincit*, e agora o instrumento fica na escrivaninha do sr. Powell, uma verdadeira relíquia histórica. A verdade vence tudo.

Outro exemplo é a já mencionada eleição da *Corneta*. O editor-chefe do jornal é sempre escolhido da forma como aconteceu com Harry naquele primeiro ano — por voto popular da equipe. Harry, diz a história, manipulou a votação para que ele, e não Lisa Van Wees,



também da turma de 1987, ocupasse o cargo, porque todos sabiam que ela era a favorita do orientador. Harry negou essa versão; Lisa não foi encontrada para comentar.

Por fim, temos a Parede dos Editores, que provavelmente é a ideia mais legal de Harry. Na parede dos fundos da redação, margeada de um lado por um armário cheio de obras de Shakespeare e do outro por um pôster de Johnny Cash do sr. Powell, estão pendurados retratos de todos os editores-chefes desde Harry. Ele copiou essa tradição de um jornal estudantil que conheceu em um tour por faculdades do nordeste do país. Eton Kuo, da turma de 1988, o artista inaugural e outrora cartunista da *Corneta*, desenhou cada retrato com tinta nanquim de verdade e continua fazendo isso para cada novo editor-chefe eleito (embora ele agora seja um endodontista em Irvine).

A Parede dos Editores é a primeira coisa que vejo toda manhã quando entro na sala do sr. Powell para a aula extracurricular. E toda vez, mesmo que apenas por um segundo, paro para admirá-la e lembrar qual é o meu objetivo. Porque a verdade é esta: em Willoughby, quando você entra para aquele time, quer dizer que você fez a diferença. Assim como ser presidente do conselho estudantil, outra posição de destaque no campus, ser editor-chefe da *Corneta* significa se tornar parte de uma instituição. Mesmo que você acabe fazendo um trabalho totalmente desprezível, seu lugar na história ficará preservado para a posteridade. Você sempre poderá dizer “Bom, pelo menos meu retrato está na parede”.

Hoje, me demoro diante da parede, me perguntando quanto tempo levaria para meu retrato começar a amarelar como os mais antigos. Então Cassie Jacinto se junta a mim, saltitando em minha direção. Fotógrafa razoavelmente competente da *Corneta*, ela é aluna do

segundo ano, usa um rabo de cavalo grande e volumoso e tem um sorriso largo com aparelho.

— Ei, Eliza! — exclama ela. — Animada para hoje?

Afasto-me discretamente da Parede dos Editores e coloco a mochila na escrivaninha que costumo usar.

— Sim...

— Eu também! Quer dizer, estou superanimada por você.

— Obrigada, eu...

— Mas você ficou sabendo do Len, né? — A voz dela se transforma em um sussurro e, antes que eu possa sequer abrir a boca outra vez, ela se apressa para acrescentar: — Você não está preocupada com ele, está? Porque não deveria. Assim, você é muito mais qualificada, e você tem bem mais...

— *Cassie*. — Dessa vez, sou eu que a interrompo. — Não estou preocupada. Sêrio.

— Ótimo!

Cassie sorri para mim como se soubesse desde o começo que eu não a decepcionaria. Então me cumprimenta com um soquinho antes de sair aos pulos, me fazendo imaginar por que todos estão presumindo que uma candidatura quase informal, de terceira categoria e feita de última hora seria algo que faria eu me sentir remotamente ameaçada.

Alguns minutos depois, estou perto dos computadores da *Corneta*, vasculhando uma gaveta em busca de uma caneta vermelha, quando uma folha de papel cai por cima do meu ombro. Assustada e completamente desajeitada, junto os braços para segurar a página antes que caia no chão. É o primeiro rascunho de um artigo sobre a srta. Velazquez, uma das funcionárias da cantina que vai se aposentar no próximo mês. Quando vejo o nome do autor, me viro, mas ele já está se

afastando.

— Obrigada! — grito, e Len acena sem olhar para trás.

Olho para baixo e finjo estar interessada no rascunho, mas, em vez disso, observo-o voltar para o fundo da sala, bem ao lado de Johnny Cash. Ele passa o tempo todo naquele canto, falando tão pouco que dá até para esquecer que ele está lá. Em um movimento ágil do tipo “se piscar, você perde”, ele salta para se sentar em uma escrivaninha, com as pernas cruzadas, e se ajeita com o notebook no colo. Por alguma razão lembra um gato.

— Então...

James apareceu ao meu lado, e percebo que a gaveta que eu estava vasculhando ainda está aberta. Apresso-me para fechá-la.

— Oi! — digo bem alto, porque noto que ele me pegou espionando, e a última coisa de que preciso agora é um comentário típico de James Jin. Tento pensar em algo para distraí-lo. — Sabe aquela loja nova de *bubble tea*?

— O que que tem? — Ele pausa, parecendo interessado. James gosta de *bubble tea*.

— Já tem data de inauguração. Vai ser daqui a duas semanas. Alan Rodriguez me contou.

Alan, aquele cidadão sênior que corre maratonas e veste camisas polo em tons pastel com shorts cáqui, é presidente da Câmara de Comércio de Jacaranda. Tenho contato com ele desde que o *Jornal Comunitário de Jacaranda* decretou falência há dois anos.

James fica bastante entusiasmado.

— Até que enfim!

Recentemente, alguém começou a reformar o centro comercial abandonado na frente da escola, ao lado da igreja Presbiteriana que

exibe placas com dizeres engraçados, como JESUS QUER FAZER UMA TRANSFORMAÇÃO RADICAL EM VOCÊ. O local esteve vazio por alguns meses, e Boba Bros, a loja de *bubble tea*, é o primeiro empreendimento a se mudar para lá. Por anos, o único ponto de encontro perto do campus foi uma lanchonete Dairy Queen xexelenta a duas quadras, então essa é definitivamente uma boa notícia — ao menos em um mês tão devagar como este.

— Acho que a gente deveria fazer uma reportagem sobre isso — sugiro.

— Concordo. E vamos colocar na primeira página. — James me dá um toca-aqui. — Belo furo, Quan.

Motivada pelo elogio, volto deslizando para minha escrivaninha, mas, assim que me sento com o artigo de Len sobre a srta. Velazquez, minha efervescência ganha uma carga nova e competitiva. Enquanto leio, sou lembrada de que, apesar da escrita dele ser bagunçada e rústica, é também... meio que boa. Sinto-me estranhamente capturada pela singela abertura:

*Quando Maria Elena Velazquez tinha doze anos, ela queria ser uma dançarina.*

Quer dizer, a mulher passou os últimos vinte e cinco anos da vida servindo almoço na escola, e é assim que ele começa a história?

— Oi, Eliza.

Aarav Patel, um aluno do segundo ano, aparece vestindo uma jaqueta de couro absurda.

— Como vai?

— Tudo bem.

Viro as páginas do meu fichário para encontrar o rascunho dele, que

editei na noite passada. Ele escreveu uma matéria sobre a feira anual de confeitaria do conselho estudantil, que seria entediante mesmo em mãos mais qualificadas.

— Só “bem”? Por quê? — pergunta Aarav, como se não conseguisse entender por que acho que essa é uma resposta razoável à sua pergunta.

Respondo com um olhar impassível.

— Como vai *você*?

— Estou ótimo! — exclama ele. — Vou a um show hoje. Estou superanimado.

— Que bom. Aqui está.

Eu lhe entrego seu rascunho coberto de marcações em vermelho, como sempre.

— Ah, sério? — Aarav pega o papel fazendo um beicinho. — Não está tão ruim assim, está?

Dou de ombros. Quando o assunto é formar frases escritas, Aarav tem a proficiência de uma criança.

— Vermelho é uma cor de caneta tão agressiva, Eliza. Talvez você devesse tentar, sei lá, roxo. Sabe, para não ficar tão na cara.

Ele exhibe um sorriso arrependido, tentando amenizar as coisas daquele jeito meio irritante, meio choroso que os rapazes metidos a galã fazem. Aarav ainda não entendeu que isso não funciona em uma garota tão sem charme quanto eu.

— Talvez você só devesse escrever melhor — sugiro.

A próxima é Olivia Nguyen, do primeiro ano, que recebe sua reportagem com mãos trêmulas. Hoje suas unhas estão pintadas em tons diferentes de rosa. Ela está escrevendo o único artigo realmente grande do mês, sobre cortes recentes no orçamento de atividades dos clubes, que vão afetar pequenos grupos de modo desproporcional —

como aqueles dedicados aos interesses de alunos marginalizados.

— Ok — digo, com a maior paciência possível. — Vi que você falou com mais pessoas além da sua amiga Sarah desde a última vez. E, na verdade... — Pego o rascunho de volta e passo os olhos por cima. — Nós cortamos a Sarah, certo? Lembra do que falamos sobre “conflito de interesses”?

— Lembro... — A voz de Olivia está presa na garganta.

— Então, isso já foi um grande avanço — digo, batendo na folha de papel com minha caneta. — Mas você está vendo que, a cada dois parágrafos, um é uma citação? Precisamos de um pouco mais de estrutura. Você é a autora, então precisa de fato nos contar uma história.

Olivia assente solenemente. Ela sempre parece ter muito medo de mim, mas não me preocupo com isso. James diz que ela também não consegue ficar calma perto dele.

O último rascunho em minhas mãos pertence a Natalie Weinberg, do segundo ano. Meus olhos correm pela sala para verificar se ela já chegou e a observo se aproximando do canto de Len, o que é um pouco estranho.

Ele está absorto em seu notebook e não a vê. Mas então ela diz alguma coisa que o faz erguer os olhos, e por um segundo ele até sorri, como se fosse alguém perfeitamente normal e não o integrante recluso da *Corneta*. Natalie continua falando, dizendo coisas que não consigo ouvir, e ele ri de verdade, como se a achasse muito engraçada. Desde quando ela é engraçada?

Desvio o olhar. Agora não é o momento de refletir sobre os enigmas do universo.

Enquanto isso, James subiu em uma cadeira na frente da sala e está

balançando as mãos de um jeito ridículo e respeitável ao mesmo tempo, como um líder mundial saindo de um avião.

— Amigos, Corneteiros, compatriotas — diz ele em voz alta —, peço a atenção de vocês.

Todos ficam em silêncio. O sr. Powell, no fundo da sala, pigarreia e inclina a cabeça. James desce da cadeira, mas continua seu discurso, imperturbável:

— Hoje é a eleição anual da *Corneta*, na qual vocês terão a oportunidade de escolher seu próximo editor-chefe. Esta é, como vocês sabem, uma tradição única entre jornais estudantis, que nossos antepassados instituíram em respeito profundo ao poder da democracia. Valorizem o privilégio de escolher seu líder e votem com sabedoria. Como seu atual e destemido líder, sei que deixo um legado colossal...

Tim O'Callahan, editor da seção de Esportes, assobia de sua escrivaninha, dando início a uma onda de risadinhas, e depois, a pedidos de silêncio. James gesticula para que a sala se acalme.

— Mas também sei que, seja quem for, o escolhido certamente aceitará o desafio com coragem, convicção e carisma. — James começa a andar de um lado para o outro. — Essa pessoa trabalhará duro para ser merecedora de um lugar na Parede dos Editores. Ela passará noites incansáveis para estar à altura da honra que lhe foi concedida por este emblema inviolável, este símbolo de transparência e responsabilidade. — Ele pega a corneta da escrivaninha do sr. Powell como se quisesse tocar uma nota para dar ênfase, mas então decide que é melhor não. — Lembrem-se: as deliberações vão acontecer no almoço, ao fim do qual vamos votar, então venham preparados para um vibrante debate. E não se atrasem! — Ele aponta o instrumento para mim, depois para Len. — Vocês dois, é óbvio, estão obrigatoriamente isentos. — Agora ele une as

mãos. — Com isso, que comecem os discursos!

Len e eu precisamos jogar pedra, papel e tesoura para determinar quem vai primeiro. Empatamos nas primeiras três rodadas: pedra primeiro, depois tesoura, depois pedra outra vez.

— Vamos lá, gente — diz James, parado entre nós como um árbitro.  
— Não temos o dia todo.

Olho para Len e percebo pela primeira vez que ele é muito alto. Eu chego apenas até o colarinho de sua camisa, que está meio amassada sob seu moletom. Ok, Len, penso, vamos acabar logo com isso. O que quer que você decida, *só não faça a mesma escolha que eu*. Nervosa, fecho a mão, e começamos outra vez. Pedra, papel...

Na terceira tentativa, como se tivesse ouvido minha súplica silenciosa, ele mostra dois dedos abertos. Um sinal de paz virado para o lado: tesoura. Minha mão está fechada, imóvel. Vou falar primeiro.

Len e James se afastam, e, de repente, todos estão me olhando. Aliso a frente do suéter e tento não pensar demais no que estou fazendo.

— Então — digo, pigarreando. É sempre muito esquisito começar um discurso assim, quando você de certa forma já conhece todo mundo. Devo dizer “oi”, como se fosse apenas uma conversa? Ou devo começar como se fosse um TED Talk? Qual das opções me faz soar menos forçada? Afasto meu nervosismo e conjuro as palavras que ensaiei. — Estou aqui porque gostaria de ser a editora-chefe da *Corneta*. — Olho ao redor da sala e vejo James se recostar na parede dos fundos. Seus braços permanecem cruzados, mas ele me dá um “joinha”. — E, citando uma das frases favoritas do James, acho que eu seria uma editora boa pra caramba.

Isso arranca alguns risos. Todos sabem que, se James escrever *BOM PRA CARAMBA* no seu rascunho em vez de marcá-lo com



observações, você finalmente escreveu algo extraordinário.

Encorajada, prossigo.

— Sou uma Corneteira desde o primeiro ano. Já escrevi mais de trinta artigos, incluindo dezesseis reportagens de primeira página. Já participei quatro vezes da Conferência de Jornalismo Estudantil do Sul da Califórnia e, em duas dessas vezes, fiquei em primeiro lugar. Agora, vocês sabem, sou a chefe de redação, encarregada de comandar nossa maior equipe, a de Notícias, e supervisionar o conteúdo de todas as seções. Considerando tudo isso, provavelmente já passei mais de trezentas e cinquenta horas da minha vida trabalhando na *Corneta*, então, quando se trata de experiência, eu definitivamente tenho.

Continuo o discurso descrevendo minhas ideias para o ano seguinte — firmar parceria com os alunos de ciências da computação avançada para elaborar infográficos interativos como aqueles do *New York Times*. Produzir vídeos com os jornalistas para serem incorporados às páginas dos artigos como os da *Vice*. Investigar as informações do distrito disponíveis ao público para fazer reportagens. Desafiar os limites em artigos sobre diversidade e violência armada.

— Estou animada para trabalharmos em todos esses projetos juntos — concluo. — Espero que vocês concordem que sou a melhor candidata para liderar a *Corneta* no ano que vem.

Todos aplaudem educadamente enquanto me sento.

— Len? — James chama em seguida, apontando para ele.

Relaxado, ele balança os braços ao caminhar até a frente da sala, tocando os punhos quando eles se encontram. Len então rotaciona os ombros para trás algumas vezes antes de sacudi-los. Tenho a impressão de que estou assistindo a um atleta em aquecimento, preparando-se para uma competição. O que, de certo modo, é o caso.

— É difícil se apresentar depois da Eliza — diz ele, sorrindo. Len tem um sorriso largo, do tipo que enrugam tanto os olhos que não há dúvidas de que ele está sorrindo para você —, mas acho que vou tentar.

Ele enfia as mãos dentro do moletom.

— A verdade é que eu de fato só entrei na *Corneta* há cerca de um ano. Talvez um pouco mais. Alguns de vocês sabem que eu jogava beisebol. Todo mundo tem um lance, certo? Esse era o meu. Eu era o arremessador, e era muito bom. Pode-se dizer que eu era a Eliza Quando do time de beisebol de Willoughby.

Todos parecem achar graça da piada, menos eu.

— Mas eu precisei parar — continua ele — porque rompi um ligamento no cotovelo. E, não vou mentir, foi bem difícil.

Penso no meu segundo ano, me lembrando vagamente de vê-lo usando uma tipoia certa época.

— Eu não podia mais arremessar, não como antes. Não podia mais jogar beisebol. Depois da cirurgia, o médico disse que eu deveria ficar fora de campo por um tempo. Pareceu uma eternidade. — Ele faz uma pausa. — Eu me senti completamente perdido.

De alguma forma, a sala toda está atenta a cada uma de suas palavras. Eu me pergunto se é porque todos também perceberam que, durante todo o tempo que ele esteve na equipe, essa é a maior sequência de frases que Len já proferiu.

— Mas eu sabia que era hora de tentar outra coisa. Pensei: se não posso mais jogar beisebol, o que eu quero fazer? — Ele dá de ombros. — Lá estava eu, vagando pela feira de atividades da primavera, e foi quando vi a mesa da *Corneta*. Acho que alguns de vocês provavelmente estavam lá.

*Eu* estava lá. Eu havia me voluntariado para ficar na mesa da

*Corneta* durante toda a semana porque, bem, achava que era a coisa certa a fazer se quisesse ser editora-chefe algum dia. Eu me lembro melhor de Len agora. Ele se parecia ainda mais com um atleta naquela época: estava menos pálido, mais esguio, o corpo magro ainda com alguns músculos. Seu cabelo ondulado, escondido sob um boné de beisebol de Willoughby, estava mais longo, despontando atrás das orelhas, e também mais claro, no tom castanho dourado que o cabelo escuro adquire depois de passar bastante tempo no sol.

— Entrei para a *Corneta* porque precisava de algo para fazer. Mas descobri que aqui é um lugar de pertencimento.

Reviro os olhos exageradamente para James, mas ele parece intrigado.

— Descobri que gosto de escrever — continua Len — e que não sou tão ruim nisso. Não ganhei tantos prêmios quanto Eliza, mas fui indicado na conferência do ano passado. Fiquei em primeiro lugar, na verdade. Pelo melhor artigo em destaque. — Ele me olha por um segundo, frio e desafiador, disparando uma onda de eletricidade por meu corpo. — Foi minha primeira competição.

Disfarço meu coração agora acelerado com um riso debochado de quem não está impressionada.

— O que quero dizer com isso tudo é que não sou totalmente incapaz. Mas, para mim, é mais que isso. Essa eleição é sinônimo de retribuição. De dar a vocês a escolha de quem vai ser seu líder no ano que vem. De democracia, e de fazer da *Corneta* o melhor que ela pode ser.

Ele passa alguns dedos de leve pelo lado direito do cabelo, movimento que eu reconheço de imediato como um sinal sutil de ansiedade, mas todos os outros aparentemente o interpretam como um

gesto do sr. Descolado.

— Confio em vocês para fazer a escolha certa — diz ele, inclinando a cabeça, como se estivesse fazendo uma leve reverência.

A sala é tomada por aplausos enquanto ele volta para seu lugar, e sou inteligente o bastante para saber que estou em apuros.

### 3

— Foi uma balela total — resmungo, abrindo um pacote verde brilhante de salgadinhos de cebola coreanos.

Eles são leves, crocantes e salgados na medida certa, uma combinação bastante perigosa. Winona e eu estamos passando por uma fase de vício nesses biscoitos.

— Bom, você não tem como *saber* se foi mentira — diz Winona, pegando um salgadinho do pacote.

Nenhuma de nós tem aula no sétimo período, então estamos passando um tempo sob a única árvore frondosa do pátio, um velho carvalho em um oceano de palmeiras magricelas. Winona está sentada em uma das mesas, supostamente fazendo sua lição de casa de química avançada, e eu estou andando de um lado para o outro com o pacote.

— Ele ficou dizendo umas bobagens sobre “fazer parte” — resmungo, amassando a embalagem. — Isso aí é pura *fake news*. Juro, ele é mais antissocial do que eu.

Winona ajusta os óculos no nariz. Eles têm um estilo vintage, com a parte superior da armação em rosa dourado, e as lentes não contribuem em nada para esconder a forma como ela está me analisando agora.

— Isso é possível?

Winona Wilson, uma das três alunas negras na nossa turma, é minha melhor amiga e também a pessoa mais inteligente que conheço. Eu a conheci no primeiro ano, quando ficamos no mesmo grupo em um

trabalho de espanhol. Na nossa primeira reunião, Divya Chadha e Jacob Lang, os outros integrantes, ficaram um pouco mais surpresos que eu quando Winona anunciou que nós *não* iríamos apenas nos gravar demonstrando o uso do verbo *gustar*. Não, ela disse, nós faríamos um *filme*.

— Mas nenhum desses sequer é em espanhol — protestou Divya quando Winona nos mostrou sua inspiração: uma série de clipes de filmes em preto e branco que só podiam ser entendidos com legendas.

— A gente não pode simplesmente fazer um vídeo comum e acabar logo com isso? — disse Jacob antes de perguntar se nós achávamos que ele deveria mandar uma mensagem para Zach Reynolds convidando-o para o baile que se aproximava.

— Hã, sim — disse Divya.

Winona olhou para mim naquele momento, estreitando os olhos, e ficou evidente que ela estava esperando mais uma decepção. Mas, na verdade, eu estava muito mais interessada na ideia dela do que na vida amorosa de qualquer pessoa.

— Não — falei. — Vamos fazer um filme.

Na prática, aquilo significou que Winona e eu acabamos fazendo a maior parte do trabalho sozinhas (tiramos A-, com pontos subtraídos por algumas conjugações incorretas). Mas, daquele dia em diante, passamos a nos reconhecer como irmãs de alma, e acho que Winona tem uma boa ideia de quem eu sou desde então.

Mesmo quando eu gostaria que ela não tivesse.

— Só estou dizendo que passo boa parte do meu tempo na *Corneta*. Como eu nunca notei que Len “fazia parte” de lá?

— Talvez porque você tem um ponto cego para atletas.

— Como assim?

— É como se o seu cérebro desligasse quando precisa processar qualquer coisa relacionada a esportes. Às vezes acho que você não consegue de fato enxergar os atletas, ou as pessoas que você acha que são atletas, como Len.

— Bom, ele é um ex-atleta.

— Pois é, você descobriu isso hoje. Então, agora você o vê.

A distância, observo James vindo na nossa direção, provavelmente a caminho do estacionamento. Quando ele me vê, para de repente, o que é estranho, porque ele normalmente é o tipo de cara que grita seu nome em uma sala lotada e insiste em empurrar uma centena de estranhos só para cumprimentá-la com um tapinha nas costas.

Antes que eu tenha tempo de processar o que isso pode significar, já estou com a mão meio levantada para acenar, e é tarde demais para nós dois.

— Ei, Quan — diz ele, aproximando-se da mesa. Ele tenta soar jovial, mas não consegue acertar bem o tom. — Oi, Winona. — Ao ver os salgadinhos de cebola, pega um. — Ah, show, adoro esses.

— Então... — digo, entregando-lhe o pacote todo. — Como foi a votação?

— Ah. — James mastiga um salgadinho. — Foi tranquila.

A leve oscilação em sua voz instantaneamente azeda os salgadinhos de cebola na boca meu estômago.

— James, me diz o que aconteceu.

— Você vai descobrir em breve. — A pele dele, que já parece fantasmagórica em circunstâncias normais, adquiriu um brilho adoentado. — Vou enviar os resultados hoje à noite.

Winona, que a essa altura já desistiu de fingir fazer a lição de química, estende os braços sobre a mesa.

— Fala logo!

James esfrega o asfalto com as pontas dos tênis de cano alto; primeiro o esquerdo, depois o direito.

— Certo — diz ele por fim, coçando a parte de trás da cabeça. — Merda. Sinto muito, Eliza, mas eles escolheram o Len.

Eu sabia. Sabia que isso ia acontecer. Sabia, mas, de alguma forma, prever o resultado não faz com que seja mais fácil de acreditar.

— *Eles* escolheram o Len?

James junta as sobrancelhas em uma expressão defensiva.

— É, *eles*. Eu votei em você.

Lanço um olhar para Winona, que parece tão chocada quanto eu.

— Eles escolheram o *Len*? — digo outra vez, mais alto.

James dá uma olhada ao redor para ver se alguém ouviu.

— É, mas guarda isso para você por enquanto, ok?

Chocada, encaro o chão, onde a grama foi esmagada pelas pernas de metal da mesa de piquenique. Eu queria ser a editora-chefe do jornal havia tanto tempo que esse sonho praticamente fazia parte da minha rotina: comer, dormir, fazer planos para liderar a *Corneta*. Agora, porém, tudo acabou. O sonho foi destruído por completo. E tudo isso por causa de um *atleta* qualquer?

— Ele nem é qualificado — resmungo. — Nem um pouco.

Achava que esse tipo de absurdo não acontecesse na *Corneta*. Foi basicamente por isso que entrei no jornal, para começo de conversa. É por isso que tenho sido tão intransigente com meus objetivos. A *Corneta* deveria ser o tipo de organização em que fazer a sua parte importa. Em que ser bom no seu trabalho importa. Em que ter uma merda de integridade importa.

— Sei lá. — James está tão desanimado que não consegue nem dar de



ombros. — Ele fez um bom discurso, acho.

— Foi *isso* que decidiu o resultado? — retruco, indignada, agitando os braços e quase batendo na cara de Winona.

— Meio que sim. Quer dizer, não sei.

— Como assim não sabe? Você estava lá!

— Eu sei. Eu sei.

— Então o que aconteceu?

James parece estar sentindo dor.

— Fala de uma vez, cara — diz Winona.

Ela pega o pacote de salgadinhos das mãos dele e começa a mastigá-los sem parar, como se estivesse assistindo a um filme e a parte boa estivesse prestes a começar.

— Bom... — diz James. Cada sílaba é um esforço, o que também é incomum para ele. — Acho que algumas pessoas votaram no Len porque acharam que ele se parece... bom, acharam que ele se parece mais com um líder.

— O quê? — Winona e eu reagimos ao mesmo tempo.

— O que isso significa? — questiono.

James começa a mexer na alça da mochila.

— Não sei se você quer...

— Eu quero saber.

Ele finalmente se rende, e vejo a rigidez em sua coluna se derretendo com as últimas tentativas de dourar a pílula.

— As pessoas disseram que você é meio intensa, Eliza. E rígida na edição. Muito crítica, acho, foi a opinião geral.

Sinto meu rosto esquentar. Uma coisa é imaginar que as pessoas estão dizendo coisas negativas sobre você; outra é ter certeza disso.

— Eu só tenho padrões elevados. — Minha garganta está

estranhamente seca. — Como você.

— Eu sei — diz ele. — E é isso que faz de você uma repórter boa pra caramba.

— *Você é intenso* — argumento. — *Você é crítico*. E ninguém teve problema em votar em *você* no ano passado.

— Eu sei, mas... Vai, Eliza, você sabe que às vezes você é meio, bom, fria. Você nem se esforça para disfarçar.

Não acredito que estou ouvindo isso.

— Até aquele discurso revisionista ridículo, quem não se esforçava era o *Len*. — Chuto a perna da mesa de piquenique, mas ela não se move. Golpeio-a novamente mesmo assim. — Alguma vez ele já falou duas palavras que não fossem completamente indispensáveis?

— Sei lá, as pessoas acham que ele é mais... acessível. Como se ele não precisasse se esforçar muito.

— Então primeiro é porque eu não me esforço, e agora é porque eu me esforço demais? Qual dos dois?

James suspira, cansado.

— Você sabe do que estou falando, Eliza.

— Não — digo. — Não, eu *não* sei do que você está falando.

— Olha, se dependesse de mim, você seria a nova editora-chefe. Sem dúvida. — Ele murcha ainda mais. — Mas não tinha nada que eu pudesse fazer. Tentei convencer o resto do pessoal, mas eles não quiseram saber. Disseram que você “representa o *status quo*”.

— *Status quo*? — repito, estupidamente.

— Pois é, acredita? Só porque nós somos amigos. Desde quando eu “represento o *status quo*”? — Ele parece genuinamente intrigado com isso.

— Eu... — Começo, mas não consigo decidir o que dizer. Tenho

pensamentos demais, todos eles cáusticos.

James troca a mochila de ombro.

— Enfim, preciso ir, Eliza, mas sinto muito. — Embora as palavras dele soem sinceras, sinto meu corpo encolher e meu rosto se contrair em uma carranca. — Ei, você está bem? — diz ele, colocando uma mão hesitante no meu ombro.

Com uma expressão fria, consigo dizer duas palavras:

— Vou sobreviver.

— Ok, bom, me manda mensagem, se quiser — diz ele, erguendo o celular enquanto caminha para trás, afastando-se de mim. Por fim, acena antes de se virar.

Depois que James vai embora, afundo o calcanhar na grama, mexendo os pés. Cada giro é mais forte do que o anterior; não me importo com o tamanho do buraco que se forma.

— Winona — digo, depois de vários minutos de fúria silenciosa —, acho que a *Corneta* talvez seja tão ridiculamente misógina quanto o resto do mundo.

Assentindo, ela morde outro salgadinho de cebola e o mastiga com um ar de empatia.

— Acho que você tem razão.

\* \* \*

Quando chega a hora de Winona buscar o irmão na St. Agatha, me dirijo até a redação para falar com o sr. Powell. Ainda não sei bem o que vou dizer, mas provavelmente vai ser algo como “isso é um machismo absurdo”. Só que, óbvio, de um jeito que me faça soar razoável.

O sr. Powell, entretanto, não está na sala quando chego lá, assim como nenhuma outra pessoa. Suspirando, jogo a mochila na escrivaninha e me aproximo da Parede dos Editores. Fico encarando aqueles retratos por um longo tempo. Há o bom e velho Harry no começo da galeria, como sempre, com aqueles óculos enormes dos anos 1980 que voltaram à moda e cabelos repartidos de um jeito que ainda não voltou. E há James no final, com um olhar de desdém, mas também sorrindo, de maneira que dá para ver alguns de seus dentes da frente. Acho que a caricatura se parece exatamente com ele, mas James reclamou que seus olhos não ficam tão pequenos assim quando ele sorri (mas, na verdade, ficam sim).

Agora o retrato de Len é o próximo que vai lá para cima. O garoto decidiu entrar na disputa faltando menos de vinte e quatro horas para a eleição, e ninguém questionou se ele está comprometido o bastante. Ele decidiu, hoje, que seria charmoso e amigável, e ninguém questionou se ele realmente dá a mínima.

Eu, por outro lado, levo tudo a sério demais.

O que me enfurece de verdade é a ideia de que Len “se parece mais com um líder”. Tenho tantos defeitos quanto qualquer pessoa, provavelmente até mais. Porém, uma coisa que realmente tenho a meu favor, um fator bastante relevante quanto a ser ou não qualificada para liderar, é que eu já lidero a droga de uma equipe. De qual forma Len poderia ser mais qualificado do que a própria chefe de redação?

Ainda assim. Talvez haja alguma coisa nele. Sei disso porque meio que funcionou comigo também, mesmo que eu tenha tentado ignorá-lo furiosamente. Foi o jeito como ele falou, o equivalente barítono a passar um braço ao seu redor, a olhar nos seus olhos e dizer “deixa comigo”, mesmo que você saiba que não pode contar com ele para porcaria

nenhuma. Seu tom me reconfortou ao mesmo tempo que me fez duvidar de mim mesma. E se ele realmente *for* melhor? Por que ele é melhor de um jeito tão *despretensioso*?

Foi por isso que a maior parte da equipe da *Corneta* votou nele para editor-chefe, apesar de tudo. Também é por isso que James pode ser extravagante e detalhista, mas eu não posso ser... o que quer que eu seja.

Porque todos amam uma mulher de atitude até ela tentar dizer o que você deve fazer.

O sr. Powell ainda não apareceu, então volto para minha escrivaninha e abro o notebook. Infelizmente, ele está sem bateria, e é óbvio que em um dia como esse eu esqueci o carregador em casa. Vasculho ao redor da sala para ver se alguém deixou um largado em algum canto, mas, depois de alguns minutos, recorro a um computador da *Corneta*. Talvez, raciocino, eu deva fazer a lição de casa enquanto espero. Não há necessidade de deixar esse acontecimento lamentável tomar mais do meu tempo do que já tomou, certo?

Fisgo um trabalho de história dos Estados Unidos avançada no meu fichário. *Utilizando evidências históricas, discorra sobre como mudanças científicas ou tecnológicas afetaram a economia dos Estados Unidos entre os anos 1950 e 2000.* Ok, certo, posso fazer isso. Com um ar de propósito renovado, abro uma página do Google Docs e começo a escrever:

*A economia dos Estados Unidos foi significativamente impactada pelas mudanças tecnológicas durante a segunda metade do século XX. Muitos avanços científicos*

Sério, a quem estou tentando enganar? Pressiono a tecla *backspace*

até minha baboseira intelectualmente acanhada desaparecer. A verdade é que, agora, não tenho nada original para dizer sobre a economia dos Estados Unidos. Nadinha. A única coisa em que consigo pensar é como estou irritada com toda essa história do Len.

Então mudo de assunto e, em um piscar de olhos, as palavras jorram em uma torrente:

*Hoje, fui preterida na eleição para o cargo de editor-chefe da Corneta. Meus colegas escolheram outra pessoa para liderá-los no próximo ano. Isso não deveria ser um problema, exceto pelo fato de que é um gesto evidente de misoginia, e me choca saber que, apesar de vivermos em uma era esclarecida e da suposta visão progressista de nossa geração, esse é um resultado que somos forçados a confrontar. Sim, amigos, a democracia não é imune ao machismo.*

*Reconheço que não sou uma pessoa cativante. Esse não é o meu objetivo de vida. Alguém poderia dizer, e muitos já disseram, que eu sou uma verdadeira vaca. Também já fui chamada de “intensa”, “crítica demais” e “fria”. Mas também sou a candidata mais qualificada para o cargo de editor-chefe este ano, e este é um fato incontestável.*

*Fatos, no entanto, não são a preocupação principal dos meus queridos Corneteiros. Não, eles não estão interessados na experiência da candidata, ou em quantas horas ela já dedicou ao jornal. Eles não estão interessados no número de artigos que a candidata já escreveu ou nos seus planos concretos. Não, eles serão conquistados por nada menos que o patriarcado disfarçado de sentimentalismo barato.*

*É aqui que entra o escolhido: Len DiMartile, a estrela*

*decadente do beisebol transformada em repórter cujo único talento está nas ocasionais frases astutas. Mas isso não importa, porque ele é alto, porque ele tem um cabelo escuro e ondulado, e porque ele ostenta um punhado de espinhas nas maçãs do rosto e ainda assim fica bem, como uma supermodelo de óculos grossos.*

*Mas, acima de tudo, ele é um garoto.*

*Todos vocês sabem o que eu quero dizer. É isso que acontece em todas as eleições, em Willoughby e além. Uma mulher que busca alcançar uma posição de liderança deve ser inteligente, competente, esforçada, atraente e, acima de tudo, gentil. Ela deve ser todas essas coisas para que tenha uma chance contra um adversário do gênero masculino, que geralmente só precisa ser uma dessas coisas, e às vezes não é nenhuma delas. Um garoto que busca alcançar uma posição de liderança só precisa tentar não fazer muito estrago. Mulheres são julgadas por seu passado; homens são julgados por seu potencial.*

*Foi assim que eu, a atual chefe de redação da Corneta, perdi a eleição para DiMartile, autor das reportagens que editei o ano inteiro. Porque “não sou muito gentil”. Porque “levo as coisas a sério demais”. Porque DiMartile contou uma boa história em seu discurso, e aquilo foi o suficiente para convencer a todos que, apesar de seu retraimento típico, ele se parece mais com um líder do que eu. Porque DiMartile se apresentou como uma pessoa acessível, e aquilo foi interpretado como uma revelação, não como um golpe de sorte.*

*Achei que meus estimados colegas da Corneta fossem melhores do que isso. Eles não são. Eles*

*A porta da redação se abre abruptamente e eu me viro, estendendo o*

braço atrás de mim para desligar o computador. De alguma forma, não me dei conta de que as aulas haviam acabado e que os integrantes da *Corneta* estavam entrando na sala. Embora tenha certeza de que ninguém viu minha tela, ainda estou tomada por uma vontade de sair de lá imediatamente. Decido que minha conversa com o sr. Powell pode esperar.

— Ah, oi, Eliza! — Cassie, com um *timing* infalível, bloqueia minha rota de fuga. Talvez eu só esteja imaginando, mas juro que ela intensificou a força de seu bom humor só por minha causa. — Você precisa de uma foto da srta. Velazquez, certo? Tipo uma foto dela trabalhando na cantina ou algo assim?

— Ah, isso — digo. — Seria bom.

— Ok, e quanto ao clube de botânica?

Eu me esforço para me lembrar do clube de botânica.

— Ah, hã, Gene Lim disse que eles têm uma grama local resistente à seca que ele quer que a escola plante no lugar da grama não local resistente à seca que já usam, algo assim.

— Aaaah, certo. Você acha que seria legal ter uma apresentação de *slides*, né? Sobre os diferentes tipos de plantas?

— É, pode ser. Na verdade eu preciso ir, então vejo você depois — digo, indo até minha escrivaninha.

— Ah, ok. Aliás... — Cassie olha ao redor da sala, depois retoma o sussurro de hoje mais cedo. — Eu não posso dizer quem ganhou a eleição, então não vou, mas só queria que soubesse que votei em você.

Olho para ela sem reação por um segundo antes de me recompor o suficiente para dizer:

— Obrigada.

Cassie sorri gentilmente para mim e, então, com a câmera gigante ao



redor do pescoço, vai embora saltitando como sempre, igual a um canguru.

Não digo uma palavra para mais ninguém enquanto recolho minhas coisas. Não acho que estão agrupados cochichando sobre mim, mas sinto um constrangimento mesmo assim. Eles sabem e, o que é pior, acham que eu não sei. Não sei se a distância entre nós é carregada de satisfação ou pena.

Do lado de fora, mal atravesso a porta quando quase colido com Len.

— Opa — diz ele. — Algum furo de notícia?

— Não — rebato, então prendo um suspiro. — Quer dizer, desculpa — falo novamente, mais calma. — Não estava prestando atenção.

— Isso é raro.

Estou segurando a porta e, quando volto a olhar para a sala, vejo que todos estão nos observando. Eles desviam o olhar quando percebem que notei.

O que mais posso fazer? Gesticulo para a porta, como se fosse uma porteira, e, depois de um segundo de hesitação, Len entra na sala.

— Obrigado — diz ele.

— Imagina — respondo, e fecho a porta com força.

## 4

James não publica o anúncio sobre a vitória de Len até o final da manhã de sábado.

Foi mal, Quan, é o que diz a mensagem que ele me manda em seguida. **Eu tinha que fazer isso mais cedo ou mais tarde.** ☹

Como se eu tivesse *pedido* para ele adiar o anúncio, arrastando minha humilhação como um chiclete grudado na sola de um sapato.

Quando recebo o e-mail, estou parada sob a luz fluorescente da seção de frutos do mar no Viet Hoa, um supermercado vietnamita em Little Saigon. Ao fundo, o canto melódico de um *cải lương* se mistura aos sons do balcão de peixes: a água derramada dos tanques, barbatanas retiradas em cortes rápidos, escamas removidas e descartadas com jatos pesados de uma mangueira. A cacofonia, salgada e fria, é indiferente ao meu desalento.

*SEU NOVO LÍDER* é o assunto do e-mail, no estilo típico de James, explorando o drama mesmo quando se trata de uma tragédia.

Deleto a mensagem dele sem abri-la.

Kim, curvada sobre o carrinho de compras com seu celular, ainda não foi informada sobre esse desdobramento. Nem mamãe, que está arrancando um tíquete rosa do dispensador de senhas. E tenho a sensação de que prefiro que as coisas continuem assim.

Nós três somos clientes assíduas do Viet Hoa, porque é onde mamãe gosta de fazer as compras da semana. Ela na verdade preferiria um supermercado chinês, mas os vietnamitas ficam mais perto e, além

disso, têm preços melhores — e os do Viet Hoa são imbatíveis. Algumas das amigas da mamãe, oriundas da China continental, dirigem até San Gabriel Valley para fazer compras, mas ela acha que é um desperdício de gasolina. Suas raízes *wàh kình* são profundas, mas nem tanto.

Ainda assim, apesar de irmos aqui com bastante frequência, às vezes sinto que não pertencemos a esse lugar. Little Saigon, espalhada por múltiplas cidades no coração de Orange County, é um reduto suburbano dos anos 1950 construído à imagem do sonho vietnamita-estadunidense. Recebeu o nome em alusão à capital do antigo Vietnã do Sul, de onde veio a maioria dos moradores (a parte que os Estados Unidos apoiaram durante a guerra). A bandeira sul-vietnamita, amarela com três faixas vermelhas, ainda tremula altivamente nos centros comerciais e prédios comerciais de Little Saigon, simbolizando tudo pelo que o Sul lutou. Mas minha família, como grande parte da população etnicamente chinesa que ficou no meio do fogo cruzado daquele conflito, na verdade morava no Vietnã do Norte antes de ser forçada a fugir. Digamos apenas que nós não lutamos por muita coisa.

— Você acreditava no comunismo? — perguntei uma vez para mamãe.

— Nós tínhamos que estudar comunismo na escola, mas eu achava chato.

— Então você queria que os Estados Unidos ganhassem?

— Não, eles estavam jogando bombas em nós em Hanoi, então eu andava por aí insultando o Nixon, assim como todo mundo.

A filosofia geral de mamãe é que todas as guerras são fúteis.

— Olha para a gente. Depois de tudo , aqui estamos, nos Estados Unidos. É sempre assim. As pessoas matam e morrem, depois os líderes apertam as mãos e a guerra acaba. A vida volta ao normal. É por isso

que a única preocupação deve ser garantir que tenhamos uma tigela de arroz para comer.

Se nossa família tivesse um lema, provavelmente seria este: garanta que você tenha arroz o suficiente para comer. Queria que almejássemos mais, porém, ao que parece, eu sou a única que se importa com esse conceito.

— Por favor, me vê um peixe pequeno — diz mamãe, gesticulando com as mãos. Ela está falando em inglês porque o homem atrás do balcão hoje não é nem vietnamita nem chinês, mas mexicano. Essa é a beleza da vida no sul da Califórnia.

O homem pega sua rede e a mergulha no tanque cheio de tilápias, capturando o indivíduo desavisado que irá para casa conosco. Ele ergue nosso peixe no ar, e o animal se debate freneticamente.

— Esse está bom? — pergunta ele.

— Sim — diz ela, assentindo.

— Frito?

— Não, só limpo.

Há uma placa pendurada no teto com diagramas muito úteis que explicam todas as opções oferecidas pelo balcão de peixes do Viet Hoa. A opção um é simplesmente remover as escamas do peixe, que é a escolha de sempre da mamãe. A opção dois é limpar o peixe e cortar a cabeça. A opção três inclui todas as anteriores, mas também cortar a cauda. A opção quatro é fritá-lo (suponho que, nesse caso, também seja possível especificar quais partes você quer que sejam cortadas). A última opção é a que enche o ar com aroma de peixe recém-frito, que é muito bom até você senti-lo nas suas roupas depois, um longo tempo depois de ter saído do supermercado.

Enquanto mamãe espera nosso peixe ser preparado, decido fazer

uma parada rápida no corredor de biscoitos. Talvez porque prefira não ser interrogada a respeito do meu mau humor, ou talvez porque precise me afastar um pouco de frutos de mar que parecem me encarar aonde quer que eu vá. Difícil dizer.

Mas, quando reapareço diante do carrinho alguns minutos depois, com os braços cheios de salgadinhos de cebola suficientes para alimentar Winona e a mim por uma semana, Kim faz apenas uma pergunta.

— Vocês ainda estão obcecadas por esses salgadinhos? — Ela pega um pacote das minhas provisões e o suspende no ar com o tipo de desgosto geralmente reservado para, digamos, um cefalópode agonizante.

Mamãe aparece atrás de mim com o peixe embrulhado em papel branco.

— Deixe sua irmã em paz. É bom ela gostar de lanchar — diz ela. — Vocês duas são muito magras e precisam comer mais.

Jogando os pacotes no carrinho, sorrio com doçura para Kim. Ela volta a olhar para o celular, mas, um segundo depois, com a delicadeza entediada de um jogador de pôquer que está adiando a jogada vencedora há algum tempo, ela lança uma pergunta — em cantonês, só para garantir que mamãe entenda:

— Ei, esqueci de perguntar, como foi a eleição da *Corneta*?

Mamãe, que estava checando sua lista de compras, volta a atenção para mim. Maldita Kim.

— Ah, você sabe — desconverso. — Aconteceu.

— É oficial, então? Você é a nova editora-chefe? — pergunta Kim.

— Não exatamente. — Examino uma pilha próxima de pequenos siris pinçando o ar lentamente. — Houve... uma complicação.

— Você perdeu mesmo sem ninguém concorrendo com você? — Minha própria irmã está eufórica diante da possibilidade.

— Não, essa foi a complicação. — Um dos siris subiu em cima do outro. Observo-o enquanto ele agarra a borda do tanque, tão perto de escapar e, ainda assim, tão longe. — Alguém acabou concorrendo comigo.

— E agora essa pessoa vai ser a editora-chefe?

— Brilhante dedução, Kim. A gente pode ir agora?

Kim, satisfeita com o meu fracasso, empurra o carrinho para a frente. Mas agora mamãe está interessada.

— Quem ganhou? — questiona ela em cantonês.

— Você não conhece — digo.

— Qual é o nome? — pergunta ela mesmo assim.

Resmungo as sílabas:

— Len DiMartile.

— Ah — comenta ela. — Nomes de pessoas brancas são sempre tão difíceis de falar.

Chegamos até a frente da loja, onde ficam os caixas. Todos estão cheios, então Kim tenta manobrar o carrinho até a fila menor. Finjo examinar o estande de chicletes Marukawa e ao mesmo tempo rezo para que mamãe já tenha terminado o questionário sobre Len.

Pelo visto, ela não terminou.

— Ele é muito talentoso? — indaga mamãe. — Mais que você?

É a segunda parte que transforma essa em uma das típicas perguntas de mamãe impossíveis de responder.

— Não sei. — É só o que consigo dizer.

— Se as pessoas votaram nele, deve ser — deduz mamãe.

Não respondo. Em vez disso, lanço um olhar rancoroso para Kim

enquanto lhe entrego uma bandeja de acelga chinesa do fundo do carrinho. Ela a coloca com cuidado na esteira do caixa, fingindo inocência.

— Bom — diz mamãe —, não fique tão triste. A única coisa que você pode fazer é dar o seu melhor. Sempre há montanhas além das montanhas. — Ela pronuncia esse último fragmento de sabedoria em mandarim: *yī shān hái yǒu yī shān gāo*.

É algo estranhamente razoável de se dizer diante da minha derrota, e fico tão surpresa que quase derrubo a caixa de ovos. Minha mãe é uma mulher que, como tantas mães chinesas, acredita que ser o segundo melhor em qualquer coisa é uma falha moral. Eu estava certa de que escutaria um longo sermão, mas parece que isso não vai acontecer, no fim das contas.

— É — digo. — Acho que sim.

O assunto é deixado de lado enquanto ela se concentra no monitor do caixa, que exhibe uma lista dos nossos itens à medida que eles são registrados. A funcionária encarregada do caixa, uma mulher com um rosto redondo emoldurado por finos *baby hairs*, usa um crachá que diz OLÁ, MEU NOME É PHUONG. Em meio ao coro de bipes emitidos pelo scanner, ela e o garoto das sacolas conversam sobre por que outra mulher, chamada Tuyet, não apareceu para trabalhar hoje. Ou eles não percebem que nós entendemos vietnamita ou, possivelmente, eles não se importam.

— Talvez ela tenha arrumado um namorado — diz o garoto das sacolas, jogando montes de raiz de lótus em uma ecobag com um desleixo que desagrada mamãe.

— Espero que ele tenha cidadania estadunidense! — Rindo, Phuong balança a cabeça enquanto digita o código, de memória, do ramalhete

frondoso de ong choy. — Acho que talvez ela só tenha se demitido. Ela disse que queria virar manicure.

O garoto das sacolas parece enojado pela possibilidade.

— Prefiro trabalhar aqui a fazer as unhas de outras pessoas. Especialmente as dos pés. — Ele estremece enquanto pega o ong choy. — Concorda?

Phuong mal olha para a sacola contendo tomates graúdos antes de digitar o código e empurrá-los pela esteira.

— *Anh oi*, por que você acha que eu ainda estou aqui?

Em seu inglês com sotaque, ela lê o valor total para mamãe.

Depois que pagamos, minha mãe nos faz esperar atrás do garoto da sacola enquanto checa cada item da nota fiscal.

— A gente está bloqueando o caminho — diz Kim, ainda guiando o carrinho de compras.

— Não, tudo bem, vamos só chegar um pouquinho para o lado.

Mamãe nos arrasta até lá, e quase derrubamos uma estante de DVDs de *Paris by Night*. No canto, um episódio do programa de variedades musical vietnamita está passando em uma pequena TV de tela plana com a imagem riscada, e o vendedor de DVDs, um senhorzinho vestindo um colete de lã, assiste com atenção. Ele parece perplexo por nossa invasão de espaço.

— Aquela caixa estava muito ocupada batendo papo — diz mamãe. Aparentemente, ela não apreciou a fofoca envolvendo Tuyet. — Preciso ter certeza de que ela não registrou nada errado.

Kim e eu murchamos de vergonha ao mesmo tempo. Odiar esse ritual é uma das poucas coisas em que concordamos na vida, mas não adianta lutar contra nossa mãe. Desde aquela vez em que um desafortunado caixa acidentalmente passou uma sacola de maçãs Gala



como maçãs Fuji, resultando em um valor injustamente maior, mamãe tem certeza de que algo do tipo está fadado a acontecer outra vez.

Hoje, entretanto, esse ritual de frugalidade parece quase aceitável. Por que *não* dedicar um tempo a ser um consumidor atento? Por que *não* ficar tão absorta em tal preocupação a ponto de não ter oportunidade de dar um sermão em sua filha descontente?

Mas depois, quando estamos todas sentadas no carro, com nossos cintos afivelados e as compras no porta-malas, mamãe diz:

— Eliza, sei que você não vai gostar de ouvir isso, mas preciso te dizer, porque sou sua mãe.

Nunca houve nada na história do universo a suceder tal preâmbulo que não fosse uma notícia extremamente ruim. Mesmo Kim, uma espectadora nessa conversa, congela no banco da frente, com os polegares paralisados sobre o celular.

— Ok. — Mantenho um tom de voz monótono enquanto mamãe sai da vaga do estacionamento.

— Só acho que, talvez, da próxima vez que você tiver que fazer um discurso ou alguma coisa importante, você deveria se vestir um pouquinho melhor.

Sabe aquelas situações em que sempre tem uma coisinha que alguém, geralmente um dos seus pais, se convence de que é solução de todos os seus problemas? E ainda que essa coisinha seja tão específica e trivial que nenhuma pessoa sensata daria atenção, eles ainda conseguem, com uma criatividade notável, encontrar formas de transformar aquilo no centro de tudo?

Esse discurso é o lance da mamãe.

O que eu deveria ter feito era assentir e dizer “Sim, mãe, você tem razão. Com certeza não fui eleita editora-chefe porque me visto com

desleixo”.

Infelizmente, o que retruco na verdade é:

— A senhora está falando *sério*?

— Sim, estou falando *sério* — diz mamãe, saindo do estacionamento. Embora ela ainda esteja falando em cantonês na maior parte do tempo, ela pronuncia aquela palavra específica, *sério*, em inglês. — Tentei te falar isso ontem de manhã, mas você é teimosa demais e, sendo bem sincera, às vezes eu simplesmente não tenho energia para discutir com você.

— Eu realmente não acho que o resultado tem a ver com a roupa que usei — digo, mal-humorada, menos porque acho que ela esteja errada e mais porque tenho medo de que ela esteja certa.

— Mas não tem? As pessoas sempre julgam as outras com base na aparência. Quando você usa aquele suéter, parece que está vestindo as roupas de outra pessoa. — Ela diz isso como uma coisa negativa, óbvio. — Sabe, você tem sorte de não ser filha de A Pòh. Quando eu era criança, se nós saíssemos de casa de qualquer jeito, ela nos batia. O fato de sermos pobres não importava. Deveríamos parecer respeitáveis.

Kim se vira para mim, e sua expressão é uma mistura de *sinto muito* e *eu avisei*.

— Foi A Pòh quem me deu esse suéter — observo.

— *Aiyah*, só porque ela estava sendo gentil com você. Ela provavelmente não sabia que você iria realmente usá-lo fora de casa. É um suéter de homem. Nem A Gūng queria, porque era grande demais para ele.

Puxo as mangas do suéter em questão, escondendo completamente minhas mãos. Mamãe odeia esse movimento, provavelmente porque ele enfatiza o fato de que estou usando uma peça de roupa que meu avô

rejeitou.

— Pelo menos dá para lavar na máquina — digo.

— Pena que não encolheu — diz Kim.

Mamãe ignora nós duas.

— Não estou dizendo que você tem que seguir a moda, porque isso é desperdício de dinheiro. Mas você precisa pelo menos se vestir bem e pentear seu cabelo direito. Não quero que as pessoas a insultem e digam que você não teve uma boa educação em casa.

Encostando a cabeça na janela, observo a paisagem com olhos meio fechados enquanto passamos por um grande shopping center com outro mercado vietnamita, um restaurante de pho muito bom e uma loja de sanduíches onde dá para comer três bahn mi pelo preço de dois.

— Também não entendo por que você gosta de usar essas cores escuras — continua mamãe. — Elas a deixam com cara de doente. Você não tem a aparência de uma líder, nem um pouquinho.

E é nessa hora que perco a cabeça.

— Para a sua informação, o outro garoto não estava vestido como o presidente ou algo do tipo, ok? — digo. — Ele só estava usando um moletom e uma camisa amassada.

— E daí? — retruca mamãe, como se parecesse surpresa por ter que explicar isso. — Ele é um garoto. É diferente.

Afundo no assento e cubro o rosto com os braços, me escondendo por baixo das dobras generosas do meu suéter questionável.

— Será que a gente pode parar de falar sobre isso?

Mamãe estala a língua.

— É o que você sempre diz: “será que a gente pode parar de falar sobre isso, será que a gente pode parar de falar sobre aquilo?” — esbraveja ela. — Só estou falando a verdade. É minha responsabilidade

te dizer isso, mesmo que você não queira ouvir. — Então, para Kim: — Ela fica irritada por qualquer coisa.

— Não fico, não — digo, com a voz abafada.

Ouçó mamãe suspirar.

— *Bǎo bèi*, eu sei que você é uma garota inteligente — diz ela. Deixo meus braços caírem ao lado do corpo, e mamãe me olha pelo retrovisor.

— Mas você seria mais esperta se ouvisse o que eu digo.

Volto a enterrar o rosto sob as mangas do suéter.

## 5

Na segunda-feira de manhã, cruzo o pátio até a redação, reflexiva, distraída, desviando das mesas de piquenique. A essa hora, ainda está um friozinho agradável. Aperto o cardigã ao corpo com mais força, mas não me dou ao trabalho de abotoá-lo, porque o frio apenas se infiltraria no espaço entre o meu corpo e o poliéster. Mas não me importo, porque é reconfortante abraçar o tecido dessa forma.

Considerarei boicotar a *Corneta* — aparecer apenas para em seguida sair dramaticamente, talvez balançando um grande cartaz com os dizeres EU SOU MELHOR QUE O MACHISMO ou algo assim. Isso ensinaria uma lição a eles.

Só que não. Cheguei à conclusão de que minha presença constante provavelmente seria pior para todos do que minha súbita ausência, e decidi que prefiro mil vezes deixar as coisas piores.

Quando chego à redação, espero encontrá-la vazia, já que ainda é bem cedo. Mas Len já está lá, sentado de pernas cruzadas no lugar de sempre. Vejo também uma caneca de café recém-passado na mesa do sr. Powell, na qual está impressa sua citação favorita de Oscar Wilde, cada palavra em uma cor diferente do arco-íris: *A verdade é raramente pura e jamais é simples.*

Len não me cumprimenta quando entro, o que não é um problema. Não o cumprimento também. Seu computador, equilibrado em seu colo, parece ter o monopólio completo de sua atenção. Mas quando

passo por ele, ouço-o pigarrear.

— “É aqui que entra o escolhido” — começa ele. — “Len DiMartile, a estrela decadente do beisebol transformada em repórter cujo único talento está nas ocasionais frases astutas.”

Congelo ao ouvir aquelas palavras familiares.

— O que você está lendo? — pergunto, sentindo o desespero queimar minhas bochechas.

— “Mas” — continua Len, me ignorando — “isso não importa, porque ele é alto, porque ele tem um cabelo escuro e ondulado, e porque ele ostenta um punhado de espinhas nas maçãs do rosto e ainda assim fica bem, como uma supermodelo de óculos grossos”.

Len ergue o olhar ao ler esse trecho.

— Então — diz ele —, você notou as minhas espinhas?

— O que você está lendo? — repito, sentindo o pânico crescer dentro de mim.

— A *Corneta*. — Ele vira o notebook para me mostrar a tela.

Largo minha mochila no chão e mergulho na direção dos computadores enfileirados contra a parede. Nervosa, abro uma janela e a espero carregar. Então, como uma recompensa cruel, o artigo aparece, como apareceria em todo navegador que tem a *Corneta* como página inicial (ou seja, todos os computadores na rede de Willoughby, graças aos meus próprios esforços para fazer isso acontecer no segundo ano):

O PATRIARCADO VIVE!

*Eliza Quan*

— Quem escreveu essa manchete? — pergunto, horrorizada.

— O que tem de errado com ela? — rebate Len, como se não soubesse.

— É absurda e completamente... melodramática — digo, desanimada.

— Bom... — Len volta a encarar seu notebook, erguendo as sobrancelhas com desdém.

— Juro que não postei isso — insisto. — Não queria que ninguém lesse.

— Isso de fato ficou bem óbvio.

Eu me jogo na cadeira, afundando cada vez mais até perceber uma coisa que me faz levantar em um pulo. Alguém — provavelmente a pessoa que postou o texto — acrescentou uma conclusão, continuando a partir da frase em que eu parei:

*Achava que meus estimados colegas da Corneta eram melhores do que isso. Eles não são. Eles nunca foram. Nas três décadas de existência do jornal, apenas sete dos editores-chefes foram mulheres. Isso representa dezenove por cento do total. Essa taxa é mais baixa do que a porcentagem atual de mulheres no Congresso. No Congresso, pessoal.*

*Hoje, a Corneta poderia ter dado uma pequena contribuição para inclinar o arco do universo moral. Em vez disso, elegeu mais uma vez um homem para fazer um trabalho que, em praticamente todos os critérios, deveria ter ficado com uma mulher bem mais qualificada. Estou decepcionada, indignada e ofendida — mas talvez eu não esteja surpresa.*

— Eu nem escrevi... parte disso — repito, praticamente dando a entender que escrevi.

Len dá de ombros.

— Sei não, achei o estilo parecido com o seu — diz ele. — Muitos

dados.

Ele está usando o mesmo moletom cinza da semana passada, e neste exato momento a ponta de um dos cordões da roupa está em sua boca; a outra ponta também parece ser regularmente submetida a este infeliz hábito.

Ele está olhando para a tela do computador, e noto que seus cílios são bastante longos, mais que os meus, lembrando os de uma garota.

Hesito, chocada e sem reação.

— Olha, eu não quis dizer nada disso. Do que eu escrevi. Quer dizer, da parte que eu realmente escrevi.

— Quis, sim — diz Len, quase antes de eu conseguir colocar as palavras para fora. Ele está digitando alguma coisa agora, com os dedos voando pelo teclado. — Eu não diria que foi o seu melhor texto, mas você não está errada.

O sr. Powell aparece naquele momento, segurando uma pilha de cópias.

— Quan e DiMartile — diz ele, irradiando orgulho ao nos ver. — Os dois novos pilares da *Corneta*.

O sr. Powell é um cara legal. Ele não é assim tão velho, mas já ouvi a srta. Norman, que é uma anciã, dizer que ele “se veste como se tivesse feito campanha para Bobby Kennedy em 1968”. Acho que é um elogio.

Tento abrir um sorriso, que resulta em uma careta. O sr. Powell olha de Len para mim.

— Está tudo bem?

— Eliza escreveu um manifesto — diz Len, categórico.

De repente, decido que ele é péssimo.

— Preciso remover uma coisa do site da *Corneta* — digo.

A preocupação do sr. Powell aumenta à medida que ele lê o



manifesto, em silêncio. Eu me sinto presa em um pesadelo, daqueles horríveis que se recusam a chegar ao fim, ainda que o seu eu dos sonhos esteja intrigado o bastante para perguntar “será que estou sonhando?”. Já me convenci em inúmeras ocasiões de que definitivamente não estava dormindo, só para depois acordar suando frio, de punhos cerrados, aliviada por não ter feito as provas para a universidade sem ter estudado.

— Bom — diz o sr. Powell quando termina de ler —, parece que temos muito o que conversar.

— A gente pode começar com o fato de que eu não postei o texto — proponho.

O sr. Powell pondera por um momento.

— Certo — diz ele. — Vamos ver quem postou.

Descobrimos que o manifesto foi publicado na sexta-feira... por mim. Lá está a prova, no registro de dados. Publicado por *equan* às 15h17.

— Como assim? — exclamo. — Alguém deve ter usado minha conta.

O sr. Powell, para lhe dar algum crédito, está fingindo muito bem acreditar que não estou completamente louca.

— Ok — diz ele mais uma vez, coçando a cabeça. — Você realmente escreveu isso?

Amaldiçoo minhas palavras, que desfilam extravagantes pela tela, desaforadas. Mas não posso renegá-las.

— Sim...

— Embora, aparentemente, não o texto inteiro — ameniza Len, prestativo.

— Não escrevi os últimos dois parágrafos — afirmo.

— Certo. — O sr. Powell parece perceber que isso não é um detalhe lá muito útil. — Você escreveu uma parte do texto. Como outra pessoa

conseguiu acesso a ele?

— Não sei. — Tento me lembrar daquela tarde. — Quer dizer, eu escrevi o texto aqui. — Essa nova informação intensifica as rugas no rosto do sr. Powell. — Isso provavelmente não ajuda — admito. — Talvez minha conta do Google Drive ainda estivesse logada, não sei. Pensei que tivesse desligado o computador antes de ir embora, mas acho que saí com pressa.

Um pensamento aterrorizante me atinge. O que *mais* essa pessoa pode ter acessado?

— Estou surpreso por ninguém ter me ligado para falar sobre esse texto — divaga o sr. Powell enquanto altero minha senha, desesperada. — Está no ar já faz alguns dias.

— Ninguém lê a *Corneta* no fim de semana — digo, esperançosa.

— Cacete, Eliza! — A voz de James vem da porta. — Isso foi muito escroto.

Aff, James.

Com certeza *ele* viu. Embora provavelmente há pouco tempo, porque, do contrário, eu teria ficado sabendo por meio de uma torrente de mensagens.

James invade a sala e joga seus livros, cheios de papéis avulsos, na minha frente.

— Jesus! — Ele vê que estamos com o manifesto aberto na tela. — O senhor aprovou isso? — pergunta ao sr. Powell, que responde, delicadamente, que não autorizara.

Explico o que aconteceu a um James estupefato.

— Mas que...

— Pois é — interrompo. — Então será que a gente pode tirar logo isso do ar?

— Espera. — James ergue a mão. — Vocês têm certeza de que a gente deveria fazer isso?

Len, que se manteve em silêncio durante a maior parte da conversa, diz na mesma hora:

— Óbvio que sim.

— Você está de brincadeira, né? — falo, quase ao mesmo tempo que ele.

— Bom — rebate James —, tecnicamente, não é uma boa conduta jornalística remover uma coisa que já foi publicada.

— Não sei o que a administração e os outros docentes vão achar se nós mantivermos isso no ar — diz o sr. Powell.

— De qualquer forma — acrescenta Len —, se a questão é a boa conduta, isso deveria ter sido publicado como uma coluna de opinião, não como notícia de primeira página.

— É, mas talvez seja disso que a *Corneta* precise. Um pouco de ousadia. Uma provocação. Ao que tudo indica, corremos o risco de reforçarmos o “*status quo*”, e não podemos aceitar isso. Não concordo com tudo que a Eliza escreveu, mas o manifesto... Isso é um ponto de vista.

Bato na mesa, dando um susto nos três.

— Eu escrevi esse texto — digo. — Escrevi para mim mesma. Alguém violou minha privacidade ao postá-lo, e isso não é certo. Fui hackeada, e isso não é a mesma coisa que “ser publicada”, que indica intenção. E *consentimento*. — Respiro fundo para me acalmar antes de prosseguir. — Todos os argumentos são válidos, mas a questão é: nenhum deles importa.

O sr. Powell, Len e James me encaram, sem reação. Então James se recupera.

— Como eu disse — diz ele —, é um ponto de vista.

Eles me dão a honra de desmarcar a opção “publicar” e, assim, em um piscar de olhos, quando clico no botão ATUALIZAR, a primeira página da *Corneta* volta à sua programação normal.

Se ao menos a vida fosse assim tão simples. Mal tenho tempo de organizar meus pensamentos quando outros integrantes da equipe da *Corneta* começam a entrar.

— Ei — diz Natalie, fixando os olhos em mim, mas dirigindo-se aos outros. Ela exhibe o celular, balançando-o de forma ameaçadora. — Vocês viram a primeira página?

— Natalie, a senhorita poderia guardar o celular, por favor? — diz o sr. Powell, gesticulando para que todos se afastem da porta. — Que tal todos nós nos sentarmos?

Poucos minutos depois, com a maior parte da equipe já presente, o sr. Powell vai até a frente da sala, parando com as mãos na cintura.

— Certo, pessoal — diz ele. — Alguns de vocês devem ter lido um texto que foi publicado no site da *Corneta* sem aprovação. Nós já o removemos, mas quero enfatizar que isso é inaceitável em vários níveis. Primeiramente, como vocês devem saber, espero que todos tratem a *Corneta* como um jornal sério, o que significa que vocês devem se portar com profissionalismo e integridade jornalística o tempo todo. O processo editorial existe por uma razão, e todo conteúdo que publicamos sob o nome da *Corneta* precisa passar por ele. — O sr. Powell faz uma pausa. — Diga, Aarav.

— Quer dizer que a Eliza se deu mal?

A sala irrompe em murmúrios. Olho de relance para James, que balança a cabeça, como se não pudesse acreditar que isso está acontecendo comigo. Len está me observando também, mas desvia o

olhar quando percebo.

— Isso me leva ao segundo ponto — continua o sr. Powell. — Eliza disse que não postou o texto, e ela merece nossa confiança, conforme a crença na presunção de inocência até que se prove a culpa. Isso significa que outra pessoa publicou o texto dela sem seu consentimento, e isso também é contra os princípios da *Corneta*. Diga, Cassie.

— A Eliza realmente escreveu aquelas coisas? — A voz dela está trêmula, e agora me sinto o tipo de pessoa que afoga marsupiais filhotinhos por diversão.

— Ah... — O sr. Powell ajusta as mangas da camisa antes de responder. — Sei que Eliza pode ter expressado algumas opiniões polêmicas, mas elas também foram compartilhadas prematuramente, se é que ela pretendia compartilhá-las. Aqueles que estiverem interessados em explorar as preocupações que ela trouxe à tona podem vir conversar comigo à vontade, e talvez nós possamos organizar uma discussão mais ampla. Mas, enquanto isso, recomendo que todos respeitem a privacidade de Eliza nesta situação.

Às vezes, tenho a certeza de que o sr. Powell merece ser aplaudido de pé.

— Agora, que tal voltarmos ao trabalho? — diz ele.

Em geral, a equipe de Notícias faz uma reunião semanal para discutir o andamento dos trabalhos toda segunda-feira, então me arrasto até o aglomerado de carteiras à frente onde os integrantes se reuniram, o círculo socrático mais hostil do mundo. Lá estão Aarav, digitando alguma coisa em seu celular; Olivia, tamborilando as unhas feitas na mesa; Natalie, me observando como um inseto que ela fixou em um quadro pela asa; e Len, de volta a seu computador, fingindo que nada de incomum está acontecendo.

— Então — digo, espiando a planilha que abri no meu notebook. — Alguma atualização nas reportagens?

— Na verdade, tenho uma pergunta. — Natalie ergue a mão, decidindo no meio do caminho pegar uma mecha de cabelo, que ela enrola ao redor do dedo.

Todos olhamos para ela.

— Você realmente acha que a *Corneta* é misógina?

Len e eu nos entreolhamos. Acontece antes que eu perceba: sem graça, contorço o rosto em uma expressão de *Ai, quero morrer*, e Len responde com um semblante de *Foi mal, cara*.

— Eu nunca disse isso, não exatamente.

Sinto que minhas bochechas adquirem o mesmo tom de esmalte no dedo anelar esquerdo de Olivia.

— Você deu a entender que foi por isso que Len foi escolhido para ser editor-chefe no seu lugar, não foi?

Natalie está fazendo as perguntas difíceis, como toda boa repórter. Eu apreciaria mais seu talento se não fosse a pessoa que está sendo interrogada. Decido empregar uma clássica técnica de deflexão, mudando o foco da conversa.

— Você estava lá, não estava? — pergunto, tranquila. — Por que não nos conta por que votou no Len?

— Na verdade, que tal não? — A interrupção de Len é casual, como uma piada qualquer, mas descubro que seu rosto também pode ficar bem corado.

— Ei, Eliza — diz o sr. Powell, que parou para checar nosso grupo. — Uma palavrinha, quando a senhorita tiver um minuto?

Aceno para a equipe de Notícias, resignada.

— Se ninguém tem nenhuma atualização, acho que terminamos por

hoje — digo, e eles se espalham como um grupo de reféns que foi subitamente solto.

Sigo o sr. Powell até o lado de fora da sala, e ele fecha a porta com delicadeza.

— Como você está?

Parece preocupado.

— Ah, o senhor sabe. Ninguém lá dentro gostava de mim, então eu os chamei de misóginos, e agora gostam ainda menos.

A risada do sr. Powell parece mais um suspiro.

— E você não gostaria de falar sobre o que escreveu? — diz ele. — Foi um belo de um manifesto.

Formo uma fenda no chão com a ponta dos pés.

— Não sei.

Por um segundo, a fúria cresce dentro de mim outra vez.

— Não me entenda mal. Eu definitivamente acho que o resultado das eleições de fato teve alguma coisa a ver com machismo.

De repente, penso em Len, e não consigo decidir se me sinto mais humilhada por tê-lo chamado de “o patriarcado disfarçado de sentimentalismo barato” ou por ter basicamente dito que ele faz espinhas parecerem atraentes.

— Aiiii! — Com as mãos escondidas pelo suéter, pressiono as bochechas para baixo, exausta. — Eu só quero que isso tudo acabe logo.

O sr. Powell assente, demonstrando apoio.

— Sinto muito não ser mais fácil descobrir quem postou o texto — diz ele. — Mas veja pelo lado bom: mesmo que não tenha sido a intenção, acho que você provocou uma discussão séria na equipe, o que é sempre interessante. E pelo menos o texto já foi removido, certo? O

pior já passou.

Tento relaxar um pouco. Talvez isso seja verdade. Talvez eu só precise manter a calma e pensar de forma objetiva, e tudo vai ficar bem. Completamente, totalmente bem.



## 6

Winona ergue o celular diante do meu rosto.

— O que... é... isso?

Na tela, há um *boomerang* em que estou de braços cruzados, revirando os olhos. Para a direita, depois para trás. Várias e várias vezes. Penso até em baixá-lo para usar como um meme pessoal quando Kim mandar mensagens irritantes.

Infelizmente, a postagem do Instagram também contém *prints* dos quais não gosto tanto — com a útil legenda a seguir:

@nattieweinberg: Caso você não tenha visto: @elizquan escreveu esse “manifesto” muito interessante que foi publicado na primeira página da Corneta, embora agora já tenha sido removido (veja os prints). Na matéria, ela acusou a equipe do jornal de machismo porque escolhemos @lendimartile para ser editor-chefe no ano que vem. Meio dramático, não é? Eliza alega não ter publicado o texto. Eu meio que duvido. Mas, vejam bem, vou apoiar a liberdade de expressão. Eliza pode dizer o que desejar, assim como nós. Será que ela simplesmente não sabe perder ou será que ela tem razão sobre essa coisa toda de misoginia? Será que realmente existe machismo em Willoughby? Deixe seu comentário.

— E é isso que chamam de jornalismo sério — resmungo para Winona.

— Quanta merda! — declara ela.

Estamos caminhando até a casa de Winona com o irmãozinho dela, Doug, que ainda está usando seu uniforme de cadete da St. Agatha.

— Winona, olha a boca! — diz Doug, que tem onze anos. Ele ainda

não sucumbiu ao fascínio da adolescência boca-suja, que um dia chega para todos nós.

— Quanta meeeeeeeeeerda — responde Winona.

Os Wilson moram em um bairro planejado chamado Palermo, que fica perto o bastante para ir andando tanto de Willoughby quanto de St. Agatha. Assim como a cidade siciliana que lhe dá nome, esta Palermo é fechada por muros de tijolo ao redor de seu perímetro. Diferente da original, ostenta ruas curvas largas o bastante para acomodar quatro BMWs lado a lado, assim como calçadas imaculadas e gramados exuberantes.

Agora estamos andando pela avenida Palermo, a via central do bairro. Todas as casas da rua estão viradas para o outro lado, então não há nada para ver além das copas das árvores dos quintais e uma ocasional cesta de basquete. Às vezes, a vizinhança é tão silenciosa que dá para ouvir o borbulhar de uma falsa fonte italiana.

Hoje, porém, Winona e eu estamos causando tumulto.

— Eu seria capaz de *matar* essa garota! — esbravejo, puxando as pontas do cabelo. — Eu nem sei quando ela gravou aquele vídeo.

— Sério, isso é tão ridículo — concorda Winona. — O que você vai fazer?

— Não tenho ideia — respondo. — Já pedi para ela apagar o post, mas algo me diz que isso não vai acontecer.

O maior problema é que já surgiram dezenas de comentários, principalmente de membros da equipe da *Corneta*, que, como não poderia deixar de ser, acham que peguei pesado no politicamente correto.

@livvynguyen: NOSSA, sim! fiquei tão chocada.

@heyitsaarav: Cara, foi mal @elizquan, mas você tá muito louca. A gente não é machista.

@ocallahant: Uh, escuta só: @lendimartile era apenas um candidato melhor. Nem tudo tem que ser sobre machismo.

@auteurwinona: Será que a gente pode parar de chamar toda mulher que fala o que pensa de "louca"? Isso aí é machismo, caso vocês não tenham notado. Além disso, desde quando é legal postar o conteúdo de alguém sem consentimento?

— Boa e velha Winona — digo. — Mandou a real.

— Amiga, você sabe que eu tô contigo.

Quando viramos na Terrazzo Way, a rua dos Wilson, Doug cumprimenta uma vizinha que está passeando com um golden retriever.

— Oi, sra. Singh! O Sai já está em casa?

— Logo, logo, Doug — responde ela, acenando. — Quando ele chegar, vou mandá-lo passar na sua casa.

— Papai disse que gosta das papoulas novas que você plantou — relata Winona, apontando com a cabeça para a explosão de arbustos que recentemente substituiu o gramado dos Singh. Como se fosse sua deixa, o golden retriever trota até a planta mais alta e levanta uma pata.

— Elas são bem resistentes, não são? — A sra. Singh pausa para admirar o próprio quintal. — Acredita que eu comprei pela internet?

— Mentira! — A incredulidade de Winona é descaradamente animada.

— Vou mandar um e-mail para seus pais com o nome da empresa. Sua mãe estava perguntando.

— Maravilha! Obrigada, sra. Singh. Mamãe com certeza vai adorar.

E, com isso, Winona habilmente encerra a conversa, ao mesmo tempo que guia Doug e a mim pelo caminho de pedras até a porta da sua casa.

Os Wilson são a única família negra em vários quarteirões, então os pais de Winona sempre fizeram questão de conhecer todos os vizinhos.

Winona diz que, segundo o pai, isso vai garantir que a família seja vista como parte da comunidade, composta em sua maioria por famílias brancas e asiáticas. O sr. Wilson, um homem colossal, de ombros largos e um sorriso ainda maior, é um ex-jogador de futebol americano na época de faculdade e atual vice-presidente de uma empresa de vestuário — ele credits seu sucesso e todas as suas conquistas a Deus, ao país e ao decoro. “Nunca seja percebida pelo motivo errado”, é o que ele sempre diz. “Não dê a eles a chance de te derrubar.”

Winona segue as regras do pai, mas apenas por enquanto.

— É óbvio que entendo por que ele pensa assim — ela costuma dizer.  
— Mas se tornar o prefeito não oficial da Terra das McMansões não vai resolver tudo.

O grande sonho de Winona envolve apenas uma coisa: fazer filmes. Desde aquele trabalho para a aula de espanhol, ela se tornou conhecida em Willoughby por seus vídeos, sendo que a maioria deles recebeu resenhas notáveis (a única exceção, uma peça satírica sobre as conspirações envolvendo as mudanças climáticas, é uma obra que Winona acredita ter sido mal compreendida). Seu projeto atual, um curta-metragem estrelando Doug e Sai, chama-se *Garagens*, que ela descreve como “uma reflexão sobre dois garotos, a amizade entre eles e as diferentes vivências da negritude de pele retinta nos subúrbios”. Ela está planejando inscrevê-lo no Festival Nacional de Jovens Cineastas, que é, basicamente, segundo Winona, “Sundance para alunos do ensino médio. Então, sim, é meio que importante”.

No ano passado, a inscrição dela para o festival foi rejeitada, e sei que isso a desanimou bastante. Aquele filme havia sido uma espécie de experimento — em vez de voltar-se para os temas relacionados a justiça social que geralmente explora, ela decidiu contar uma história

semiautobiográfica sobre uma boneca que havia ganhado da avó anos atrás. O *feedback*, porém, foi que a obra era “cativante, mas poderia ter explorado assuntos mais amplos”. Não sei se os comentários foram justos, mas se fixaram na mente de Winona, que insistiu que não seria o tipo de artista que chora por causa de críticas negativas. Desde então, ela tem dedicado muito tempo a tentar descobrir uma ideia que pareça significativa o bastante para entrar na disputa desse ano, e foi só no mês passado que ela teve a ideia para *Garagens*. Apesar de tudo isso, ela está convencida de que o curta-metragem sairá vencedor da disputa — e de que é sua obra mais importante até agora.

É por isso que, nas cerca de três semanas que temos sobrando, vamos nos esforçar ainda mais para fazer de *Garagens* o melhor curta possível. Sou a produtora do projeto — e, no caso de uma produção de Winona Wilson, significa que também passo bastante tempo sendo produtora, supervisora, assistente de produção, faz-tudo, operadora de som e qualquer outra coisa que houver no meio disso. Somos uma equipe mirrada, mas funciona.

— Oi, Smokey!

Doug se agacha para abraçar a cadelinha da família, uma mistura de boiadeiro da Flandres e schnauzer cinza-azulada que apareceu para nos receber, abanando o rabo. Smokey é a primeira boiadeira e a primeira schnauzer que vi na vida, e também um dos cachorros mais espertos que conheço. Ela tem uma personalidade extremamente magnética e tem mais fãs do que eu poderia conquistar em uma vida inteira.

— Aliás, te contei que Serena Hwangbo falou comigo hoje? — pergunta Winona, enquanto me sento no carpete para fazer carinho em Smokey.

— Sério?

Serena, a representante de turma do terceiro ano, é uma daquelas garotas populares cuja posição social se deve, em primeiro lugar, ao fato de ela ter namorado uma série de galãs da escola (no momento é Jason Lee, um veterano do time de beisebol) e, em segundo, porque ela é coreana, a maior etnia asiática no campus e, portanto, a mais legal. Ela também é conhecida por ser “gentil”, o que Winona sempre considerou uma leve forma de sujeição ao patriarcado: “Ela já sorri em excesso e ainda ouve que precisa sorrir mais!”.

Pelo visto, porém, Serena agora teve a audácia de pedir um favor a Winona.

— Ela perguntou se eu queria fazer o vídeo promocional do baile de formatura — resmunga Winona, como se o pedido envolvesse esmagar um ninho de baratas.

— Você vai fazer?

— Não sei — responde ela. Subimos às pressas a escada em espiral que leva ao quarto de Winona. — Eu estou aqui sofrendo para fazer arte, e ela quer que eu produza um comercial metido a besta? Ela contrai os lábios. — Ah, o tema é *A garota de rosa-shocking*, e sinto que talvez eu seja filosoficamente contra isso.

— Contra o tema ou o baile em si?

Winona joga a mochila no chão e pensa por um segundo.

— Os dois. Mas estava falando do tema.

— Por que você é contra John Hughes?

— Se sou contra o baile homenagear um homem que, apesar do talento para retratar a adolescência com engenhosa sensibilidade, muito provavelmente era machista, racista e LGBTfóbico? Sim. — Winona transfere uma pilha de roupas da cadeira para a cama. — Mas acho que só estou esperando muito de Serena Hwangbo. Talvez ela nem saiba

quem é o diretor do filme. Talvez ela só goste de rosa.

— Não é possível. Ela deve saber.

Winona funga.

— Você já falou com ela?

Agora ela começa a vasculhar a bagunça em sua escrivaninha. Um livro de resenhas de filmes escrito por Pauline Kael é colocado com cuidado em uma prateleira, mas praticamente todo o resto vai para o chão. Uma sacola plástica de cenouras baby é jogada no lixo — não antes da última minicenoura ser oferecida a uma entusiasmada Smokey, que nos seguiu escada acima.

— Aqui está. — Triunfante, Winona ergue as páginas esfrangalhadas de um roteiro. — Fiz algumas anotações desde a nossa última gravação.

Vinte minutos depois, estamos do lado de fora, na calçada em frente à casa dos Wilson. Sai, uma criança de rosto redondo com cabelo espesso e espetado na parte de trás, está parado na frente de Doug. Os dois brincam de um jogo de bater as mãos enquanto Winona se agacha ao lado deles com a câmera e eu seguro o microfone boom sobre eles.

Sai e Doug encaram suas mãos com intensidade, exatamente como Winona os instruiu. As palmas de Sai estão viradas para cima, enquanto as de Doug estão pairando sobre elas, viradas para baixo. Quando as mãos de Sai fazem menção a sair do lugar, Doug tira as dele rapidamente. Então, na mesma velocidade, ele as estende outra vez, e o jogo recomeça.

O sol está diretamente sobre nossas cabeças, formando uma camada brilhosa na testa de Doug. Sai se inclina para a frente, com o rosto imperturbável. As mãos permanecem imóveis. Então, *slap!* As mãos se tocam.

— Droga, Sai!

Winona abaixa a câmera, gesto que interpreto como um sinal de que posso abaixar o microfone boom. Carregar essa coisa é cansativo!

— Olha a boca, Winona — diz Doug.

Winona o ignora.

— Não é para você acertar Doug de verdade, Sai. A gente já conversou sobre isso.

Sai está sorrindo como se tivesse acabado de enfiar um montão de doces na boca.

— Eu sei, mas não consigo evitar!

Winona se vira para Doug.

— E por que você é tão ruim nisso? Não te ensinei nada?

Bloqueio o bate-boca iminente com o microfone.

— Que tal a gente só tentar outra vez?

Preparamos a cena de novo e começamos do início. Mais uma vez, Sai e Doug encaram suas mãos. Mais uma vez, Winona direciona a câmera para eles. Então, justamente quando Sai está prestes a fazer seu movimento, meu celular vibra. A atenção de todos se fixa em mim.

— Droga, Eliza! — diz Winona.

— Olha a bo... — começa Doug.

— Droga, Doug!

— Desculpa, foi mal. — Tiro o celular do bolso para silenciá-lo, mas me pego checando a notificação.

— Me dá isso! — Winona tira o celular das minhas mãos e sai andando até a porta. — Vou implantar uma nova regra: nada de aparelhos eletrônicos no set. — Ela entra em casa e reaparece alguns segundos depois, de mãos vazias. — Vamos focar agora, ok?

Assentindo, ergo o microfone no ar, e todos nós retornamos aos nossos lugares — bem na hora em que um zunido fraco ressoa da



janela. Depois outro. E outro.

Começo a mexer os dedos, inquieta, resistindo à tentação de sair correndo pelos degraus, mas Winona balança um dedo na minha direção:

— Na-na-ni-na-não, Eliza — alerta ela. — Nem *pense* nisso.

# 7

A parte engraçada dos comentários nas redes sociais: só porque você não pensa neles, não quer dizer que as pessoas vão parar de postá-los.

Quando chega a manhã seguinte, a postagem de Natalie, para minha consternação, já viralizou de maneira definitiva para os padrões de Willoughby.

Tenho total certeza de que mais pessoas leram o manifesto nas últimas vinte e quatro horas do que todas as coisas que já escrevi para a *Corneta* nos últimos três anos somadas.

Nem conheço todas as pessoas que comentaram, mas elas definitivamente parecem achar que sabem tudo sobre mim. E a maioria não é fã do que eu disse:

@joeschmoez01: Coitado do cara. Essa vadia tá esculachando ele sem motivo nenhum.

@gracenluc: Do que ela tá falando? Que machismo a gente sofre aqui? A representante de turma do segundo ano é uma garota! 🙄

@walkerboynt: E quando foi a última vez que a gente teve representatividade negra, latina ou trans no conselho estudantil? #perguntasincera

Às vezes, alguns comentários me dão algum crédito, dizendo que apresentei alguns bons argumentos, mas, no fim das contas, estou focando nas coisas erradas:

@hannale02: Entendo o que ela está falando, mas NINGUÉM liga para quem comanda a *Corneta*. Por que ela não faz um escândalo sobre algo que realmente importa?

@lacampanaaa: Ok, mas não basta simplesmente colocar mulheres no

comando. O SISTEMA INTEIRO precisa ser reimaginado.

Também há muitos comentários sobre a minha aparência, que, pelo visto, no fim das contas, é relevante.

@getitriteyo: Ela precisa de um corte de cabelo.

@notyourlilsis: Amore, você precisa se cuidar mais. Esse suéter não tá te favorecendo nem um pouco.

@andmanymore502: Até que ela é bonitinha para uma asiática. Só não tem muita bunda.

O mais humilhante, porém, é uma história absurda envolvendo um romance fracassado entre Len e mim:

@benimator: Será que ele começou a pegar outra mina ou algo do tipo? Parece que ela tá muito puta 🤔

@socalsurf18: Ele deve ter dado um fora nela. Isso é falta de beijo na boca.

@78coffeeabs: Cara, eu não julgo ele. Ela nem é tão gostosa assim para dar esse chique.

Quando o sinal do almoço toca, me embrulho no suéter e caminho até o meu armário de cabeça baixa e olhos vidrados no celular. Ao meu redor, as pessoas estão saindo das salas de aula e atravessando o pátio, mas ignoro todas elas. Mesmo sabendo que não deveria, leio obsessivamente os comentários mais recentes, todos afiados feito uma faca. Estou tão focada em acompanhar meu linchamento virtual que não percebo que estou quase dando de cara com uma discussão sobre o assunto acontecendo na vida real.

— Sempre soube que Eliza era intensa, mas aquele manifesto foi tão exagerado, você não acha?

Virando o corredor, escuto Natalie antes de vê-la e congelo. Meu armário está a apenas alguns passos de distância, mas também está *na direção* de onde a voz da garota parece estar vindo e, apesar de todas as evidências que provam o contrário até agora, eu de fato tenho algum senso de autopreservação. Estou prestes a dar o fora quando reconheço

a outra voz.

— Pois é, ela às vezes é um pouco... nervosinha — diz Len.

Sinto meu rosto queimar com a alfinetada.

De repente, não quero mais sair correndo. Em vez disso, marcho até meu armário, mesmo quando Natalie, agora mais de perto, diz:

— Sinceramente, ainda bem que você vai ser o editor-chefe ano que vem. Já era hora de mudar as coisas. O jeito como o sr. Powell simplesmente a deixou se safar numa boa... como é que pode?

Digo a mim mesma que só vou abrir meu armário, pegar a sacola com meu almoço, fechá-lo e agir como se eu não estivesse escutando uma palavra do que ambos estão dizendo. Apenas abrir meu armário, pegar meu almoço...

— Que merda é essa? — solto, sem conseguir me conter.

Encaro meu armário, que foi recém-pichado com caneta permanente para marcar com desleixo uma única palavra: *FEMINAZI*.

Porque se manifestar contra o machismo é exatamente igual a apoiar um regime político que cometeu uma das piores atrocidades da história da humanidade. Ridículo.

Olho ao redor em busca do culpado, mas a única coisa que registro são Natalie e Len dobrando o corredor, os dois surpresos por me encontrar. Natalie se recompõe primeiro.

— A gente se fala depois — diz ela para Len. Então, por educação, ela acrescenta, antes de ir embora: — Oi, Eliza.

Estendo o braço para destravar o armário, imaginando que, se eu me mantiver ocupada com ele por tempo suficiente, Len vai passar por mim e essa situação incômoda vai chegar ao fim. Mas, assim que toco a trava, ela se abre, mesmo antes de eu inserir a combinação. Fico desconfiada de imediato, porque não é assim que armários funcionam

em circunstâncias normais. Devagar, desengancho a trava e abro a porta.

Grito quando uma avalanche de absorventes internos cai lá de dentro, esparramando-se pelo chão.

— Mas que *merda* é essa? — digo, me afastando.

Infelizmente, Len está logo atrás de mim e reage um segundo tarde demais. Ele é atingido de lado pela minha mochila colossal de dois compartimentos, aquela eterna armadura contra a popularidade, fortificada como sempre pelo peso do excesso de livros didáticos.

— Gente, o que tem aí dentro? — diz Len.

Ele esfrega o braço em um reflexo. Estou devastada.

— Livros — respondo. Minhas bochechas atingem um nível de calor que eu não sabia ser possível em tão poucos segundos. — Eu não... — Gesticulo vagamente para os absorventes no chão, como se eles fossem oferecer uma explicação racional para o que acabou de acontecer, mas paro assim que percebo que o que estou fazendo é chamar a atenção de um garoto para o fato de que há um monte de absorventes no chão. Supostamente meus.

Len, em uma reação razoável, embora um pouco aérea, se agacha para me ajudar a recolher os absorventes que caíram a seus pés e só então se dá conta do que está fazendo.

— Espera, isso são...?

— Sim — digo, àquela altura incapaz de sentir qualquer coisa. — São absorventes.

Eu me apoio nas mãos e nos joelhos para juntar o máximo que consigo.

— Tem certeza de que tem o suficiente?

Dirijo a ele um olhar mortal e silencioso. Depois volto a recolher os

absorventes, furiosa.

Len observa o *FEMINAZI* na porta do meu armário.

— Você, hã, precisa de ajuda?

— Não, valeu. — Eu me levanto e enfio montes de absorventes de volta no armário. — Acho que não tem nada que você possa fazer para me ajudar. Ouvi dizer que sou muito “nervosinha”.

Isso faz Len ficar vermelho, mas, fora isso, ele não parece incomodado.

— Bom, desde quando você se importa com o que uma estrela do beisebol fracassada tem a dizer? — rebate ele, me entregando os absorventes que pegou.

Abro a boca para responder, mas nada sai. Ele sorri para mim, debochado, e vai embora.

Sinto uma vontade estranha de sair correndo atrás dele, segurar seu braço e dizer: “Ei, não quis dizer aquilo de um jeito negativo. Não tem nada de errado em ser uma estrela do beisebol fracassada. Eu nem gosto de estrelas do beisebol”.

Mas a explicação já está desmoronando na minha imaginação, então não digo nada. Em vez disso, fico parada ali, observando o andar relaxado de Len revelar meias brancas nos tornozelos.

Suspirando, me agacho para recolher mais absorventes. Não tenho ideia do que fazer com todos eles, porque eu nem sequer *uso* absorventes internos. Parece um desperdício jogá-los fora, mas não posso apenas deixá-los no meu armário para sempre. Começo a guardá-los na mochila — talvez eu possa distribuí-los pelos banheiros femininos.

Fecho a porta do armário com força, e o *FEMINAZI* rabiscado me encara de volta. Tento esfregá-lo com a manga do meu cardigã, mas

não sai. Nem mesmo um pouquinho. Pego meu celular e começo a pesquisar *como remover caneta permanente de metal* quando o absurdo de toda essa situação me atinge. Mas ignorá-la não tem funcionado, e revidar só vai me fazer parecer histérica.

É só então, com a mochila cheia de absorventes, que descubro exatamente o que preciso fazer.

## 8

— Não sei, não — opina Winona, cética.

— Vou retomar o controle da narrativa — digo. — Vai por mim, é uma estratégia brilhante, porque ninguém espera por isso. Ninguém acha que você vai concordar quando te esculacham. Eles vão ficar totalmente sem reação.

Estamos na sala multimídia, que é de onde os anúncios matinais são transmitidos todos os dias às oito em ponto. Saí da *Corneta* dez minutos mais cedo para me juntar a Winona, que está trabalhando com a câmera na manhã de hoje e que concordou, a contragosto, a me ajudar.

— Embora eu ache ótimo você ser o tipo de pessoa que se refere aos próprios planos como “brilhantes”, não acho que isso vai fazer as pessoas pararem de chamar você de feminazi — diz ela, ajustando o tripé. — Pelo contrário, provavelmente vai ficar pior.

— É, mas não importa, porque vou sair por cima — explico. — A única coisa pior do que ser insultada é ser insultada por algo e não reagir à altura.

— É uma filosofia interessante — observa Winona.

Os anunciantes de hoje são Serena Hwangbo e Philip Mendoza, o tesoureiro da escola. Estar envolvido com o conselho estudantil não é um requisito para ler os anúncios matinais, mas existe uma grande coincidência entre os representantes do conselho e os alunos de



Willoughby que acham que ficam bem diante das câmeras.

— Oi, Eliza — diz Serena, em um tom que consegue questionar minha presença e transmitir uma recepção calorosa ao mesmo tempo.

Ela abre um sorriso que só pode ser descrito pelo brilho de um megawatt. Cara, essa garota tem um ótimo dentista.

— Oi — digo, e isso é tudo. Não vou me explicar para Serena Hwangbo, o que não parece ser um problema, porque ela perde o interesse em meio segundo.

— Ok, todo mundo no seu lugar — pede Winona, posicionando-se atrás da câmera. Ela ama falar coisas que a fazem soar como uma diretora séria. — Cinco, quatro, três... — Ela termina a contagem regressiva em silêncio, apenas com os dedos, e então estamos ao vivo.

— Olá, Sentinelas! — diz Serena. — Aqui é Serena Hwangbo...

— E Philip Mendoza.

— Por favor, fiquem de pé para o juramento à bandeira.

Eu me desligo do mundo durante a listagem do cardápio do refeitório de hoje, lembretes sobre datas de simulados e provas de admissão para a universidade que se aproximam e um monte de outras coisas chatas que normalmente são a trilha sonora dos meus estudos de última hora. Eu me pergunto se o sr. Pham, cuja aula de química avançada é a primeira do dia, vai marcar meu atraso.

Winona me cutuca. *Se prepara*, ela diz sem emitir som, movendo os lábios. Eu me posiciono na frente do fundo vinho que foi colocado ao lado de onde Serena e Philip estão sentados.

— E, agora, a convidada especial de hoje — diz Philip.

Normalmente, este segmento dos anúncios matinais é reservado para pessoas como o capitão do time de basquete, pedindo a todos que assistam a um jogo na escola, ou o presidente do movimento estudantil,

solicitando encarecidamente às pessoas para doarem alimentos não perecíveis. Não é difícil conseguir esse horário na programação, mas é necessário enviar um requerimento com a aprovação da srta. Greenberg, a orientadora acadêmica encarregada de supervisionar os anúncios.

Hoje, no entanto, a convidada especial sou eu, e não enviei nenhum requerimento. Winona, em um gesto de amizade verdadeira, simplesmente me encaixou na programação.

Ela direciona a câmera para mim. É agora ou nunca.

— Obrigada, Philip — digo, como se isso tivesse sido totalmente planejado. — Meu nome é Eliza Quan. Sou chefe de redação na *Corneta*. A maioria de vocês provavelmente me conhece porque escrevi aquele manifesto. Sabe, aquele sobre machismo na *Corneta*. Aquele que tem recebido *muita* atenção.

A srta. Greenberg se levanta de sua mesa, onde ela estava usando o computador, e faz uma expressão bastante confusa. Imagino que tenho cerca de sessenta segundos antes da desorientação se transformar em reprovação e ela tentar me tirar do ar à força.

— Primeiramente — digo —, que fique registrado: o manifesto não deveria ter sido publicado. Alguém fez isso sem pedir minha permissão. Então peço desculpas por qualquer comentário que possa ser interpretado como um ataque pessoal a um indivíduo específico. Dito isso, mantenho minha observação de que Willoughby não está, como tantos estão tentando afirmar, livre de misoginia.

A srta. Greenberg está agora gesticulando para Winona, que está fazendo um esforço admirável para parecer não entender qual é o problema. Ela coloca um dedo sobre os lábios e aponta para mim, como se dissesse “não posso falar, estamos gravando”.

— Todos nós sabemos que os dois mais antigos e, diriam alguns, mais veneráveis grupos estudantis no campus são o Conselho Estudantil de Willoughby e a *Corneta de Willoughby*. A maioria dos alunos daqui que vai para a Ivy League e outras faculdades de prestígio invariavelmente passa por um ou por outro. Mas vocês sabiam que mulheres raramente são eleitas para as posições de liderança máxima nas duas organizações?

Passei a tarde de ontem na biblioteca de Willoughby vasculhando anuários antigos e montando uma planilha e, como resultado, descobri alguns números bastante interessantes.

— O conselho estudantil tem um histórico ainda pior que a *Corneta*. Em quase quarenta anos, durante os quais alunas do gênero feminino consistentemente representaram pelo menos metade do corpo discente de Willoughby, houve apenas cinco garotas eleitas para a presidência do conselho. Certo, temos representantes de turma, tesoureiras e vice-presidentes do gênero feminino, assim como nós na *Corneta* temos editoras de seção e até chefes de redação mulheres. — Cruzo os braços. — Mas o que essas posições de *destaque* serem insistentemente e inequivocadamente masculinas diz sobre nós?

Olho de soslaio para a srta. Greenberg, que agora desistiu de interferir e na verdade está apenas parada, ouvindo. Hora de lançar o desafio.

— Então, hoje, estou aqui para levar o manifesto um passo adiante — digo. — Desafio nossa escola a fazer com que esta seja a primeira vez na história de Willoughby em que temos uma presidente do conselho estudantil e uma editora-chefe no mesmo ano. Isso significa que estou convocando todas as garotas qualificadas para concorrerem à presidência do conselho nas eleições do mês que vem. — Então me

certifico de que estou olhando diretamente para a câmera. — Isso também quer dizer que estou convocando Len DiMartile a renunciar à sua posição como editor-chefe.

Pego minha mochila do chão, abro o compartimento principal e tiro um botão gigantesco que diz *FEMINISTA*. Fiz algumas dezenas na noite passada, usando aqueles botões de plástico transparentes em que se coloca papel, e deixei uma caixa cheia deles no vestiário feminino. PEGUE UM SE VOCÊ ACREDITA EM IGUALDADE DE GÊNERO, escrevi em um cartaz.

Coloco o botão na minha blusa.

— Alguns de vocês devem achar que isso faz de mim uma “feminazi”. Mas, na verdade, isso só me torna uma feminista.

Abro um sorriso digno de competir com o de Serena.

— E da próxima vez que vocês quiserem encher meu armário com produtos menstruais... — Apalpo as laterais da mochila com as duas mãos. — Façam-me um favor e coloquem outro tipo. — Jogo todos eles no chão. — Nunca fui de usar absorventes internos.

Então saio de cena.

Winona gira a câmera de volta para Serena e Philip, que estão ambos com as cabeças viradas, me encarando. Winona acena para eles, e Serena é a primeira a se recompor.

— E isso é tudo por hoje — diz ela, rindo como se não tivesse certeza do que acabou de acontecer, mas ainda assim ela consegue lembrar seu encerramento: — Bom dia e boa sorte!

## 9

O dr. Guinn, com seu rosto em forma de pera e princípio de calvície, se recosta em sua cadeira e sorri para mim. Sempre achei que ele fosse um cara tranquilo, mas, agora, sorrindo para mim e com os olhos enrugados, me pergunto se o que Winona tem dito há anos é mesmo real: atrás desses óculos redondos há um brilho sinistro, como uma centelha.

— Como vai, Eliza? — pergunta ele.

Estou sentada na beira de uma poltrona da escola, com a mochila ainda nas costas, como se estivesse convencida de que a srta. Wilder, a secretária, vai aparecer a qualquer momento para me dizer que isso tudo foi um mal-entendido. Que eu não sou a pessoa que o dr. Guinn queria ver, que era a *outra* Eliza Quan. Aquela que faz merdas ultrajantes o suficiente para justificar uma visita à diretoria.

— Estou bem — respondo. — E o senhor?

O dr. Guinn ajeita a postura e repousa os braços sobre a mesa, com as mãos unidas.

— Para ser sincero, minha querida, estou um pouco surpreso. Normalmente, é você quem requisita nossas reuniões.

Já entrevistei o dr. Guinn dezenas de vezes para a *Corneta* ao longo dos anos e, devo dizer, este assento nunca foi tão desconfortável quanto agora.

— Bom, pelo jeito é o senhor quem vai fazer as perguntas hoje —

digo, graciosamente.

— É verdade. — O dr. Guinn ri. — É verdade. — Ele se recosta outra vez, alisando a gravata, que tem uma estampa de patos-reais. — Que tal irmos direto ao assunto? Você sabe por que eu pedi que viesse aqui hoje?

Olho para a pequena bandeja com balinhas de caramelo que o dr. Guinn deixa perto da borda da mesa. Penso em pegar uma, mas decido que é melhor não.

— Por causa do meu anúncio matinal sem autorização?

O dr. Guinn sorri outra vez.

— Esta conversa não é para ser um castigo, Eliza. Gostaria apenas de discutir um assunto. — Ele tamborila os dedos nos braços da cadeira. — Você levantou algumas questões interessantes sobre gênero e liderança em Willoughby, tanto em seu ensaio, ou manifesto, acho que é assim que você o chama, quanto, sim, em seu anúncio na manhã de hoje. Com certeza, ainda temos muito trabalho a fazer em relação àqueles números que você citou.

Eu me preparo, porque isso não pode ser tudo que ele tem para dizer.

— E, é evidente que, como educador, sempre encorajo os alunos a pensar de maneira crítica e expressar suas opiniões, como você fez. No entanto...

Ele cruza os braços, revelando porções de couro cada vez mais finas nos cotovelos, desgastadas por muitos anos de braços cruzados.

— ... também faz parte do meu trabalho deixar explícito que há hora e lugar certos para expressar divergências racionais. E, infelizmente, Eliza, os anúncios matinais, sabotados da maneira como foram, não foram o veículo apropriado.

Nesse momento, ele abre uma gaveta da mesa e retira de lá um bóton

*FEMINISTA* idêntico ao que estou usando. Ele deve ter pedido para alguém pegá-lo no vestiário feminino para ele.

— Vejo que o senhor acredita em igualdade de gênero — observo.

O dr. Guinn solta um riso abafado.

— Acredito — diz ele, colocando o bóton na minha frente. — Bastante. No entanto, gostaria apenas de sugerir que talvez seja melhor para a sua causa adotar uma abordagem menos antagônica.

Examino o bóton, disposto na mesa como um criminoso condenado.

— Ser feminista é antagônico?

Ele dobra as mãos sobre a mesa.

— Vivemos em tempos extremamente conturbados, Eliza. Defensores de ambos os lados de todas as questões estão cada vez mais entrincheirados, muitas vezes sem muito ou nenhum espaço para reconciliação. Às vezes, me preocupo com o impacto que tal cultura tem sobre os jovens. — Ele parece, de fato, aflito. — Veja bem, tenho esperança de que a sua geração se revele uma nova vanguarda da civilidade e da tolerância. Na verdade, considero ser minha responsabilidade garantir que seja assim.

— Entendo.

Não sei bem de que outro jeito responder.

— Então, não, querida, ser feminista não é, em si, antagônico. Mas talvez você devesse refletir sobre todas as formas que usou para apresentar seus argumentos até agora e avaliar se o fez a partir de uma posição de exclusão ou inclusão. Por exemplo, encorajar as garotas a concorrer para a presidência do conselho é uma coisa, mas exigir que Len renuncie ao cargo de editor-chefe é outra.

Reflico sobre o que ele disse.

— É justo — digo —, mas só por curiosidade... o que teria sido uma

resposta conciliadora para, por exemplo, o fato de que alguém pichou meu armário e o encheu de absorventes internos?

— Para começar, talvez não jogá-los daquele jeito durante uma transmissão ao vivo?

Quer dizer, não estou dizendo que o homem não tem um pouco de razão.

— Certamente, o incidente original envolvendo o seu armário foi inaceitável, e saiba que haverá consequências para o culpado, caso ele ou ela seja descoberto — continua ele. — Mas, francamente, fiquei decepcionado com sua falta de bom senso ao perpetuar a ofensa. Discutir tais questões, hã, pessoais no ar, especialmente em um ambiente educacional, é bastante deselegante.

— Não foi tão pessoal assim — rebato. — Todos que viram as redes sociais sabem o que aconteceu com a situação da *Corneta*. Além disso, o senhor deve saber, meu armário ainda está pichado com a palavra *FEMINAZI*.

Ele pigarreia.

— Estava falando da discussão sobre... higiene feminina.

Levo um minuto para entender.

— O senhor está tentando dizer que não podemos falar sobre absorventes nos anúncios matinais?

O dr. Guinn me examina por um momento.

— Talvez a srta. Wilder possa ajudar a explicar. — Ele dá de ombros, como se a questão não dependesse dele. — Só estou tentando garantir que este seja um ambiente em que todos se sintam confortáveis.

Olha, eu entendo. Absorventes são constrangedores. Menstruação é constrangedora. TPM, por algum motivo, não é, mas isso é porque o termo de alguma forma se tornou um sinônimo para designar o mau



humor de uma pessoa lida como mulher. Toda a questão específica do *sangramento*, entretanto, continua não sendo legal, exceto em certas bolhas progressistas da internet. E sim, admito que, antes do meu próprio e impiedoso despejo de absorventes recente, eu era tão conivente com isso quanto qualquer outra garota. Eu até tinha toda uma tática elaborada para pegar um absorvente no meio da aula sem ninguém reparar (alcançar minha mochila sob pretextos inócuos e erguer a mão para ir ao banheiro sem ninguém perceber o que carrego debaixo da manga).

Mas é esquisito ouvir o dr. Guinn me contar como a menstruação é algo constrangedor. Esse homem nunca menstruou na vida. Por que ele acha que pode ter uma opinião sobre o assunto?

— Será que — arrisco, com o tom de voz mais amistoso que consigo — talvez este *não* seja um ambiente em que todos se sentem confortáveis... justamente porque nós não podemos falar em público sobre algo que é uma parte normal e saudável da vida de todas as pessoas que menstruam em Willoughby?

O interfone antigo na mesa do dr. Guinn vibra, e é a srta. Wilder fazendo um anúncio sinistro.

— O sr. DiMartile está aqui para vê-lo — diz ela.

Então, a ligação termina com o som da estática.

O dr. Guinn pressiona o botão e responde:

— Obrigado, Claire, estaremos prontos para recebê-lo em breve.

Ele não me diz nada por alguns instantes, tempo suficiente para eu começar a me perguntar o que ele quis dizer com “*estaremos prontos*”.

Por fim, ele sorri.

— Muito bem, Eliza. Parece que todos nós precisamos, de vez em quando, refletir sobre nossas visões de mundo. Entendo seu ponto. —

Ele gesticula outra vez para o bóton. — Mas espero que você também entenda o meu.

Ele retira os óculos e abre outra gaveta, pegando um pano de microfibra.

— Você verá, à medida que desbrava o mundo, que talvez sinta muita raiva da maneira como as coisas são — diz ele, limpando as lentes dos óculos. — Aprender a reagir de formas produtivas faz parte de se tornar adulto.

Ele se demora na limpeza dos óculos, e cada segundo se torna cada vez mais excruciante, porque tenho a sensação de que não vou gostar do que vem a seguir.

— Falemos, por exemplo, de seu relacionamento com Len.

— Eu...

— Escute, Eliza. Vocês são colegas. Vocês são iguais. Agora, parece que você está bastante ressentida com Len, e isso é compreensível. Você sente que algo foi tirado de você. E talvez, em certos aspectos, a situação não tenha sido justa. Mas a vida, minha querida, é muitas vezes injusta. A solução, no entanto, nunca é se enterrar ainda mais onde você está. A saída é estender a mão para fora das trincheiras e, como nosso querido amigo Forster diria, se conectar. Apenas se conectar.

Ele se levanta e vai até a porta fechada.

— Tendo isso em mente, pedi a Len que se juntasse à nossa conversa. Espero que não se importe.

— Ah... — digo enquanto ele abre a porta.

Len ergue os olhos do lugar onde está sentado, em uma das cadeiras de plástico que ficam bem em frente à sala do dr. Guinn. Ele está curvado, com os cotovelos apoiados nas pernas como se tivesse sido

mandado para o banco de reservas. Aberto em suas mãos está um livro grosso.

— Olá, Len — diz o dr. Guinn, como se estivéssemos prestes a nos sentar para um agradável almoço. — Entre, por favor.

Fechando o livro com cuidado, Len se levanta e pega a mochila com um gesto fluido. Ele se joga na cadeira ao meu lado e imediatamente se inclina para trás, de modo que as pernas da frente do assento saem do chão. Seus joelhos quase alcançam o topo da mesa do dr. Guinn.

De repente, sinto que a sala é pequena demais para nós três. Minha mochila está começando a ficar desconfortável, mas retirá-la agora de alguma forma seria uma declaração de derrota.

— Como eu estava dizendo a Eliza — começa o dr. Guinn —, considerando tudo que aconteceu, seria uma boa ideia que vocês dois colocassem de lado quaisquer hostilidades e comesçassem, se não uma amizade, ao menos um relacionamento cordial de trabalho. Até porque, segundo o sr. Powell, Eliza provavelmente será chefe de redação no ano que vem. — O dr. Guinn gesticula para Len. — A menos, Len, que você tenha decidido acatar a... convocação de Eliza?

Len desembulha uma balinha de caramelo.

— Ainda não — diz ele.

Eu preciso fisicamente me impedir de revirar os olhos.

— Maravilha. — O dr. Guinn parece satisfeito, como se Len tivesse falado por nós dois. — Propus ao sr. Powell que vocês dois escrevam juntos todas as suas reportagens para a *Corneta* até o final do ano.

Eu e Len começamos a falar ao mesmo tempo:

— Eu sou a chefe de redação, isso quer dizer que eu *edito*...

— A gente não precisa...

— Não é mais minha função escrever tantas reportagens...

— A gente já se dá bem...

O dr. Guinn ergue a mão, e nós dois ficamos em silêncio.

— Um de cada vez, por favor — diz ele. — Eliza?

— Eu passo a maior parte do tempo editando os textos — explico. — Não sei se vou ter tempo de redigir tantas reportagens assim.

— Na verdade, você está escrevendo uma matéria agora, não está? Creio que o sr. Powell mencionou algo assim. Sobre a nova loja de *bubble tea* do outro lado da rua? Isso parece divertido. Vocês podem começar com essa.

Sr. Powell, o traidor incauto. Eu esmoreço um pouco sobre a mochila.

— Mas você tem um bom ponto, Eliza. Len, já que Eliza vai ajudar você com seus deveres de redação e reportagem, você pode ajudá-la com as tarefas de edição. Compartilhar responsabilidades vai ajudá-los a trabalhar melhor em equipe.

Começo a protestar contra o que é obviamente um rebaixamento *de facto* (para não dizer prematuro), mas Len é mais rápido que eu:

— Dr. Guinn, concordo com tudo que o senhor está falando, cem por cento. — Ele rola a balinha no lado interno da bochecha. — Mas acho que não estou entendendo a necessidade disso tudo, porque Eliza e eu já somos amigos.

Eu e o dr. Guinn o encaramos, boquiabertos.

— Não é, Eliza? — diz Len, sorrindo para mim como se passássemos muito tempo juntos.

Procurro algum tipo de explicação em seu rosto, mas não descubro nada além do fato de que sua camisa xadrez verde faz os olhos dele parecerem mais cor de mel do que castanhos.

Uma resposta razoável agora, acho, seria explicar ao dr. Guinn que

eu não faço a menor ideia do que Len está falando, porque ele está, sem qualquer sombra de dúvidas, mentindo descaradamente, então talvez a punição que ele vai receber deva ser duas vezes pior que a minha e, além disso, eu não deveria me envolver.

Mas Len está me encarando, como se esperando para ver se vou confirmar a história dele. Sua curiosidade me cobre como uma rede. Então não falo nada do que planejei.

— Nossa relação é... amigável — digo.

— É mesmo? — pergunta o dr. Guinn.

— Ela me emprestou esse livro, na verdade — diz Len, mostrando o exemplar que estava lendo. Chama-se *A vida: modo de usar*.

Nunca vi esse livro na minha vida.

— Intrigante — observa o dr. Guinn, analisando a capa junto a mim. É impossível saber se ele já o leu ou não. — O que fez você sugerir esse livro, Eliza?

Len começa a falar alguma coisa, mas o dr. Guinn balança a cabeça.

— Eliza? — repete ele.

Ajeitando a postura no assento, dou outra olhada no livro. Não há muito para me ajudar a responder. Só sei que foi escrito por um tal de Georges Perec e aparentemente traduzido do francês.

Aposto nisso.

— Len é fã de literatura francesa.

— Isso mesmo — concorda Len na mesma hora.

— Mas traduzida.

— Com certeza só traduzida.

— E, parando para pensar, de autores homens.

— Talvez você deva recomendar uma autora mulher da próxima vez.

— Quer saber? Talvez eu faça isso.

O dr. Guinn olha de mim para Len. O silêncio dele parece interminável.

— Bom — diz ele, por fim, estranhamente entretido. — De fato, parece que vocês dois farão uma boa dupla.

Com um suspiro, me pego dando um sorriso de alívio para Len, que passa dois dedos pelo cabelo outra vez, aquele gesto que não é tão casual quanto parece — é meio como o equivalente masculino, pensando agora, de colocar seu cabelo atrás das orelhas. Mas, quando ele percebe minha contemplação, me devolve um sorrisinho e, por um segundo, quase lamento que sua estratégia de arruinar o plano do dr. Guinn tenha funcionado.

Então o dr. Guinn continua:

— Por isso, vocês provavelmente não terão nenhuma dificuldade para cumprir nosso plano. — Ele se inclina tanto para trás que sua cabeça brilhante quase toca a parede, e a cadeira range em um presságio. — Estou ansioso para ver o que vocês vão escrever juntos.

# 10

— O que foi aquilo?

Len está cruzando o pátio a passos largos, e estou correndo para acompanhá-lo. Nós dois estamos indo para a aula de inglês do quinto período, com atestados cor-de-rosa que justificam nosso atraso em mãos.

— Aquilo fui eu tentando tirar a gente dessa situação Woodward e Bernstein — diz ele.

— Sim, isso eu entendi — digo. — Mas o que fez você pensar que inventar aquela história sobre mim e o seu livro seria uma boa ideia?

— Eu precisava de um detalhe que deixasse a história convincente. — Ele dá de ombros e coloca uma segunda balinha de caramelo na boca. — Foi a primeira coisa que me veio à cabeça.

— Bom, talvez você devesse ter pensado um pouco mais. Aquele livro é um romance francês aleatório. Nunca que eu ia saber alguma coisa sobre ele.

— Agora eu sei disso.

Irritada, tropeço de leve.

— Então, qual é a história verdadeira?

— Hã?

— Como você realmente descobriu o livro?

— Ah. Encontrei em uma das estantes do meu pai.

— Sobre o que é?

Ele pausa para que eu possa alcançá-lo.

— É sobre um condomínio de apartamentos fictício em Paris e todas as pessoas que moram lá.

Imagino que ele vá detalhar mais a sinopse, mas me engano. Ele não diz mais nada. Damos alguns passos em silêncio, e estou prestes a declarar o horário de falecimento desta conversa quando ele finalmente decide continuar.

— Um dos moradores, um cara rico chamado Bartlebooth, está em uma busca interminável.

Estou levemente curiosa agora.

— Que tipo de busca?

— Uma muito trabalhosa e específica. — Len me olha de soslaio, como se quisesse confirmar se eu quero mesmo saber. — Envolvendo pinturas, quebra-cabeças e muito tormento.

— Parece... aleatório.

Len ri.

— É só um jeito elaborado de ele passar a vida toda sem ter que dar satisfação de nada. E a parte triste é que ele nem sequer tem sucesso. Ele acaba fracassando em seu próprio compromisso com uma existência sem sentido.

Subimos a escadaria que leva ao único corredor interno do campus, imortalizado em inúmeros filmes de Winona Wilson. Len sobe dois degraus de uma vez, como se assim fosse mais fácil para ele.

Desisto de tentar acompanhar seu ritmo.

— Você acabou de me dar um spoiler?

Ele me espera no topo da escadaria.

— Você queria ler?

— Se supostamente recomendei esse livro para você — digo,



levemente ofegante —, eu deveria ler, não?

Ele abre um sorriso, como se estivesse se lembrando de uma de suas próprias piadas.

— Aquela sua performance foi bem ruinzinha.

— Eu não estava preparada! Não tinha ideia do que falar.

— Você estava em uma posição complicada, eu concordo.

Caminhamos até a sala da srta. Boskovic, que fica na outra ponta do corredor. Len passa a mão pela fileira superior de armários, bagunçando a combinação dos cadeados.

— Sinceramente, não entendi por que você mentiu.

— Fiz aquilo em nome de bem maior. Olha só, Guinn só quer que a gente se dê bem. Mas a gente não *precisa* coescrever todas as reportagens para aprender a trabalhar juntos. Quer dizer, olha só para nós agora, meio que já somos amigos.

A afirmação parece ser, na melhor das hipóteses, um exagero grosseiro.

— Mesmo assim, queria que você tivesse me deixado fora disso.

Len abre a porta para mim.

— Você diz isso só porque não funcionou.

Nossa entrada é, infelizmente, uma interrupção.

— Olá, amores — diz a srta. Boskovic, com um aceno animado. Como de costume, ela está usando vários anéis com joias enormes. (“A única verdadeira é a turquesa”, ela admitiu certa vez.)

A turma inteira observa enquanto caminhamos tímidos até ela para entregar as justificativas e depois nos sentamos nas nossas carteiras em lados opostos da sala.

— Como eu estava dizendo... — A srta. Boskovic mal toca nas folhas cor-de-rosa antes de jogá-las na lata de reciclagem. — Hoje vamos

começar uma peça que explora temas colossais. Ambição. Moralidade. Violência. Uma das maiores obras de Shakespeare. — Ela pega em sua mesa um livro repleto de post-its em cores fluorescentes. Segura-o com as duas mãos, como se fosse um prêmio, contra a blusa preta. — Essa obra-prima, obviamente, é *Macbeth*.

A srta. Boskovic continua explicando que não vamos apenas ler a peça, mas também encená-la.

— Nunca se esqueçam de que Shakespeare escrevia para os palcos — exclama ela. — Ele queria que suas palavras fossem faladas, que fossem *vivenciadas*.

A maior parte da turma permanece inerte, mas Serena Hwangbo, sentada a apenas um grupo de carteiras de mim, assente.

— Num mundo ideal, faríamos a peça em toda a sua gloriosa extensão — diz a srta. Boskovic —, mas, infelizmente, não temos tempo para tamanho luxo. Teremos que nos contentar com algumas partes-chave. — Ela substitui o livro por uma lata de palitos de picolé, cada um com o nome de um aluno. — Vou dividir vocês em grupos e designar a cada um uma ou duas cenas, que serão apresentadas ao longo das próximas semanas.

Winona levanta a mão.

— Não, Winona. Por mais que eu aprecie o seu trabalho como diretora, você não pode fazer um vídeo para este projeto.

Winona afunda na carteira, como se não entendesse qual é a diferença.

— Quero que vocês vivenciem a adrenalina do teatro! — A srta. Boskovic sacode a lata como se fosse uma maraca. — Essa é a chance de vocês sentirem verdadeiramente os altos e baixos do drama shakespeariano.

Quando ninguém responde com o mesmo fervor, ela suspira.

— Se vocês usarem figurinos, vão ganhar pontos extras.

Ao ouvirem as duas últimas palavras, uma porção significativa da sala fica visivelmente mais interessada.

A srta. Boskovic escolhe os grupos sorteando os palitos de picolé. Acabo em um grupo extremamente lamentável que inclui Ryan Kim, um garoto coreano e palhaço em todos os sentidos; Serena; e, porque o dr. Guinn aparentemente subornou os deuses do acaso, Len.

— Ok, pessoal, façam uma reunião rápida com seus grupos — pede a srta. Boskovic. — Tentem sentir quem vocês gostariam que ficasse com cada papel. Vocês têm quinze minutos.

— Cara. — Ryan se aproxima com uma edição de *Macbeth* adaptada para o inglês moderno já enrolada em forma de U. Ele olha para mim e para Len. — Isso vai ser estranho.

— Por quê? — Serena já está sentada, com as costas eretas e o longo rabo de cavalo balançando. Não sei se ela está sendo intencionalmente tapada.

— A Eliza odeia o Len — diz Ryan, apontando para nós com o polegar. — Todo mundo sabe disso.

— Eu não *odeio* o Len — rebato.

— É, não acho que ela me odeie — diz Len, e decido que, na verdade, eu o odeio um pouquinho, sim.

— Ok, se eu disser então que o Len deve fazer Macbeth — argumenta Ryan —, a Eliza vai achar que estou sendo machista?

Não sei bem se estou mais irritada ou confusa.

— De que jeito isso seria machista? — pergunto, franzindo a testa.

— Bom, é o papel principal.

— E...?

— Você é feminista, não é? — Ele aponta para o botão que ainda está preso à minha blusa.

— E...?

— Talvez você ache que o papel deva ficar com *você*.

Reviro tanto os olhos que eles quase chegam a doer.

— Eu disse que sou feminista, Ryan, não narcisista.

— Acho que vou ser o Fleance — diz Len por trás de sua edição do livro.

— Para com isso, Ryan. — Serena surpreende a todos nós. — Deixa ela em paz.

Ryan ergue as mãos, como que se rendendo, e, no silêncio, alguma coisa estala na minha mente.

— Ei — digo —, e se a Serena interpretar Macbeth?

— Opa! — A srta. Boskovic se junta à discussão ao passar por nós. — Mudar o gênero dos personagens? Que escolha inspirada! — Ela enrola o colar de contas no dedo. — Existe uma tradição disso no teatro shakespeariano, sabiam? As mulheres não podiam se apresentar nos palcos, então todos os papéis femininos eram interpretados por homens. Adorei que vocês estão invertendo isso. Muito *au courant*.

Depois que ela se afasta, digo:

— Viram só? A srta. Boskovic gostou.

Serena folheia sua brochura, uma daquelas novas edições chiques de Shakespeare com uma ilustração minimalista na capa.

— Acho que consigo interpretar esse personagem.

— Com certeza consegue — tranquilizo-a. — Acho que você vai se sair muito bem. Além disso, o Ryan tem razão.

É a vez de Ryan ficar confuso.

— Tenho?

— Sim. Por que não fazer dessa performance uma versão feminista? Por que não escalar uma mulher para o papel principal? — Eu mesma já estou ficando animada com a ideia.

— Verdade — diz Serena, e dá para ver que ela também se animou.

Len ergue a mão.

— E quem vai fazer a Lady Macbeth?

— Eu faço — anuncio. — A menos que Ryan queira...

— Hum, não — diz Ryan. — Não, tô de boa. Eu vou ser, hum... — Ele abre uma página. — Banquo. Esse é homem, certo?

— Sim, cara. Você seria meu pai — diz Len.

— Ah, sério mesmo? — Ryan parece empolgado. Ele faz uma voz grossa: — Len, *eu sou seu pai*.

Len cai na gargalhada, o que me faz pensar que ele tem um péssimo senso de humor.

— Tudo certo, então. — Fecho minha edição de *Macbeth*, que ganhei de Kim e que ainda está em bom estado porque ela é supercuidadosa com livros (não sei bem por quê, considerando que ela lê muito pouco). — Alguma objeção ao nosso plano?

Serena balança a cabeça e Ryan dá de ombros. Len se recosta na cadeira, unindo as mãos atrás do pescoço.

— Não vou discutir com a Lady Macbeth.

# 11

— Ah, Eliza — diz mamãe, sem erguer os olhos. — Recebi uma mensagem na caixa postal hoje, mas não entendi nada. Você pode me ajudar?

Ela e Kim estão sentadas à mesa de jantar diante do notebook de Kim, rodeado por pilhas de papéis. A luz fluorescente do teto e a intensa concentração das duas lembram uma sala de cirurgia. São quase dez horas da noite, e elas ainda estão profundamente engajadas no ritual anual conhecido como Maratona dos Impostos.

— Número de identificação federal do empregador — pede Kim, lendo a tela.

Mamãe, armada com sua declaração de tributos retidos na fonte, lê em voz alta.

A cozinha, que fica nos fundos do apartamento, é separada da sala por uma bancada, que funciona como um divisor de cômodos. De um lado está o fogão, acima do qual ficam os armários e um exaustor embutido, e do outro uma fileira de banquetas de plástico. Embora eu esteja largada no sofá tentando ler *Macbeth*, consigo ver mamãe e Kim curvadas sobre o computador.

— Agora? — digo, dobrando uma orelha na página.

— No bolso da frente. — Mamãe aponta para sua bolsa, em cima da bancada.

Suspirando, eu me arrasto até lá para pegar o celular. Presumo que

será apenas uma empresa de telemarketing particularmente dedicada, porque mamãe sempre fica impaciente com coisas desse tipo: mensagens de voz de operadores vendendo produtos, cartas que parecem documentos oficiais e notificações de acordos de ações coletivas.

Então eu vejo a transcrição:

*Olá, esta mensagem é para os pais de Eliza Wand. Aqui é o dr. Quinn...*

Dr. Guinn! O que esse homem diabólico tem na cabeça? Será que ele não percebe como uma ligação dessas pode prejudicar um aluno asiático?

Com relutância, levo o celular ao ouvido. Uma versão distorcida da voz do dr. Guinn soa tão alto que parece até que estou com o viva-voz ligado.

“Olá, esta mensagem é para os pais de Eliza Quan. Aqui é o dr. Guinn, diretor da Willoughby. É quarta-feira, cerca de dez e meia da manhã, e gostaria de conversar com os senhores sobre a Eliza e algumas das minhas preocupações em relação ao comportamento recente dela. Por favor, retornem a ligação às...”

Talvez eu possa deletar a mensagem e dizer a ela que não era nada importante. Talvez eu diga que é só um lembrete sobre uma campanha beneficente que está se aproximando. Ou uma pesquisa com os pais. Mamãe odeia tanto campanhas beneficentes quanto pesquisas.

— Hum, era só uma mensagem da escola.

Coloco o celular de volta na bolsa.

Mamãe estica o pescoço para me analisar com seus óculos de leitura.

— Da sua escola?

— É... O *haauh jéung* quer que você ligue para ele — digo,

esperando que o cantonês deixe a coisa toda mais fácil de digerir.

— *Há?* — Mamãe olha de soslaio para Kim, que dá de ombros. — Por quê?

Ouçó o som de chaves na porta da frente, o que significa que papai chegou. Corro para abrir para ele, mas ele já está entrando, carregando uma grande caixa de papelão.

— Olha o que eu achei — diz ele, tirando os sapatos e deixando-os ao lado da porta.

Papai é cozinheiro em um restaurante chinês chamado Seafood Island, onde ele passa a maior parte do horário de trabalho em meio ao brilho oleoso de um fogão industrial. Como efeito colateral do trabalho, suas roupas ficam cobertas por uma camada persistente de gordura que só sai quando mamãe usa detergente para lavá-las. Já seus sapatos ficam imprestáveis a cada seis meses, então é por isso que ele só compra os calçados baratos do Walmart. Papai odeia jogar fora qualquer coisa durável como um par de sapatos, mas, quando eles estragam pelo excesso de gordura, não há outra escolha.

— *Aiyah*, por que você sempre traz lixo para dentro de casa? — reclama mamãe ao ver papai desfilar com a caixa pela sala.

Considerando que ele possivelmente pegou o que quer que esteja carregando na beira da estrada, essa é, tecnicamente, uma pergunta válida.

— Que lixo? — pergunta papai, colocando a caixa sobre a mesa de centro. — Isto aqui é uma coisa de valor.

— O que é? — Vou até ele para olhar mais de perto.

— Espera aí — diz mamãe. — Ainda não terminamos a nossa conversa. — Para papai, ela relata: — O *haauh jéung* da Eliza me ligou. Não sei o que ela fez.



— É mesmo? — pergunta papai, abrindo as abas da caixa para que eu possa dar uma olhada lá dentro.

Fico surpresa ao ver que ela contém o que parece ser um toca-discos, que também conta com um tocador de fita cassete embutido e rádio AM/FM.

— Legal! — digo. — De quando você acha que é?

Papai examina os botões.

— Dos anos 80.

— Funciona?

— Não, mas posso consertar. — Papai mexe no braço do toca-discos. — Muito fácil.

— Eliza, volta aqui — ordena mamãe.

Sigo papai até a cozinha, mas nós dois somos interrompidos.

— Sapatos — lembra mamãe, apontando para os chinelos que usamos exclusivamente na cozinha.

Papai calça um par e vai esquentar o arroz frito que ele trouxe para casa do restaurante. Como não sobrou nenhum par de chinelos, fico zanzando perto da bancada, com os dedos dos pés tocando a linha onde o carpete encontra o chão de estampa floral.

— Caixa número um — diz Kim, como se fosse a única no cômodo. Ela estende o braço para pegar a declaração.

— E aí? — Mamãe espera.

Suspiro fundo e, em seguida, explico o que aconteceu. Falo sobre o desabafo publicado acidentalmente. A repercussão. O anúncio matinal. A conversa com o dr. Guinn.

Papai se senta à mesa com uma tigela de arroz, sem fazer qualquer comentário, enquanto Kim parece quase sentir pena de mim. Mamãe, completamente escandalizada, tem muitas perguntas. A primeira:

— Por que você não trouxe os *waih sāng gān* para casa? Se eles ainda estavam embalados, nós poderíamos ter usado.

Sem saber a palavra em cantonês para “absorvente interno”, eu havia me referido a eles como *waih sāng gān*, que significa “absorvente externo”.

— Não, são do outro tipo. Aqueles compridinhos. Do tipo...

— Ah, esses aí não são bons. Não use, a não ser que você queira morrer. — Depois de fazer sua campanha típica de mãe asiática, ela passa para a parte que realmente importa: — Isso vai afetar o seu boletim?

— O quê? Não, isso não tem nada a ver com as minhas notas.

— O diretor vai escrever uma carta de recomendação ruim quando você se inscrever para a faculdade?

— Tá tudo bem. É só eu não pedir para ele escrever nada.

Mamãe balança a cabeça.

— Sério, Eliza. Que vergonha. Agora vou ter que ligar para a sua escola? Se isso tivesse acontecido comigo quando eu tinha a sua idade...

— A Pòh teria batido em você — completo.

— Exatamente — diz mamãe.

— Mas o dr. Guinn não é chinês, então talvez não seja nenhuma vergonha. Não precisa bater em ninguém.

— *Néih góng māt gwái ā?* — diz mamãe, gesticulando como se quisesse espantar minhas bobagens. Voltando-se para papai, ela diz: — Nossa filha está sempre levando bronca dos professores.

— O quê? Quando é que isso aconteceu?

Nunca peguei detenção na vida. Nem sequer por essa história!

— No primário, você não ganhou um prêmio por “cidadania notável” como todas as outras crianças. Você só ganhou um por “ótima

soletração”.

Olho para Kim, que dá uma tossidinha debochada, analisando o formulário de declaração.

— Não tenho culpa por ser boa em algo que exige habilidades!

Mamãe me ignora.

— É essa história toda da eleição da *Corneta*. Pensei que a gente já tivesse falado sobre isso. — Uma revelação repentina atinge mamãe. — Sabe qual é o verdadeiro problema? *Néih dōu meih yihng cho*. Você ainda acha que está certa. Se você perdeu, então precisa aceitar a derrota e aprender para ser melhor na próxima vez. Menina ou menino, os dois têm que fazer isso. Não culpe as pessoas de fora pelos seus próprios erros.

Eu me inclino sobre uma das banquetas e apoio os cotovelos na bancada.

— Mas você não acha que é mais difícil ser mulher às vezes?

— Com certeza é mais difícil — diz mamãe. — Fico pensando o tempo todo que queria ser homem.

É verdade. Ela sempre diz isso. Provavelmente deseja isso desde antes de nascer. Mamãe, diz a história, foi a quarta filha em uma família sem filhos homens, então A *Gūng* queria trocá-la por um menino. Ele até encontrou uma família chinesa de Hanoi na vizinhança disposta a fazer a troca porque já tinha filhos homens demais. Mas A *Pòh* mudou de ideia de última hora, então eles ficaram com a mamãe.

— Pois é, mas e se não tivesse que ser assim? — argumento. — E se as coisas pudessem ser melhores?

— As coisas já são melhores para você — responde mamãe. — *Seu* pai não fica triste por ter duas filhas, por exemplo. — Ela se vira para o papai: — Você fica triste por não ter meninos?

Papai, que acabou de devorar o arroz frito, se levanta para lavar a tigela e os *faaijís*, os utensílios que usamos para comer. A resposta é sucinta:

— Não.

— Viu só? — diz mamãe, como se isso encerrasse a discussão.

— Mas eu quero melhorar as coisas *em geral*. Começando com o que acontece na escola.

— Como você melhorou alguma coisa? Você só se meteu em encrenca. — Mamãe suspira. — Você já sabe que a coisa que mais assusta a sua mãe é ter que falar com esses *gwái lóu*. Mesmo assim, insiste em arrumar problemas e faz o seu *haauh jéung* me ligar.

Papai coloca a tigela limpa no escorredor de pratos, em cima da louça que mamãe lavou mais cedo. Ele tenta escapar da cozinha sem ser notado, mas ela o detém.

— Você não tem nada para dizer à sua filha?

Papai esfrega o nariz.

— *Aiyah*, isso é coisa boba — diz ele, andando em direção à sala. — É só falar com o *haauh jéung* e vai ficar tudo certo.

— *Haih lā!* Tudo é bobagem. Tudo é fácil de fazer. Mas não é você quem faz. — Mamãe ajusta os óculos e volta a focar na tela do computador. — Seu pai — diz ela para Kim — *jihng haih dāk bá háu*. Só conversa.

Enquanto papai vai para o banheiro tomar banho, ele ri, imitando mamãe:

— Só conversa.

— Exatamente! — mamãe grita para ele. Para nós, ela acrescenta: — Ele morre de medo de fazer qualquer coisa.

— Número de identificação federal do empregador — lê Kim. Ela

pega outro formulário de declaração de tributos e o coloca na frente de mamãe. — Dessa vez é o do papai.

## 12

— Boa quinta-feira, Sentinelas!

Estou debruçada sobre a lição de cálculo na aula de química do primeiro período, tentando descobrir o vértice de uma parábola, quando ouço a voz de Serena Hwangbo vindo da TV.

— Oi.

James, que nesta manhã está com os olhos turvos e a aparência distinta de um animal noturno, está fazendo aulas de química avançada como eletiva do último ano para agradar a mãe, que ainda acha que ele pode ser médico algum dia. Sua carteira fica ao lado da minha e, embora ele normalmente chegue animado da *Corneta*, hoje ele está tentando chamar minha atenção com um senso atípico de urgência.

Eu o ignoro, porque não quero me perder na questão de cálculo, mas ele cutuca meu braço outra vez, fazendo meu lápis sair de curso.

— Se eu fosse você, prestaria atenção nos avisos matinais — diz ele, em voz baixa.

Estou prestes a dizer para ele me deixar em paz quando vejo, de relance, que Serena está usando um dos meus bótons de *FEMINISTA*. No ar.

Mas o que...? Serena Hwangbo acabou de dar uma de Oprah para cima de mim?

Os outros alunos da turma também já repararam. Eles começam a encarar o botão que ainda estou usando no cardigã. Quando nos

levantamos para o juramento à bandeira, estamos todos nos perguntando a mesma coisa sobre a escolha de acessório de Serena: qual será o significado?

Descobrimos quase no fim dos anúncios, quando Philip, como o âncora de *Good Morning America* que ele nasceu para ser, traz o assunto à tona:

— Serena, eu preciso perguntar — começa ele. — O que é isso na sua blusa?

Serena olha para a câmera.

— Olha, Philip, não sei se você sabe, mas eu também sou feminista. E estou usando o bóton para demonstrar apoio à minha amiga Eliza Quan.

James parece verdadeiramente estupefato, como se fosse mais fácil entrar no curso de medicina do que acreditar que Serena Hwangbo acabou de se referir a mim como sua amiga.

— Willoughby é realmente um ambiente machista, embora a gente não goste de admitir isso. E admiro a Eliza por se manifestar. É difícil ser líder quando se é mulher. As pessoas nos julgam o tempo todo. — Serena ajeita a postura. Seus olhos grandes e brilhantes estão quase lacrimejando de emoção. — As pessoas podem estar me julgando agora por concordar com a Eliza, mas ela tem razão. Acho que ela deveria ser editora-chefe da *Corneta* no ano que vem. E todos nós deveríamos repensar essa questão da desigualdade.

Essa declaração me surpreende tanto quanto ao resto da sala. Estamos todos de olho na tela para ver o que mais vai acontecer.

— Bom, a Eliza também quer que uma garota seja a presidente do conselho estudantil no ano que vem — diz Philip, que, segundo boatos, será um dos candidatos. — Isso quer dizer que você está pensando em

se candidatar?

Serena exhibe um sorriso modesto.

— Nunca diga nunca.

Enquanto eles se despedem, James brinca:

— Como assim, Quan? Era para você escrever as notícias, não fazer parte delas.

— Ei, Eliza. — Mariposa Abarca, que até agora me conhecia por ser a garota que rotineiramente decepçiona o time de vôlei na educação física, grita do outro lado da sala: — Tem mais desses bótons sobrando?

\* \* \*

Na hora do almoço, Winona e eu vamos até o nosso lugar de sempre perto da biblioteca, onde há uma boa mesa de concreto logo depois da porta, em um lugar silencioso e com sombra. Enquanto fazemos o trajeto até nosso canto distante do campus, vejo Serena e as amigas no centro do pátio, debaixo daquele carvalho frondoso. Embora Winona e eu gostemos de ficar lá *depois* das aulas, dá muito trabalho disputá-lo durante o horário nobre.

— Confesso que fiquei surpresa com a atitude da Serena. Foi bem coerente — diz Winona. Quando a encaro, ela dá de ombros. — Que foi? Até parece que você não estava pensando a mesma coisa.

Ainda assim, é inegável que Serena tem uma influência notável. Trinta segundos depois da caridade dela, os comentários sobre mim começaram a mudar, como num passe de mágica.

@iluvtoast: Fiquei tão feliz de ver a @princessserenabo apoiando a @elizquan. As pessoas estavam pegando pesado demaaaais, já era hora de alguém mandar a real 💖

@lavender1890: Amando essa sororidade! Girl power! @princessserenabo



@elizquan

@dottieingo: Estou dizendo isso esse tempo todo. A @elizquan está falando a verdade.

— A questão é: o que a Serena acrescentou à conversa? — Winona está desconcertada. — Ela só repetiu o que você disse.

Bem naquele segundo, Serena nos vê e acena. Sentada em cima da mesa, parece estrelar uma propaganda dos tênis brancos que está usando. Com um ar descontraído, ela se apoia em Jason, que está virando metade de uma caixinha de batata frita na boca.

Não há como Winona e eu fingirmos que não a vimos, então aceno de volta, timidamente.

— Venham se sentar com a gente! — grita ela.

— O que você fez? — diz Winona entredentes.

Ao nos aproximarmos da mesa, me dou conta de que a bolsa do meu almoço é mais volumosa do que a ecobag que Serena usa para carregar seus livros, que está no chão ao lado dela e parece estar completamente vazia. Algumas garotas vivem a vida sem mochilas, tranquilamente livres dos fardos da nerdice. Serena é uma delas.

— Você conhece todo mundo, né? — diz Serena, gesticulando ao redor. — Jason, essa é...

— Sei, sei, já ouvi falar de você — Jason se vira para nós. — Eliza, a feminista.

Não sei bem o que é mais irritante, o fato de que Jason Lee sabe quem eu sou ou o fato de que ele me conhece como “Eliza, a feminista”.

— E Winona, a cineasta — digo, apontando para ela.

Winona acena como se preferisse estar em qualquer lugar menos ali.

Jason me encara e me pergunto se é por burrice ou por estar me julgando, mas então diz:

— Isso aí.

Os olhos de Serena brilham.

— Winona, você vai fazer o vídeo promocional do baile de formatura, né?

Winona analisa Serena por um minuto. Então responde:

— Vou, sim.

Dá para perceber que ela concordou simplesmente para nunca mais precisar ter essa conversa outra vez.

Incapaz de perceber isso, Serena exhibe um sorriso radiante e abre espaço na mesa, um sinal de que ela espera que nos sentemos ali. Resignada, Winona se joga na mesa e abre a bolsa, com naturalidade, como se estivesse em casa. Quanto a mim, preciso girar as pernas sobre o banco, desajeitada, porque, entre Serena e Winona, não há outro jeito de entrar.

— Ah, hum, obrigada pelo apoio hoje de manhã — digo, desembrulhando o sanduíche que mamãe fez para mim.

Ele contém uns bons dois centímetros de peito de peru, porque ela tem certeza absoluta de que qualquer coisa a menos não seria “comida suficiente”. É uma suposição incorreta, mas tenho medo de jogar fora qualquer parte do meu almoço. Ela saberia.

— Cara, não foi nada — diz Serena, animada. — Nós, mulheres, precisamos nos apoiar, certo?

Winona mastiga um palito de aipo.

— Então, Serena — começa ela. — Não sabia que você se interessava por feminismo.

Serena arregala os olhos.

— Eu também não!

— Ela não para de falar nisso desde que a Eliza fez o grande discurso — diz Jason, mexendo no celular. — O que você vai fazer em seguida,

amor? Queimar sutiãs? — Ele parece interessado. — Espera, isso significa que você ficaria sem sutiã?

— Dá pra parar? — resmunga ela, dando uma cotovelada no namorado.

Ele obedece e se levanta da mesa, dando risadinhas.

— Parece que você está planejando concorrer para presidente do conselho, é isso mesmo? — pergunto.

— Isso — responde Serena. Sua voz fica resoluta. — Ainda não fiz o anúncio, mas acho que sim.

— Que legal! — falo, animada. — Se existe uma garota capaz de vencer, essa garota é você.

Serena me olha de cima a baixo, curiosa.

— E você e a *Corneta*? O Len vai renunciar?

Então eu me lembro de Len sentado na sala do dr. Guinn, enchendo a boca de balinhas de caramelo, e uma melancolia toma conta de mim.

— Não que eu saiba.

— Por que não? — Serena está indignada.

— Quem vai forçá-lo a fazer isso? — Dou uma mordida insatisfeita no sanduíche. — O dr. Guinn é que não. Ele acha que a minha abordagem é muito antagônica.

Mamãe respondeu à ligação do dr. Guinn durante um intervalo hoje mais cedo, mas, por sorte, ela achou a maior parte da conversa incompreensível. Ela conseguiu, porém, confirmar que eu não estava “muito encrocada” e que isso não iria para o meu boletim, o que era tudo que ela realmente queria saber.

— E agora, o que você vai fazer? — indaga Serena.

A pergunta, e o tom que ela usa, me pegam de surpresa. É como se ela estivesse dizendo: “Estou tentando me tornar a sexta presidenta do

conselho na história de Willoughby. O que você está fazendo pela causa?”. Olho de soslaio para Winona, e aparentemente ela também não estava esperando por isso. Quando foi que Serena Hwangbo, a queridinha de Willoughby, se tornou a chefona do feminismo?

Tenho dificuldade de elaborar uma resposta. O que eu *posso* fazer? Já publiquei uma carta aberta *de facto*. Já joguei absorventes internos no chão ao vivo. O que mais uma mulher pode realmente fazer para protestar contra alguma coisa?

— Uma manifestação — digo, de repente. — Vou organizar uma manifestação.

— Uma manifestação?

Tanto Serena como Winona repetem minhas palavras. Serena parece intrigada; Winona soa, como sempre, cética.

— Isso — confirmo. — Uma manifestação para protestar contra a vitória do Len na eleição para editor-chefe da *Corneta*. Se o forcarmos a renunciar, vai ser uma grande vitória simbólica contra o machismo em Willoughby.

— Isso soa um pouco “antagônico” — observa Winona, levantando uma sobrancelha. — Só estou citando o dr. Guinn, é óbvio.

— Bom, tanto garotos quanto garotas podem participar — argumento. — Qualquer pessoa que acredita na importância da igualdade de gênero pode participar.

Serena assente, solene, como se eu estivesse endossando algo muito profundo.

— Amei essa ideia — diz ela. — Tô dentro.

Winona, porém, apresenta um argumento mais analítico.

— Obviamente, apoio totalmente a luta contra a desigualdade, mas não sei se a gente deve perder tempo com gestos performáticos.

Ela disfarçadamente indica Serena com os olhos. E é verdade. Talvez Serena, com seu histórico de feminilidade convencional, só *esteja* interessada porque acha que de alguma forma isso vai ser bom para a reputação dela. Mas talvez não. De qualquer forma, estou indignada o suficiente agora e quero aproveitar a oportunidade.

— Só acho que a gente não deve desperdiçar esse momento — digo. — Porque, se a gente deixar pra lá, o Len não vai renunciar, e tudo que a gente já falou até agora terá sido à toa. Além disso, vamos passar mais um ano com um garoto ocupando uma posição importante em Willoughby, quando na verdade ela deveria ter sido ocupada por uma garota. — Visualizo a Parede dos Editores, com suas fileiras e fileiras de garotos, e a imagem causa uma fisgada estranha em minha garganta. — Você ouviu o que o James falou, que todo mundo disse que não sou uma líder tão boa quanto o Len. Você *sabe* que isso não é verdade.

A crítica na expressão de Winona se transforma em algo mais incerto. Ela enfia um palito de aipo meio mordido em uma sacolinha hermética.

— Mas a gente já parou para pensar nas consequências? Tipo, meu pai diria... — Ela para, visivelmente atordoada. Sei que ela está imaginando a reação dele, e ela odeia quando isso acontece.

— Ah, os meus pais me falam para ficar de cabeça baixa também. — Serena se manifesta. — Eles particularmente não gostam da ideia de mulheres causando confusão. É superirritante, mas eles são cheios daquela história de “asiáticos bonzinhos”.

— O mito da minoria modelo, certo? — pergunto.

— Isso, exatamente! — diz Serena, estalando os dedos ao reconhecer o termo. — Mas a gente quer quebrar os estereótipos, certo? Esse não seria um jeito ótimo de fazer isso?

Winona analisa os alunos à nossa volta. A maioria é inteiramente coreana, exceto por mim, e inteiramente asiática, exceto por ela.

— É um pouquinho diferente quando o estereótipo que você enfrenta é o da “mulher negra raivosa” — diz ela, seca.

De imediato, percebo que deveria ter pensado nisso antes. A hesitação de Winona talvez tenha a ver com algo maior do que ela e o pai. Felizmente, Serena, com uma sensibilidade surpreendente, parece entender também.

— Você tem toda a razão, Winona — diz ela. — E você definitivamente não deveria fazer qualquer coisa que te deixe desconfortável.

— Isso — digo. — De qualquer forma, talvez seja uma ideia afobada.

Winona alisa cada canto do pacote de aipo, refletindo sobre todos os pontos de vista.

— Bom, eu não disse que não vou fazer. — Ela sacode os talos que sobraram, pensando em voz alta. — Você sabe que não tenho medo de me manifestar quando é importante. — A voz dela se torna desafiadora. — Não importa o que o meu pai diga. Não importa o que *qualquer* pessoa diga.

Faço que sim, refletindo sobre *Garagens* e a filmografia de Winona.

— Certo, como nos seus filmes.

— Pois é. Mas acho que eu sempre preferi ficar nos bastidores. Desse jeito, pelo menos tenho um controle maior de como a história é contada.

Ao ouvir isso, tenho uma ideia.

— E se você dirigisse a manifestação? — sugiro. — Aí você pode decidir exatamente qual função você quer exercer.

Winona se anima com a sugestão. Posso ver as engrenagens de sua

mente de cineasta entrando em ação.

— Ai, amei! — exclama Serena. — Você seria tão incrível, Winona!

Fico um pouco preocupada, com medo de que esse excesso de animação seja um tiro no pé, mas Winona, já energizada pelo desafio criativo em potencial, não o rejeita.

— Então está decidido — diz ela finalmente. — Vou pensar no que posso fazer.

Nesse momento, Esther Chung se aproxima de nós, e percebo que ela também está usando um botão *FEMINISTA* na blusa. Na verdade, todas as amigas de Serena estão usando. Todos os botões que coloquei no vestiário feminino desapareceram, e agora sei para onde eles foram.

— Então, Eliza — diz Esther, como se estivesse prestes a contar uma fofoca das boas. Seu cabelo, tingido de um impressionante tom sedoso de loiro platinado, cai sobre seus olhos. — O que...

— Ei, Esther, quer ouvir uma piada? — Dylan Park, que está usando um casaco com seu nome nas costas, corre até nós de um jeito exagerado e brincalhão.

Jason, arrastando o passo, vem logo atrás.

— Que foi? — Esther fica irritada pela interrupção, mas também interessada.

— Se você quiser fazer uma loira rir na quarta-feira — diz ele lentamente —, conte uma piada para ela... na segunda.

Jason morre de rir, enquanto Winona e eu nos entreolhamos. Esther parece refletir sobre a piada por bons dez segundos até irromper em fúria.

— Ai, meu *Deeeuus*! — grita ela. — Você está dizendo que eu sou burra? — Ela empurra Dylan, que gargalha, orgulhoso do seu feito. — O idiota é você! Essa nem é minha cor natural!

Serena cruza os braços.

— Dylan, isso é tão errado.

O garoto parece não se importar.

— Agora que vocês viraram feministas, não têm mais senso de humor — comenta ele.

Satisfeitos com a performance desagradável, ele e Jason vão embora.

— Enfim — diz Esther, com a dignidade apenas levemente abalada —, vocês estavam falando do Len, certo? Qual é a de vocês dois? — Ela cerra os lábios e baixa a voz. — Vocês estavam juntos, não estavam?

Winona gargalha tão alto que inclina o corpo para a frente.

— Eliza ia preferir queimar a redação da *Corneta* a namorar um atleta — proclama ela, o que me parece um tanto hiperbólico. Não que eu fosse algum dia admitir isso a alguém, mas não sei se iria assim *tão* longe.

Serena parece horrorizada.

— Meu Deus, Esther! A Eliza estava falando sobre uma *manifestação* para protestar contra a escolha do Len como editor-chefe. — Ela joga o rabo de cavalo por cima do ombro. — É óbvio que não tem nada rolando entre eles. Nunca teve. Isso foi só uma bobagem que as pessoas inventaram na internet.

— Pode ser, mas ontem a Heppy viu os dois subindo as escadas juntos — dispara Esther, não totalmente convencida. — Não foi, Heppy?

— Foi, total — concorda Hepsibah Yi, empoleirada no canteiro do carvalho.

Todos os olhos caem sobre mim, esperando por uma explicação.

— A gente saiu da sala do sr. Guinn ao mesmo tempo — conto, um pouco corada.



— Eles só têm a mesma aula no quinto período — diz Serena. — A gente tem inglês juntos. — Ela cutuca as amigas. — Vocês ouviram a Winona. Eliza nunca se interessaria pelo Len. Ele representa tudo contra o que a gente está lutando. Do que você o chamou, Eliza? “A cara do patriarcado”?

— Basicamente — diz Winona.

— Isso é algo importante. — Serena dá um tapinha no botão *FEMINISTA* de Esther. — Se vocês querem fazer parte do movimento, então é melhor irem aprendendo.

— Mas ele é bonitinho — diz Heppy, suspirando, e todas nós nos viramos para seguir o olhar dela até o outro lado do pátio.

Len, com os polegares firmes atrás das alças da mochila, está passando com seus amigos do beisebol. Ele está rindo, como se estivesse se divertindo horrores com seu privilégio. Sua aparência é diferente de quando está dentro da escola. Mais bonita e, de alguma forma, também pior.

— Muitas vezes, o patriarcado é — digo, observando-o se afastar.

## 13

— E aí, onde arranjo um desses? — pergunta Len, apontando para o botão *FEMINISTA* que venho usando no peito diariamente.

— Você deu azar — digo. — Não sobrou nenhum.

Estamos parados na esquina, esperando o sinal de pedestres abrir, a caminho do Boba Bros. O clima está perfeito para a grande inauguração de um estabelecimento que pretende vender bebidas geladas, ou seja, está quente pra caramba.

Eu me abano com o caderno. Não faz muito tempo que estamos aqui fora, mas o topo da minha cabeça já absorveu uma quantidade alarmante do sol da tarde, que continua a nos massacrar, exuberante e brutal ao mesmo tempo. Prendi meu cabelo, mas agora sinto a nuca queimar. Deveria tirar o cardigã, mas é tarde demais para correr até o armário, e odeio carregá-lo. Então, em vez disso, arregaço as mangas.

Len enxuga a testa com o braço e olha na direção do centro comercial onde fica o Boba Bros.

— Essa coisa de feminismo ficou séria, hein?

O sinal fica verde, e saímos da calçada ao mesmo tempo.

— Pois é — digo. — Acho que sim.

Não menciono a manifestação, obviamente, mas o efeito incandescente de Serena Hwangbo continua com força total: de repente, feminismo é *muito* legal em Willoughby. Um grupo seletivo de garotas, incluindo Serena e as amigas, está usando abertamente os botões, e eu

me sinto um pouco como se tivesse me juntado a um grupo de elite que tem a mesma bolsa de edição limitada.

Mas não há como negar que a mudança na atmosfera é real. Da noite para o dia, o time feminino de hóquei sobre a grama organizou uma petição para substituir seus uniformes de uma década, de preferência usando o dinheiro que a equipe de futebol americano masculina desperdiça todo ano com bonecos de treino. O clube de teatro inteiro — incluindo os garotos — decidiu por unanimidade trocar a produção do próximo outono, de *Morte de um caixeiro-viajante*, de Arthur Miller, para *Paper Angels*, de Genny Lim. E o recém-fundado Clube do Livro Feminista Interseccional de Willoughby, liderado por um trio de alunas do primeiro ano que eu não conhecia, me convidou para escolher a primeira leitura (decidi que poderíamos começar com *O feminismo é para todo mundo*, de bell hooks). As pessoas estão falando sobre machismo em outras situações além da que eu mencionei, às vezes até desafiando as noções pré-concebidas sobre o feminismo, e preciso dizer que... no geral, isso é bem legal.

Para Len, no entanto, as coisas não têm sido tão boas: hoje de manhã, antes que ele tivesse a oportunidade de remover, vi que alguém havia coberto o armário dele com papel de presente cor-de-rosa, como se fosse um presente de aniversário, mas, em vez de *Parabéns*, a pessoa escreveu *PATRIARCADO*. Serena jura que não sabe quem fez isso.

O Boba Bros fica bem no fundo do centro comercial, um sinal de vida solitário em uma fileira de fachadas desertas. Balões dourados e brancos estão amontoados ao redor da entrada, emoldurando uma placa com os dizeres: PROMOÇÃO ESPECIAL DE INAUGURAÇÃO: COMPRE UM, LEVE DOIS. Músicas antigas flutuam sobre o ruído da multidão, e o evento é mais alegre do que eu esperava.

— O plano é o seguinte — digo, abrindo meu caderno. — Já falei com um dos donos, Kevin Cheng, por telefone, mas nunca nos vimos pessoalmente. Vamos começar fazendo uma entrevista com ele ou com o irmão.

Len, com uma das câmeras da *Corneta*, fotografa uma pessoa que passa por nós com quatro copos de *bubble tea*.

— Pode deixar, chefia.

Lá dentro, tudo cintila em branco. O ambiente é tão austero e reconfortante quanto um banheiro nórdico. Uma das paredes exibe o nome *BOBA BROS* em arco sobre um desenho no estilo das charges da *New Yorker*, de um mamífero não identificado parecido com um hamster bebendo *bubble tea*. (“Acho que é um vombate”, sugere Len, embora eu não tenha perguntado). Ao lado da janela há um peitoril de madeira, onde se pode tomar sua bebida enquanto aprecia a adorável vista do estacionamento.

— Tem várias opções — diz Len enquanto nós dois checamos o cardápio, um painel preto que também inclui instruções passo a passo: escolha um chá, escolha um *topping*, escolha um leite, escolha um grau de doçura.

A área de preparação atrás da bancada está lotada de funcionários. Um deles, no processo de despejar um líquido cremoso sobre gelo, nos vê. Ele está usando óculos com armação retangular e um avental preto que diz *Eu sou um bro*. Mas, sendo honesta, ele parece mais um nerd do que um *bro*.

— Bem-vindos ao Boba Bros! — exclama ele, nos convidando para chegar mais perto. — Como posso ajudar?

Começo a explicar que não estamos lá para pedir bebidas, mas Len responde:

— Vou querer um chá com leite comum e *bubbles*. Com o grau moderado de doçura.

Eu lanço um olhar irritado em sua direção, mas ele apenas dá de ombros.

— Tá quente lá fora.

Voltando-me para o *nerd-bro*, digo:

— Na verdade, nós somos de Willoughby, do outro lado da rua, sabe? Escrevemos para o jornal da escola, a *Corneta*, e estamos fazendo uma reportagem sobre a grande inauguração. Estamos aqui para falar com Ian e Kevin Cheng.

— Ah! Eu sou o Ian. — Ele estende a mão. — Prazer em conhecê-la. Eliza, certo?

— Isso. — Dou a ele meu melhor e mais firme aperto de mão. — E este é o Len.

— Certo, um chá com leite clássico para o Len. E você, Eliza? A bebida para vocês é por conta da casa!

— Ah, não — insisto. — Obrigada, mas é contra o código de ética jornalística da *Corneta* aceitar presentes de qualquer tipo.

— O que ela quer dizer — diz Len, pegando sua carteira — é que eu vou pagar as bebidas.

— Ah, não — repito, gesticulando. — Ele não vai pagar nada para mim.

— Tá bom, então. Vou pagar o meu, e ela pode ficar com o gratuito. — Quando eu protesto outra vez, ele diz: — Podemos dividir o valor, então.

Ian aponta para o meu bóton com a cabeça e sorri de um jeito amigável.

— É porque você é feminista? — pergunta ele.

— Não, é porque... — Paro. — Quer saber? Vou querer um chá de lavanda, mas com leite de soja. Ah, e com gelatina de amêndoas em vez de *bubbles*. E só metade de doçura, por favor. — Depois aponto para Len. — Ele vai pagar.

— É pra já — diz Ian, apertando alguns botões em seu tablet.

Len e eu nos dirigimos a uma das mesas, que têm bancos feitos de ripas de madeira. Lâmpadas vintage de filamento pendem baixas do teto, e Len dá um tapinha de leve em uma delas antes de se sentar.

— Que pedido específico para alguém que não estava planejando beber nada. — Ele ocupa o assento inteiro de seu lado da mesa.

— É fácil. — Deslizo pelo banco na frente dele. — Na minha cabeça, eu sei exatamente qual é a minha versão perfeita de um chá com leite, então sempre tento pedir a coisa mais próxima dela.

— Você sempre pede a mesma coisa, toda vez?

— Sim, é óbvio.

— E você veste a mesma coisa todo dia.

De repente, começo a sentir um pouco de calor, especialmente ao redor do pescoço. Tiro o suéter, que, sob essa luz, parece pesado e talvez um pouco largo demais, no fim das contas. Nunca pensei que alguém prestaria atenção na minha roupa.

Vasculho minha mochila em busca da carteira e jogo dois dólares na direção de Len.

— Você não disse que eu ia pagar?

— Mudei de ideia.

— Você faz isso?

Ele está tentando não deixar seu sorrisinho estragar a piada. Ajeito a postura.

— Raramente — digo. — Você acaba de testemunhar um evento

possivelmente único na vida.

Antes que eu me dê conta, ele tirou uma foto minha.

— O que você tá fazendo?

— Se não tem fotos, não aconteceu.

Quando Ian chama nossos nomes, digo a Len que vou buscar as bebidas. O que eu não digo é que faço isso porque já estou meio de saco cheio dele.

— Aqui — digo, colocando os chás na mesa, inspecionando ambos. Cada copo tem uma etiqueta com os detalhes do pedido. — Esse é o seu. — Eu o posiciono de frente para Len. — O *básico*.

— Creio que o termo que Ian usou foi “clássico”.

Em resposta, tiro meu canudo da embalagem e o enfio no copo, uma manobra tão natural quanto respirar. Len, no entanto, tem dificuldade com o dele, então estendo o braço e o ajudo.

— Que tipo de asiático você é? — Balanço a cabeça enquanto empurro a bebida de volta para ele.

— Mestiço — diz ele, se inclinando para a frente para tomar um gole.

— Eliza, Len, esse é o meu irmão Kevin — diz Ian, e me viro para eles.

Kevin, cujo cabelo está penteado para cima em uma altura impressionante, usa um avental igual ao de Ian. Ele é um pouco mais baixo, mais velho e talvez um bocadinho mais descolado, um verdadeiro *bro*. Seu aperto de mão é bastante firme, diferente do de Ian, meio frouxo.

— É um prazer finalmente te conhecer, Eliza — diz Kevin.

Ele se acomoda no assento de frente para Len e Ian faz o mesmo, o que deixa apenas um lugar para mim.

Len desliza na direção da parede para abrir espaço para mim ou para se distanciar — não fica muito explícito qual das duas coisas. Repousando o cotovelo na mesa, ele toca o cabelo naquele gesto rápido e leve que está se tornando estranhamente familiar para mim. Quero dizer a ele que seu cabelo denso, mesmo com seu toque costumeiro de frizz, está ótimo. Está sempre irritantemente ótimo. Se alguém deve se preocupar com o cabelo, esse alguém sou eu. Mechas do meu coque estavam grudadas no meu pescoço e só agora estão se descolando, geladas e nojentas na tortura do suor enfim evaporando.

— Vocês estão cobrindo a grande inauguração para o jornal de Willoughby, certo? — diz Kevin. — Sabe, eu fazia parte da equipe do jornal quando estava no ensino médio. Mas na parte dos negócios. Eu vendia anúncios. Ainda fazem isso?

— Nós fazemos — respondo. — Mas não é nossa maior fonte de recursos.

Kevin ri.

— Pois é, também não era na minha época. Bom, talvez porque eu era o responsável.

— Onde você fez o ensino médio? — pergunta Len.

Do nada, ele pega seu próprio caderno e abre uma página em branco.

— Hargis High — diz Ian. — Nós dois estudamos lá.

— Nossa escola rival. — Len abre um sorriso para mim, como se isso devesse significar alguma coisa.

— Chupa essa, Sentinelas! — debocha Kevin.

Surpreendentemente, Len sabe a resposta apropriada.

— Mama aqui, Ursos!

— Só para garantir que a gente registre todas essas frases direito — interrompo —, vocês se importam se nós gravarmos a entrevista?



— Sem problemas — diz Kevin. — Mas não se esqueça de incluir a coisa sobre os Sentinelas.

Sorrio, simpática.

— Agradeço muito por terem reservado um tempo para conversar com a gente, e parabéns pela inauguração da loja...

— Obrigado — interrompe Kevin, se recostando de modo que seu braço fica esticado no topo do banco. — Estamos muito animados. — Ele gesticula para as bebidas. — O que vocês acharam?

Len para de mastigar a ponta de seu canudo e olha para o copo vazio, exceto pelo gelo e pelas *bubbles* de tapioca que sobraram.

— Gostei bastante — diz ele.

— Vocês sabem qual é o nosso diferencial? — Kevin pega meu copo e o ergue como se fosse uma pedra preciosa. — Ingredientes de alta qualidade.

— Nós fazemos o chá com folhas de verdade — explica Ian. — Nada de chá em pó como nossos concorrentes.

— Vocês experimentaram o nosso oolong edição limitada? — pergunta Kevin. Quando ele descobre que não, fica estupefato. — Ah, caramba, vocês precisam provar. Ian, você pode pegar a lata?

Ian traz uma lata de metal brilhante da cozinha e a abre. Tanto eu quanto Len nos inclinamos para cheirá-la, e fico momentaneamente distraída com a cara do patriarcado tão perto de mim.

Enquanto Kevin passa a falar sobre os méritos da calda exclusiva do Boba Bros, eu me afasto de Len, lembrando que preciso manter o foco na matéria.

— Tenho uma pergunta para você, Kevin — digo. — Da última vez que nos falamos, você mencionou que a grande inauguração estava marcada para outubro passado. O que aconteceu?

A reação magoada de Kevin é a mesma de quando soube que não experimentamos o chá oolong.

— Vou te dizer *exatamente* o que aconteceu, Eliza. — Ele bate um punho na mesa. — Papelada. Burocracia. A quantidade de problemas que a gente teve que resolver para chegar até aqui foi muito absurda.

— Que tipo de problemas? — questiono.

— A gente teve um trabalhão para adequar o espaço à legislação — resmunga Kevin. — Para não falar das normas de *terraplanagem*.

Ele continua falando por um bom tempo sobre como todas aquelas regras são desnecessárias, e faço anotações o mais rápido que consigo. Len, por outro lado, mal escreve qualquer coisa.

— Mas o que você diria para alguém que argumenta que os regulamentos existem por um motivo, como segurança pública, por exemplo? — pergunto. — Como você determinaria o que revogar?

Kevin pensa nisso por menos de um segundo.

— Olha, eu sou um empreendedor — diz ele —, mas também sou um membro dessa comunidade. Não vou fazer escolhas irresponsáveis só porque não existe uma lei me dizendo o que fazer.

Nesse momento, noto que Len está me observando, então lhe dou abertura. Ele pega a deixa e se inclina para a frente.

— O que vocês faziam antes disso?

Essa deve ser a pergunta mais besta de todas, mas fico quieta, porque a primeira regra da reportagem é não diminuir seu parceiro.

— Eu trabalhava na área de tecnologia — responde Kevin. — Em umas startups em San Francisco, mais recentemente como gerente de contas.

— Kevin tem um MBA de Stanford — diz Ian. — Nossa mãe ia querer que você incluísse isso, para as pessoas saberem que ele tem

habilidades profissionais, apesar de agora estar administrando uma loja de *bubble tea*.

— Nah, é o Ian que tem habilidades — rebate Kevin, humilde. — Ele era engenheiro de software.

Len assente.

— Então, por que *bubble tea*?

Nós três o encaramos, e me pergunto se Ian e Kevin também estão intrigados com o fato de Len não ter simplesmente lido a página “Sobre nós” do site deles.

Kevin, de fato, começa a recitar a história do site do Boba Bros. Os irmãos são taiwaneses e herdaram o amor por *bubble tea* do pai, um conhecedor de chá e amante de tapioca. Ele sempre quis ter o próprio negócio, mas passou a vida toda trabalhando como contador. O Boba Bros é uma homenagem ao sonho americano do pai. A história perfeita de um cara da tecnologia que se tornou um empreendedor, com um toque de *páthos* de filho de imigrantes.

— O pai de vocês deve estar muito orgulhoso — diz Len.

— Sim, ele nos apoia bastante — concorda Ian. — Nossas *bubbles* de tapioca são baseadas em uma receita que ele criou.

— E quanto à mãe de vocês? — pergunta Len.

Tento me lembrar do texto da página “Sobre nós” e me dou conta de que não sei a resposta porque, curiosamente, ela não é mencionada.

Há um pouco de hesitação antes de Kevin se manifestar.

— Ela não gostou muito quando dissemos que largaríamos nossos empregos, que pagavam muito bem, para fazer isso. Ela também era contadora e sempre acreditou que devíamos nos esforçar, receber uma boa educação e trabalhar em algo lucrativo e de prestígio. Administrar um negócio pequeno, vender *bubble tea*... — Ele ri. — Não é

exatamente o que ela queria para nós. É arriscado. Instável.

— A careta que ela fez quando a gente disse o valor do nosso investimento... — Ian pressiona os dedos nas têmporas.

— Ela não entendeu a motivação de vocês? — Len, que está com a tampa da caneta entre os dentes, a tira por tempo o suficiente para fazer a pergunta.

— Não. — Ian enrola uma das embalagens dos canudos, formando um cilindro. — Para a geração dos nossos pais, abrir um restaurante é algo que você faz quando não consegue estudar, quando não tem outra escolha. Para eles, trabalho é uma questão de sobrevivência. Mas, para nós, é outra coisa.

— É como diz aquele ditado — acrescenta Kevin. — Seus pais querem o que é bom para você, mas nem sempre sabem o que é melhor para você. — Ele gesticula ao redor da loja. — Para nós, isso é o melhor. Uma espécie de lar.

Meus olhos recaem sobre Len, que agora está bastante concentrado preenchendo uma página do caderno com rascunhos. Quando ele termina as últimas palavras, ergue os olhos para mim.

— Mais alguma pergunta?

\* \* \*

Depois que terminamos de entrevistar os irmãos Cheng e vários de seus clientes, Len e eu vagamos até o outro lado do centro comercial e encontramos uma sombra para nos sentar. Hoje, a placa da igreja vizinha exibe os dizeres: EXISTEM ALGUMAS PERGUNTAS QUE NÃO PODEM SER RESPONDIDAS PELO GOOGLE.

Len tira a câmera do pescoço e a coloca de lado, deitando-se sobre a

grama com as mãos atrás da cabeça. Sua camiseta sobe de leve, revelando um tecido xadrez escapando pelo cóis da calça jeans.

Volto a atenção para o caderno.

— Precisamos falar sobre a nossa abordagem.

— Tudo bem — diz ele, sem se levantar.

— Acho que a gente podia focar naquela coisa da legislação — digo.

— A inauguração foi postergada por seis meses. Isso não é pouco tempo. Talvez eu possa falar com o Alan...

— Quem é Alan?

— O presidente da Câmara de Comércio da cidade.

— Ah, sim, entendi. Continue.

— Talvez ele saiba se isso é um padrão para os novos negócios em Jacaranda. Se todos enfrentam os mesmos atrasos por causa da legislação. Talvez Kevin tenha razão. Talvez as normas da cidade sejam onerosas demais. Ou talvez esteja rolando alguma coisa no departamento que cuida desses assuntos.

— Mas sobre o que é a reportagem, *de verdade*?

Reflito sobre isso antes de responder.

— É sobre os desafios de equilibrar a necessidade da regularização e o desejo de encorajar o empreendedorismo da cidade.

— Mas isso é interessante?

— É — digo, como se não conseguisse imaginar o motivo da pergunta. Do chão, Len me lança um olhar de dúvida. Suspiro. — Tá bom, não é o assunto mais atraente, mas é *importante*. É o tipo de reportagem que você veria em um jornal de verdade. E se você quer que te levem a sério, precisa escrever sobre coisas sérias.

— O pessoal da escola não se importa com esse tipo de coisa.

Arranco um pedaço de grama do terreno e jogo na cara dele.

— Nosso trabalho é escrever o que é relevante, não só agradar as massas.

— Mas servir nossa comunidade também é nosso trabalho. Então a gente deveria considerar o que seria interessante para eles.

Cruzo os braços.

— Tá bom. Qual deveria ser a nossa abordagem, na sua opinião?

Len apoia a cabeça em uma mão.

— É interessante como existe uma certa tensão entre os irmãos Cheng e a mãe. Os alunos asiáticos de Willoughby entenderiam *isso*.

Contemplo o estacionamento da igreja e repasso a conversa na minha cabeça.

— Quer dizer, sim, tem um drama. O subtexto parece ser que Ian e Kevin acham que foi por causa dela que o pai nunca realizou seu sonho.

— Sim, eu meio que quero conversar com a mãe e descobrir o que ela tem a dizer. — Ele sorri. — Você é a feminista. Não deveria estar interessada nesse conflito?

— Sim — respondo. — Mas nem todo conflito é necessariamente digno de notícia. Tipo, minha mãe também não queria que meu pai abrisse um restaurante. Não vi ninguém escrevendo uma reportagem sobre isso.

— Talvez devessem ter escrito.

Tenho uma carranca toda preparada para exhibir, até perceber que ele não está brincando.

— O que seu pai acabou fazendo? — pergunta ele.

— Ele chegou a abrir um restaurante por um tempo. Mas perdeu uma década de economias antes de você conseguir dizer “Restaurante A Grande Muralha” três vezes rápido.

— Foi tão ruim assim?

— Sim. Mas não é algo que aconteceu só com a gente. Restaurantes vão à falência. Imigrantes perdem dinheiro. Nem sempre existe um arco de redenção. Meu pai ainda trabalha em um restaurante, só que no de outra pessoa.

Len fica em silêncio por um minuto.

— Você não acha que essa é uma história digna de ser contada?

— Só estou dizendo que não é notícia. — Tento desviar da seriedade inesperada de Len, que se desdobrou que nem uma coberta quente demais sobre o meu colo. — Pensa na história da mãe dos irmãos Cheng. Qual seria o objetivo da reportagem?

Len volta a se deitar na grama, reflexivo. Por um momento, os únicos sons vêm de uma música Motown que chega até nós do Boba Bros, abafada, e dos carros que passam ocasionalmente.

— Talvez seja sobre as diferentes formas de os imigrantes lidarem com o sonho americano — diz ele finalmente. — Talvez seja sobre gênero e a forma como ele afeta a disposição para assumir riscos e empreender.

Eu me inclino para ter uma visão melhor do rosto dele.

— Você está literalmente inventando isso tudo agora, não está?

Ele ri.

— Estou.

Uma brisa leve sopra algumas mechas de cabelo no meu rosto, e ergo os braços para refazer o coque. Quando olho para baixo, Len vira a cabeça para o lado.

De repente, não consigo pensar em nada para dizer.

— Tudo bem — concorda ele, se sentando. — A gente pode escrever sobre as normas.

Ele tira a grama do próprio cabelo com um movimento maior e mais

relaxado do que de costume.

— Bom — digo, pegando a câmera, só para ter algo para fazer. — A gente também pode escrever sobre o sonho americano. — Começo a ver as fotos que Len tirou. Há fotos dos clientes, de Ian e Kevin, da cabine dentro da loja. — Ficaram ótimas — digo, parecendo mais surpresa do que pretendia.

— Valeu.

— Não estou dizendo isso só para ser legal.

— Eu sei. — Ele ri de novo, erguendo um ombro. — Meu pai sempre gostou de fotografia, então me ensinou a usar sua câmera. Ele me deixa mexer nela às vezes.

Eu meio que odeio saber que ele também é bom nisso. Mais um talento que parece ser seu desde nascença.

Então chego à foto que ele tirou de mim enquanto estávamos sentados à mesa. Meu cabelo está uma bagunça, mas estou meio que sorrindo, como se estivesse prestes a dizer algo inteligente. É muito estranho, mas estou... bonita.

Volto mais algumas fotos e encontro outras imagens minhas, que na hora presumi serem capturas descartáveis. Mas ali estão elas, cheias de vida e com uma composição belíssima.

Há uma foto minha franzindo a testa enquanto leio o caderno, parada contra uma multidão desfocada de fundo. Há uma foto minha me virando para olhar alguma coisa além da lente, emoldurada pelos balões brancos e dourados.

Abaixo a câmera, fingindo não ter visto nada.

— Acho que preciso ir — digo, me levantando.



# 14

Na manhã seguinte, percebo algo terrível.

— Cadê meu suéter? — pergunto para Kim, vasculhando uma pilha de roupas que deixei em cima de uma cadeira.

— Como eu vou saber? — diz ela, penteando o cabelo. — Se você pelo me...

— Não fala nada. — Ergo uma mão para detê-la.

Procuro em tudo que é canto, mas não encontro em lugar nenhum. Então eu me lembro. Boba Bros. A mesa. Será que deixei lá?

Pego meu celular para mandar uma mensagem para Len, mas isso me faz pensar nas fotos outra vez, e sinto um frio esquisito na barriga.

Tento deixar isso de lado e digito:

**Você lembra se eu estava com o meu suéter quando a gente saiu do Boba Bros?**

Não recebo uma resposta imediata, então jogo meu celular na mochila. Visto outro cardigã do qual não gosto tanto quanto o outro — este tem cor de aveia e é menor, com mangas que não cobrem minhas mãos, por mais que eu tente puxá-las. Mamãe fica felicíssima.

— Viu? — diz ela. — Você está muito mais bonita!

\* \* \*

Len não me responde até eu já estar na porta da redação e, quando a mensagem chega, tem apenas uma linha:

Não?

A brevidade me irrita e me constrange em um golpe só. Ao mesmo tempo, fico um pouco aliviada pela mensagem ser tão inútil, porque significa... bom, não sei o que significa, então *por que* estou aliviada?

Nenhum de nós diz muita coisa enquanto James lê nosso artigo sobre o Boba Bros em um dos computadores da *Corneta*. Na noite passada, nós o escrevemos colaborativamente, se não juntos: Len me mandou um primeiro rascunho por e-mail e eu o terminei. O processo todo foi, felizmente, quase profissional.

Agora estou sentada ao lado de James enquanto Len está de pé do outro lado, de braços cruzados.

— Ficou bom pra caramba — diz James depois que termina de editar. — A parte política está excelente, como sempre. — Em resposta, lanço um olhar de superioridade para Len, mas então James acrescenta: — Acho que vocês também fizeram um bom trabalho retratando quem esses caras são. Ficou bem interessante.

Espero Len rebater minha insolência com a dele, mas ele não faz nada.

— Obrigado — diz ele enquanto James se levanta do computador.

Estou me acomodando para começar as atividades de edição, mas então James me chama.

— Espera, Eliza — diz ele, me analisando. — Você está meio diferente.

— É o suéter — interrompe Len. Ele dá de ombros quando nós dois o encaramos, intrigados. — Ela normalmente não usa esse.

Esses cardigãs de manga curta são mais desconfortáveis do que eu pensava.

— Acho que deixei o suéter que costumo usar no Boba Bros —

explico para James, apertando meus punhos nus. — Vou ligar quando a loja abrir para ver se alguém encontrou.

Eu me viro para o computador e espio Cassie Jacinto passando por nós. Ela está usando o que parece ser um dos bótons *FEMINISTA*, mas a fonte é rosa chiclete.

Eu não fiz nenhum botão dessa cor.

— Cassie. — Eu a paro. — O que é isso?

— Ah — diz Cassie. — Bom, eu pensei bastante sobre o que você escreveu, e concordo com seu argumento geral. Mesmo que tenha sido superinjusto você ter criticado todo mundo da equipe, considerando que votei em você. — Ao ouvir isso, recuo. — Mas você é mais qualificada, e o discurso do Len não foi consistente. Sem ofensa, Len. — Ele ergue as duas mãos em um gesto de resignação. — Então queria demonstrar apoio. — Ela sorri radiante para mim. — Como a Serena fez.

— Mas onde você arranjou isso? — Ainda estou confusa.

— O botão? — Cassie aponta para a sua blusa. — Comprei da Natalie.

— Você... comprou? — Sentindo um arrepio, olho para Natalie, que está conversando com Aarav do outro lado da sala. — Da *Natalie*?

Eu me levanto da cadeira em um pulo e caminho até ela, desajeitada. Len, sem ser convidado, me segue.

— Você está vendendo bótons com a palavra *FEMINISTA*? — questiono.

Aarav e Natalie interrompem a conversa.

— Estou. — Natalie olha para meu peito vazio. — Você quer um? São dois dólares cada.

— O que...? — Eu me esforço para falar com coerência. — Por que você está fazendo isso?

— Por que não? A demanda por esses bótons está grande. — Ela se volta para Aarav, que assente como um comparsa. — Só estou suprindo uma necessidade.

— Mas você disse que eu estava exagerando quando falei sobre machismo. — Aponto para ela com raiva. — Agora você está lucrando em cima de uma coisa em que nem acredita?

Natalie nem sequer pisca.

— Eu nunca disse que não acredito no feminismo — diz ela. — Eu só não necessariamente concordo com *você*. — Ela junta o cabelo cacheado e o torce no coque lateral mais maligno que já vi.

De repente, a ficha cai. Fica tão óbvio que não sei como não pensei nisso antes.

— Foi você, não foi? Foi você que publicou o manifesto na *Corneta*. Foi *você* que começou todo esse drama!

Natalie debocha, soltando o cabelo novamente.

— Não fica tão estressada com isso, Eliza. São só *bótons*.

— Não são só bótons! — Estou tentando não gritar, mas é difícil. — E isso não se resume só aos bótons.

Natalie olha para Len, como se quisesse entender por que ele está em pé ao nosso lado. Eu também quero.

— O que você acha, Len? — pergunta Natalie.

Por um momento, ele analisa o bóton falsificado que Natalie está usando. Não olha para mim.

— Vou querer um — diz.

— Para vocês tudo é uma grande piada, né? — digo, me afastando.

\* \* \*

Depois da escola, Winona e eu estamos debruçadas sobre a mesa de jantar dela, onde montamos nosso próprio centro de comando da manifestação. Serena não compareceu por causa de uma reunião do conselho estudantil, mas, como observa Winona, nós de fato só precisamos dela para mobilizar as pessoas, e isso se faz em campo.

— Presumindo, óbvio, que ela está realmente planejando ir até o fim com essa coisa toda.

Serena tem mencionado a manifestação toda vez que eu a encontro, então me pergunto se o ceticismo de Winona não está, pelo menos dessa vez, errado.

— Ela parece bem animada — digo.

Quer dizer, não pretendo me juntar ao fã-club de Serena Hwangbo tão cedo, mas às vezes é preciso dar crédito às pessoas quando elas merecem.

— Pode ser, mas será que ela realmente entende das coisas sobre as quais fala com tanta animação?

Parece uma pergunta retórica, então concordo em silêncio e passo uma caneta para Winona, que ela usa para rascunhar um mapa do campus em uma folha gigante de papel quadriculado. A sra. Wilson, que é arquiteta, tem um rolo enorme em seu escritório e sempre nos deixa usar à vontade.

— Certo, a manifestação vai ser daqui a pouco mais de uma semana. A gente só precisa estruturar nossa ideia.

Ela derruba uma jarra cheia de soldadinhos verdes de Doug sobre o mapa.

— Você não disse que a gente ainda tem coisa para filmar? — O próprio Doug surge na entrada da cozinha.

— Estamos fazendo um intervalo. — Winona continua focada em

seu mapa. — Vai embora.

— Ela só está procrastinando — diz Doug para mim.

Faço uma careta, subitamente me sentindo mal por estarmos planejando a manifestação em vez de filmar *Garagens*.

— Ei, o prazo daquele festival está acabando, não está?

— A gente tem duas semanas. Ava DuVernay filmou o primeiro trabalho dela nesse tempo.

— Tá, mas...

Winona me interrompe com um suspiro profundo.

— Eu só sinto que a história não parece mais tão boa. Preciso de um tempo para resolver isso. — Ela dá batidinhas no queixo com a caneta. — Toda essa coisa de feminismo me fez reavaliar o que quero fazer. Quer dizer, agora, o filme meio que é só sobre garotos, não é?

Ela tem razão. O enredo de *Garagens* atualmente envolve o personagem de Doug ser acusado de roubar um pacote de chicletes e depois começar uma discussão com Sai.

— Ainda acho que é uma história boa, mas fiquei pensando... E se for só porque eu acho que isso é o que os jurados do festival vão considerar interessante? — Winona percebe uma dobra no papel quadriculado e começa a alisá-lo. — Eu provavelmente deveria ter pensado nisso antes, mas talvez eles não tenham gostado da minha submissão do ano passado, aquela sobre a boneca, porque são um monte de caras brancos. Isso me fez questionar por que sinto a necessidade de falar sobre raça de uma forma que *eles* entendam, ou por que eu preciso falar sobre raça, para começo de conversa, só para ser levada a sério.

— Quer dizer que você vai desistir do filme? — Doug parece esperançoso.

— Não, quer dizer que ainda estou pensando no assunto. — Winona move os soldadinhos pelo mapa. — Enquanto isso, já te disse, estamos *ocupadas*.

Doug se aproxima da mesa.

— Com o quê?

— Eu não te mandei ir embora?

— Vou contar para o papai que você está planejando causar confusão.

— Você quer dar tchauzinho para aquele Xbox? — Winona o ameaça com um olhar que já vi na mãe dela, e Doug recua, mas não sem antes murmurar “procrastinando!” para mim.

— Será que a gente não deveria falar mais sobre *Garagens*? — sugiro. — Talvez a gente possa...

— Tá tudo bem. Vou pensar em alguma coisa. — Winona dá batidinhas no papel quadriculado. — Vamos nos concentrar nisso agora.

Uma voz insistente, como a de mamãe me enchendo o saco para secar o cabelo antes de dormir, me diz que Doug talvez esteja certo. Não é exatamente incomum Winona lidar com um bloqueio criativo desse jeito. Não é de hoje que ela é adepta da arte de enviar trabalhos às 23h59, faltando um minuto para o fim do prazo e sempre diz que suas melhores ideias surgem apenas sob pressão, com uma plenitude digna de Atena.

Mas deixo o pensamento de lado, porque não posso ignorar o fato de que ela está me ajudando, e se tem uma coisa que ela não gostaria de ouvir agora é que eu concordo com o irmão dela.

— Certo — digo. — Qual é o plano?

Winona coloca uma bonequinha de Lego na sala do sr. Schlesinger.

Ela tem cabelo preto e uma expressão brava.

— Essa é você.

— É igualzinha a mim!

— Sim. Então, acho que a gente deveria fazer isso em algum momento durante o sexto período. Por várias razões. — Winona começa a enumerá-las nos dedos. — Primeiro, queremos maximizar a participação, e muitos alunos do segundo e do quarto ano não têm aula no sétimo período. Segundo, é perto o suficiente do fim do dia, então eles não podem pegar pesado demais com a gente por causarmos confusão. E terceiro, temos a mesma aula no sexto período.

— E por que isso importa?

— Porque você vai à manifestação vendada, então talvez precise de uma ajudinha.

— *Vendada?*

Winona pega um livro enorme na beirada da mesa e o abre. A página foi marcada por um envelope com a letra da mãe dela.

— Você vai estar vestida como Justitia, a deusa romana da justiça — declara ela.

Analiso as imagens coloridas de pinturas, entalhes e esculturas, todas retratando o mesmo assunto: uma figura feminina, geralmente segurando uma espada e uma balança. Às vezes, embora não sempre, seus olhos estão cobertos.

Aponto para uma das fotos, que mostra a estátua de uma mulher colocando uma venda em si mesma.

— Porque “a justiça é cega”?

— Isso. Só que não, obviamente. Pelo menos não para todo mundo. — Winona repousa os cotovelos na mesa e passa para a página seguinte, que também está repleta de personificações de Justitia. — A



empresa da minha mãe está reformando o tribunal na avenida La Salle, e a ouvi no celular ontem, debatendo sobre manter ou não um mural antigo da deusa da justiça. Foi assim que tive a ideia. — Ela passa o dedo pelo vinco entre as páginas. — De acordo com a minha mãe, a imagem de Justitia vendada passa uma ideia errada, já que o sistema legal, e a sociedade como um todo, na verdade, ainda discrimina com base em gênero, raça e classe. O que quer dizer, óbvio, que o grupo geralmente mais prejudicado é o das mulheres negras.

Examino as fotos do livro outra vez. A maioria das imagens da deusa da justiça também tem outra coisa em comum: elas são brancas.

— É, às vezes realmente parece que a justiça fecha os olhos para as coisas erradas.

— Isso, o simbolismo é complexo, e foi manipulado por todo tipo de grupo, especialmente por aqueles que apoiam o patriarcado. Mas é por isso que eu acho que devemos tomá-lo de volta. *Tomá-la* de volta.

— Fazendo de mim a deusa da justiça.

— Isso. Especialmente porque o feminismo estadunidense tem um histórico de mulheres brancas de classe média silenciando as vozes de pessoas não brancas. Vozes negras em particular, mas asiáticas também.

E é verdade. Embora mulheres asiáticas-estadunidenses não tenham tido que lidar com o mesmo nível de merda que as mulheres negras, muitas vezes já senti uma espécie de invisibilidade quando se trata dessas discussões — principalmente no mundo “real”, para além da comunidade em sua maioria asiática de Willoughby. Então talvez Winona tenha razão. Talvez eu ser o rosto desse movimento *tenha* um significado.

— Ok — digo. — Mas vamos manter a venda?

— A princípio, sim. — Winona desenha uma linha da sala do sr.

Schlesinger até o pátio, que ela circula duas vezes. — Mas, assim que chegarmos lá, você vai fazer um discurso e então vai tirar a venda em um grande gesto. Porque, embora eu goste da ideia de a deusa da justiça ser cega, precisamos mandar a real. No nosso mundo, ela tem que ver as coisas do jeito que são. — Winona tampa a caneta e dá batidinhas no mapa para enfatizar. — E é isso que vamos alcançar com essa manifestação. Fazer as desigualdades serem vistas.

Eu me curvo diante de Winona.

— Você é uma gênio.

Winona sorri.

— Qual é a novidade?

# 15

Na tarde seguinte, nosso grupo de *Macbeth* marcou de se encontrar na casa de Len, apesar das minhas melhores tentativas de inviabilizar o plano.

— Você não mora perto da escola? — pergunto a Serena.

— Moro, e adoraria que vocês fossem lá em casa — diz ela —, mas minha mãe está reformando a cozinha e não quer que a gente fique na bagunça.

— E o Ryan?

— Ele só usa o endereço da avó para frequentar Willoughby. A casa dele de verdade é meio longe. E a sua?

Tento imaginar os três na minha sala de estar: Serena inspecionando o carpete desbotado, Ryan girando na cadeira de escritório que papai achou na calçada e Len examinando a estante encapada com papel vermelho que mamãe transformou em um altar para Buda, nossos ancestrais e Deih Jyú Gūng, o deus chinês dos proprietários.

— Eu moro do outro lado da cidade, então provavelmente não é o ideal.

Serena pega na bolsa um chaveiro adornado com borla.

— É, então acho que vamos precisar ensaiar na casa do Len.

Faço um último esforço para pensar em outra possibilidade.

— Por que a gente não pode simplesmente se reunir no pátio?

Serena faz uma careta.

— Ai, mas está tão quente.

Nisso ela tem razão. É outro dia escaldante em Jacaranda, talvez até pior do que quando Len e eu fomos ao Boba Bros. Aliás, Kevin confirmou que meu suéter perdido não está lá.

— Eu aviso se ele aparecer, pode deixar — disse ele quando liguei.

— Ai, graças a Deus existe ar-condicionado — diz Serena, ligando o aparelho no máximo, de forma que o ruído é como uma terceira presença no carro dela.

Estamos a caminho da casa de Len, e Serena me ofereceu uma carona, um gesto que aprecio até colocar o cinto de segurança no banco da frente e testemunhar o fenômeno que é Serena atrás do volante.

— Onde exatamente o Len mora mesmo? — pergunta Serena enquanto disparamos pela avenida Lemon ao menos trinta quilômetros acima do limite de velocidade.

Confiro a mensagem com mãos trêmulas.

— Na alameda Holyoke — respondo, com uma voz levemente estridente.

Estou acostumada a andar de carro com mamãe, que dirige como se estivesse transportando idosos para consultas médicas, então digamos que a nova experiência é meio... inédita.

— Ah, sim, sei onde é. É superperto da minha casa.

Enquanto rezo para uma divindade aleatória implorando para chegar viva à casa de Len, me pego imaginando como ela é. Eu me pergunto, em especial, se tem mais influência japonesa ou caucasiana.

— Aliás, você ficou sabendo? — Serena fala sem parar, animada e totalmente alheia ao meu pavor. — Metade da equipe de debate ameaçou sair quando o presidente deles tentou argumentar que você estava errada sobre existir machismo em Willoughby.

Agarro as laterais do assento de couro quando ela para de supetão em um cruzamento movimentado.

— Sério? — É o que consigo dizer.

— Sério. E, hoje de manhã, todas as camisetas novas com os dizeres ELE É O CARA do clube de improvisação desapareceram. — Serena faz uma expressão maligna. — *Misteriosamente*.

O carro entra em movimento outra vez, e estou enjoada demais para fazer qualquer coisa além de um sinal de positivo com o polegar.

— Quanto à nossa manifestação — Serena segue falando —, já temos cinquenta e sete pessoas confirmadas, e acho que consigo... — Ela faz as contas de cabeça, desviando a atenção da rua por mais tempo do que parece necessário. — ... mais oito até o fim da semana.

Algum dia, quero que Serena seja uma política eleita de verdade, talvez até presidente, porque, quando a garota faz uma promessa, ela age rápido.

— Que maravilha — digo quando Serena acelera com gosto no sinal verde.

— Estou tão feliz que isso tudo esteja acontecendo! — Ela sorri para mim. — Especialmente a manifestação. Vai ser *tão* grande, Eliza. O seu destino é ser editora-chefe. Eu *sinto* isso. Len não imagina o poder que nós temos.

Eu me esforço ao máximo para não puxar a maçaneta interna do carro enquanto continuamos em disparada rua abaixo.

— Bom, é melhor a gente não pegar muito pesado. Ainda precisamos que ele seja Fleance na peça.

— Quem está pegando pesado? — pergunta Serena, buzinando para um carro por não acelerar logo que o semáforo abre. Assim que tem a oportunidade, ela o ultrapassa, deixando o motorista para trás.

— Não me entenda mal — digo depois que ela volta para o nível normal de velocidade —, mas por que você se importa tanto com isso?

Serena dirige em silêncio por alguns segundos, tempo suficiente para eu presumir que talvez ela tenha decidido não responder à pergunta. Imagino que esse seja o jeito Hwangbo de contrariar educadamente — fingir que você não perguntou.

Finalmente, ela diz:

— Eu me esforço bastante para fazer tudo parecer fácil. — Ela dá uma olhada rápida na minha direção com seus óculos de sol enormes, como se quisesse ver se essa declaração me surpreende. A resposta é sim. — Eu não tinha percebido que faço isso até ler o que você escreveu no manifesto. Eu me esforço muito, o tempo todo. — Ela tamborila os dedos no volante, com as unhas pintadas em francesinhas impecáveis. — Eu só nunca pensei que o motivo fosse machismo.

— Hmm — digo. — Entendi.

— Essa sua atitude “não nasci para agradar” é tão ousada — diz ela. — Mas eu nunca, nem em um milhão de anos, conseguiria ficar tão tranquila quanto você com o fato de que ninguém gosta de mim.

Decido não protestar contra a afirmação de que *ninguém* gosta de mim, porque acho que é bem próxima da realidade.

— A vida parece ser melhor para garotas que se importam com essas coisas.

— Em geral, sim — concorda ela. — Mas também é muito cansativo ficar se preocupando com o que todo mundo pensa o tempo inteiro. — Olhando no retrovisor, Serena ajusta um único fio de cabelo que se soltou de seu rabo de cavalo até então perfeito. — E, se eu me sinto desse jeito, como deve ser para as outras pessoas?

Não tenho uma resposta para essa pergunta.

À nossa frente, há outro carro se movendo mais devagar que o fluxo do tráfego e, naturalmente, Serena perde a paciência. Ela manobra — com uma precisão fabulosa, devo dizer — para dentro e para fora da nossa faixa para ultrapassar o carro.

— Espera, acho que é o Ryan — digo, olhando para o assento do motorista.

— Ah, é? — Serena parece radiante. — Ele provavelmente está no celular, aquele imbecil. Espera aí. — Ela abre minha janela e desacelera para que fiquemos ao lado de Ryan. Então ela buzina, o que o faz dar um pulo.

— Não use o celular enquanto dirige! — grito, antes de sairmos acelerando pela rua cantando pneu.

Serena tem uma crise de riso, e eu também, e é hilário ver o dedo do meio de Ryan diminuindo a distância.

— Enfim — diz Serena, depois de já termos nos acalmado um pouco e ela virar à esquerda, entrando na alameda Holyoke —, eu gosto do Len. Mas dá para ver que ele simplesmente não precisa se esforçar. — Ela para na frente da casa dele e desliga o motor, restaurando a tranquilidade ao nosso redor. — Talvez seja hora de falar sobre isso.

Então percebo que este é um momento singular: aqui estou eu, inexplicavelmente me solidarizando com Serena Hwangbo, a garota cujo mandato no conselho estudantil se baseia em nada além de um comportamento gentil e namorados atraentes. O feminismo é uma coisa engraçada.

## 16

O bairro de Len fica um pouco mais afastado de Willoughby do que o de Winona, mas não muito. É tão agradável quanto Palermo, embora bem mais antigo, com residências de dois andares que parecem ter saído diretamente de uma foto vintage. A casa tem um telhado inclinado e assimétrico, com portas duplas de madeira em uma fachada de pedra e vidro. O quintal gramado, sem as restrições dos terrenos menores das subdivisões mais recentes, é generoso — talvez do tamanho da minha sala e cozinha juntas.

Serena e eu fazemos uma curva no caminho, e Len abre a porta antes mesmo que eu possa bater.

— Entrem — diz ele.

Seguindo o exemplo dele, ela e eu tiramos nossos sapatos e os deixamos perto da porta.

Lá dentro, há um teto de catedral sobre uma sala rebaixada, com piso de madeira e lareira de tijolos. As poltronas são refinadas, mas desgastadas, com o estofado azul-pavão um pouco molenga nos assentos. No canto, há um piano de cauda com a tampa erguida e livros empilhados no apoio para partitura. O de cima está aberto em uma peça chamada “Polonaise”. Abaixo do título, em uma fonte menor, lê-se *Opus 53*.

— Ah, eu sei essa. — Serena tenta as primeiras notas com a mão direita. — Você toca?



Len já está indo para a cozinha.

— Toco.

— Você é bom?

— Não.

Serena e eu nos entreolhamos. Eu me pergunto se ele está mentindo.

— Vocês aceitam alguma coisa? — pergunta ele.

— Não.

Serena se joga no sofá, que parece duro e pouco convidativo. Mas, quando me sento ao lado dela, percebo que as almofadas são mais macias do que eu esperava.

— Eliza? — Len ainda está esperando.

— Não, obrigada — digo, e ele desaparece.

Serena logo começa a mexer no celular, mas minha atenção se dispersa pela sala. A pessoa que a decorou tem estilo. Os objetos parecem ter sido coletados em diferentes lugares. Há uma combinação de ilustrações vintage com caracteres japoneses em tinta preta. Um vaso esmaltado com uma estampa azul e um padrão ondulado. Um tapete turco, floral e desbotado. E livros — muitos e muitos livros. Grandes e brilhantes compêndios de arte na mesa de centro, coleções completas de volumes gravados em latim nas estantes embutidas e brochuras enfileiradas em mesas laterais como se simplesmente não houvesse espaço suficiente para eles em nenhum outro lugar.

Há também algumas fotografias na parede perto da sala de jantar, então me levanto para olhá-las mais de perto.

Em uma delas, há uma criancinha asiática com cabelo castanho-claro, muito mais claro que o de Len, e levo um segundo para perceber que *é* Len. Ele exibe um sorriso radiante para a câmera, mais exuberante do que nunca, e segura uma bola de beisebol com as duas

mãos como se fosse a coisa mais preciosa do mundo.

Em outra, há uma moça japonesa vestindo um suéter canelado de gola alta e uma saia de suede que vai até os joelhos. Ao lado dela, há um rapaz branco muito alto com olhos verde-oliva que combinam com sua camisa xadrez. Atrás deles, estão os cinzas e verdes da arquitetura gótica na primavera. Ela está olhando discretamente para alguma coisa fora da câmera, com um sorriso largo. Ele está olhando para ela.

Len se tornou uma cópia fiel do pai, exceto pelos olhos, que se curvam e enrugam da mesma forma que os da mãe quando ele sorri, o traço que mais acentua sua herança japonesa.

Ouçoo um barulho alto e me viro. Encontro Len esparramado em uma das cadeiras de jantar, mastigando uma maçã enquanto me observa.

— Então, a gente vai ensaiar *Macbeth*? — pergunta ele.

Eu me afasto da parede, como se não estivesse analisando fotografia alguma.

A porta da frente se abre. É Ryan.

— Você chegou — diz Len, entre uma mordida e outra.

— Pois é, mas não estaria aqui se dependesse delas. — Ele aponta para Serena e para mim. — As duas quase me fizeram bater.

Serena arqueia as sobancelhas bem-desenhadas por trás do celular.

— Diz o cara que estava mexendo no celular enquanto dirigia.

— Eu estava conferindo o endereço do Len — resmunga Ryan.

— Que tal a gente começar? — digo, tirando meu exemplar de *Macbeth* da mochila.

As cenas que a srta. Boskovic selecionou para o nosso grupo são do Segundo Ato. Basicamente, é isso que acontece: Banquo, assim como Macbeth, recebeu uma profecia das bruxas no começo da história e ainda está bastante perturbado por ela. Ele e o filho, Fleance, estão

caminhando pelos corredores do castelo depois da meia-noite quando encontram Macbeth. Embora eles não saibam, Macbeth planejou matar, com Lady Macbeth, o rei Duncan. Macbeth enfim realiza o ato, mas se esquece de deixar as armas do assassinato na sala para incriminar os camareiros, que estão dormindo. Ele está assustado demais para voltar e colocá-las lá, então Lady Macbeth precisa tomar uma atitude, e ela tem *muita* coisa para dizer.

Cerca de vinte versos depois do início da primeira cena, algumas coisas ficam óbvias para mim.

A primeira é que Len, segurando a lanterna como se fosse uma tocha, escolheu ser Fleance porque o personagem tem apenas dois versos.

A segunda é que Ryan, que escolheu interpretar Banquo, deveria ter ficado com o papel que tem apenas dois versos.

— Ryan — digo, imaginando Winona gritando “corta!” diante dessa performance desastrosa. — Você não decorou as suas falas?

— Sim, mas esqueci — responde ele, com sua espada em mãos, o atizador de lareira de Len. — É muita coisa!

Tentamos outra vez, dessa vez deixando Ryan simplesmente ler suas falas, mas ele continua com dificuldade, enunciando as palavras com uma vivacidade digna de um forno elétrico.

— Certo. Sinto muito, Ryan, mas você não vai fazer o Banquo — anuncio. — Len, talvez você devesse trocar de papel com ele.

Len joga a lanterna no ar e a pega.

— Quem disse que você é a diretora?

Em busca de um alvo mais fácil, eu me viro para Ryan.

— Você quer trocar de papel com Len ou vai conseguir se concentrar e fazer isso direito?

Ryan abaixa o atizador de lareira.

— Prefiro trocar.

Len tenta contestar com uma expressão séria, mas falha.

— Tá bom, pode ser.

Nossas cenas melhoram bastante depois disso. Len é decente como Banquo, mas a verdadeira estrela é Serena como Macbeth.

— “Melhor não conhecer-me que tomar consciência do meu feito” — recita ela, parecendo desolada. Len, recostado na lareira, bate no mantel, conforme as instruções de palco. — “Acordem Duncan com o seu bater. Quem dera o conseguissem!” — Os últimos versos de Serena são carregados de agonia. Ela pausa. Então, faz uma reverência profunda enquanto todos nós aplaudimos.

— Acho que estamos todos indo bem! — diz Serena, se jogando dramaticamente sobre o sofá.

— Bom, quase todos nós. — Olho para Ryan, que me responde com uma careta.

— A gente pode encerrar por hoje? — diz Len. Ele está me perguntando e me zoando ao mesmo tempo, mas é Serena quem fala.

— Sim, sem problemas. — Ela se levanta em um pulo.

Vejo a hora no celular. Ainda são três e meia da tarde, o que quer dizer que mamãe só vai poder vir me buscar daqui a pelo menos meia hora. Eu me pergunto se há um jeito de estender essa reunião para que Serena e Ryan não me deixem sozinha com Len. Mas Serena já está pegando sua bolsa, respondendo às mensagens que chegaram enquanto estávamos ensaiando, e Ryan está agachado, amarrando os cadarços.

Não estou à vontade para fazer Serena sair da sua rota para me deixar em casa, mas estou tão desesperada para não ficar aqui que considero pedir carona para Ryan por um breve instante. Decido que devo estar enlouquecendo se estou pensando em passar tempo com ele

por vontade própria.

— Minha mãe só pode me buscar às quatro — digo para Len. — Tudo bem se eu esperar aqui?

Len não poderia se importar menos.

— Beleza.

— Ok, tchauzinho, pessoal! — diz Serena, balançando as chaves para nós.

Ryan também acena e então a segue porta afora.

Então agora somos só Len e eu, parados na sala de estar.

— Tenho lição para fazer — digo.

— Pode ficar na sala de jantar, se quiser. — Ele me indica a direção, apático.

Vou até lá e me sento, tirando o livro de matemática da mochila como se resolvesse equações diferenciais naquela mesa todos os dias.

Com a mochila no ombro, Len se aproxima da mesa e coloca as mãos no encosto da cadeira. Não dá para saber se está tentando começar ou terminar uma conversa.

— Acho que agora tenho mais algumas falas para decorar.

Não tiro os olhos das minhas equações.

— Isso vai ser um problema pra você?

Len começa a elaborar alguma resposta sarcástica, mas não chego a ouvi-la, porque o som do portão da garagem se abrindo bem na hora faz seu rosto tomar uma expressão bem interessante.

— Quem é...?

— Minha mãe. — Ele chega a estremecer. — Acho que ela chegou mais cedo hoje.

Ouçó a porta de trás se abrir e se fechar, e o som de saltos altos dá lugar ao ruído suave de pés descalços sobre o piso.

— Len? — Uma mulher baixinha vestida com uma blusa de seda e calça social preta aparece na entrada da cozinha. — Ah, olá — diz ela, notando minha presença.

Ficamos nos encarando, curiosas.

— Olá — respondo.

— Essa é a Eliza — diz Len.

— Prazer, Naomi.

Ela sorri, e reconheço a jovem da foto, agora bastante crescida.

— A gente vai estudar lá em cima. — Len se afasta da mesa e para, como se eu devesse segui-lo.

A mãe dele, percebendo que já estou visivelmente acomodada com a lição de matemática, o ignora.

— Você estuda em Willoughby, Eliza?

— Sim — respondo. — Len e eu estamos na mesma turma de inglês.

— A mãe dele assente calorosamente. Não vou mentir, estou ocupada demais apreciando o fato de que Len parece realmente desconfortável com a situação para me sentir desconfortável também. Mas confesso que é superesquisito estar conversando com a mãe dele. — A gente também se conhece por causa da *Corneta*.

— Ah, que legal. Len, você acabou de entrar na *Corneta*, não foi? — Ela sorri para mim e se aproxima, como se estivéssemos conspirando. — É bom ele finalmente estar se envolvendo em alguma coisa outra vez.

Então deduzo que a mãe de Len não sabe que o filho foi eleito editor-chefe do jornal; deduzo também que ela acha que Len me convidou para vir aqui porque gosta de mim. Len e eu percebemos a segunda coisa ao mesmo tempo.

— Eliza está esperando a mãe dela — explica ele. — O nosso grupo estava aqui mais cedo ensaiando algumas cenas de *Macbeth*.

— Seu pai ficaria superanimado com isso. Ele ama *Macbeth*. — A mãe de Len diz isso de um jeito difícil de interpretar, recheado com uma espécie de sutileza sarcástica que poderia ser tanto desprezo quanto afeto. Deve ser outra característica que Len herdou dela.

Len fecha meu caderno e o coloca debaixo do braço, decidido.

— A gente vai fazer uns exercícios de cálculo agora.

Naomi se vira para a cozinha, mas não sem antes dizer:

— Certo. Bom, assim que você terminar de levar os livros da Eliza para o seu quarto, vem aqui me ajudar a guardar as compras.

Subo a escada atrás dele correndo, porque ele parece incapaz de subir com calma — hoje, são três degraus de uma vez. Lá em cima, quando já não podemos ser ouvidos e recupero o fôlego, pergunto:

— Por que você não contou a sua mãe que é o novo editor-chefe da *Corneta*?

Ele empurra o livro para mim, como se tivesse acabado de lembrar que o estava carregando e não quisesse mais fazer isso.

— O assunto nunca surgiu.

— Mentira. — Aperto o livro contra o peito enquanto o sigo até seu quarto.

— É verdade — diz Len, largando a mochila em um tapete cinza de lã que cobre o piso de madeira.

Cruzo os braços.

— Você vai morrer se falar a verdade pelo menos uma vez?

A frase sai tão hostil quanto eu pretendia, mas a hesitação dele, quase como se eu o tivesse golpeado, me faz questionar meu tom.

Mas não por muito tempo.

— Achei que você não ia mais falar comigo — responde ele delicadamente, e fico irritada de novo.

— Quando eu disse isso?

— Aí é que tá: você não disse. Porque você parou de falar comigo.

— Não tenta mudar de assunto!

Ele acena para mim, completamente inocente.

— Já volto — diz ele descendo as escadas.

Percebo que nunca estive no quarto de um garoto antes, e é meio surreal estar no de Len. O cômodo está mais limpo do que eu esperava. A cama está arrumada, coberta por uma colcha xadrez na qual prefiro não me sentar. Em vez disso, me acomodo em sua escrivaninha. A cadeira é um verdadeiro clássico, uma daquelas Windsor antigas com braços, acabamento em laca preta e um selo desbotado de Princeton. Fico me perguntando onde ele arranjou o móvel.

Apoio os cotovelos nos braços da cadeira e tento imaginá-lo sentado lá todas as noites, fazendo coisas absolutamente mundanas, como a lição de casa, ou escrevendo reportagens para a *Corneta*. Eu me inclino para trás, deixando só as pernas traseiras do móvel no chão, como Len sempre faz. De muitas formas, esse realmente parece o quarto dele. Tem o cheiro do sabonete que ele usa. Há placas brilhantes e bolas de beisebol autografadas na prateleira, bastões apoiados no canto e uma jaqueta com um enorme W na frente, pendurada na porta do closet. Tem até um bonequinho engraçado, daqueles que mexem a cabeça, de um jogador do Dodgers na escrivaninha, um arremessador japonês chamado Hideo Nomo cujo corpo está torcido de maneira enigmática e bastante extrema.

Na escrivaninha há também um Totoro de pelúcia (inesperado) e *A vida: modo de usar* (esperado).

Dou uma olhada por cima do ombro, mas ainda não há sinal de Len. Então pego o Totoro, com os pelos armados e macios após muitas



lavagens, e encaro seus olhos bordados. *O que você pode me dizer sobre Len?*, pergunto por telepatia. Mas o bicho permanece em silêncio, tão mentiroso quanto seu dono.

Eu abro o livro, que tem *J. DiMartile* rabiscado na parte de dentro, na folha de guarda. Vejo que o texto foi ostensivamente sublinhado com um lápis agora desbotado.

— O que você está olhando?

Dou um pulo, derrubando o livro no colo como se tivesse sido pega espiando um diário. Len voltou, e seu tom de voz revela mais curiosidade que acusação. Mas tem um pouquinho de acusação também.

— É o livro que eu te emprestei — digo, colocando-o de volta no lugar.

Len ri.

— Ah, sei. — Ele se aproxima e se senta na borda da cama, descansando o pé na cadeira em que estou. Sinto o peso mudar um pouco sob o assento. — O que você está achando?

Olho o grande bloco de páginas.

— É cedo demais para opinar.

A sombra de um sorriso aparece. Sutil, mas confiante.

— Você ia gostar do Perek — diz ele. — Ele adora regras.

A suposição de Len me incomoda, mas é verdade: estou intrigada. Não lembro qual foi a última vez que conversei com um garoto que havia lido algo que eu não li, o que é ao mesmo tempo perturbador e empolgante.

Ele pega o livro e o folheia.

— Você já ouviu falar da Oulipo? — Faço que não com a cabeça. — Meu pai me falou deles. É um movimento do qual Perek fazia parte, um

grupo de escritores e matemáticos franceses que criava obras de arte com restrições específicas.

— Como o quê?

— Tipo, nesse caso, o romance é sobre um prédio de apartamentos, certo? Então Perek o enxerga como uma grade de dez por dez quartos e vai se movendo entre eles, um por capítulo. — Len me mostra o sumário. — Mas o desafio é que ele precisa fazer esse movimento de acordo com o passeio do cavalo.

O passeio do cavalo é um famoso desafio lógico que exige que você mexa um cavalo por um tabuleiro de xadrez vazio, visitando todas as casas apenas uma vez. Só sei disso porque houve um breve período da minha vida, logo depois de ler *O Clube da Felicidade e da Sorte*, em que fiquei obcecada por xadrez, sonhando (sem sucesso) que um dia eu seria um prodígio, como a personagem Waverly Jong.

— Como é que *você* gosta desse livro? — pergunto. — Você não parece curtir regras tanto quanto eu, mas parece que elas são o objetivo do Perek.

— Elas são e não são. — Depois de pegar uma minibola de basquete debaixo da cama, Len deita nos travesseiros. Há uma cesta fixada na parede oposta e, depois de avaliar a jogada por um momento, ele arremessa. E acerta. — O objetivo do Perek é escrever sobre a “vida”, que de certas formas é maior do que qualquer restrição que as pessoas possam impor. — Ele pega a bola e a lança novamente, e desta vez erra, mas ele não parece se importar. Em vez disso, sorri para mim: — E, para um cara que seguia as regras, Perek sabia bem disso.

Faço uma anotação mental para procurar *A vida: modo de usar* na biblioteca e decidir por conta própria qual era a desse Perek.

— Seu cotovelo não estava lesionado? — Pego a bola de basquete do

chão e a arremesso na cesta, errando completamente.

— Está. — Len recupera a bola e a joga displicentemente com uma mão, acertando-a em cheio na cesta. Ele levanta o outro braço. — Mas eu sou canhoto. — Então estica os dedos, um por um. — Igual a você.

Quando foi que ele percebeu isso?

Pigarreio.

— Ei, você não respondeu a minha pergunta.

Len se senta e gira a bola de basquete no indicador direito.

— Que pergunta?

— Por que você não contou para a sua mãe sobre seu novo cargo na *Corneta*?

— Qual é a sua, Eliza? — Len me passa a bola e, para minha surpresa, eu a pego. — Você realmente se importa tanto assim com a *Corneta*?

— Como assim? É óbvio que me importo.

— Achei que você só estivesse tentando entrar em Harvard ou algo do tipo.

— Bom, sim, estou tentando entrar em Harvard. Mas também me importo com a *Corneta*.

— Você realmente quer ser jornalista quando crescer?

— Eu *sou* jornalista.

— Tá bom, Lois Lane. — Len mexe no cabelo com as duas mãos. É um gesto mais abrupto e agitado do que sua mania de sempre. Então ele se recupera com um sorriso tranquilo. — Esquece que eu perguntei.

Ele começa a se levantar da cama, então mudo de ideia.

— Na verdade — disparo —, eu gosto da ideia de que a verdade vence tudo.

Len volta a se sentar.

— Você acha que vence?

— Acho.

— Mas as pessoas acreditam em mentiras. Especialmente quando querem.

— Isso só torna o jornalismo ainda mais importante.

— Então a sua dedicação à *Corneta* se baseia puramente em ideais altruístas.

— Isso — confirmo, me empertigando.

Len encosta a cabeça na parede, mas seus olhos ainda estão fixados em mim. Hoje ele está usando uma camisa xadrez azul-marinho com alguns fios dourados.

— Entendi.

— Bom... Ok, talvez não seja só isso. — Agora relaxo um pouco o corpo. — Também é porque gosto da ideia de fazer algo importante. Acho que essa parte tem a ver comigo. — Ergo o queixo. — Mas não acho que tenha algo de errado nisso, necessariamente.

— Eu nunca disse que tinha.

A forma como ele joga a frase para mim — como se por cima de uma cerca, de algum lugar que não consigo alcançar — é enfurecedora. Ainda mais irritante é a minha compulsão confusa de estraçalhar essa coisa entre nós dois, de acabar com a distância da qual ele tanto gosta.

— Você se lembra da nossa primeira eleição para o conselho estudantil? — digo, antes que ele volte a falar. — Aquela no começo do primeiro ano?

— Aham.

— Foi por causa dela que entrei na *Corneta*.

— Como assim, você escreveu uma reportagem sobre a eleição e o James gostou?

— *Não*. Para o seu governo, eu não podia escrever aquela história porque eu fazia parte dela. Fui uma das candidatas.

Vislumbro um raro brilho de surpresa no rosto dele.

— Sêrio?

— Eu achava que ser representante de classe do primeiro ano iria resolver problemas reais.

Ele fica pensativo.

— Você achou que seria algo importante.

— Isso, exatamente. Fiz toda uma pesquisa e elaborei uma campanha baseada em problemas concretos sobre os quais eu poderia agir, como reestruturar a grade curricular de matemática do primeiro ano e consertar o portal on-line dos estudantes de Willoughby...

— Uau, não acredito que não votei em você. — Seu sorriso antipático está de volta.

— Olha, não precisa falar nada, tá bom? Você achou que eu era chata. Assim como todo mundo. Soube que tinha cometido um erro no momento em que pisei no palco do anfiteatro.

Eu me lembro de ouvir minha voz no microfone; era a primeira vez que ela era amplificada daquele jeito, atravessando fileiras de rostos vazios em assentos de madeira. Eu não estava preparada para a fragilidade das minhas palavras. Como eram fracas, como eram diferentes de quem eu sou. Entendi então que minhas ideias, presas à terra e tão pequenas em escala, não podiam preencher o ar vazio. Elas não estavam à altura dos discursos grandiosos e bem articulados sobre espírito escolar e todas aquelas bobagens dos outros candidatos, o que é uma coisa extremamente difícil de entender quando você está diante de quase trezentas pessoas, desejando a aprovação delas. Tentei explicar isso para Kim, mas ela nunca entendeu. Achei todo mundo ali idiota, e

mesmo assim me senti pequena.

Len analisa o teto, como se não estivesse realmente ouvindo, mas está.

— E o que isso tem a ver com a *Corneta*?

— Bom, James estava cobrindo a eleição, e, quando o evento acabou, ele foi até mim e disse que dava para ver que eu tinha senso crítico, que o conselho estudantil era uma perda de tempo e que, por isso, eu deveria entrar na *Corneta*.

— Então *teve* a ver com o James. — Ele é implacável.

— Não, *não teve* a ver com o James. Eu só encontrei um lugar onde eu não tinha que mudar nada em mim mesma para fazer um bom trabalho. Um lugar onde eu me sentia *bem*. — Eu o encaro com firmeza.

— Parece que um babaca arruinou isso ao postar seu manifesto na primeira página.

A voz de Len diminui até aquele volume inescrutável, o que acabei de descobrir ser uma especialidade da família DiMartile, e não consigo decifrar se ele está me provocando ou se é uma provocação de fato.

Jogo a bola de basquete para ele.

— E qual é a *sua*?

Ele não responde de imediato, apenas aperta a bola entre as mãos, com os cotovelos para fora, como se tentasse esmagá-la.

— Então? — insisto.

Len começa a lançar a bola na cesta várias e várias vezes. Na maioria delas, acerta.

— Eu não ligo para a *Corneta* tanto quanto você — diz ele finalmente.

— Sabia! — Quase pulo da cadeira. — Sabia que aquela historinha

piegas que você contou no seu discurso não era verdade.

Len evita meus olhos e tenta um novo arremesso.

— Não era uma *inverdade* — diz ele, exatamente do mesmo jeito que você explicaria que queijo fatiado *não* é queijo.

Já estou de saco cheio das baboseiras dele.

— Se você não se importa de verdade, por que se deu ao trabalho de concorrer a editor-chefe?

Novamente, ele faz um longo silêncio, como se estivesse usando o velho truque dos repórteres de pausar por um tempo um pouco maior do que é confortável para fazer com que o entrevistado fale mais. Só que sou eu quem está fazendo as perguntas, não ele.

Por fim, se levanta.

— Ouvi minha mãe falar para o meu pai que estava preocupada comigo — diz ele, analisando suas meias. — Ela temia que, sem o beisebol, eu acabaria ficando igual a ele. Sem ambição.

— O que seu pai faz?

— Trabalha com pesquisa de mercado em uma grande empresa farmacêutica, mas era para ele ser um acadêmico. Ou pelo menos era o que queria. Ele tem um ph.D. em Literatura Comparada. — Len mantém a bola parada por um momento. — Meu pai não parece se incomodar com o que faz agora, mas minha mãe sempre diz que isso foi um magnífico ato de acomodação.

Então ele joga a bola de basquete contra a parede repetidamente, fazendo um ruído alto.

— Então, naquela noite, um dia antes da eleição da *Corneta*, pensei “por que não?”. O que é mais ambicioso do que tentar ser editor-chefe de um jornal para o qual você mal escreveu?

Foi assim que ele decidiu? Refletindo menos do que Kim ao escolher

um brilho labial? De repente, não me sinto tão mal por estar planejando uma manifestação contra ele. Nem um pouquinho.

— Mas, depois, não gostei da razão pela qual fiz isso. Por vários motivos. — Ele me olha de soslaio. — Mas o principal foi sentir que estava concordando com a minha mãe, quando, na verdade, não concordo.

— Que você não tem ambição? Ou que você é igual ao seu pai?

— Que tem algo errado em não ter ambição nenhuma.

Eu o observo atirar aquela bola de basquete idiota em uma parede que ele não divide com mais ninguém, em um quarto que tem nada menos que um provável legado de Princeton em forma de cadeira, enquanto contempla um dilema filosófico sobre a necessidade de ter uma ambição.

— Talvez não tenha — digo, e ele solta a bola, surpreso. — Para você. Mas, se eu não tivesse ambição, acabaria igual a minha irmã, estudando o que meus pais querem, matando tempo até aparecer um garoto chinês para se casar comigo.

Len reflete sobre o que eu disse por um instante.

— É assim que é?

Então meu celular toca.

— Oi, mãe.

— Estou aqui fora. De quem é essa casa?

Começo a explicar que é a casa de um amigo, mas paro quando vejo Len se levantar para enterrar a bola de basquete. Ele está tentando agir como se não estivesse escutando a conversa, embora ele não entenda cantonês.

— De um colega de turma. A gente estava fazendo um trabalho em grupo.



— Certo. Tenho más notícias.

Sinto um aperto no peito ao ouvir aquilo, embora, sendo bastante realista, isso possa significar qualquer coisa em um espectro que vai de um empréstimo de livro da biblioteca atrasado à morte de alguém. As expressões negativas de mamãe não têm variações.

— Vou descer agora.

Enfio meu livro de cálculo na mochila e a jogo nos ombros.

— Tá tudo bem? — pergunta Len, encostado na cômoda.

— Não sei. Acho melhor ir lá ver. Obrigada por, hã... — Gesticulo para o quarto, sem graça. Não sei bem o que dizer. — Obrigada por me deixar passar um tempo aqui.

— Sempre que precisar. — Ele abre caminho e me deixa passar. — Manda um oi para a sua mãe.

Já estou no corredor antes de processar o comentário e, quando olho para trás, ele abre um sorrisinho que me faz esquecer, por apenas um momento, que tenho alguma preocupação no mundo.

# 17

Infelizmente, a má notícia é que o restaurante em que meu pai trabalha vai fechar. Quando se trata de notícias ruins, essa é bem preocupante.

Na volta para casa, mamãe passa o caminho todo se lamentando. E continua durante o jantar e enquanto lava a louça. Kim e eu ouvimos solenemente, sem dar um pio.

— Seu pai sempre teve muito azar — diz mamãe, esfregando uma frigideira com uma esponja gasta. — A vida nunca dá uma trégua a ele...

Quando papai chega em casa à noite, parece resignado, não um homem cujo trabalho está prestes a sucumbir aos caprichos da economia dos restaurantes de Little Saigon.

— Quanto tempo você tem? — pergunta mamãe.

— Uma semana — diz papai.

— Só isso?

— É o destino.

Ela tenta persuadi-lo a aproveitar essa oportunidade para sair da área gastronômica. Ela vem tentando convencê-lo há anos, por motivos até que lógicos: um trabalho em uma *gūng sī*, uma empresa, significaria férias remuneradas, folgas aos fins de semana e plano de saúde. Mas sempre foi mais fácil para ele simplesmente continuar trabalhando em restaurantes. É a área em que ele tem experiência. É o tipo de trabalho que os amigos dele podem arranjar para ele. Surpreendentemente, é o

que paga melhor. Mas é também o que o leva a ter calos nas mãos, por manusear uma panela wok industrial o dia todo, e a algumas noites trocar o cheiro de arroz frito pelo de óleo Hong Hua, um analgésico pungente que ele esfrega no punho para aliviar a dor.

Eles discutem no quarto por um tempo. Consigo ouvir a voz de mamãe através das paredes. Então a porta se abre, e os dois saem. Papai vai até a mesa de centro, onde deixou o toca-discos que ainda está consertando. Mamãe, por outro lado, vem até mim.

— Eliza — diz ela. — Seu pai não vai mais trabalhar em restaurantes. Você pode fazer um currículo para ele?

Estou sentada à mesa de jantar tentando terminar a lição de cálculo que não consegui fazer na casa de Len. Kim, esparramada em sua escrivaninha na sala de estar, me lança um olhar que diz “sua vez”.

Embora Kim, por ser mais velha, seja geralmente a responsável pela maioria das tarefas de filhos de imigrantes, em algum momento do caminho foi decidido que qualquer coisa envolvendo produção escrita seria responsabilidade minha.

— Você está sempre lendo tantos livros, e faz parte daquele jornal. — Mamãe gosta de dizer. — Você deve escrever bem.

Ela me faz pesquisar vagas de emprego na internet para as quais papai pode se candidatar — e, como a mente dela tende ao lado prático em vez do criativo, todas estão ligadas à sua própria área de atuação.

— Pesquise *montagem* — diz ela, como se essa palavra não fosse ser recebida com risos pelo algoritmo do Google.

Tento *vagas montagem Orange County*. O resultado me mostra que o termo correto para a pesquisa é *montador* e, pela primeira vez, descubro o nome do cargo da minha mãe. Porque, como você pode imaginar, “montadora” não é uma profissão fácil de entender, como

“advogada”, “contadora” ou “empregada doméstica”. Mamãe trabalha em uma fábrica de microeletrônicos em Long Beach, o que, em suma, é tudo que sei sobre o assunto. Na única vez em que visitei o site da empresa, achei as informações completamente sem nexo e superconfusas, porque as palavras, embora reconhecíveis, eram incompreensíveis. Tipo, o que é uma *matriz* nesse contexto? O que é *processamento de wafer*? Quem saberia dizer?

A ironia é que a maior parte das pessoas empregadas nesse setor tem o mesmo nível de inglês e o mesmo grau de escolaridade da mamãe ou seja, não muito altos. O fato de que essas qualificações são suficientes para executar o trabalho faz com que ele seja popular na comunidade de imigrantes chineses e vietnamitas, que repassam as vagas através de amigos de amigos — foi assim que mamãe conseguiu o emprego.

Após terminar a lição de casa, vou até o sofá com meu notebook e abro um modelo de currículo em branco. Digito o nome de papai e suas informações de contato no topo, algo bem simples. Então chega a seção de experiências profissionais.

Observando papai debruçado sobre o toca-discos, tenho certeza de que ele consegue fazer qualquer coisa que um montador faz. A parte complicada é descobrir como fazer com que suas habilidades de anos trabalhando em restaurantes pareçam remotamente aplicáveis ao trabalho. Nem sei direito o que colocar no cargo. Em cantonês, ele é chamado de *sī fú*, ou mestre, o que é ao mesmo tempo apropriado e inapropriado. Não é fácil fazer comida chinesa gostosa, mas também não é um trabalho glamouroso. Só que *cozinheiro* faz parecer que ele vira hambúrgueres em uma lanchonete, e *chef* faz parecer que ele usa um chapéu branco e é obcecado por pratos com nomes em francês.

No fim, decido usar *chef*, porque o faz parecer mais bem-sucedido, e

porque o floreio parece necessário para equilibrar o tanto de espaço em branco que sobra na página. O vazio me entristece.

— Viu só, agora está funcionando — diz ele, me mostrando como conseguiu fazer o prato do toca-discos girar suavemente.

Papai se levanta para conectar o aparelho em um par de caixas de som, outro achado abandonado no lixo alguns anos atrás. Passamos a usá-las com a nossa TV, embora ela já tenha caixas de som embutidas.

— Som surround — brincou papai.

Dou uma olhada na pequena coleção de discos chineses que papai espalhou no chão.

— Onde você arranhou esses? — pergunto, entregando-lhe um.

— Quando me mudei para os Estados Unidos, meu primo os trouxe de Hong Kong. — Papai tira o disco de vinil da capa. — Esse cantor, Sam Hui, é muito engraçado. É dos anos 1970 e 1980. Ele cantava sátiras políticas para pessoas da classe trabalhadora.

Kim, vencida pela própria curiosidade, faz um intervalo em seus estudos e se ajoelha no chão ao meu lado.

Papai posiciona o disco no prato e liga o aparelho. Então, com cuidado, levanta o braço e coloca a agulha sobre o vinil, que gira. A princípio, há um silêncio preenchido por ceticismo e suspense. Alguns segundos depois, a voz de Sam Hui atravessa o ar, sem perder tempo ao mirar no coração pulsante do homem comum: “chín chín chín chín, chín chín chín chín”, que pode ser traduzido como “dinheiro dinheiro dinheiro dinheiro, dinheiro dinheiro dinheiro dinheiro”.

Kim e eu olhamos uma para a outra. Nós nunca vimos um toca-discos em ação antes, e parece quase mágico que a música possa ser tão analógica. Sam Hui está cantando, emanando daquele pedaço de vinil arranhado? Achava que já tinha visto de tudo.

Mamãe sai do quarto para ver o que é todo aquele barulho. Ao fundo, Sam Hui cantou um refrão em inglês entre todos os *chíns*: “*No money no talk... no money no talk*”. Sem dinheiro, sem conversa.

— Não é legal, mãe? — pergunto. — Papai consertou o toca-discos.

O interesse de mamãe no toca-discos não aumentou, mas ela se esforça para partilhar do nosso entusiasmo.

— É, legal — diz ela, abrindo um sorriso cansado —, mas está tarde, os vizinhos podem reclamar. É melhor abaixar o volume.

E, assim, tudo se acaba. Papai desliga o toca-discos, Kim volta para a escrivaninha e eu para o sofá. Abro meu notebook outra vez para terminar o currículo.

Na seção da formação acadêmica, em que listo os cursos de mecânica que papai fez na faculdade comunitária muito antes de eu nascer, acrescento uma seção de habilidades e hobbies. Abaixo da lista informando que papai é trilíngue (inglês, vietnamita e chinês), digito: *consertou uma variedade de eletrodomésticos e eletrônicos, incluindo um toca-discos vintage*. Apago a frase e a reescrevo várias e várias vezes, mas acabo deixando do jeito que estava originalmente, porque não consigo encontrar as palavras certas.

## 18

No dia seguinte, logo antes do quinto período, entro na sala e encontro um livro no assento da minha carteira. Olho ao redor por instinto, como se estivesse procurando quem o deixou lá, embora eu saiba exatamente quem foi.

Eu me sento e folheio as páginas de *A vida: modo de usar*. Dentro, há um post-it com uma mensagem escrita em uma caligrafia bonita e inclinada: *Obrigado pela recomendação*.

Do outro lado da sala, Len parece estar me ignorando, ocupado com *Macbeth*, mas, no último segundo, ele olha na minha direção. Quando me vê, abre um meio sorriso, depois volta a atenção para seu livro, como se nossos olhos tivessem se encontrado apenas de relance.

De repente, fico desnorreada.

— Ei, Eliza. — Serena aparece, sentando-se na carteira de frente para a minha, embora não seja a dela. Ela olha para o meu suéter, um pulôver que não uso desde o sétimo ano. — Blusa nova?

A perda do meu fiel cardigã cinza representou o declínio dos meus uniformes, já que fui forçada a usar uma variedade de trajes alternativos para preencher o buraco em forma de suéter no meu coração. Sem sucesso, devo acrescentar.

— Não — digo, ajustando as mangas distraidamente.

Ela está segurando uma edição de *Os homens explicam tudo para mim*, de Rebecca Solnit, que tem ocupado uma posição de destaque em

suas postagens mais recentes no Instagram.

Serena começa a falar sobre um assunto que leu em um dos ensaios do livro, algo sobre silêncio ou violência. Não faço a menor ideia, porque não estou escutando.

Em vez disso, estou pensando em Len e em todas as coisas que ele me disse ontem enquanto estávamos sozinhos no quarto dele — como pareceram ser informação demais e ao mesmo tempo informação insuficiente. Desde então, fui tomada por uma espécie de curiosidade carregada de culpa. Ao passar os dedos pela capa de *A vida: modo de usar*, me dou conta de que me sinto compelida a lê-lo de imediato, não apenas para impedir Len de me superar intelectualmente, mas também porque talvez o livro contenha respostas que julgo não poder perguntar. Respostas que, de uma hora para outra, estou morrendo de curiosidade para saber.

Só então percebo que Serena ainda está falando. Ela não notou que não ouvi uma palavra do que disse, mas, nesse momento, apesar do pouco tempo como feminista assumida, sinto o peso de ser um péssimo exemplo.

\* \* \*

*A vida: modo de usar* é um calhamaço. Passo o dia inteiro bastante consciente de seu peso na mochila. Depois das aulas, quando Winona se atrasa para me encontrar perto de seu armário, penso em pegá-lo para ler. Afinal de contas, é um livro. Não é para isso que ele serve? Percebo que tenho uma aversão irracional a ser vista com ele, como se fossem perceber, só de olhá-lo, que foi Len quem me emprestou.

Antes que eu consiga me decidir, Serena surge ao meu lado.



— Oieeeee. — Ela raramente diz apenas “oi”, o que deixa Winona louca. — Você não está ocupada, né?

Reajusto minha expressão para algo que não demonstre que estive pensando intensamente em Len.

— Estou, ah, esperando a Winona.

— Ah, ótimo. Ainda bem que encontrei você. A reunião do comitê do terceiro ano foi cancelada, então pensei em recrutarmos esse pessoal para a manifestação.

Não sei dizer se o rosto de Serena brilha desse jeito por conta de seu entusiasmo implacável ou por causa de sua pele impecável. De qualquer forma, isso faz com que seja bastante difícil decepcioná-la. Mas a situação é meio complicada. Tarde da noite de ontem, depois de muito *brainstorming* (e bajulação) por mensagens de texto, finalmente convenci Winona a pôr a mão na massa e trabalhar nas mudanças para *Garagens*, e o plano é gravarmos hoje. Sua nova ideia é se inserir no filme de alguma forma, talvez como uma terceira personagem, para fazer com que a história fique, bem, mais pessoal. Não é algo que ela faça com muita frequência, até porque ela tentou fazer isso da última vez e não deu muito certo, mas ela quer tentar outra vez — e eu quero ajudar, é óbvio.

Por outro lado, não dá para negar que Serena está dedicando muita energia para fazer com que essa manifestação seja um sucesso. Será que posso mesmo dizer a ela que não tenho tempo de recrutar pessoas para o meu próprio protesto?

Winona finalmente aparece, surpresa ao nos ver paradas na frente de seu armário.

— O que tá rolando?

— Vamos chamar pessoas para a manifestação! — anuncia Serena.

— Quer ir com a gente?

Decidi que devemos continuar com as filmagens, considerando que Winona e eu planejamos isso primeiro, então balanço a cabeça.

— Na verdade...

Winona me interrompe com uma declaração que nunca pensei que ouviria sair de sua boca.

— Na verdade, Serena, essa é uma ótima ideia.

— O quê? — Estreito os olhos para ela. — Espera, achei que a gente fosse filmar hoje. Você não acabou de escrever uma cena nova?

— Escrevi — Winona parece quase indiferente ao dispensar minha preocupação —, mas não ficou boa, então vou reescrever. Depois a gente conversa sobre isso.

— Ótimo!

Serena entrelaça os braços aos nossos, e Winona precisa reunir todas as suas forças para não sair dali no mesmo instante. Mas ela se mantém firme, porque, com Serena entre nós, não posso exatamente continuar meu interrogatório. Faço uma nota mental para perguntar a ela mais tarde o que exatamente havia de tão ruim na cena perfeita que li ontem à noite.

Recrutar garotas, como é de se esperar, é a parte mais fácil. Quando abordamos o assunto com um grupo de alunas do primeiro ano jogando conversa fora em frente a seus armários, elas topam participar sem pensar duas vezes.

— Ai, minha nossa. — Uma garota, que ostenta franjas com um corte ousado e calça jeans larga, se abana com a mão. — Vocês são, tipo, uma inspiração.

— Vou entrar no conselho estudantil ano que vem — diz outra com um corte de cabelo pixie e símbolos da paz nas cores do arco-íris

pendendo das orelhas. Ela também está usando o bóton *FEMINISTA*. — Talvez eu consiga ser presidente quando estiver no último ano.

— Que orgulho de vocês! — exclama Serena, embora elas tenham acabado de se conhecer. A garota quase desmaia com o elogio, e Serena dá um aperto reconfortante em seu ombro. — Agora, lembrem-se, meninas, não postem nada, ok? A gente não quer que nos impeçam antes mesmo de começarmos.

Então ela pisca e, enviando dois beijinhos no ar para cada uma, nos carrega consigo. Winona, aparentemente esquecendo que se inscreveu para fazer parte dessa brigada dez minutos atrás, se vira para mim e arregala os olhos, incrédula.

Serena tem uma estratégia diferente para os garotos, que testemunhamos quando encontramos alguns veteranos sentados ao redor de uma mesa de almoço.

— Olá, Hunter — diz ela.

— Oi, Serena — responde ele, simpático.

Hunter Pak é o presidente do movimento estudantil. Ele não é exatamente descolado o bastante para estar no conselho, mas é bonito demais para ser um nerd de verdade. O pai dele é pastor, e Hunter, com seus olhos doces por trás dos óculos com armação grossa, às vezes parece estar seguindo pelo mesmo caminho.

— Você conhece a Eliza, certo? — questiona Serena, sentando-se ao lado dele. — E a Winona?

— Não oficialmente. — Ele acena para nós.

— Temos uma pergunta para vocês. — Agora Serena está se dirigindo aos outros garotos também. — O que vocês acham de toda aquela história da *Corneta*?

Calvin Vo coloca os pés na cadeira.

— Tô nem aí.

Hunter direciona sua gentileza para mim.

— Sinto muito. Deve estar sendo difícil para você.

— A Eliza foi *roubada* — argumenta Serena. — Vocês sabem que é verdade.

— Continuo nem aí — diz Calvin.

Serena se vira para Hunter, e sua voz fica séria:

— Você não acha que é *superinjusto*? Eliza é muito mais qualificada que o Len para ser editora-chefe. Ele é só um atleta.

— O seu namorado também — debocha Gabriel Evangelista, intrometendo-se.

— Sim — diz Serena. — E eu também não iria querer que ele fosse editor-chefe.

Isso faz até Calvin rir.

— Mas o Len é mais inteligente que o Jason — observa Hunter.

— Talvez — concorda Serena —, mas ele não foi escolhido por ser inteligente. Quer dizer, me diz você. — Ela foca o olhar em Gabriel. — Em quem você teria votado, no Len ou na Eliza?

Ele hesita só por um segundo.

— Na Eliza, se você diz que ela é mais qualificada.

Serena lança um olhar de cumplicidade a Hunter, comunicando “não falei?”. Ele, como esperado, entende algo como “você é especial”. Dá para perceber que já está convertido.

— Bom, o que a gente pode fazer para mudar isso? — pergunta ele.

— Estamos planejando uma ação. — Serena empurra o celular para Hunter. — Para fazer Len renunciar. Vou te mandar os detalhes, se você quiser participar.

Apenas Serena consegue fazer com que se inscrever em uma

manifestação feminista pareça um flerte e, ao mesmo tempo, não signifique nada. Porque Hunter deve saber que não tem nenhuma chance com Serena, mas lá está ele, digitando seu número no celular dela como se tivesse acabado de conclamar toda a congregação do pai para apoiar a causa.

— Você não vai pedir meu número? — pergunta Calvin.

— Você vai oferecer? — Serena sorri com malícia.

No fim, ela convence os três não apenas a participar da manifestação, mas também a jurar que não vão comentar sobre ela para uma alma sequer.

— Aquilo foi impressionante — digo, quando nos afastamos.

Winona, completamente espantada, não está mais de braços cruzados com Serena.

— Se você diz!

Nossa parada seguinte é o estúdio de arte, que fica em uma sala portátil e permanente na extremidade do campus. Ele foi construído sobre uma parte do terreno levemente elevada, então uma rampa dá acesso à porta. Ao subirmos, Serena pega Winona pelo braço e a coloca na nossa frente.

— O que você está fazendo? — pergunta Winona.

Serena indica o prédio como se fosse óbvio.

— É aqui que fica o pessoal “alternativo”.

Winona coça a cabeça.

— O que você quer dizer com “alternativo”?

— Quero dizer — diz Serena, nos empurrando porta adentro — que eles vão respeitar *você* mais que a mim.

O estúdio está silencioso quando entramos. Há alguns alunos nos cavaletes, cada um focando em um conjunto de frutas de plástico

espalhadas sobre tecidos vermelhos. Todos eles percebem nossa presença, mas apenas uma pessoa não volta a atenção imediatamente para a pintura.

— Oi, Winona — diz Ethan Fiore, também do terceiro ano, como nós. Ele tem um nariz aquilino e um olhar sério, além de cabelos cacheados caindo sobre os olhos.

Serena se vira para nós e solta um “viu?” sem som, satisfeita. Ela cutuca Winona, que está acenando para Ethan, sem graça.

— Essa é a sua deixa — sussurra ela. — Eu definitivamente sinto um potencial aí.

Winona, encarando Serena com uma expressão incrédula, empurra todas nós para fora da sala.

— Que foi? — diz Serena, com delicadeza, mas com uma finíssima camada de exasperação.

— Achei que nosso lance era o feminismo — diz Winona.

— Mas é — diz Serena.

Winona cruza os braços.

— Então por que você está empurrando toda essa bobagem heteronormati...

Tento intervir.

— Acho que o que a Winona está querendo dizer é que... ela acha que flertar com Ethan Fiore não é exatamente a melhor tática para ela.

— Ou para qualquer pessoa — acrescenta Winona.

— Não é flertar — argumenta Serena. — É só ser estrategicamente persuasiva. A ideia de uma manifestação é mobilizar *muitas* pessoas. Qual é o problema de abordá-las de um jeito que vai fazer mais sentido para elas?

Winona encara Serena como se ela fosse uma extraterrestre, depois se

vira para mim, implorando por ajuda.

— Você não precisa falar com o Ethan — digo.

Winona está enojada.

— Por que ter todo esse trabalho com o Ethan, ou mesmo com essa manifestação? — Ela agita as mãos ao redor com desdém. — Por que a gente não vai diretamente até a fonte? Eliza, vai lá dar em cima do Len e depois pergunta se ele não quer renunciar.

Não sei direito o que me horroriza mais, a sugestão em si, ou a forma como tudo dentro de mim desaba quando eu me pego imaginando a cena.

Serena também fica desarmada por um instante e parece até contemplar a ideia, embora apenas por um segundo.

— Ah, Winona — diz ela, com um sorriso indulgente. — Isso é totalmente diferente.

— Não é, não. É cem por cento igual. Só *parece* diferente.

Serena encara Winona com uma seriedade repentina.

— Mas isso é o que importa.

Winona não responde de imediato, o que significa que está pensando sobre o assunto. A única resposta dela, no entanto, é um murmúrio.

— Preciso de um tempo.

— Sem problemas. — Serena se inclina para inspecionar seu reflexo na janela. — Ethan vai ter que se contentar comigo.

Ela arruma o cabelo, ajusta os brincos e abre aquele sorriso outra vez, em parte para treinar e em parte para nós, e de alguma forma duvido que ela terá algum problema com Ethan ou qualquer outra pessoa.

Assim que Serena desaparece sala adentro, Winona verbaliza sua fúria:

— Sério, qual é a dela? — dispara, andando de um lado para o outro na rampa. — Eu estava totalmente certa sobre essa garota. Ela não é feminista, coisa nenhuma!

A conversa de ontem com Serena, sobre como o efeito Hwangbo exige esforço, luta por espaço em minha mente ao lado da afirmação de Winona.

— Talvez — sugiro — ela só esteja partindo de um lugar diferente?

Nós observamos pelo vidro enquanto Serena ri de alguma coisa. Seus dedos roçam levemente o cotovelo de Ethan. Está na cara que ele aceitou participar da manifestação.

— Você está ficando muito boazinha — resmunga Winona.

Essa declaração por alguma razão me incomoda, e não consigo deixar de pensar que Winona, apesar de me conhecer tão bem (ou talvez por causa disso), seria minha crítica mais ferrenha se isso realmente fosse verdade — se eu realmente fiquei *muito boazinha*. Só queria conseguir explicar para ela que essa coisa toda de feminismo está começando a ficar pesada para mim.

— Escuta — digo —, eu sei que a Serena é... uma figura. Mas a gente precisa dela. — Serena se vira para a porta, de costas para Ethan e o resto dos alunos, e eu a pego soltando um suspiro breve e privado. Winona, apesar de tudo, também nota. — E, mais importante, acho que ela precisa da gente também — acrescento, acenando para a janela. — Esse é o objetivo do feminismo, certo? Todas nós ajudando umas às outras?

Suspirando, Winona se senta na beira da rampa e balança as botas no ar.

— É, eu sei — resmunga ela. — Só queria que a gente conseguisse concordar com os detalhes.



# 19

Naquela sexta-feira, devido à ausência inesperada de Tim O'Callahan, James passa uma tarefa de última hora para Len.

— Pensando bem, acho que é para você também, Eliza — acrescenta ele, acenando para mim.

Vou até o canto de Len, relutante.

— Certo — diz James. — Já que o Tim está doente, eu estava pensando se vocês dois não poderiam cobrir a reportagem dele.

— Qual é o assunto?

— Bom, você não vai gostar, Eliza, mas... envolve um jogo de beisebol.

Faço uma careta.

— Por que um jogo de beisebol é notícia? — Estou brincando, mas só um pouquinho.

— Vai entrar na seção de Esportes — diz James. — Você sabe que a gente tem essa seção, não sabe?

— Sei, sei.

— Além disso, não é qualquer jogo de beisebol — explica Len. Ele está sentado sobre as pernas, como sempre, em cima de uma escrivaninha. — Vai ser um jogo possivelmente *histórico*.

Presumo que é só o lado atleta de Len falando, mas então vejo James concordando com a cabeça, entusiasmado.

— Isso — diz ele. — Willoughby vai jogar contra Hargis High, e a

expectativa é que Jason Lee quebre o recorde de *home runs* em uma única temporada.

Os dois esperam minha reação, ansiosos, como se agora eu devesse entender por que esse jogo é tão importante. Lanço um olhar de “até tu, Brutus?” para James.

— Você está falando do Jason Lee que namora a Serena Hwangbo? — pergunto.

— O próprio — responde James. — Campista central.

— Ele é muito bom, na verdade. — Len diz isso com mais seriedade do que a maioria das coisas que ele já disse.

— Então, vocês dois podem cobrir o jogo? — pergunta James.

— Espera um pouco. — Pego meu celular e mando uma mensagem para Winona, implorando para que ela fale que sem sombra de dúvidas precisamos filmar *Garagens* hoje, sem falta.

**Winona: Nah, a gente não precisa gravar hoje.**

**Eu: Você tá reescrevendo o roteiro de novo?**

**Winona: Eu preciso que fique bom. Você sabe.**

**Eu: Mas você também precisa que fique pronto!**

Não recebo uma resposta imediata depois disso. Suspeito que não vou receber nenhuma. Estou prestes a perturbá-la outra vez quando percebo que Len saiu de cima da carteira e agora está parado ao meu lado, perto o bastante para dar uma espiada na minha tela, ou seja, tão perto que chega a ser *rude*. Nervosa, eu o empurro.

— E aí? — Len mal consegue conter o sorriso. — Você conseguiu remarcar o coquetel de sexta com o fiscal do condado?

Irritada, encaro James, que parece estar se divertindo horrores com tudo isso, e depois volto a checar meu celular, mas Winona não deu nem mais um pio.

— Tive que fazer alguns ajustes — comento, enrijecendo os ombros

—, mas, para sua sorte, vou poder ir.

— Como explicar? Sempre fui um cara de sorte.

Preciso fazer um esforço tremendo para não lhe dar um tapinha enquanto saímos.

\* \* \*

O vento está atipicamente forte, e faz um calor que não combina com a força bruta dos vendavais. Uma secura sobe pelas minhas mãos e bochechas. O desconforto, somado à sensação de me sentir uma estranha para mim mesma, é vago, meio como a tristeza pré-menstrual. A poeira que parece me cobrir, que penetra o interior das narinas e bagunça a mente, está e não está lá ao mesmo tempo. Parece coisa da minha cabeça até eu perceber que a fonte de tudo isso é um visitante perene que, por alguma razão, as pessoas nunca esperam: os ventos de Santa Ana.

— O clima não parece muito bom para um jogo de beisebol — observo, gritando para ser ouvida enquanto luto para alcançar o banco do passageiro do carro de Len.

— Não é dos melhores — grita Len de volta.

Nosso destino é a escola Hargis High, e Len se ofereceu para dirigir em grande parte porque, do contrário, eu não teria como chegar lá. Quando vou entrar no carro dele, a porta se abre sem esforço. Eu me ajeito no assento, afastando os fios de cabelo do rosto, que estavam embolados. Curiosamente, ele está com um cheiro esquisito de cobre — diferente do meu xampu. Fechar a porta do carro contra o vento revoltado, me isolando dos uivos agora abafados, parece em si um ato de triunfo.

— Os ventos de Santa Ana não são brincadeira — diz Len, esfregando os olhos com o braço antes de ligar a ignição.

O cabelo também está desgrenhado por causa do vento, e quase considero estender o braço e tocá-lo — se quero arrumá-lo ou deixá-lo pior, eu realmente não saberia dizer.

Enfio as minhas mãos sob as pernas, sem graça, e tento pensar em alguma coisa razoável para conversarmos.

— Outro dia li um ensaio sobre os ventos de Santa Ana. Da Joan Didion.

Len dá a partida.

— Ah, é? O que ela tinha a dizer sobre eles?

— Basicamente, ela falou sobre como eles são perturbadores. Como o próprio ar faz as pessoas agirem de maneira estranha, como se matar ou se envolver em acidentes. — Nossa, estou fazendo um trabalho de primeira conduzindo essa conversa. Mas Len parece intrigado, então continuo. — Ela também falou sobre como as pessoas que não são do sul da Califórnia acham que aqui não temos um clima próprio, mas na verdade temos. Eu me lembro de uma frase, alguma coisa sobre o clima de Los Angeles ser o clima do apocalipse. Porque os ventos podem fazer a cidade ser consumida em chamas em um piscar de olhos.

— Hmm, é mesmo.

Por um segundo, enquanto esperamos para sair do estacionamento, Len me olha como se tivesse sido eu quem pensou naquela frase, não Joan Didion. Decido me concentrar nas árvores lá fora, e fico observando as folhas agitadas.

— Eu gostei do jeito como ela escreveu sobre o assunto, acho. Tipo, ela pegou essa coisa que já vivenciei de um jeito tão mundano e a transformou em algo diferente. Pela primeira vez, senti que alguém

escreveu sobre um lugar que eu conheço de um jeito literário. — De repente, não sei bem por que divaguei sobre isso por tanto tempo. — Enfim.

Len, no entanto, pega o pensamento como se eu não tivesse tido a intenção de soltá-lo.

— É, entendo o que você quer dizer. É como se a escrita dela tivesse feito esse lugar parecer... digno, de alguma forma.

— Isso, exatamente. — Fico surpresa por ele entender. — Enfim, você devia ler. Está na nossa apostila de leitura avançada, na verdade. Foi lá que eu li.

— Talvez eu dê uma olhada.

O estacionamento fica no lado norte do campus, então só agora estamos entrando na rua principal.

— Como será que vai o Boba Bros? — digo, quando passamos por lá. — Um *bubble tea* cairia bem agora.

Sem qualquer aviso, Len entra no estacionamento do centro comercial, raspando o fundo do carro no meio-fio.

— O que foi? — exclamo.

Len entra em uma vaga vazia, então exhibe seu sorriso oficial.

— Foi uma boa ideia.

Peço meu chá de lavanda de sempre. Já Len experimenta uma coisa diferente — matcha com leite de aveia. Mais uma vez, no entanto, sua escolha é patética. De volta ao carro, ele coloca a bebida no porta-copos entre nós, e vejo que ele já consumiu cerca de um terço do líquido.

— Você bebe rápido demais — digo, examinando seu copo. O canudo já está mordido. — Ainda tem um monte de *bubbles*.

— Eu sei. É difícil encontrar um equilíbrio.

— É *mesmo* uma arte — concordo, tomando um gole calculado da

minha bebida.

A caminho de Hargis, dou uma espiada no interior do carro. É tão limpo quanto o quarto dele, mas, fora isso, é diferente do que eu estava esperando. Na minha cabeça ele dirigia um carrão monstruoso, daqueles que ficam tão longe do chão que até viagens monótonas fazem você se sentir dentro de um carro alegórico em seu próprio desfile. Em vez disso, ele tem um Toyota pequeno e antigo. Mesmo com o banco empurrado totalmente para trás, Len fica um pouco espremido, com os cotovelos e joelhos dobrados, meio como se ele estivesse dirigindo um carro de palhaços.

— Qual é a graça? — pergunta ele, abaixando a cabeça para espiar o semáforo.

— Seu carro é menor do que eu esperava — respondo.

Ele ri.

— O quê? Você não ficou impressionada com o meu carrão?

— Não estou dizendo que é um carro ruim. Só estou dizendo que é um carro que a minha mãe dirigiria.

— Esse *era* o carro que a *minha* mãe dirigia.

Por algum motivo, acho aquilo hilário, o que o diverte. Por alguns minutos, realmente parece que somos amigos.

— Aliás — diz ele depois de um tempo —, ficou tudo bem com a sua mãe?

Levo um segundo para lembrar que mamãe me ligou enquanto eu estava na casa de Len.

— Ah, é a vida, acho.

Conto a ele sobre a situação do papai e como estou tentando ajudá-lo a procurar emprego. Às vezes, quando as pessoas descobrem que Kim e eu fazemos coisas desse tipo, elas ficam chocadas, como se eu tivesse

acabado de dizer a elas que na nossa casa precisamos esfregar o chão com uma escova de dente. “Por quê?”, elas perguntam, incrédulas, e nunca sei como responder.

Mas Len não pergunta nada.

— Legal da sua parte — diz ele.

Apoio meu cotovelo na porta.

— Na verdade, não. Quer dizer, não tenho escolha.

— Mesmo assim. Eu não preciso fazer nada desse tipo para os meus pais.

— Mas você carrega as compras para sua mãe.

— Isso é verdade, faço trabalho braçal. Meu pai me faz cortar a grama também.

— O fardo de ser um filho homem.

— Sabia que você entenderia.

Ao nos aproximarmos de Hargis High, abaixo a janela para observar o campus. E, por uma fração de segundo, parece que estou vendo Willoughby em um universo alternativo. Tudo é igual: a entrada circular, a fachada de reboco, as paredes de blocos de concreto e a posição das janelas. As únicas diferenças são a pintura (azul-marinho em vez de bordô) e o letreiro HARGIS HIGH.

— Isso é tão esquisito — digo, depois que Len estaciona. — Sinto que vamos encontrar nossas versões alternativas aqui.

— Ah, é? — Len está com a câmera pendurada no pescoço novamente, desta vez com uma lente de zoom para longas distâncias. Dando alguns passos para trás, ele a ergue e tira uma foto do pátio de Hargis. — Como elas seriam?

— Bom, o Len de um universo alternativo seria... — Eu o analiso enquanto ele tira outra foto. — Tagarela. Direto. Muito sério. — Outro

clique. — E feminista, óbvio.

Len abaixa a câmera e sorri para mim.

— Entendi.

— E a Eliza de um universo alternativo?

Len reflete por um momento.

— Ela provavelmente seria... tranquila, humilde e *completamente* obcecada por garotos.

Solto uma risada debochada.

— O que ela acha do Len do universo alternativo?

— Ah, ela gosta dele.

— E ele gosta dela?

— Aham. Eles se dão superbem.

Ele está perto o bastante para que a única coisa que nos separa seja a câmera, com suas lentes estendidas, erguidas na altura do peito. Se, por qualquer razão, eu me aproximasse muito abruptamente, poderia quebrar um dos equipamentos fotográficos mais caros da *Corneta*. Isso me deixa estranhamente nervosa.

— Os dois parecem insuportáveis — digo, me afastando.



## 20

No campo, Len e eu nos sentamos na arquibancada, onde temos uma boa visão da quarta base pela cerca de metal. Estamos no lado mais próximo do abrigo do time visitante, e vejo alguns dos jogadores de Willoughby, vestidos em bordô e branco, brincando com a bola.

— O nome disso é aquecimento — diz Len.

— Certo — digo.

Um dos alunos do terceiro ano, Luis Higuera, vê Len e acena.

— Len-*chan*! — grita ele, o que provavelmente é a única palavra em japonês que ele sabe.

Ele e um aluno do quarto ano, Adam Gibson, correm até a cerca.

— Como vai? — grita Len, abrindo um sorriso.

— Vai arremessar para a gente hoje? — pergunta Adam. — Eu deixo você começar.

— Que nada, cara, ainda estou me recuperando. — Len aponta para o cotovelo.

— Sei, sei — diz Luis. — É por isso que a gente tem que se contentar com esse cara.

— Vai à merda, Higuera — diz Adam, brincando.

Len observa os ares tempestuosos no céu sem nuvens e estranhamente luminoso.

— Vocês vão ficar bem com esse vento?

— Cara, tá uma bosta. — Adam abaixa o boné e Luis balança a

cabeça e faz o sinal da cruz.

Adam indica a câmara de Len com a cabeça.

— Vocês vão documentar o jogo?

— É, eu e Eliza estamos fazendo a cobertura para a *Corneta* — explica Len.

— Ei, você não é aquela mina feminazi? — pergunta Adam, notando minha presença pela primeira vez.

Luis dá uma cotovelada nele, em uma tentativa de repreendê-lo, mas Adam olha de Len para mim e diz:

— Pelo jeito vocês fizeram as pazes, hein?

Finjo ingenuidade.

— Fazer as pazes pelo quê?

— Pronto! — berra o juiz. — Vamos começar!

Enquanto os garotos se posicionam — os de Hargis no campo, os de Willoughby no abrigo, com exceção de Luis, que é o primeiro a rebater —, o vento ganha força, levantando uma densa nuvem de poeira, que demora um minuto inteiro para abaixar. Len e eu precisamos puxar nossas blusas para cobrir o rosto e não inspirar a poeirada.

O juiz faz sinal para começar. O arremessador de Hargis, um ruivo com pernas desengonçadas, gira o braço em movimentos exagerados e lança a bola com força no *home plate*.

— *Strike!* — urra o juiz.

Mal tive tempo de piscar.

— Mas o Luis nem mexeu o taco!

— Não importa — diz Len. Ele analisa o arremessador por um segundo. — Esse tal de McIntyre parece bom.

Luis consegue chegar à primeira base, mas McIntyre acaba eviscerando nossos dois próximos rebatedores como se os ventos de

Santa Ana não passassem de meras brisas. Então chega a hora de Jason Lee ocupar o *home plate*.

O público sabe exatamente quem ele é. A atenção coletiva forma uma corrente elétrica perceptível mesmo à ventania. Ao meu redor, as pessoas ajeitam a postura, esticam o pescoço, prendem a respiração — todos estão focados no garoto de ombros largos com jeito de boxeador e um taco de beisebol na mão. Até eu estou curiosa para ver o que ele vai fazer.

Diferente dos outros jogadores de Willoughby, Jason parece ser canhoto. Ele esfrega um pé no chão, dá batidinhas no chão com o taco, depois faz o mesmo no outro lado. Então me ocorre, enquanto o observo girar o taco para a frente e para trás antes de assumir sua postura de rebatedor, que Jason faz aquele pedaço de alumínio parecer leve.

McIntyre faz o primeiro lançamento, um arremesso veloz na direção de Jason, que é forçado a sair do caminho com um salto.

— Bola fora! — grita o juiz.

— Essa quase acertou o Jason! — exclamo. — O McIntyre estava indo tão bem.

Len estreita os olhos na direção do montinho do arremessador.

— É possível que ele tenha feito isso de propósito — explica. — Só para desconcentrar o Jason.

— Ele pode fazer isso?

— Não tem nada que impeça.

— Você fazia isso?

— Se precisasse. — Ele começa a se virar para mim, mas seus olhos continuam no campo até ele perceber minha reprovação silenciosa. — O quê? — diz ele, rindo. — Você achou que eu jogava limpo?

Sinto um inexplicável desejo de sorrir e o reprimo rapidamente.

— Não.

A hipótese de Len sobre McIntyre, porém, parece improvável quando o próximo lançamento acaba sendo mais uma bola fora. Os torcedores de Hargis percebem isso também, e o descontentamento deles desperta como uma fera.

— Vai, McIntyre, joga direito! — ressoa uma voz nas arquibancadas.

A torcida de Willoughby, por sua vez, também não está feliz. Seus protestos são igualmente altos, e fica explícito o que estão pensando: nosso Jason é melhor do que isso. Como ele vai quebrar o recorde se não tiver nada para rebater?

O lançamento seguinte é mais uma bola fora, e agora McIntyre chegou ao limite. O vento levanta outra nuvem de poeira, e o atraso subsequente se torna culpa do arremessador.

— Vai logo e acerta, Georgie! — grita alguém da torcida. — Para de arremessar igual uma menininha!

Olho ao redor, mas ninguém além de mim parece incomodado por esse comentário. Aos poucos, começo a perceber que estou no meio de uma multidão, incitada pelo fanatismo desnecessário e pelos ventos de Santa Ana, e ainda estamos na primeira entrada de nove.

O quarto arremesso de McIntyre é, por fim, aceitável, e Jason gira o taco, acertando a bola com um ruído satisfatório. Ela sobe como um foguete em direção ao campo externo, traçando uma elegante parábola que parece destinada a se tornar um *home run* — mas, infelizmente, os ventos diabólicos seguem seu próprio cálculo e, no último segundo, algo muda. Todos nós testemunhamos: em um momento, a bola está a caminho da cerca; no outro, é desviada de sua trajetória pelo vento, caindo sobre a luva de um defensor externo de Hargis, que, para sua

sorte, não tirou o olho da bola.

O público fica impressionado. Os torcedores de Hargis reagem primeiro, irrompendo em gritos de comemoração quando o juiz declara a entrada. McIntyre, vingado, agora é um herói, e vai praticamente aos pulinhos até o abrigo de Hargis, percorrendo as linhas de *foul* com saltos entusiasmados.

— Todo mundo é tão... passional — comento com Len enquanto o time de Willoughby toma o campo.

Ele não responde de imediato, porque também está focado no primeiro rebatedor de Hargis, que, a julgar pelo som, fez contato com o primeiro arremesso de Adam Gibson. Eu me viro bem na hora para ver nosso campista direito se atrapalhar e derrubar a bola.

Len emite um som de alguém que acabou de quebrar o dedo.

— O que foi isso? — pergunta, incrédulo.

Ele joga as mãos para o ar, e o torcedor ao nosso lado, um homem de meia-idade com uma jaqueta corta-vento de nylon, concorda efusivamente.

Encaro Len, sem acreditar direito que ele é o mesmo garoto que lê literatura francesa praticamente desconhecida por diversão.

— Acho que não entendo a graça de assistir a esportes — digo quando ele volta ao normal.

— Não? — Len apoia os cotovelos na arquibancada atrás dele. — Você está me dizendo que, quando Jason Lee acertou aquela bola, o suspense sobre onde ela ia cair não te animou nem um pouquinho?

— Se está tentando argumentar que não é sempre uma chatice completa, beleza. Mas nunca entendi toda essa devoção. — Gesticulo ao nosso redor. — As pessoas ficam eufóricas demais quando o time delas vai bem, e bravas demais quando não vai. Incluindo você.

Len mexe na parte de trás do cabelo, sorrindo.

— Isso não parece razoável pra você?

— Não, acho que parece uma forma de tribalismo. É uma dessas coisas que todo mundo aceita como normal, mas é meio esquisita quando paramos para pensar. O que eu ou você ganhamos se Willoughby vencer esse jogo?

— Uma boa história.

— Discordo. Ainda poderia ser uma boa história mesmo se Hargis vencesse.

Len fica em silêncio por um minuto, mas dessa vez é porque está pensando. Enquanto isso, Hargis faz um ponto, e a arquibancada explode de alegria.

— Tem algo de arbitrário nisso — concorda Len, se aproximando do meu ouvido, de forma que apenas eu posso ouvi-lo. — Quero que Willoughby ganhe porque é a minha escola. E isso significa que eu tenho que odiar Hargis, só porque não é minha escola. Então, nesse sentido, sim, entendo o que você quer dizer. — Ele dá de ombros. — Mas também pode ser mais que isso, acho.

Observamos o próximo rebatedor de Hargis caminhar até a base.

— Sabe, meu bisavô jogava beisebol quando morava em um daqueles campos de concentração para japoneses na Segunda Guerra.

— Sério?

Len tira o celular do bolso e me mostra uma foto. Ajustando-a em um ângulo que não pegue sol, vejo que é o retrato de um time de beisebol: duas fileiras de rapazes com uniformes brancos, posando em frente à barreira, com o deserto atrás deles. Na parte de baixo, alguns dos elegantes caracteres japoneses são parecidos o bastante com os chineses para que eu consiga distinguir que a foto foi tirada em 1945.

— Qual é o seu bisavô?

— Você consegue adivinhar?

Eu pego o celular e aumento a imagem. Um rapaz, ajoelhado na fileira da frente, tem um sorriso confiante e olhos familiares.

— Esse aqui.

Len ri.

— Você é boa.

Devolvo o celular.

— É surreal o seu bisavô ter passado por isso.

Minha família, com sua fuga da guerra no sudeste asiático, também passou um bom tempo em centros de detenção, mas eles eram refugiados tentando chegar aos Estados Unidos. A família de Len já era estadunidense. Esse tipo de coisa não deveria acontecer.

— Sim, foi horrível demais. Mas acho que isso explica em parte por que o beisebol era tão popular nos campos. Era um jeito de ser nipo-estadunidense quando o resto do país não os via assim. Eles construíam esses campos praticamente do zero, e às vezes até times de fora, de pessoas que não estavam encarceradas, iam lá para jogar contra eles.

No campo, o rebatedor de Hargis acerta a bola com força, e nós a observamos sair do diamante.

— Meu avô falava que o pai dele sempre achou que o beisebol era uma forma de aproximar as pessoas, apesar das diferenças entre elas.

— Você acha que isso ainda é verdade?

— Não sei. — Ele olha de relance para mim, depois contempla o campo. — Às vezes.

O vento ganha força outra vez, nos cobrindo com uma névoa de poeira. Sentada ali tão perto de Len que nossos joelhos quase se tocam, começo a pensar que, talvez, beisebol não seja assim tão chato.

\* \* \*

Infelizmente, quando começa a nona entrada, o placar está 1 a 0, com Hargis na frente. Jason ainda não fez um *home run*, o que significa que todo o objetivo da nossa reportagem provavelmente não vai se concretizar.

— Ele só tinha que fazer *uma* coisa! — Balanço a cabeça, frustrada.

— Ei, não duvide de Jason Lee — diz Len.

Tendo convencido Len a me deixar ficar com a câmera, descemos para a lateral do campo. Ele passou a oitava entrada inteira me ensinando a usá-la, mas ainda não entendi bem.

— Quando você acha que vai voltar a jogar? — pergunto, enquanto tiro uma foto de Isaac Furukawa, o atual rebatedor de Willoughby.

— Oi? — Len está observando Isaac também.

— Beisebol. Arremesso. — Olho para a foto de Isaac, mas a coisa toda é só um borrão, e não de um jeito artístico. — Quando você vai voltar?

— Ah — diz Len. — Não vou.

Surpresa, quase bato com a câmera na cerca.

— O quê? E aquela história do seu bisavô? Sobre o beisebol aproximar as pessoas?

— Ainda aprecio o esporte. Só não sei se quero continuar jogando.

Viro a câmera para ele, mas preciso dar um passo para trás, porque a lente é grande demais.

— Não consigo entender.

Len ergue uma mão para bloquear a visão da câmera.

— Posso ficar com a câmera de novo?

— Tira a mão daí.



— Acho que eu prefiro ficar com as fotos.

— Ah, deixa, vai.

Ele finalmente concorda, e consigo tirar uma foto dele sorrindo, envergonhado.

— Como assim você não quer voltar a jogar? — pergunto, admirando a foto. Ficou boa, mas não saberia dizer como consegui tirá-la.

— Só não quero mais.

Volto a câmera para o campo e tiro uma foto do último arremessador de Hargis, um garoto atarracado e loiro chamado Walnes.

— Você tem medo de não ser tão bom quanto antes?

Quando abaixo a câmera, ele ainda não respondeu, então suspeito que perdi sua atenção para o jogo. Mas ele está olhando para a grama.

— Na verdade, meu médico disse que eu podia voltar nessa temporada. — Ele traça uma linha no chão com a ponta do tênis. — Em teoria, se eu tomar cuidado e me esforçar, uma hora ou outra vou conseguir arremessar como antes. Provavelmente.

— Isso é bom, não é?

— Talvez. Só não sei se o esforço vale a pena.

Ele tenta dizer isso casualmente, como se estivesse jogando as chaves em cima da mesa, mas alguma coisa naquelas palavras me deixa triste.

— Com certeza vale — disparo. — Nunca te vi arremessar, mas se você era metade do que o McIntyre é... — Nesse ponto, a boca dele se contorce. — Então eu diria que você certamente era muito bom. — Ele finge revirar os olhos para mim. — E se você consegue fazer algo assim tão bem, quer dizer, acho que é o que você falou sobre o Jason acertando a bola. É animador.

Um grande sorriso lentamente vai tomando conta de seu rosto, o que

não me agrada nem um pouco.

— Espera, você está dizendo que *fica* animada com beisebol?

— *Não*. Nossa, Len. — Meu rosto inteiro ficou quente sem motivo nenhum. — Só estou dizendo que acho que sempre vale a pena tentar ser bom em alguma coisa.

— Sou bom em várias coisas sem nem tentar — brinca ele, e queria ter uma bola de beisebol para jogar na cabeça dele.

Mas então seu sorriso esmorece um pouquinho, e seus olhos se voltam para o campo.

— Quer saber a verdade?

— Aham.

Ele esfrega o ombro esquerdo, então vejo uma cicatriz fina se estendendo ao longo do lado interno de seu braço.

— Desde que descobri que conseguia lançar uma bola de beisebol melhor do que a média — começa ele —, sou arremessador. Era uma parcela grande da minha identidade. E é verdade. Parte de mim não quer voltar agora porque tenho medo de não conseguir. — Ele se encosta na cerca. — Especialmente porque, dessa vez, parece que estou me comprometendo com uma decisão muito séria. É como se eu estivesse dizendo que *quero* isso. Que quero ser o melhor arremessador.

Ele não olha para mim, mas, de repente, eu entendo.

— E é disso que você mais tem medo. De falhar em uma coisa que você realmente quer.

— É. — Ele passa o dedo pelos fios de metal da cerca. — Mas aí é que está. Quando torci meu cotovelo, o que doeu demais, aliás, a primeira coisa que todo mundo queria saber era como curá-lo. Para que eu pudesse continuar sendo um arremessador. Era como se eles achassem que minha vida fosse acabar se eu não pudesse jogar mais.

Mas quando estava lá deitado, prestes a entrar na sala de cirurgia, pensei numa coisa.

Ele volta a olhar para mim, como se quisesse conferir se ainda estou ouvindo. Deixei a câmera pendurada na altura da barriga e já parei de acompanhar a partida há muito tempo.

— Eu treinei tanto para ser um arremessador, dei tanto de mim, que no final foi isso que me fez *não* ser mais um arremessador. E isso é tão bizarro. Foi como se a minha identidade estivesse devorando a si mesma.

Ele coloca as mãos nos bolsos do moletom, encolhendo-se como se tivesse esfriado, embora o vento esteja soprando como antes.

Penso em confortá-lo, colocar uma mão em seu braço, mas não o faço.

— Você queria uma nova identidade.

— Talvez.

— E você tem medo de que, se voltar, estará voltando *pra valer*. Talvez você fique tão bom quanto antes, ou até melhor. Então vai acabar preso como Len DiMartile, a estrela do arremesso. Até que tudo se acabe outra vez.

— Acho que sim.

— Então você tem medo de falhar e medo de não falhar.

— É. — O riso dele é acanhado. — Acho que é mais fácil simplesmente não voltar.

— Certo, é mais fácil seguir em frente e ser editor-chefe da *Corneta*.

Ele analisa meu rosto, como se estivesse tentando descobrir se estou chateada.

— Só estou te contando isso porque você já acha que eu sou um babaca — diz ele baixinho.

— Eu nunca falei isso.

— Verdade. As coisas que você disse eram piores e mais específicas.

— É mesmo?

— É brincadeira, Eliza.

Seguro a câmera com as duas mãos, sentindo o peso pouco familiar.

— Bom, só tenho mais uma coisa para te falar.

— Só uma, é?

— Não acho que ter medo seja uma boa justificativa.

Len não responde e, por um tempo, ficamos observando o campo em silêncio.

Quando chega a vez de Jason rebater de novo, Len me cutuca com o cotovelo.

— É a vez dele. Pronta para tirar a foto?

— Aqui. — Fico na ponta dos pés para devolver a câmera para o pescoço dele. — Não quero ser a razão de não termos boas fotos de Jason Lee fazendo história. — Então coloco as mãos nos quadris e me concentro na jogada final, assim como todos os outros.

Jason, como muitas estrelas do beisebol (segundo o que me disseram), tem muitas superstições. Ele repete seu ritual antes de rebater, movimento a movimento. Então Walnes joga a bola diretamente no *home plate* com uma velocidade espetacular.

Mas Jason se sai bem, assim como Len prometeu, com um giro de expert que faz aquela pequena esfera de couro voar, mais uma vez, sobre o campo externo. Dessa vez, os ventos, por misericórdia ou indiferença, carregam a bola para a frente, permitindo que ela complete seu merecido arco sobre a cerca.

O público se levanta em um pulo, e os sons de decepção se misturam aos gritos de comemoração, então tudo que ouço é uma onda de

aplausos ruidosos. Luis e Jason percorrem o diamante até a base, acenando como heróis de guerra.

Len urra e agarra meus ombros, gritando:

— Ele conseguiu!

Estranhamente, também estou pulando sem parar, aplaudindo e rindo, e é só quando a lente da câmera toca de leve no meu corpo que percebo o que está acontecendo: estou em um jogo de beisebol, e estou feliz por nenhuma outra razão além do fato de que alguém fez um *home run*.

Estou tão fascinada comigo mesma que mal presto atenção ao final do jogo, que acaba antes que eu me dê conta. Hargis não consegue se recuperar no fim da nona entrada, e então já era. Nós vencemos.

Quando os times se encontram no meio do campo para se cumprimentarem, Len nota meu silêncio e me dá um tapinha nas costas.

— Vamos lá — diz ele, caminhando até o abrigo de Willoughby. — Chegou a hora da sua especialidade.

— Qual?

— Fazer perguntas.

Passamos um tempo conversando com os jogadores, e Len me deixa conduzir a maior parte das entrevistas. Eles fazem piadas que eu não entendo, contam histórias de coisas que um deles fez em anos anteriores, e Len ri bastante. Seus olhos se enrugam tanto que não sei se o rosto dele aguenta outra história sobre as trapalhadas “daquele jogo contra o Santa Agatha na primavera passada”.

Quanto a mim, quase todos me tratam com uma cortesia respeitosa que me deixa perplexa. Com exceção de Adam, cujo papel parece ser o do “sem noção”, ninguém faz qualquer referência à situação toda do feminismo. Tenho a sensação de que, se um desconhecido na

arquibancada me insultasse bem agora, eu teria o time inteiro atacando o infeliz em uma demonstração furiosa de cavalheirismo.

Estaria mentindo se dissesse que eles não têm certo charme, esses garotos atraentes e suas provocações amigáveis, ao mesmo tempo afetuosas e protetoras. Eu me pergunto se eles estão sendo legais agora só porque ainda estão animados com a vitória sofrida ou se é uma extensão da devoção por Willoughby. Não sou tão prepotente de achar que é por causa do meu profissionalismo como repórter da *Corneta*. Nesse lugar, sinto que sou tipo a irmãzinha ou a namorada de algum deles.

A alguns metros de distância, Len se engaja em outra conversa, mas, quando nossos olhos se encontram, ele dá um sorriso.

E é aí que entendo: é por causa de Len. Sou apenas a garota que está com ele. Eu poderia ser Natalie ou Olivia, e não faria diferença nenhuma. Não importa que tipo de tumulto eu tenha causado fora daqui, ou que tipo de coisa eu tenha dito sobre Len. O que importa é que estou aqui com ele, e Len parece estar tranquilo com isso, então o respeito que eles têm por ele se estende a mim. É inquietante. Faz com que eu me sinta conivente com algo que não entendo.

Decido que já passei tempo suficiente com o time. Mando uma mensagem para Len dizendo que vou procurar um banheiro e não espero a resposta antes de sair.

O vestiário feminino é a alternativa mais próxima, mas todo mundo teve a mesma ideia que eu, então a fila está enorme. Então, penso: com o mapa de Willoughby em mente, devo conseguir encontrar outro banheiro facilmente. Não tem erro, e logo acho outro no prédio principal, assim como no campus da minha escola.

Len me manda uma mensagem enquanto lavo as mãos:

**Qual banheiro?**

Respondo:

**No outro prédio.**

Olho meu reflexo no espelho, e o desânimo surge sob a luz fluorescente. Meu cabelo está armado e cheio de frizz, e minhas bochechas estão rosadas por causa do vento. Vasculho minha mochila, lembrando que Kim me deu de presente um tubinho de hidratante chique alguns meses atrás, que eu interpretei como um péssimo presente de aniversário e joguei lá dentro sem pensar duas vezes. Mas, agora, com minha pele parecendo uma lixa, estou meio aliviada de tê-lo aqui.

Enquanto aplico o creme, porém, minha imagem — a maneira como estou debruçada sobre a pia, inspecionando meu rosto com uma concentração cheia de esperança e ansiedade — me faz pausar. Não sei bem o motivo, até perceber que é porque estou parecendo minha irmã.

E não gosto nem um pouco disso.

Penso em um episódio que aconteceu há muitos anos, logo depois de Kim começar o segundo ciclo do ensino fundamental, quando nós ouvimos mamãe conversando com uma das nossas tias.

— Kim era tão bonita — disse A yī, na cozinha, sem saber que estávamos ouvindo. — Uma pena a pele dela ter ficado desse jeito.

— Não podemos deixar ficar pior — concordou mamãe em voz baixa. — O rosto de uma mulher é muito importante.

Kim e eu estávamos vendo TV na sala, mas isso a fez se erguer em silêncio e ir até o banheiro, onde começou a se lamentar pela constelação de espinhas que tomara sua testa havia pouco tempo.

— Não está tão ruim assim — arrisquei, mas ela bateu a porta na minha cara.

Naquele momento, parada sozinha no corredor escuro, eu me questioneei se havia algum sentido em ser bonita, se a beleza podia ser

perdida de maneira tão fácil e arbitrária. Mesmo que você a recuperasse (como aconteceu com Kim, graças à filha dermatologista da colega de trabalho de A yī e, se você perguntar à mamãe, às preces excessivas ao Guanyin Buda), manter uma coisa tão frágil como a beleza parecia exigir uma obsessão constante. Foi assim que decidi que nunca me sujeitaria a algo tão cruel. Todos estavam sempre dizendo que eu era mais inteligente que Kim, então era isso que eu seria.

Agora, no entanto, aqui estou *eu* parada na frente de um espelho, com as bochechas cobertas pelo hidratante com cheiro de eucalipto de Kim, imaginando o que as pessoas veem quando olham para mim.

Sério, preciso sair dessa. Balanço a cabeça, depois espalho o creme vigorosamente na pele, até o último vestígio dele desaparecer.

Quando saio do banheiro, vejo Len encostado em um pilar perto das janelas do refeitório, lendo alguma coisa. Ao me aproximar, percebo que é a nossa apostila de leitura avançada e decido enviar outra mensagem para ele:

#### **Dando uma chance a Joan Didion?**

Ele tira o celular do bolso quando o aparelho vibra e, por apenas um segundo, vejo o lampejo de um sorriso discreto. Então ele ergue a cabeça. Mas, antes que perceba minha presença, consigo notar em seu rosto — mesmo a distância — que ele viu alguma outra coisa. Primeiro, ele faz uma expressão confusa; depois, de desgosto. Curiosa, dou mais alguns passos para a frente e sigo seu olhar.

Debaixo da escadaria, está Jason Lee, inconfundível em sua jaqueta bordô e branca, com o número dezoito nas costas, parado perto demais de uma garota que definitivamente não é Serena Hwangbo. Ela está encostada na parede, e ele está inclinado sobre ela, se apoiando com um braço esticado.



Estou longe o bastante para nenhum deles conseguir me ver, então caminho de fininho até Len, gesticulando para que eu o acompanhe. Então nós dois corremos para o estacionamento.

Len e eu nos escondemos na sombra de um container, que também temos no estacionamento de Willoughby, em grande parte para armazenamento. Por um momento, abrigados da luz minguante do pôr do sol, trocamos um olhar silencioso de horror. Então irrompemos em um riso desesperado de pessoas que testemunharam algo que prefeririam desver.

— O que foi *aquilo*? — Eu encosto no container. — Você viu?

— Aham — diz Len.

Um milhão de perguntas voam pela minha mente. Quem era aquela garota? Por que Serena não estava no jogo? Não é isso que namoradas fazem, ir aos jogos de beisebol dos namorados? Especialmente quando o namorado em questão é Jason Lee, recordista de *home runs* do time?

Então eu me dou conta. De que importa se Serena estava aqui ou não? A pergunta certa é: por que Jason é tão babaca?

— A gente precisa contar para a Serena — declaro.

Len esfrega a nuca e faz uma careta.

— Precisamos?

Eu o encaro, incrédula.

— Hã... sim. É a coisa certa a se fazer.

— Será que é mesmo? — Len tenta cruzar os braços, mas então lembra que ainda está com a câmera pendurada no pescoço. Ele a tira e começa a guardá-la na bolsa. — Talvez não seja da nossa conta.

Em resposta, o vento se transforma em uma rajada furiosa, e a camisa xadrez de Len se agita como se estivesse prestes a levantar voo. Tento manter minha própria blusa no lugar envolvendo meu suéter —

de tricô, marrom e largo, ainda um substituto — com mais força ao redor do corpo.

— Ok. Então que tal você falar para o Jason contar ele mesmo para Serena? — Afasto o cabelo do olho quando ele se agita na frente do meu rosto.

Len olha para mim como se pensasse que fosse mais inteligente do que isso.

— Você conhece Jason Lee?

Uma suspeita ilumina meu rosto.

— É porque vocês jogavam juntos? — pergunto. — Isso é uma daquelas coisas de lealdade masculina, de que tudo bem os amigos traçarem todo mundo por aí?

Len parece ofendido.

— Primeiro, que fique registrado que foi você quem falou “traçar”. Segundo, não. — Ele chuta uma pedra no asfalto. — Só acho que isso não é problema nosso.

— Mas você não acha que a Serena merece saber? — Parece errado esconder isso dela, especialmente agora que somos... bem, amigas. Além do mais, ela está organizando uma manifestação por mim, então tem isso também.

Len, no entanto, não tem os mesmos escrúpulos.

— O que exatamente ela merece saber? Tipo, o que aconteceu, de verdade?

— Você está de brincadeira? A gente sabe o que rolou. Nós dois vimos.

— A gente não sabe o que aquilo *significa*.

Então é minha vez de encará-lo como se ele fosse mais inteligente que isso.

— Nenhum cara se joga em uma garota daquele jeito sem estar a fim dela — digo, com uma autoridade nem um pouco baseada em experiência pessoal.

— É só a sua opinião.

— Não, é definitivamente verdade.

— Tem certeza? — Len dá alguns passos à frente e, inesperadamente, faz o mesmo movimento que Jason, estendendo o braço para apoiar o peso do corpo na parede do container. — E agora?

Ele está sorrindo, como se tivesse certeza de que essa pequena manobra vai me forçar a reconhecer que posso estar errada sobre Jason. Acha que está explicitamente provando um ponto nessa situação, nesse momento, que está sendo provocativo ao me irritar desse jeito. E, admito, paro de respirar por uns bons três segundos antes de uma constatação começar a se infiltrar na minha consciência. Ele parece satisfeito demais consigo mesmo, certo demais de sua vitória. Quando entendo o que ele não vê, me aproximo e o beijo.

A surpresa bastante óbvia não o impede de retribuir o beijo. Fico um pouco desconcertada pela intensidade da sua resposta. Não demora muito até estarmos *realmente* nos beijando, e sinto que estou dissolvendo, como se estivesse dando adeus à Eliza, e tudo o que sobrou fosse esse outro eu líquido e diáfano se acumulando em uma poça dentro de mim. É quando essa sensação desenfreada começa a crescer em demasia que eu me lembro de me afastar, empurrando-o como se tivesse provado meu argumento.

— Me diz você — digo, caminhando para longe dele.

\* \* \*

Algumas horas mais tarde, muito tempo depois de Len me deixar em casa e nos despedirmos — ambos alegremente comprometidos com a mentira de que nada além do normal aconteceu —, quando já estou na cama com as luzes apagadas, porque já passou de uma da manhã, recebo uma mensagem de texto que me dá um frio na barriga. Principalmente ao imaginar Len no quarto dele, deitado na cama, digitando no escuro:

**Você tinha razão.**

Nunca deixei de apreciar essas três palavras em alguém, mas, dessa vez, vindas de Len, elas ficam na minha mente por horas, como mosquitos zanzando quando está calor. Eu me reviro na cama, sem saber direito o que fazer.

## 21

O teste de Bechdel, conforme aprendi com Winona, avalia se pelo menos duas mulheres em uma obra de ficção — por exemplo, um filme — são capazes de ter uma conversa sobre algum assunto que não seja um homem. A ideia, segundo minha interpretação, é que há algo inerentemente não feminista em mulheres cuja maior preocupação são os homens. Uma feminista deveria ter expectativas, sonhos e desejos completamente independentes das necessidades e dos desejos masculinos. Uma feminista não deveria precisar do afeto de um homem para se sentir completa. Uma feminista não deveria, em outras palavras, passar a maior parte de seu tempo pensando em um garoto.

O problema é que tenho passado um bom tempo pensando em Len.

Faço a lição de casa, ajudo papai a se candidatar para empregos, edito artigos da *Corneta* e, no meio disso tudo, repasso o beijo e todas as interações e conversas que já tivemos. A segunda-feira logo depois do jogo foi especialmente ruim. Sempre que eu entrava em um local onde Len poderia estar, meu coração acelerava, e eu ficava vasculhando a sala casualmente, como se não estivesse procurando ninguém em particular, mas é óbvio que estava procurando por ele. E, sempre que o vejo, um pensamento me atinge como se eu finalmente estivesse percebendo aquilo: caramba, ele *é* bonito.

Mas então eu volto minha atenção para o que estava fazendo antes e ajo como se tudo estivesse completamente normal.

Len, por sua vez, poderia dar um curso avançado de tranquilidade. Tirando o olhar curioso da primeira vez que me viu depois do beijo (que eu ignorei), ele também não dá nenhum sinal de que algo mudou entre a gente, agindo com tanta serenidade que às vezes penso ter imaginado tudo que aconteceu.

Daí verifico meu celular, e lá está a última mensagem que ele mandou, ainda esperando uma resposta.

Na manhã seguinte, vejo que ele e Natalie chegam ao mesmo tempo. Eles certamente vieram do estacionamento juntos, e Natalie é quem fala a maior parte do tempo.

— Seus arremessos eram muito rápidos antes da cirurgia? — ouço-a perguntar.

Ela está bonita hoje, com o cabelo preso na lateral. Talvez bonita demais.

— Atingiam uns cento e quarenta — diz Len, colocando a mochila no canto de sempre.

— Quilômetros por hora? — Natalie arregala os olhos. — Isso é muito bom.

— Não era ruim — concorda Len, rindo.

Ele se senta na escrivaninha e abre o notebook, como faz todo dia. O que me mata é que Natalie coloca suas coisas no chão e se senta ao lado dele, como se tivesse sido convidada, e Len não protesta.

— Ouvi dizer que você fazia mais *strikes* do que qualquer um no time — diz Natalie, que pelo visto agora é uma fonte de estatísticas de beisebol de Willoughby.

— Você ouviu isso, foi? — Len sorri para ela.

— Bom, eu li na *Corneta* — explica Natalie. — Como você ficou tão bom?

Len dá de ombros.

— Provavelmente treinando — diz ele. — Quem sabe?

— Talvez seja porque você é muito alto. — Natalie repousa o queixo nas mãos. — Aliás, qual é a sua altura?

— Um e noventa — diz Len. — E a sua?

— Um e sessenta! — Natalie ri como se isso fosse a coisa mais hilária do mundo.

— Oi, Natalie — digo, antes que eu vomite na minha boca.

Por que ela está agindo de um jeito tão idiota? Sua inteligência sempre foi a única característica que a salvava.

Os dois se viram para mim.

— Posso ver seu rascunho da matéria, por favor? — pergunto.

— Pode — diz Natalie. Mas minha interrupção não parece ser o bastante para destruir aquela conversa tão animada, porque ela se volta para Len. — Que pena que você não está mais no time — lamenta ela. — Teria sido legal ver você jogar.

— Quem sabe você veja — diz Len. — Talvez eu volte.

E Natalie parece tão satisfeita que eu insisto:

— Ainda hoje, Natalie.

\* \* \*

Algumas horas depois, quando vejo Len na frente de seu armário, não consigo me conter. Vou até ele e, sem conseguir disfarçar a irritação na voz, digo:

— Por que você continua dizendo para todo mundo que vai voltar para o beisebol se não planeja fazer isso?

Len, vasculhando os livros em seu armário, não se apressa para

responder. Quando finalmente abre a boca, a resposta é tão fria que poderia praticamente ser servida com gelo:

— Você quer dizer, por que eu falei para a Natalie?

— É, isso.

— Talvez eu tenha mudado de ideia desde a última vez que a gente se falou.

Ele fecha a porta do armário com uma batida controlada. Então abre um sorriso educado demais para querer dizer qualquer coisa e vai embora.

Vou atrás dele.

— Não sei como você aguenta essa garota — digo, odiando a irritação que toma conta de mim. — Ela é péssima.

— Bom... — diz ele. — Ela é legal comigo.

— Ela obviamente está flertando com você — argumento. — Ela está sempre flertando.

— Qual é o problema? — Len para e me encara ao me perguntar isso, e quase tropeço nos pés dele. — Ela sabe o que quer e deixa as pessoas cientes disso.

Ele não parece bravo, mas o comentário é com certeza uma alfinetada. Não consigo decidir o que responder, ele começa a se virar.

— Mas você pelo menos gosta dela? — disparo. — Porque não é legal ficar dando corda assim.

Len me olha por um longo momento.

— Às vezes, as coisas não são sempre tão preto no branco — diz ele. — Acho que você sabe disso.

Então ele sai andando sem dizer mais uma palavra.

Eu o deixo ir. Sei que estou sendo horrível, mas o que mais posso fazer? Dizer a ele “desculpa, só estava de implicância quando te beijei,



não significou nada para mim, eu não gosto de você”?

Não consigo me forçar a falar isso porque não sei ao certo se é realmente verdade.

A constatação me perturba. Minha primeira reação é me sentir vagamente decepcionada comigo mesma. É tão convencional ter um *crush* em alguém como Len. Tão clichê. Faz só um semestre que ele parou de andar por aí com a jaqueta do time da escola. Por que eu não poderia ter um *crush* em alguém como James, que ao menos tem uma opinião política progressista e uma ex-namorada que fuma?

Minha segunda reação é entrar em pânico. Em dois dias, vou liderar uma manifestação para protestar contra a escolha de Len para editor-chefe da *Corneta*. Eu não deveria *gostar* dele. Imagino a boca de Winona se curvando daquele jeito de quando sente repulsa por alguma coisa. Ou Serena enfiando sua mais recente leitura feminista na minha cara, gritando “Você gosta dele? Você *gosta* do patriarcado?”.

Se essa informação vazar, tudo que eu já disse sobre feminismo vai se tornar uma completa piada. O que não seria um problema, mas agora há outras pessoas se importando com as coisas que eu faço. Sessenta e quatro pessoas, para ser exata, de acordo com os últimos números de Serena. Não parece muita coisa até você se dar conta de que é seis por cento do corpo estudantil fazendo uma paralisação na escola porque *você* disse a elas que significaria alguma coisa.

Talvez eu só devesse cancelar tudo? Mas isso pareceria a coisa *menos* feminista a se fazer. Já sei o que falaria nos corredores: Eliza voltou atrás por causa de um garoto. E justo quem, dentre todos eles?

Solto um longo suspiro. De repente, pareço querer coisas muito complicadas. Ainda quero ser editora-chefe da *Corneta* e continuar sendo feminista. Quero que outras pessoas sejam feministas. Mas

também quero algo de Len que entendo apenas em fragmentos. Volto a pensar na noite do jogo de beisebol. Por que o beijei? Por que beijei *primeiro*? Tenho a sensação de que perdi algo, embora eu não tenha perdido nada. Quer dizer, sei que ele retribuiu o beijo na hora — e como —, mas de que vale realmente o desejo de um garoto, afinal? Uma feminista deveria querer isso? Uma feminista deveria se sentir mal por querer isso?

Então me lembro do dia em que toda essa confusão começou, quando Len se sentou em cima de sua escrivaninha e leu em voz alta o que eu havia escrito sobre ele, com seu tom irreverente de um jeito que agora entendo não ser completamente sincero. Ele fingiu que minhas palavras não o atingiam, mas não era verdade. E, por alguma razão, é esse fingimento que me atinge.

Eu me sinto um lixo.

## 22

— Estou pensando em algo branco, isso é certo — diz Serena enquanto vasculha a arara de vestidos nos fundos do brechó. — Essa cor definitivamente transmite um ar bem grego.

Eu a sigo, carregando um monte de vestidos que ela já me entregou.

— Na verdade, a deusa da justiça é inspirada em uma representação reimaginada do século XVI da deusa romana Justitia — explico.

— Os romanos provavelmente se inspiraram nos gregos. — Serena dispensa um império inteiro com um gesto. — Eles sempre fazem isso, né?

Para meu traje de deusa da justiça, já conseguimos as balanças (de uma mesinha no hall de entrada da casa de Serena) e a espada (emprestada por Doug, que se fantasiou de rei Arthur no Halloween passado), então agora só precisamos do vestido. Serena faz questão de me ajudar a escolher a peça perfeita.

Enquanto ela me entrega mais um vestido de baile marfim, decido não comentar que recentemente pesquisadores descobriram que as estátuas gregas e romanas antigas não eram brancas. O que vemos é o mármore que no passado foi pintado em cores vibrantes, talvez até extravagantes. A srta. Perez, minha professora de história do ano passado, falou sobre isso comigo e com Winona em um dia chuvoso enquanto almoçávamos na sala dela. A ideia do branco puro como um paradigma de perfeição clássica, disse a professora, é um mito moderno.

Mas Serena parece bastante determinada, então não vou discutir com ela. Além disso, estou mais preocupada com uma questão um pouco mais delicada — especificamente, uma que envolve não revelar que só consigo pensar na reação de Len ao protesto. Faltam dois dias agora e, quanto mais perto estamos, pior eu me sinto. Ele vai agir como se estivesse tudo bem, mas sei que não vai estar. Ele vai me dar aquele sorriso educado que vai acabar com tudo, e eu nunca vou ver o verdadeiro outra vez.

Será que devo contar a ele? Será que devo dizer que não é pessoal... embora meio que seja?

É então que percebo que não quero magoá-lo. E o que é ainda mais inquietante: não quero que ele me odeie. Tenho *medo* de que ele me odeie.

— Ok, experimenta esses — diz Serena, me entregando mais um vestido.

No provador só tem espaço para mim e minha pilha de vestidos, que descarrego na cadeira do canto. Alguém escreveu *Você é linda* na parede com uma caneta esferográfica.

Experimento vestido após vestido, e Serena acha todos insatisfatórios. Uma fila para usar o provador começa a se formar do lado de fora, mas, em vez de interpretar isso como um sinal de que devemos acelerar as coisas para que essas pessoas do bem possam seguir com suas vidas, Serena envolve todas elas em seu processo de avaliação.

— A área do peito é grande demais, não é? — pergunta ela, se virando para uma mulher baixa segurando uma calça jeans boca de sino.

— *Sí, sí* — diz ela, ao lado do marido, que a espera em silêncio.

Sobre outro vestido:

— Esse paetê não ficou tão bom quanto eu achei que ficaria.

— Sim, super — concorda uma garota usando uma saia longa com tênis.

Finalmente, quando experimento um vestido simples, sem mangas e marcado na cintura, Serena grita:

— Ai, minha nossa! — exclama ela. — É perfeito!

Giro para fazer um efeito com a saia esvoaçante, mas não consigo ver o que tem de tão especial nesse vestido.

— Ficou bom?

— É esse — declara Serena.

Todos na fila atrás de nós assentem, e acho que não sou a única que está aliviada por Serena ter se decidido.

Enquanto esperamos para pagar, Serena recebe uma ligação.

— Oi, amor — diz ela, com uma voz melosa.

É Jason. Meu estômago revira. Esqueci completamente daquela coisa toda.

— Estou no brechó — diz ela ao celular. Depois dá uma risadinha.  
— Com a *Eliza*.

É minha vez no caixa. Enquanto pago o vestido, fico angustiada pensando no que devo dizer quando ela desligar. De repente, o cheiro de desinfetante e suor do brechó parece forte demais, e até o troco que me entregam parece sujo.

— Aham — diz Serena, ainda no celular. — Ok, ligo para você depois.

Na porta, há uma caixinha de doação, e jogo as moedas na abertura, ansiosa para me livrar delas. Considero não falar sobre Jason para Serena no fim das contas, porque talvez o que eu vi não tenha sido nada de mais. Talvez seja melhor não me envolver.

— Te amo — diz Serena para Jason, o que me causa um pouco de vergonha alheia. Quando ela desliga, diz para mim: — Você é tão legal, Eliza.

— Por quê?

Não ouço isso com frequência.

Serena para na frente do carro e aponta com a cabeça para a caixinha de doações.

— Meu pastor sempre diz para ajudar o próximo, mas, tipo, eu nunca tenho troco, sabe?

Ela não existe mesmo. E é então que percebo que preciso ser firme.

Nós duas entramos no carro, mas, antes que ela coloque a chave na ignição, eu disparo:

— Espera. Preciso te contar uma coisa sobre o Jason.

Serena me encara em silêncio enquanto narro o evento infeliz. Quando termino, a primeira coisa que ela pergunta é:

— Quem era a garota?

Balanço a cabeça.

— Não sei.

— Ela estuda em Hargis?

— Não sei. Provavelmente.

— Você viu eles se beijarem?

Por um segundo, me preocupo se ela vai entrar em negação se eu disser que, tecnicamente, não os vi fazendo nada além de estarem muito perto um do outro.

— Não — digo. — Não exatamente.

— O que eles estavam fazendo?

— Talvez você deva conversar com o Jason.

Quer dizer, é óbvio que ela vai conversar com ele depois, em

particular, assim que eu sair do carro. Mas Serena balança a cabeça com calma e pega o celular.

— Você tem razão — diz ela, e liga para Jason.

Espero que ele não seja esperto o suficiente para fazer a conexão entre a menção do meu nome na conversa de antes e a fonte da nova informação da namorada.

— Já sei sobre ela — diz Serena assim que Jason atende.

Sons incoerentes ressoam do celular.

— Me diz a verdade — ordena. — Quero ouvir de você.

Jason, no entanto, aparentemente se recusa.

— Não vem com essa conversinha pra cima de mim — diz Serena. — Não me chama de louca.

A partir daí a conversa segue ladeira abaixo, e em certo momento Serena grita:

— Eliza não mentiria! Não é igual a você e aquela desgraçada!

Eu realmente preciso parar de aceitar caronas dela.

Por fim, muitos palavrões depois, alguma coisa muda no outro lado da linha, e lágrimas começam a escorrer pelo rosto de Serena.

— Nunca mais fala comigo! — Ela grita e desliga o celular com desprezo. Então começa a soluçar. — Acabou. Ele admitiu.

Não tenho ideia do que fazer. Com cautela, coloco uma mão no ombro dela para tentar confortá-la.

— Sinto muito, Serena.

— Acabou — diz ela outra vez. — Acabou.

Confesso que estou um pouco chocada com a intensidade da tristeza de Serena. Não sabia que ela gostava tanto assim de Jason.

— Vou ter que ir à formatura *sozinha* — diz ela, praticamente histérica.

Às vezes, esqueço que Serena é uma garota descolada, com preocupações específicas de garotas populares.

— Ei — digo. — Ainda falta um tempão, e você é Serena Hwangbo. Você vai conseguir um par, se quiser.

— Faltam *quatro semanas*.

Ela choraminga, se atrapalhando ao abrir o compartimento entre nossos assentos. Pega uma caixa de lenços e começa a enxugar os olhos.

— Olha, não pode ser tão ruim, certo? Eu vou sozinha também.

Nunca me convidaram para um baile e, do jeito que as coisas vão, não acho que isso vá acontecer tão cedo.

Serena responde fungando o nariz.

— Ei. — Tento outra vez. — Somos feministas, lembra? Não precisamos ter um par para ir à formatura.

Serena olha para mim com olhos vermelhos. Parece que sua máscara é à prova d'água, porque sua maquiagem continua intacta.

— Não é só isso — diz ela, baixinho. — Eu...

Estou ocupada demais torcendo para ela não dizer algo bizarro como “eu achava que Jason era o homem da minha vida”, então quase não ouço o que ela realmente diz.

— Eu tenho medo de ficar sozinha.

Ela pronuncia aquilo com tanta seriedade, se inclinando para a frente como se fosse muito importante eu entender, que tudo que consigo pensar em dizer é:

— Ah.

— Eu não era nada antes de Willoughby — explica Serena. — Fiz o ensino fundamental em um distrito diferente, então você não tinha como saber. Mas, no primeiro mês do primeiro ano, o amigo do meu irmão, Matt Cho, me chamou para sair. Você se lembra do Matt?



Quem poderia esquecer?

Matt estava no último ano naquela época, então o fato de ele ter notado Serena foi surpreendente.

Parando para pensar, foi assim que ouvi falar dela pela primeira vez.

— Aquilo mudou tudo — diz Serena. — Foi assim que entrei no conselho estudantil, porque Matt estava lá. — Ela pisca para conter algumas lágrimas. — E, desde então, sempre tive namorado. Não sei como é estar no ensino médio e *não* ter um namorado.

Ficamos sentadas em silêncio por um tempo. O único som vem da sacola plástica com meu vestido, que faz barulho quando me ajeito no assento.

— Você provavelmente acha que estou falhando como feminista agora. — Serena soa como se estivesse prestes a derramar novas lágrimas.

— Não, definitivamente não. — Eu me apresso a dizer alguma coisa que vá fazer com que ela se sinta melhor. — Só porque você sempre teve namorado, não quer dizer que sempre precisou de um. Você não precisava. E não precisa agora. É por sua causa que todos estão usando os bótoms *FEMINISTA*. É você que está fazendo essa manifestação acontecer. Você fez tudo isso, não o Jason.

Serena parece um pouco menos desolada.

— Acho que você tem razão.

— Você é uma boa feminista, Serena — digo. — Na verdade, não namorar Jason provavelmente faz de você uma feminista melhor. Ele não parecia assim tão preocupado com o machismo.

— Ele não estava mesmo — concorda ela.

— Certo. Enfim, você não vai mais ser definida por seu relacionamento com ele, nem com qualquer garoto. — Estou afiada

agora. — Você pode ser sua própria pessoa.

O celular de Serena vibra, e ela o levanta para me mostrar a foto de Jason na tela.

— É difícil não atender — admite ela.

— O que você acha que ele vai dizer?

Ela aninha o celular no colo.

— Provavelmente vai pedir para voltar.

— É isso que você quer?

Serena olha para o celular, e acho que está à beira das lágrimas de novo, mas então balança a cabeça.

— Não.

Ela deixa a ligação cair no correio de voz e fica encarando a tela até ela escurecer. Abro um sorriso encorajador, e ela se inclina e me dá um abraço inesperado.

— Obrigada, Eliza — sussurra ela. — Você sempre sabe o que fazer.

Empalideço ao perceber como aquilo é falso, horrorizada por já ter acreditado — e perpetuado — tamanha ilusão. Então, com os braços de Serena em volta do meu pescoço, só consigo dar tapinhas nas costas dela, tentando não sufocar.

## 23

— Eliza — diz Winona, após eu acertar Doug com o microfone boom pela quinta vez na tarde de hoje. — Está rolando alguma coisa com você?

— O quê? — Giro o microfone, e Sai precisa agachar para não ser atingido também. — Desculpa — digo, esfregando uma mão suada na calça.

Faltam menos de vinte e quatro horas para a manifestação agora, e estou bem preocupada.

— Você sabe que não é para o microfone aparecer no quadro, né? — Winona dá tapinhas no cabo de metal, impaciente.

Finalmente voltamos a gravar *Garagens*, que deve ser entregue precisamente em uma semana, e todos estão com os nervos à flor da pele. Winona quer que a cena fique boa, Doug e Sai estão cansados de receberem ordens e eu estou distraída pela situação com Len.

Eu gostaria mesmo de poder contar a verdade para minha amiga, mas simplesmente não consigo me forçar a fazer isso. Talvez eu não queira ouvi-la dizer que a antiga Eliza jamais deixaria um garoto mexer tanto com ela assim. Que beijar Len, considerando as circunstâncias, foi estúpido e atípico por uma série de razões e que, para ser honesta, ela nem sabe mais quem eu sou. Winona não hesitaria em afirmar qualquer uma dessas coisas, se elas fossem verdade, e acho que a questão é essa: não sei bem se gostaria de ouvir a verdade agora. *Principalmente*

porque não consigo parar de pensar naquele beijo.

— Eliza! Sério mesmo?

— Desculpa!

Fico vermelha como um tomate e estico os braços para que o microfone não encoste no topo da cabeça de Doug.

A cena que estamos filmando hoje é uma nova versão de uma que estava no roteiro original: o momento em que o personagem de Doug é acusado de roubar o chiclete. A personagem de Winona ainda não apareceu, então ficam apenas Doug e Sai no quadro, e minha voz fora da câmera como a funcionária que faz a acusação. Ficamos enfiados em uma 7-Eleven próxima por três excruciantes horas, filmando e refilmando, antes de Winona nos deixar dar uma olhada no material.

Ela logo pergunta:

— Vocês acham que...

— Não — Doug e Sai dizem juntos.

— Tá ótimo do jeito que está — acrescenta Doug.

— Será que não deveria ter outra cena em que Sai admite ter roubado o chiclete? — Winona se vira para mim, como se os garotos nem sequer estivessem ali. — Você acha que o Sai roubou o chiclete?

Atrás dela, Doug e Sai gesticulam para que eu recuse essa ideia.

— Hmm — murmuro, olhando para a tela da câmera. — Talvez tenha mais impacto se você deixar ambíguo...? Sabe, a questão de quem realmente roubou o chiclete.

— Além disso, Sai nunca ia confessar assim — argumenta Doug. — Ele esconderia para sempre!

— Não esconderia, não! — protesta Sai.

— Ok, para começar, a gente não está falando realmente do Sai. — Winona ergue um dedo, que ela depois aponta para Sai. — E segundo,

Sai, você sempre deve confessar quando fizer algo que não deveria. *Sempre.*

Eu me mantenho ocupada com o microfone.

Sai faz uma careta, mas Winona responde tirando um pacote de chiclete do bolso de trás.

— Toma, vamos lá para dentro — anuncia ela. — Quero fazer outra versão. *Talvez* minha personagem possa aparecer nessa hora, e é ela quem vê Sai roubando.

Doug, porém, imediatamente tira o chiclete da mão dela.

— Não, Winona — declara ele. — Estamos fora. A gente não tem tempo para mais bobagem.

— *Bobagem?* — Winona engrossa o tom de voz. — Isso não é bobagem. Isso é *arte*. Não existem atalhos para a grandiosidade.

— A gente acabou de fazer catorze takes só dessa cena!

— E por culpa de quem?

A briga está prestes a ficar feia quando meu celular vibra com uma mensagem:

**Você pode falar agora? O Jason não para de me ligar...** 😬

Desde que fui testemunha de seu término, Serena tem religiosamente me fornecido atualizações em tempo real da carcaça do relacionamento dos dois.

— Não quero que todo mundo pense que estou obcecada — disse Serena, enquanto discorre obcecadamente sobre o assunto para mim, por horas.

— Ai, é a Serena — falo.

Sem pensar, entrego o microfone a Doug para poder respondê-la. Ele, é lógico, se aproveita do momento para reforçar sua indignação.

— Viu, nem a Eliza aguenta mais! — grita ele.

— Ok, espera — rebato. — Eu não disse isso...

Meu celular, porém, continua a vibrar com mensagens de Serena, porque, pelo jeito, alguém não responder suas mensagens significa que você deveria continuar mandando mais e mais.

— Tá bom! — Winona ergue os braços no ar. — Acabamos por hoje!

Em resposta, Doug e Sai dançam alegremente.

— Por *hoje* — emenda ela.

Caminhamos pela avenida Palermo, de volta para a casa dos Wilson, e é difícil acompanhar as mensagens de Serena.

— Ela ainda está falando do Jason? — A reprovação de Winona é palpável.

— Pois é — admito, meio pedindo desculpas, meio me defendendo. — Quer dizer, eles terminaram há pouco tempo.

Winona chuta uma pedrinha pela calçada, cada batida no chão mais desdenhosa que a última.

— Por que ela está sofrendo tanto por uma coisa tão inútil assim?

Dou de ombros, como se também não entendesse, mas minhas bochechas queimam como se Winona estivesse falando de mim.

## 24

Na manhã da manifestação, acordo com uma dor chata na barriga. Estou sentada na mesa de jantar, mastigando sem muita vontade um bolinho de pasta de lótus cozido no vapor, e mamãe entra na cozinha.

— Você está doente? — Ela parece intrigada. — Você está com uma cara de *behng māau*. Ou seja, de gato doente, como se diz em cantonês.

— Não.

Rapidamente, enfio o resto do bolinho na boca. O único jeito de convencer mamãe de que estou bem é comendo, de preferência bastante.

— Tem certeza? — Mamãe pega a panela de metal com arroz na geladeira e a põe sobre a bancada, servindo um montinho em sua Tupperware. — Você não parece bem.

O comentário dela me faz parar, com as bochechas cheias de bolinhos. A verdade é que eu não me *sinto* bem.

Isso me faz lembrar de uma vez na primeira série, quando minha professora, a srta. Beaumont, enviou uma carta para nossa casa informando meus pais de que ela havia recomendado que eu fosse avaliada pelo programa de crianças dotadas e talentosas.

— O que é “avaliada”? — resmungou mamãe, digitando as letras no dicionário eletrônico inglês-chinês.

Kim já estava na terceira série, e nenhum professor nunca tinha enviado carta parecida.

O teste foi realizado em uma sala sem janelas ao lado da diretoria.

Eu me sentei em uma mesa redonda junto de uma mulher grandona e loira. Ela tinha um cheiro de corredor de loja de decoração, mas sorria bastante e me fez um monte de perguntas fáceis, então eu gostei dela. Porém, perto do final, ela me deixou perplexa.

— Ok, Eliza. Imagine que você tem dez docinhos e quer dividir com cinco amigos. Quantos docinhos cada amigo vai ganhar?

Droga. Eu não sabia. Olhei ao redor e imaginei Kim e quatro dos meus primos sentados na mesa, então, na minha cabeça, comecei a distribuir os docinhos entre eles. Um para Kim, um para Tommy, um para...

— Eliza? — disse a mulher. — Tudo bem se você não souber.

— Dois — respondi. — Cada pessoa ganha dois doces.

Depois disso, quando comentei sobre a pergunta com Kim, ela gargalhou.

— Era um problema de divisão, bobinha — respondeu ela. — Se você não sabe divisão, com certeza trapaceou para responder à pergunta.

— O que é divisão? — perguntei, um pouco abalada.

— É tipo o oposto da tabuada — respondeu Kim. — Sabe aquela coisa que eu tive que decorar? — Ela gesticulou, desprezando minha ignorância. — Como eles vão te deixar entrar no programa de talentos se você nem sabe o que é divisão?

Quando eu de fato entrei, senti uma espécie de enjoo na barriga. Kim já havia esquecido o que havia me dito sobre divisão, mas eu não.

— Eliza é tão inteligente. — Mamãe se gabava para A Pòh no telefone. — Ela entrou em um programa especial para crianças que vão bem na escola. Kim precisa se esforçar mais para entrar no programa também.



Tentei explicar para mamãe que a escola havia cometido um erro.

— O quê? Mas é lógico que você é inteligente. — Ela não entendeu a questão. — De qualquer forma, mesmo que eles tenham cometido um erro, seria estúpido *contar* a eles. Seu pai e eu não sabemos de nada. Somos imigrantes. Você precisa aproveitar toda oportunidade que surgir!

Mas, no dia seguinte, fui até a srta. Beaumont mesmo assim.

— Eu trapaceei na prova para crianças talentosas — disse.

A srta. Beaumont ouviu com atenção enquanto eu explicava a situação, mas, ao final, ela apenas sorriu.

— Obrigada por me contar, Eliza — disse ela. — Mas você não fez nada de errado.

Ela me disse que eu havia feito a divisão corretamente, mesmo sem saber como aquilo se chamava, e que na verdade minha habilidade de raciocinar nessas condições era um bom sinal.

— Você é uma menina brilhante — disse a srta. Beaumont. — Mas o que realmente faz de você especial é que você não tem medo de fazer a coisa certa. — Ela deu tapinhas no meu braço com sua mão enrugada e surpreendentemente macia. — Você, minha querida, tem princípios. Devemos sempre ter princípios.

Eu nunca esqueci aquele episódio, porque foi o dia em que aprendi sobre divisão, e também o dia em que aprendi a melhor coisa sobre mim mesma: eu tinha princípios.

Mas onde eles foram parar? De repente, no lugar deles, agora tenho tantos segredos...

Não contar as coisas para mamãe é uma coisa. É apenas uma tática básica de sobrevivência dos filhos asiáticos. Mas não contar para Winona? Para Serena e todas as pessoas que ela transformou em

feministas?

Não contar nem para Len?

Não falo com ele há dias, mas parece uma eternidade. Quando ninguém está olhando, ainda me pego observando-o do outro lado da sala. Outro dia, ele entrou na aula de inglês carregando um *bubble tea* quase no fim, e meu primeiro pensamento, completamente irracional, foi: “ele foi ao Boba Bros sem mim?”. Ele deu um longo gole antes de colocar o copo na mesa, e vi que a ponta do canudo estava toda mastigada. O recipiente não tinha mais chá, mas ainda estava cheio de cubos de gelo e *bubbles* de tapioca. Isso me lembrou do trajeto até Hargis aquele dia — como, por uma efêmera tarde, nós fomos amigos. É a perda desse fio delicado entre nós, quase sutil demais para ser visível, que realmente acaba comigo. Eu queria ter apreciado sua presença improvável antes de estragar as coisas com um beijo que complicou tudo.

Encaro o tampo da mesa de madeira compensada à minha frente, engolindo os resquícios do que deve ser a versão mais seca e massuda de bolinho de pasta de lótus que já consumi. Mesmo depois de forçá-lo goela abaixo, sinto um caroço preso na garganta. Mas sei que não é o bolinho que está entalado. Sou eu.

E é nesse momento que decido falar com Len sobre a manifestação.

\* \* \*

Na escola, é difícil encontrá-lo sozinho, o que me faz perceber — com uma mágoa difícil de engolir — que ele tem me evitado tanto quanto eu o tenho evitado. No fim das contas, consigo encurralá-lo no almoço, a menos de uma hora da manifestação, quando estamos só nós dois e

Johnny Cash na redação da *Corneta*.

— Se eu tivesse que apostar — começa ele, sem tirar os olhos do computador —, diria que você está me seguindo.

Respiro fundo.

— Preciso falar com você.

Ele ainda está vidrado na tela do notebook, mas consigo ver que não está focado na leitura.

— Você sabia — diz ele — que existe uma coisa chamada mensagem? Eu sei que você tem meu número, então podia simplesmente ter me enviado uma.

Contrariada, coro. Pensei em mandar uma mensagem, mas não queria encarar o fato de que o deixei no vácuo. Antes disso, sempre acreditei ser uma pessoa que jamais deixava as outras no vácuo. Eu estava errada. E para piorar, Len está obviamente jogando isso na minha cara — mas de um jeito agradável, como se apenas por esporte. Nos últimos tempos, ele tem demonstrado um talento impressionante para me provocar, e estou cansada disso.

Eu me aproximo e arranco o computador do seu colo. Ele fica surpreso com o gesto.

— Olha, desculpa — digo. — Não sei o que você quer de mim.

— Não quero nada.

Ele dá de ombros, como se fosse absurdo eu achar que qualquer coisa que fiz poderia incomodá-lo. Embora eu esteja tentando me desculpar, sua atitude me irrita.

— O que você quer que eu diga, Len? — continuo, balançando o notebook dele como se estivesse prestes a arremessá-lo para o outro lado da sala.

— Nada. — Ele olha para o computador na minha mão, mas não

perde a calma. — Fala o que quiser, não ligo.

— Para de mentir — digo. — Você quer que eu diga que gosto de você. — As palavras saem antes que eu possa contê-las. — Você quer que eu diga que toda vez que eu bebo *bubble tea*, fico pensando na *sua* técnica triste. Que li trezentas páginas de *A vida: modo de usar* de uma vez, com uma sensação confusa de urgência porque *você* me emprestou o livro. Que li tudo sobre a cirurgia de Tommy John mesmo não dando a mínima para beisebol porque eu queria saber se *você* ia ficar bem.

Esse definitivamente *não* é o rumo que imaginei que essa conversa tomaria, mas é tarde demais. Perdi a cabeça. Len está me encarando — incapaz, pela primeira vez, de pensar em uma resposta. Hora de ir ao ponto e dar o fora.

— Mas as coisas são... complicadas — digo. — E é sobre isso que eu queria falar com você.

Conto da manifestação. A explicação sai toda atrapalhada porque estou com muita pressa para acabar logo com isso. Ele ouve tudo sem esboçar qualquer reação, o que me deixa ao mesmo tempo nervosa e aliviada.

— Só achei que você deveria saber — finalizo.

Sem seu notebook, Len não tem nada para fazer com as mãos, então esfrega os joelhos e contempla a madeira da mesa. Por fim, ele abre um sorrisinho, o primeiro verdadeiro que ganhei desde o jogo de beisebol.

— Você quer ser editora-chefe tanto assim? — pergunta ele.

— Não — respondo, porque, a essa altura, é verdade. Estou bem confusa sobre muitas coisas agora, mas ao menos posso me apegar a isso: a manifestação, e o que ela deve representar, ainda é importante. Foi a coisa certa contar a Len, e decidir mantê-la também é a coisa certa a fazer. — Não — repito. — É uma questão de princípio.

Ele passa as mãos pelo rosto, como se eu o deixasse exasperado. Então meio que ri enquanto esfrega os olhos.

— E princípios são tudo para você, né?

— Uma mulher precisa ter princípios.

Antes que Len possa responder, James entra na sala.

— Ei — diz ele. Seus olhos vão de mim para Len. — O que está rolando aqui?

James sabe da manifestação porque eu lhe contei, pensando que talvez pudesse ser tema de um artigo da *Corneta*. Ele pareceu quase decepcionado por ter ficado de fora do planejamento, mas concordou em dar a história para Olivia, repórter da seção de notícias, que provavelmente não me odeia tanto (um feito), e Cassie, que tiraria as fotos.

Então ele me lança um olhar questionador, que ignoro.

— Nada — digo para ele, devolvendo o notebook para o colo de Len. — Vejo vocês por aí.

Está mais tarde do que eu pensava, então preciso correr até o vestiário feminino, onde Serena e Winona já estão esperando. Como todo mundo que está se programando para participar da manifestação, as duas estão vestidas de preto e usando seus bótons *FEMINISTA*.

Como combinado, vou usar branco.

— Onde você estava? — pergunta Winona enquanto tiro o vestido da deusa da justiça do armário.

— Desculpa — digo. — Eu, hã, tive um imprevisto na *Corneta*.

— Tudo bem. A gente ainda tem quinze minutos até o fim do almoço — diz Serena. — Vai logo se trocar!

Depois que coloco o vestido, Serena me faz sentar em um banco para pentear meu cabelo.

— Você precisa de um corte, Eliza — diz ela, analisando minhas pontas duplas.

— A gente tem tempo para um novo corte?

— Muito engraçado.

No fim das contas, Serena decide fazer uma coroa de tranças no meu cabelo. Em seguida, ela pega um batom.

— O que é isso? — Eu me inclino para trás.

Serena se vira para Winona, confusa.

— Eliza não usa batom — explica Winona.

— Vai ficar bom, eu prometo — diz Serena. — Além disso, você vai vestida de deusa da justiça, não de Eliza Quan. Um toque de glamour cai bem.

— Por que a deusa da justiça não poderia simplesmente usar calça jeans e camiseta? — reclamo. — Quer dizer, se ela tivesse escolha.

— Boa pergunta — diz Winona.

— Porque... — diz Serena, passando o batom em duas pinceladas de expert. Ela pega meu braço e me conduz até o espelho de corpo inteiro. — Talvez ela gostasse de usar vestido e ponto.

Meu reflexo me surpreende. Não tem muita coisa fora do comum, e tudo que é diferente também é simples. O vestido é minimalista; meu cabelo está preso, mas sem adornos. Só o batom é ousado, um vermelho-alaranjado vibrante. Ainda assim, me sinto muito diferente ao me ver desse jeito. Mais velha, talvez. Mais confiante. Pareço o tipo de mulher que não tem medo de nada. Estou genuinamente admirada.

— Fiquei bem bonita — digo.

— Você está poderosa — concorda Serena.

Winona enrola um lenço preto ao redor do meu pescoço.

— Ok, aqui está a venda — diz ela. — E sua espada e balança. — Ela

as entrega para mim. — Pronta?

— Vamos destruir o patriarcado! — Ergo minha espada, e Serena e Winona fazem toca-aqui nela.

O quinto período, minha primeira aula depois do almoço, passa voando. Passo a maior parte do tempo evitando Len e esperando que a srta. Boskovic não repare no cabo de espada escapando da minha mochila. Não demora muito para o sinal do sexto período tocar, e saio a mil para a aula de história, animada para a hora do show.

Recebo alguns olhares intrigados enquanto pego meus acessórios de deusa da justiça, mas ninguém comenta nada, à exceção do sr. Schlesinger, que me estuda por um segundo:

— Deusa da justiça? — adivinha ele.

Quando assinto, ele parece satisfeito por ter acertado.

Tento prestar atenção na aula, mas é impossível. Fico balançando os joelhos debaixo do vestido, porque estou me sentindo elétrica, como se tivesse tomado muito café. Em certo momento, Winona, sentada na minha frente, se vira e me faz um sinal para sossegar. Pelo jeito, meu nervosismo está deixando-a nervosa.

Finalmente, às 13h45 em ponto, amarro o lenço ao redor dos olhos e me levanto, segurando a espada em uma mão e a balança na outra. É meio que um alívio não conseguir enxergar nada, porque ouço o sr. Schlesinger parar de falar no meio da frase, então cerca de vinte carteiras rangem quando todos se viram para mim.

— Eliza? — diz o sr. Schlesinger. — Algum problema?

Winona se levanta também e, de acordo com o plano, carrega uma placa que diz MANIFESTAÇÃO POR IGUALDADE DE GÊNERO EM WILLOUGHBY. Então ela me leva para fora da sala.

Vivencio a manifestação primariamente por meio de sons — nossos

passos no piso de azulejo, a porta se abrindo; depois, ouço as pessoas se levantando para ver aonde estamos indo. Isso faz a coisa toda parecer ainda mais surreal do que já é. Lá fora, sinto outra mão tomando meu outro braço: Serena. Ela está segurando uma placa que diz ELIZA PARA EDITORA-CHEFE! Ou pelo menos presumo que seja isso.

Winona e Serena me conduzem até o centro do pátio, e consigo subir em uma das mesas de almoço enquanto ainda estou vendada. Todos os outros participantes da manifestação, eu imagino, estão formando um círculo gigante, segurando placas que dizem coisas como CHEGA DE MACHISMO EM WILLOUGHBY! e ABAIXO O PATRIARCADO!. Alguém tira a balança de mim e a substitui por um megafone.

O sol da tarde aquece minha cabeça. Nunca fiz um discurso vendada, e é desorientador e revigorante ao mesmo tempo.

— Essa manifestação — grito no megafone — é para todos que sabem que não jogamos em condição de igualdade em Willoughby e além.

Ouçó vivas ao meu redor, roucos e pesados. O estrondo em meus ouvidos é ainda mais intenso porque não consigo ver nada. Posso jurar que há ao menos cem pessoas aqui. Talvez mais. A última vez que estive em frente a uma plateia assim tão grande foi naquela distante e fracassada eleição no primeiro ano. Mas hoje não me sinto pequena. Nem um pouco.

— Essa manifestação é para quem já ouviu muitas vezes que não “se parece com um líder”. Para quem é chamada de “arrogante” ou acusada de “não saber trabalhar em equipe” só por ser assertiva. Para quem não foi atrás de seus maiores sonhos porque não se sente “pronta”, porque foi ignorada ou desencorajada todas as vezes que tentou. — Corto o ar com a espada. — Estou aqui para dizer a todas



que vocês *estão* prontas. *Eu* estou pronta.

— Eliza para editora! — Uma garota grita a distância, ecoada por outras exclamações de apoio ao meu redor.

Fico um pouco insegura quando lembro que as pessoas provavelmente estão me gravando, talvez postando vídeos on-line. Nós esperávamos que isso acontecesse, é óbvio, mas Serena estava convencida de que era uma coisa boa.

— A gente precisa abafar todas as outras coisas que as pessoas disseram sobre você — argumentou ela.

Mesmo assim, no momento, é estressante saber que todos os meus movimentos estão sendo documentados. Mas, como mamãe gosta de dizer em cantonês, “se seu cabelo já está molhado, então você precisa lavá-lo”. Em outras palavras, não posso voltar atrás agora. Encho o peito com uma inspiração encorajadora e ergo minha espada outra vez, me preparando para continuar o discurso.

Mas, antes que eu tenha a chance de dizer mais uma palavra, outra voz enche o pátio.

— Boa tarde a todos. Vocês poderiam me seguir até a sala multimídia, por favor?

Sinto uma onda de silêncio se espalhar sob meus pés. Tremendo de leve, puxo o lenço para a cima e vejo o dr. Guinn de pé na passagem que conecta os dois prédios da escola, segurando seu próprio megafone.

## 25

Na frente da sala, o dr. Guinn — parado ao lado de uma srta. Greenberg perplexa e um sr. Powell preocupado — sorri para todos nós.

— Agradeço a todos pela cooperação pacífica — diz ele. — Admiro vocês pelo ativismo. É encorajador saber que tantos de vocês estão comprometidos com ideais que vão além dos próprios interesses. No entanto, devo lembrá-los de que suas ações estão ocorrendo durante o horário de aulas, enquanto as aulas acontecem, e nós temos regras que precisam ser seguidas.

O dr. Guinn explica que matar aula e atrapalhar o ambiente de aprendizagem de outros estudantes, ambas infrações que cometemos ao fazer a manifestação, podem ser punidas com suspensão.

— Mas, vejam bem — diz dr. Guinn, rindo —, acho extremamente irônico punir a ausência nas aulas com mais ausência forçada.

Em vez disso, todas nós ficaremos em detenção por cinco dias, começando hoje.

Em resposta ao anúncio, murmúrios se espalham pela sala. Detenção com certeza é preferível a suspensão, mas uma semana inteira? Pesado. E por quê? Para que eu possa ser editora-chefe da *Corneta*? Lógico, as pessoas estão aqui porque apoiam o feminismo, ou talvez porque achem que Serena Hwangbo é descolada, mas, no fim das contas, estão aqui por minha causa; por causa das coisas que eu disse sobre machismo e

sobre Len. Mas elas não sabem o que eu *de fato* venho pensando sobre ele.

Fico enjoada.

— Espera. — Eu me levanto tão rápido que minha cadeira quase cai para trás.

Todos olham para mim.

— Sim, Eliza? — diz o dr. Guinn.

— Acho que ninguém aqui deveria pegar detenção além de mim — digo.

Ao meu redor, as pessoas começam a sussurrar. Cassie abaixa a câmara e arregala os olhos para Olivia, que congela no meio de suas anotações. Winona balança a cabeça, gesticulando para eu me sentar, mas isso só faz meu estômago revirar ainda mais, porque me sinto péssima por tê-la arrastado para isso.

Percebendo minha angústia, Serena se aproxima.

— Tudo bem, Eliza — sussurra ela. — Estamos juntas nessa.

E é então que lembro: Serena não pode pegar detenção, porque isso a desqualifica para concorrer à presidência do conselho estudantil. Ninguém pode estar no conselho se teve uma detenção no ano anterior.

— Não — digo. — Fui eu que comecei isso. Sou a única pessoa que deve ser punida. Todos cometeram apenas a primeira infração, mas eu cometi as duas.

Dr. Guinn cruza os braços.

— Eliza, devo lembrá-la de que eu sou o diretor aqui, não você.

— Desculpe. — Volto a me sentar. Serena tenta se levantar em protesto, mas eu a impeço. — Fui eu quem instigou tudo isso, e foi um erro. Eu deveria ter seguido o seu conselho e procurado uma maneira menos antagonista de expressar minhas opiniões. — Estou me sentindo

tão mal por tudo que não é difícil exagerar no *mea culpa*. — Por favor, não desconte isso nos outros. As pessoas só estavam tentando defender o que acreditavam ser o certo. Sou eu quem deveria ter pensado melhor, e gostaria de assumir a responsabilidade por isso agora.

O dr. Guinn não responde de imediato e, no silêncio, a srta. Greenberg troca um olhar com o sr. Powell antes de pigarrear e dizer:

— Paul, acho que já foi um belo aprendizado para todos os envolvidos. Talvez seja melhor nós os liberarmos com um aviso.

— Concordo — diz o sr. Powell. — Além disso, seria muita demanda para quem ficasse cuidando da detenção.

O dr. Guinn enfim se pronuncia.

— Bem — diz ele. — Certamente ouvimos muitos argumentos convincentes. Parece que Justitia... — Ele gesticula para mim. — ... trouxe consigo Clementia. — Ele aponta para a srta. Greenberg. — Vamos deferir sua recomendação, Jill. Para todos.

Essa declaração provoca outra rodada de murmúrios, dessa vez bem menos angustiados.

— Quanto a você, Eliza — continua o dr. Guinn —, por favor, se dirija à minha sala no fim do sexto período. Você pode esperar lá até o começo oficial da detenção depois das aulas.

\* \* \*

A detenção é na sala de aula da srta. Perez, e ela me lança um olhar de simpatia quando apareço, ainda meio vestida de deusa da justiça. Perdi a espada e a balança, mas a venda ainda está ao redor do meu pescoço.

— Lutando contra as injustiças por aí? — pergunta ela enquanto me sento em uma carteira da frente, enfiando as dobras do meu vestido

debaixo da cadeira.

Foi aqui que me sentei todas as manhãs na aula de história ano passado. O antigo projetor no teto, que a srta. Perez ligava para nos mostrar pinturas e charges políticas, ainda está posicionado no meio da sala. A programação do dia ainda está escrita no quadro branco. É tudo igual, mas sinto que estou a mil quilômetros de distância.

— Tentando, acho — respondo. — Mas é difícil. Acho que eu meio que joguei a toalha.

— Acredito que você fez isso pelas suas amigas — diz a srta. Perez. — Não se esqueça disso.

Alguns outros alunos entram, e a srta. Perez anota a presença. Assim que todos se sentam, ela lista as regras da detenção. Podemos fazer a lição de casa ou ler, mas não podemos conversar nem usar quaisquer aparelhos eletrônicos.

— E nada de cochilar — acrescenta ela, esperando por Bruce Kwok, que já está com a cabeça sobre a mesa, para ajeitar a postura.

Fico olhando para a janela. As cortinas estão entreabertas, então não consigo ver muito do que está lá fora, mas consigo temporariamente prejudicar minha visão ao focar por tempo demais nos feixes brilhantes da luz da tarde.

A srta. Perez vem até mim.

— Achei que você poderia se interessar por isso — diz ela, me entregando um livro gasto.

O título, bastante provocador, é *Well-Behaved Women Seldom Make History*, ou seja, “Mulheres comportadas raramente fazem história”.

— Obrigada — digo, presumindo que esse é apenas o jeito da srta. Perez expressar que eu não deveria ficar tão desanimada por ter sido punida pela manifestação.

Decido não contar a ela que talvez eu esteja cansada de tentar ser o tipo de mulher que faz história.

Mas também não quero que ela pense que não aprecio o gesto, então abro o livro e começo a ler.

Depois de algumas páginas, percebo que o texto, escrito por uma historiadora chamada Laurel Thatcher Ulrich, não é o que eu esperava.

Para começar, aprendo que o slogan “mulheres comportadas raramente fazem história” foi cunhado originalmente em um artigo acadêmico sobre mulheres puritanas que eram, na verdade, bastante comportadas. O livro aponta que grandes porções da história, e das formas de olhar para a história, são perdidas quando não prestamos atenção às vidas das mulheres que não estavam necessariamente lutando para serem ouvidas.

Mesmo depois de tudo que estive lendo sobre feminismo nos últimos tempos, essa é a primeira vez que penso nisso, e fico fascinada. Feministas, no fim das contas, geralmente são vistas como mulheres que *de fato* saem da linha. Ainda assim, será que uma versão realmente feminista da história também poderia englobar mulheres que não são consideradas “feministas”?

É a cara da srta. Perez levantar essas questões. Ela adora “complicar” as coisas.

— É um bom começo, Eliza — dizia ela, como sempre —, mas será que não dá para complicar?

Eu deveria ter imaginado que ela não me recomendaria um livro raso.

— Eliza? — Ergo os olhos e vejo a srta. Perez parada no púlpito. Ao lado dela está a srta. Wilder, segurando um bilhete. — Eliza, você poderia vir aqui, por favor? — diz a srta. Perez. — Traga as suas coisas.

Entro em pânico. Será que existe outra detenção para alunos que fazem coisas particularmente insolentes? Será que eles ligaram para a mamãe e a assustaram? Eu achava que notificações de detenção só exigiam a assinatura de um dos pais. Eu estava planejando pedir para o papai assinar a minha, é óbvio.

Mas, quando vou até a frente da sala, a srta. Perez simplesmente sorri.

— Você está liberada — ela me informa. — A srta. Wilder disse que o dr. Guinn pensou bem e decidiu que você não vai precisar ficar em detenção.

Encaro as duas, incrédula.

— Pode me dar sua notificação de detenção — pede a srta. Wilder.  
— Foi tudo um mal-entendido — diz ela para a srta. Perez.

Entrego o papel para a srta. Wilder.

— Preciso ir com a senhora agora?

— Não, Eliza — responde a srta. Perez, rindo. — Você pode ir direto para casa.

Sigo a srta. Wilder para fora da sala, ainda sem acreditar no que está acontecendo.

— Tenha um bom dia, Eliza — diz ela.

Vou para o pátio, estreitando os olhos sob a luz do sol. O que... acabou de acontecer?

— Enfim livre?

Dou meia-volta, e lá está Len, parado atrás de mim, com a mochila pendurada em um dos ombros.

— Tá bonita — diz ele, sorrindo como se tivesse feito algo muito astuto.

De repente, não tenho mais a frequência cardíaca de uma pessoa

normal, então faço a primeira coisa aceitável que vem à minha mente: me viro e saio andando apressada.

Ele me alcança em alguns passos.

— Como vai? — pergunta ele, como se estivéssemos apenas fazendo um passeio.

— Bem.

Não olho para ele e não paro de andar.

— Como foi a manifestação?

— Depende. Você renunciou?

— Ainda não. Estou pensando.

— Então acho que não dá pra saber, né?

Finjo seguir para o vestiário feminino.

— Espera. — Ele toca meu braço. Sinto como se tivesse sido eletrocutada. — Você não está curiosa para saber por que foi liberada?

Sinto uma faísca de compreensão.

— O que você fez? — pergunto, encarando-o.

Ele escrutiniza as palmeiras sobre sua cabeça e escolhe as palavras com cuidado.

— Dr. Guinn e eu tivemos uma discussão.

— Que *tipo* de discussão?

Ele abre um sorriso travesso.

— Falei para ele que você tinha me avisado sobre a manifestação e que você me disse que era uma questão de princípio, o que respeitei. Eu disse que ainda somos, como ele esperava, bons colegas.

Ele lança um olhar malicioso para mim.

Meu rosto cora um pouco. Len continua:

— Tendo isso em mente, pedi a ele para reconsiderar a sua detenção, com base na liberdade de expressão.



Ainda não estou convencida.

— O que ele disse?

— Para ser sincero, ele aceitou melhor do que eu esperava. Parecia meio que intrigado. Me perguntou se eu sabia que nós dois compartilhamos uma tendência de ter uma visão crítica sobre o conceito de detenção.

— A única coisa que temos em comum.

— É, pelo jeito, sim. — Len sorri outra vez. — Enfim, depois ele explicou daquele jeito Guinn que eu apresentei um argumento válido, que estudantes têm direito à liberdade de expressão, como todos os cidadãos.

— Mas...?

— *Mas* as escolas se reservam o direito de disciplinar um comportamento desordeiro.

— Subir em uma mesa de almoço enquanto grita em um megafone se classifica como “desordeiro”?

— Talvez, se você estiver vestida assim.

— Vai direto ao ponto e para de culpar a vítima.

— Ok, bom, também mencionei que minha mãe é advogada e que você conversou com ela antes da manifestação.

— Mas eu não conversei!

— Você *tecnicamente* falou com ela. Antes da manifestação.

— O quê?!

— Eu disse que minha mãe é bem familiarizada com casos relacionados à liberdade de expressão dos discentes e que basicamente você não pode ser punida pela manifestação, assim como não poderia ser punida por uma ausência normal na aula. — Ele coça o queixo. — Além disso, o fato de que só você pegou detenção e ninguém mais...

— Significa que fui punida por liderar a manifestação, não por estar ausente na aula.

— Nada mais a declarar.

Balanço a cabeça, incrédula.

— Você não precisava fazer isso, sabe. Eu teria sobrevivido à detenção. — Uma ideia amarga me ocorre. — Não precisava que você me *salvasse*.

— Ah, eu *sei*. — O canto de sua boca se curva para cima. — Mas não é bom ver o patriarcado conspirar em seu benefício, para variar?

Quer dizer, eu preferiria que *nem sequer houvesse* patriarcado. Mas, por outro lado, ele não está errado.

— Como o Guinn reagiu a você meio que ameaçando começar uma ação legal em meu nome?

— Ele perguntou se minha mãe costuma me enviar para representar os clientes dela.

— Meu *Deus*. — Estou morrendo. — Ele te deu um puxão de orelha.

— Um pouquinho.

— Então o que você fez?

— Admiti uma coisa da qual com certeza ele já suspeitava.

— Que é...?

— Nada que você já não saiba.

Deixo seu comentário enigmático passar, em grande parte porque não tenho ideia do que falar ou fazer.

— Bom, então o que aconteceu?

— Ele só se recostou na cadeira, cruzou os braços e olhou para mim por um longo tempo, como se estivesse tentando decifrar alguma coisa.

— E aí?

— Ele me disse que ia deixar a gente resolver isso sozinhos.

— Só isso?

— Aham.

Nós dois ficamos em silêncio por um minuto. Então Len tira as chaves do bolso da calça, joga-as no ar e as pega com uma mão.

— Então... o que você acha? — pergunta ele, me olhando de soslaio.

— Será que a gente tenta resolver?

## 26

E é nesse estado, minha gente, que a deusa da justiça se encontra no momento: em cima do patriarcado, em uma cama toda arrumadinha, derrubando sem querer uma bolinha de basquete da colcha xadrez com um chute forte. Quando a bola rola pelo tapete, há risadinhas, cabeças batendo sem querer, e depois uma pegação intensa. É tudo muito bom.

Ficamos nos beijando por um tempo, e é só quando sinto a mão de Len subindo pela minha coxa, empurrando a saia do vestido, que paro e me sento. Ele coloca as mãos atrás da cabeça.

— Desculpa — diz ele, rindo e sem fôlego. — Desculpa, eu não devia ter feito isso.

— Não é isso.

Para ser sincera, foi excitante sentir a mão dele debaixo da minha saia, e estou curiosa para saber o que exatamente ele queria. Seria fácil descobrir, mas o peso do que tudo isso *significaria* me impede, e me recosto na parede, encostando os joelhos no peito.

Len se apoia nos cotovelos.

— Está tudo bem?

— Está — respondo. — É só que... talvez a gente não devesse fazer isso.

— Não? — pergunta ele, se sentando.

— Eu quase fiz sessenta pessoas serem suspensas hoje por causa de uma manifestação contra você, em específico. Não posso decepcioná-las

deixando que você passe a mão em mim.

Ele sorri.

— Ser feminista quer dizer que você não pode pegar ninguém?

— Quer dizer é que, sendo feminista, eu não devia ficar com *você*. — Empurro as pernas dele para longe para que eu possa esticar as minhas sem tocá-lo. — Especialmente porque ainda não sabemos se você vai renunciar.

Len ergue o queixo e me lança aquele olhar é letárgico e desafiador ao mesmo tempo.

— Vou renunciar — diz ele.

A objetividade dele me desarma.

— Sêrio?

— Sim. Se é isso que você quer, vou falar com o sr. Powell amanhã.

Eu o encaro. Depois de tudo que aconteceu, agora o cargo é entregue a mim como se fosse a lição de casa de cálculo da quinta-feira? É estranhamente anticlimático, mas acho que significa que a manifestação foi um sucesso.

Mas será que foi mesmo? Eu me lembro do comentário de Winona sobre “dar em cima do Len” e, mais uma vez, não sei dizer se abri mão de algo que não pretendia.

— Você só está concordando porque quer continuar me pegando?

— Então isso *está* em jogo?

— Tô falando sério, Len. — Eu me inclino sobre os joelhos dele. — É por causa disso?

— Não é por isso.

— Ok, então me diz o verdadeiro motivo. A verdade.

Len volta a se deitar, olhando para o teto e não para mim. E, embora eu esteja o pressionando, me ocorre que talvez essa situação seja

confusa para ele também.

— Faz um tempo que quero te falar... — diz ele, estendendo o braço na direção da cabeceira de madeira.

O nervosismo dele por alguma razão desperta ternura em mim e relaxo um pouco.

— Tudo bem — brinco, com delicadeza. — Já sei que você gosta de mim.

Isso me rende um sorriso, um que faz os olhos dele se enrugarem daquele jeito familiar, mas então ele fica quieto por um tempo. Estou prestes a perguntar qual é o problema quando ele diz:

— Sabe, eu lembro de você naquela feira de atividades, quando me inscrevi para a *Corneta*.

— É mesmo?

— Aham. Achei você gatinha, mas sua personalidade me pareceu meio desagradável.

Ele pegou pesado.

— Você tinha razão! — Engatinho pela cama para pegar um travesseiro debaixo da colcha e uso-o para bater nele. — Você tinha razão e mesmo assim se inscreveu para o jornal. Você podia ter pensado “hum, não, valeu” e ter feito um favor para nós dois.

Ele estende os braços para se defender e depois os cruza, sorrindo.

— Bom, eu achava que podia fazer a diferença de verdade ao concorrer para editor-chefe — diz ele. — Sabe, dar um toque mais suave para a liderança da *Corneta*.

— Vou te mostrar o que é *suave*!

Bato nele de novo com o travesseiro, e ele tenta desviar saindo da cama, mas, como todos os meus sentidos parecem aguçados e ao mesmo tempo meu cérebro está enrolado em gaze, de alguma forma acabamos

nos beijando de novo.

Dessa vez, chegamos até a abrir um zíper, mas é Len quem decide que é melhor dar uma segurada.

— Espera — diz ele, segurando minha mão. — Se a gente não vai... acho que preciso parar.

Volto até a ponta da cama, um pouco decepcionada.

— Devo ir embora?

— Não. Quer dizer, provavelmente, mas... — Ele passa a mão no rosto. — Vamos só conversar um pouquinho.

— Ok, sobre o que você quer conversar?

— Sobre o que você quiser. Faz uma pergunta.

— Qual foi o mais longe que você chegou com uma garota?

Ele ri e solta um assobio baixo, como se eu tivesse lhe dado um soco na barriga.

— Você não pega leve, hein?

— Só curiosidade.

— Ok — diz ele. — Fui um pouco além disso. Uma vez.

— Com quem?

— Katie Gibson.

Não parece ser ninguém de Willoughby.

— A... irmã do Adam?

— Prima. Em uma festa no verão passado.

— E o que aconteceu depois?

— Fiquei na seca.

— Então você nunca foi até o fim.

— Não. E você?

A resposta me pega de surpresa, como um lançamento de beisebol que se anuncia em uma direção e atravessa a base em outra. Do tipo

que, conforme Len me explicou durante o jogo contra Hargis, revela a verdade sobre o arremessador.

— Não — respondo devagar. — O último garoto que beijei foi quando eu ainda estava na escola de chinês.

— Qual era o nome dele?

— Bertram Wu.

— *Bertram*. — Len diz isso usando um tom exageradamente anasalado, o que o faz gargalhar.

— Tá bom, *Leonard* — digo no mesmo tom.

— Isso meio que só piora as coisas para você.

Eu o empurro, mas ele continua rindo, e eu me junto a ele.

— E o que aconteceu com o Bertram? — pergunta ele, finalmente se recuperando.

— A família dele voltou para Singapura, e fim da história.

— Você era apaixonada pelo Bertram?

— Provavelmente não. E você não precisa continuar falando o nome dele. Muito menos desse jeito.

— Ok, ok. — Len ainda ri, mas está mais calmo quando pergunta: — Você já se apaixonou por alguém?

Não respondo de imediato.

— Não sei direito — declaro por fim. — E você?

— Talvez.

Len segura minha mão, correndo um dedo pelas linhas na minha palma. O toque parece acalmá-lo, mas tem o efeito oposto em mim.

Afasto a mão.

— Você acha que é possível alguém passar uma vida inteira, casar, ter filhos e envelhecer, sem nunca se apaixonar de verdade? — pergunto.



— Talvez seja mais provável se desapaixonar.

— Não sei se meus pais já foram apaixonados algum dia. Minha mãe se casou com meu pai para poder vir para os Estados Unidos.

— Ela te contou isso?

— Sim, ela diz isso o tempo todo.

Conto a Len a história que Kim e eu já ouvimos milhões de vezes, sobre como o papai era péssimo em escrever cartas. Ele já estava morando em Los Angeles, tendo conseguido asilo ao chegar do Vietnã, enquanto ela havia ficado na China. Então quando a tia dela disse que uma amiga nos Estados Unidos havia conhecido um garoto chinês-vietnamita na aula de inglês para estrangeiros, elas marcaram um encontro às cegas. Primeiro ele escreveu algumas cartas com mensagens frias, às quais mamãe respondeu (com uma foto), mas então ela parou de receber qualquer tipo de correspondência, o que a deixou bastante confusa. Isso fez todo mundo — A Gūng e A Pòh, além de várias tias e tias-avós — ficar em pânico, porque mamãe deveria ser a primeira conexão da migração em série para o país promissor. Qual teria sido o problema? Ela era a mulher mais bonita da família! Se ele não gostava dela, o que lhes restava? Por fim, alguns meses depois, uma resposta chegou.

— Sinto muito não ter escrito por um tempo — explicou papai. — Estava passando a temporada de basquete na TV.

Len cai na gargalhada.

— Vou usar esse desculpa.

— Enfim — digo. — Foi assim que meus pais se casaram.

— Se serve de consolo, meus pais se casaram porque fui um acidente.

— Sério?

— Pois é. Eles eram meio novos. Meu pai estava no segundo ano do

ph.D. na Universidade de Columbia, e minha mãe estava prestes a começar a faculdade de Direito. Mas a família do meu pai é supercatólica, então os dois decidiram manter a gravidez. Minha mãe diz que eu preciso fazer o fato de ela ter se submetido ao conservadorismo valer alguma coisa, jurando que sempre vou apoiar os direitos reprodutivos das mulheres.

É minha vez de rir.

— Ela te disse *isso*?

— Disse. Viu? Também não é a história mais romântica do mundo.

— Bom, seus pais ainda estão juntos.

— É.

— Acho que os meus também estão.

Len segura minha mão outra vez, e agora fecho os dedos ao redor dos dele.

Então meu celular vibra.

— Merda — digo. — Falando nela, deve ser minha mãe.

Quando atendo, ela parece exaltada, embora provavelmente só esteja parada no estacionamento da escola há uns dois minutos.

— Eliza! Onde você está?

— Desculpa — digo. — Eu, hã, tive um trabalho em grupo depois da aula, então você pode me buscar na casa de um colega?

— Por que você não me avisou?

— Desculpa, desculpa, esqueci.

— Onde?

— No mesmo lugar da outra vez.

Depois que desligo, um pouco da agitação da mamãe passou para mim, e junto minhas coisas às pressas. Então lembro que ainda estou usando o vestido de deusa da justiça.

— Posso me trocar em algum lugar? — pergunto para Len.

— Aqui está ótimo. — Quando eu lhe lanço um olhar sério, ele acrescenta, rindo: — Ou no banheiro, no fim do corredor.

Assim que fecho a porta, tiro o vestido com pressa e o enrolo em uma bola para enfiá-lo na mochila. Mas então, ao ver meu reflexo no espelho, percebo que preciso dar um jeito em meu rosto — especificamente, tirar o batom que, vejam só, se mostrou à prova de beijos. *Obrigada, Serena*, penso, enquanto jogo água gelada no rosto. Também percebo que meu cabelo ainda está com o penteado trançado, o que em si seria algo inocente, se eu fosse o tipo de garota que fica inventando penteados com as amigas na escola, e não preciso de mais um motivo para levantar suspeitas e ser interrogada pela mamãe.

Tiro os grampos voltando para o quarto de Len, onde ele está deitado na cama, lendo o livro que a srta. Perez me emprestou.

— Você não tem nenhum livro seu para ler, não?

— O seu parece mais interessante.

Mas agora ele só está fingindo ler. Eu me sento na borda da cama e desfaço a trança, soltando as mechas com os dedos — de um jeito nada cerimonioso, embora saiba que Len está olhando.

— Seu cabelo fica bonito assim — diz ele quando termino.

Meu rosto esquenta. Não estou acostumada a receber elogios desse tipo de um garoto — principalmente de Len, dentre todas as pessoas. E admito que sinto uma euforia que fico imediatamente apavorada de perder, como um bombom Lindt que você só consegue apreciar enquanto derrete. *Esse é o poder do olhar masculino*, percebo. É maravilhoso e terrível ao mesmo tempo.

Fico de pé em um pulo, prendendo o cabelo em um coque.

— Bem lembrado — digo a Len. — Se você notou alguma diferença,

minha mãe com certeza vai perceber também.

Lá embaixo, na porta, tenho dificuldade para calçar os tênis sem me sentar, colocar os livros no chão ou tirar a mochila das costas. Por isso, a cena envolve pular em um pé só enquanto equilíbrio o outro para enfiar o tênis.

Len pega os livros para mim, o que deixa o processo bem mais fácil.

— Então... — Ele começa, se encostando no batente da porta. — O que acontece agora?

Tento não olhar para ele.

— Não sei — respondo, pegando meus livros. — O que você acha?

Len analisa os ladrilhos no chão.

— Acho que você tem razão — diz ele. — Mesmo se eu renunciar, talvez a gente devesse deixar isso tudo... esfriar um pouco.

É, eu devo ter perdido qualquer resquício de juízo porque, embora ele esteja dizendo exatamente o que acho que ele deveria dizer, não é o que eu quero ouvir.

— Ok — digo, engolindo em seco. — Obrigada de novo por me tirar da detenção. Acho que te devo uma.

— Não esquenta com isso.

Agora que calcei os dois tênis, não tenho ideia do que fazer.

— Bom — digo, estendendo a mão. — A trégua foi boa enquanto durou.

Len sorri um pouquinho.

— Então até a próxima batalha — diz ele, esticando o braço como se estivesse prestes a me oferecer um aperto de mão vigoroso. Então ele me puxa para si e me beija.

Quando meu celular vibra outra vez, anunciando a chegada da mamãe, não tenho tempo de falar mais nada.

— Até mais — consigo dizer, me afastando dele.

— Até mais — diz ele antes de eu sair porta afora.

## 27

Não há nada como uma carona da minha mãe para dar um banho de água fria nos sentimentos que, apenas alguns segundos atrás, enquanto eu estava ocupada dando uns amassos, pareciam impossíveis de me livrar. Não é uma solução que eu necessariamente recomendaria, mas funciona muito bem.

— Quem era aquele garoto? — pergunta mamãe quando entro no carro.

Ela estacionou na entrada da garagem dos DiMartile e, a julgar por seu olhar bastante focado, pelo visto deu uma boa olhada em Len enquanto ele fechava a porta.

— Len — respondo. — Ele é do meu grupo em um trabalho de inglês. — Felizmente, embora já tenhamos falado sobre ele antes, tenho quase certeza de que ela não vai se lembrar do nome. Mas, para distraí-la, acrescento: — Aquela garota coreana, Serena Hwangbo, também está no nosso grupo.

— Aquela que está sempre na “Noite de volta às aulas”?

Membros do conselho estudantil se voluntariam para ajudar os professores nos eventos para os pais, então mamãe costuma estar mais familiarizada com eles.

— Isso.

— Cadê ela?

Mamãe parece saber que tem algo rolando. Ela afirma ter um sexto

sentido para coisas que acontecem comigo e com Kim, e ele costuma se manifestar quando a gente menos deseja. Nunca parece funcionar quando, por exemplo, eu insisto que não deixei a gaveta da cozinha aberta de propósito para irritá-la, mesmo que, sim, eu *sei* que ela já me pediu para lembrar de fechá-la um milhão de vezes.

— Ah, ela já foi para casa — falo. — Ela mora aqui perto.

— Esse é um bairro de gente rica — diz mamãe, observando as casas enquanto atravessamos a alameda Holyoke, de volta para a avenida principal que dá na nossa parte da cidade.

— Acho que sim — concordo. Então, porque é o tipo de coisa que interessaria à mamãe, acrescento: — Vários coreanos moram aqui.

— Aquele garoto é coreano?

— Não, ele é metade japonês, metade branco.

— Ah, então é por isso. Ele é muito alto. — Ela pausa, como se refletisse sobre isso. — Mas os olhos dele são pequenos para alguém que é metade branco.

Quando não respondo, ela olha para mim e faz sua melhor interpretação de tranquilidade, quase tão bem-sucedida quanto um acidente de carro.

— Então, você gosta desse garoto?

Mas o que... Está escrito na minha testa? Como ela sabe? Será que todo mundo vai descobrir?

— Não — minto.

— Que bom — diz mamãe, embora eu consiga ver que ela não acredita em mim. — Seu pai e eu não gostaríamos se você tivesse um namorado agora. Você tem que se concentrar na escola e em entrar em uma boa faculdade.

— É, eu sei.

— Além disso, você deve ser cuidadosa quando ficar sozinha com um garoto. Alguns vão tentar se aproveitar de você. Os bonzinhos não, mas nunca se sabe. Você entende o que estou dizendo?

Minha nossa. A conversa me lembra a vez que ela me perguntou se eu sabia como eram feitos os bebês, e tive que me apressar e responder que sim, eu já sabia.

— Entendo, mãe.

— Isso é um problema quando se é naturalmente bonita. Muitos garotos vão tentar te incomodar, mas você pode apenas ignorar. Não precisa gostar do primeiro garoto que se interessar por você. Pode ser criteriosa, até um pouco arrogante. Sempre vai haver alguém correndo atrás de você, mas é preciso se valorizar.

Em algum ponto, eu acho, é um discurso motivador, embora, até onde sei, pareça gratuito. Até então, nunca fui bonita o bastante para causar quaisquer problemas para mim mesma. Também estou irritada em perceber que, no universo de mamãe, Len e eu nos tornamos personagens em um sórdido drama de moralidade: garoto perigoso e garota virtuosa. Não há espaço na história para como eu me sinto de verdade. Querer o garoto faz dele menos perigoso, mas também faz da garota, para dizer em termos simples, *não* virtuosa. Esse tipo de virtude não permite outras interpretações, o que significa que um passo em falso e já era.

Penso no que Len e eu estávamos conversando e decido fazer uma pergunta arriscada.

— Você já gostou de algum rapaz?

— Não! — Mamãe parece horrorizada. — Quando eu tinha a sua idade, estava em um campo de detenção em Hong Kong. Eu só queria ir para os Estados Unidos. Por que eu iria gostar de alguém?



Antes de mamãe recorrer à sua corte epistolar com papai, ela e meu avô haviam tentado ir para os Estados Unidos por Hong Kong, que servia como um porto de primeiro refúgio durante e depois da Guerra do Vietnã. Isso aconteceu, infelizmente, depois que eles já haviam recebido asilo em Nanning, então as autoridades não viram com bons olhos a tentativa deles de se passarem por refugiados que buscavam abrigo em outro lugar. Quando foram descobertos, mamãe e A Gūng ficaram detidos por um ano inteiro como imigrantes ilegais e, por fim, foram deportados de volta para a China. Alguns anos depois, mamãe concordou em se casar com papai.

Sei de tudo isso porque a história é mencionada com frequência na nossa casa, às vezes de um jeito casual, às vezes em conversas como essa, para pôr um fim — de propósito ou não — nos meus questionamentos sobre qualquer semelhança entre nós duas. Mamãe odeia quando tento entender sua história, porque ela vê isso como uma espécie de comparação.

— Você não pode comparar a vida que você e sua irmã têm com a minha — ela sempre diz. — É muito diferente. Vocês têm muita sorte.

Tento imaginar como seria se eu tivesse conhecido Len em um campo de refugiados — sabendo, como mamãe sabia, que não queria nada (ou ninguém) que me prendesse se eu conseguisse achar uma maneira de ir para os Estados Unidos. Provavelmente não haveria beisebol por lá. Será que eu teria gostado dele? Será que eu teria acabado com minha chance de sair do país? Será que gostar dele necessariamente significaria acabar com minha chance? Ela meio que tem razão, de certa forma. É difícil saber.

— Muitos homens não eram bons no campo — diz mamãe. — Teve um que até engravidou uma mulher. Ele me perseguia também, mas eu

era muito esperta. Um dia, ele não me deixava em paz, não importava para onde eu fosse, então corri até a quadra em que ficava uma amiga da família e me escondi lá até A Gūng vir atrás de mim.

Nunca tinha ouvido essa história antes, e me choca como ela a conta de forma casual, como se o ponto crucial fosse mamãe ver a si mesma como uma pessoa esperta, em vez de uma potencial vítima de assédio sexual infantil. Ela apenas aceita a falácia de que um crime assim poderia ser simplesmente evitado com sagacidade.

— Isso é horrível.

Penso nas fotos em sépia de quando ela era mais nova, com um rosto arredondado e o cabelo preso em tranças grossas. Ela se parecia com Kim, mas sua expressão de olhos arregalados era sempre a mesma: séria, com o lábio inferior curvado, como se não confiasse e nunca fosse confiar na câmera.

— Pois é, viu só? Mulheres precisam ter cuidado. Você não pode deixar os outros te machucarem. — Mamãe me direciona um olhar firme e declara, como se fosse a grande moral da história: — Não faça nenhuma besteira.

É tudo a mesma coisa para ela, percebo. Ou então ela acredita que encarar tudo como a mesma coisa seja o único jeito de se preservar do mundo. Isso me lembra quando ela insiste em tomar um comprimido de Tylenol na dose máxima sempre que sintomas leves aparecem.

— Você precisa combater as bactérias cedo — ela vive dizendo, não importa quantas vezes Kim e eu expliquemos que Tylenol não é um antibiótico e que, de qualquer forma, gripes são causadas por vírus, não bactérias.

É fácil ignorar as crenças da mamãe sobre bactérias, mas, quando se trata de sexualidade, é outra história. Odeio admitir, mas a convicção

dela mexe comigo. Parte disso se deve ao fato de que minha adversária nessa luta, também conhecida como cultura estadunidense, na qual também estou inserida, parece dividida. Ficar com Len foi estúpido ou empoderador? Eu me desvalorizei no processo? Vou me machucar?

Nervosa, pego o celular e verifico as milhões de notificações que se acumularam enquanto eu estava brincando com meu amor-próprio.

Primeiro vejo mensagens de Winona:

**Como foi a detenção?**

**Você foi sensacional! Tá todo mundo falando disso.**

**Espera, onde você tá?**

E, é óbvio, de Serena:

**MDS?????**

**MENINA, VOCÊ NÃO EXISTE.**

**E também... você é uma gênio!**

**Tá vendo o que tão postando?**

**Cadê você?**

**ELIZA, CADÊ VOCÊ, MULHER?? ME LIGA OU MANDA MENSAGEM.**

Winona e Serena têm razão — a manifestação está dominando a esfera de Willoughby nas redes sociais. Os comentários são em sua maioria muito positivos, e era isso que a gente queria, certo?

@jennyphan03: MDS @elizquan se sacrificando pela igualdade de gênero e liberdade de expressão... fada sensata! #meta.

@fleur1618: Suuuuper inspirada pela @elizquan agora!!!!

@sayitagainsam: Quando @lendimartile vai entregar o cargo?  
#ElizaParaEditora.

Uma dor de cabeça, que piora a cada segundo, me força a interromper a leitura, e preciso fechar os olhos para fazer tudo parar de girar.

## 28

Estou deitada de bruços, com os pés para fora da cama, encarando meu celular. Essa posição está começando a ficar desconfortável, porque não me mexo há meia hora, mas o tempo parece não existir enquanto digito, delete e digito mais um vez, tentando descobrir o que devo dizer para Len.

O que exatamente aconteceu hoje? Tudo parece tão louco. Olho para a última frase que ele me mandou dias atrás.

**Você estava certa.**

A mensagem me causa a mesma sensação de quando estávamos nos beijando: uma espécie de ímpeto acelera meu coração, que parece desesperado para sair em disparada, gritando “Me deixe ir até ele!”. Eu me viro de costas, mas a inquietude continua no meu corpo, como uma coceira profunda que eu não sei como aliviar.

De repente, reticências aparecem na tela, e eu me levanto, alerta. Então, recebo uma mensagem:

**Achei que você tinha dito que a gente devia deixar isso esfriar.**

Abro um sorriso tão grande que faria alguém pensar que acabamos de eleger um congresso composto majoritariamente por mulheres.

**VOCÊ disse isso.**

A resposta dele vem rápido.

**Não, isso não é algo que eu diria.**

Solto um som entre um ronco e um riso.

**Tem razão. Não parecia que você queria parar de verdade.**

As reticências se demoram na tela antes de ele responder:

**Não quero.**

Lá vem mais um ímpeto, um bem grande que dispara um novo florescer daquela estranheza quente e perturbadora. Então percebo que não é o sentimento em si que é inédito, mas sua existência. Porque não é que eu nunca tenha imaginado como seria beijar outros garotos — apenas nunca imaginei o que aconteceria depois.

Mas, agora, não sei o que tomou conta de mim.

Não consigo *parar* de imaginar o que pode acontecer em seguida.

— Eliza! — Mamãe chama da cozinha. — Kim! Hora de comer!

Consigo me afastar do celular para me sentar à mesa de jantar, mas só consigo pensar em comer o mais rápido possível e voltar para a conversa. Kim, que estava indo e voltando do quarto mais cedo, me lança um olhar engraçado, embora não diga nada.

— Você ainda não recebeu nenhuma resposta das empresas? — pergunta mamãe ao papai, enquanto ele enfia uma colher de arroz na boca.

Quando ele coloca a tigela de volta na mesa, sobraram apenas dois terços do arroz. Mamãe diz que ele come rápido porque tem seis irmãos, o que quer dizer que, quando ele era criança, não comer rápido significava não comer nada.

Papai balança a cabeça.

— *Aiyah* — reprova mamãe. — Você precisa de uma recomendação. É sempre mais fácil quando você conhece alguém lá dentro. — Ela mastiga, pensativa. — E aqueles amigos da época da escola que você sempre encontra nas reuniões Jūng Wàh? Será que um deles não pode te ajudar a arranjar um emprego?

Papai não diz nada, apenas coloca um pouco de ong choy refogado

em sua tigela.

Mamãe suspira.

— Talvez eu deva ligar para Siu jē.

Depois do jantar, enquanto Kim e eu terminamos de lavar a louça, ouço mamãe no telefone no quarto.

— *Wái, néih hóu Siu jē* — exclama ela, com seu tom de voz mais animado em semanas. — Como vai?

No meu quarto, o livro de cálculo está aberto na escrivaninha, mas, na verdade, estou trocando mensagens com Len. Mal reparo que escureceu. Iluminada apenas pelo brilho da tela do meu celular, eu me perco em uma conversa sobre nada e tudo ao mesmo tempo.

Sobre o tempurá de legumes que o pai de Len tentou fazer para o jantar:

**Len: Pra ser sincero, ficou bem oleoso.**

**Eu: Haha você comeu?**

**Len: Comi, mas minha mãe se recusou.**

Sobre o novo aparelho de karaokê do nosso vizinho:

**Eu: Dá pra ouvir ele cantando músicas vietnamitas tristes daqui de casa.**

**Len: Ele canta bem?**

**Eu: Não. Kim tá prestes a perder a paciência porque ela tá estudando pra valer. Ao contrário de mim...**

**Len: Ah, tem alguma outra pessoa distraindo você?**

Sobre Joan Didion, cujos livros (óbvio) por um acaso estavam espalhados pela casa dele, esperando que ele manifestasse interesse:

**Len: Dá pra ver por que você gosta dela. Ela escreve de um jeito tão preciso que quase dói. É como se fosse só você e os fatos que você não consegue ignorar.**

**Eu: Exatamente! Ela é austera, mas de um jeito bom.**

**Len: Acho que talvez eu tenha um tipo.**

Sobre a banda favorita de Len:

**Len: Eles são de uma cidade litorânea, talvez a meia hora daqui. Quem me**

falou deles foi Luis.

**Eu:** Espera, o Luis tem bom gosto pra música?

**Len:** Não zoa meu brother Luis! O namorado dele tá em uma banda de verdade, então ele entende do assunto.

**Eu:** Tá bom, de que tipo de música estamos falando?

**Len:** Imagina surfistas drogados fazendo um bico com um grupo de doo-wop, mas com letras que podem realmente te dilacerar.

A novidade — descobrir que a palavra mais eloquente em uma conversa pode vir de alguém além de mim — é estonteante. Coloco meus fones de ouvido, me deito e ouço todos os links que Len me manda, procurando pedaços dele entre as notas de cada música.

**Eu:** Ok, eles são bem bons.

**Len:** É, e na verdade eles são ainda melhores ao vivo. A gente pode ir em algum show, se você quiser.

Antes de eu me perguntar se Len acabou de me chamar para sair e, se ele convidou, como devo responder, mamãe chama da sala:

— Eliza! Você pode mandar um e-mail com o currículo do seu pai para minha amiga Siu?

O tom dela me faz decidir que é melhor pausar a conversa com Len.

**Já volto, minha mãe quer que eu ajude com umas coisas de trabalho pro meu pai.**

Pego meu notebook e envio o e-mail tão rápido que quase esqueço de incluir o anexo. Então a mensagem seguinte de Len surge, fazendo um barulho que agora é o som exato da alegria, como uma notificação no topo da tela do meu computador:

**Ah, é. Como tá essa história?**

Hesito antes de responder, sentindo a névoa de euforia desaparecer um pouco.

**Não sei. Não muito bem, eu acho. Minha mãe com certeza está ansiosa.**

Pela primeira vez na noite inteira, reparo nos sons abafados da conversa dos meus pais no corredor. Volto a me afundar na minha

cadeira.

**Acho que estou meio preocupada também.**

As reticências de Len são estranhamente reconfortantes.

**Tem algo que eu possa fazer?**

Que pergunta inútil e fora da realidade. O que ele poderia fazer? Ainda assim, as palavras dele me envolvem, como um abraço de que eu não sabia que precisava. Tenho a sensação de que, se eu lhe pedisse para fazer algo, ele *de fato* pararia tudo para me ajudar.

Enquanto reviro a informação na cabeça, quase não percebo quando Kim aparece na entrada do nosso quarto, e consigo fechar meu notebook bem a tempo.

Kim sobe na cama e se recosta nos travesseiros, com os joelhos dobrados debaixo de sua colcha velha de estampa rosa da Hello Kitty. Está fingindo ler algum artigo, com o marca-texto em mãos, mas sei que na verdade está tentando adivinhar com quem eu ando conversando.

Talvez seja melhor parar por hoje. Pego meu celular outra vez.

**Não, tá tudo bem. Mas acho que é melhor eu fazer um pouco de lição de casa agora.**

Não estou preparada para a resposta dele, que vem na velocidade de um raio.

**Ok, eu também. Quer comparar as respostas?**

Nunca pensei que essa pergunta poderia mexer tanto comigo, mas é porque ninguém nunca a fez com a mesma intenção que ele: *Espera, não sai do celular. Ainda quero falar com você.*

Preciso conter um sorriso ao responder: **Aham.**

— Parece que você está de bom humor — comenta Kim por trás de suas folhas xerocadas, e eu a ignoro. Mas ela tem razão.

Meu humor está ainda melhor cerca de uma hora depois, enquanto estamos resolvendo uma série de questões de cálculo, quando percebo



que, afinal de contas, *existe* uma coisa na qual Len DiMartile não é bom: calcular derivadas.

**Você é péssimo nisso**, provoco, depois que ele erra três questões seguidas. **Parece que finalmente descobri sua fraqueza.**

Quando a resposta dele chega, não consigo decidir se fico envergonhada ou extasiada.

**Acho que você descobriu mais de uma.**

Uma coisa é certa: a mensagem definitivamente me faz desejar que Kim não estivesse no quarto.

## 29

No dia seguinte, na escola, Len e eu seguimos um acordo silencioso de agir como se ainda estivéssemos evitando um ao outro. Parece a atitude mais razoável por enquanto, porque, sendo honesta, ainda não sei bem o que pensar sobre todos os últimos acontecimentos. Sobre o que tudo isso realmente significa. Então não fazemos contato visual, falamos muito pouco um com o outro nas aulas que temos juntos e nunca ficamos perto o bastante para nos tocarmos.

O que ninguém sabe, porém, é que estamos trocando mensagens o tempo todo. Na noite passada, continuamos até bem depois de terminar a lição de cálculo, bem depois da hora de ir dormir, e vejo o reflexo disso no rosto dele um pouco mais pálido do que o normal, com a marca sutil de olheiras. Mas também há alguma coisa em seu sorriso discreto e na forma como ele se vira na minha direção quando ninguém está olhando. Sinto isso também, uma espécie de euforia elétrica que só surge quando falta pouco para ser descoberta.

Durante o almoço, quando vejo Len na redação da *Corneta*, lhe dou um artigo para editar, e então ele fica por lá por algum tempo, conversando com Tim.

— E aí, DiMartile? — diz Tim. — Você vai renunciar ou não?

Coloco fones de ouvido e finjo estar superabsorta na tela do meu notebook, mas sinto Tim olhando de soslaio na minha direção.

Len está sentado em uma bancada na lateral da sala, com os pés

apoiados em uma cadeira. Ele a inclina para a frente, depois para trás, fazendo-a afundar no carpete com um ruído abafado.

— Ainda estou pensando.

O sr. Powell está fora hoje, porque é um dos monitores na excursão anual do último ano para a Getty Villa. James também não está presente por causa do mesmo evento, o que significa que Len não teve oportunidade de contar a nenhum deles sobre seu plano de renunciar. Fez sentido para nós dois que o sr. Powell e James deveriam ser os primeiros a saber, então Len tem agido com naturalidade sempre que alguma outra pessoa pergunta.

— Cara, você realmente faria isso? — Tim baixa a voz. — Você foi eleito de forma justa. Não deixa esse pessoal te forçar a renunciar!

— Mas ela é mais qualificada que eu — observa Len, rindo. — Você sabe disso.

— *Eu* sou mais qualificado que você, cara. Não é essa a questão.

— Você devia ter se candidatado, O’Callahan. Perdeu a chance.

Tim cruza os braços e ri.

— Acho que perdi mesmo!

Depois de um tempo, eles passam a conversar sobre o desempenho dos Dodgers na temporada, e é aí que eu paro de prestar atenção. Meu celular vibra.

**Quer ir lá em casa hoje?**

Coloco o celular debaixo da mesa e tento não sorrir.

**Eu: Fazer o quê?**

**Len: Estudar, é lógico.**

Len não está olhando para mim, mas está sorrindo para o celular. Não sei muito bem o que é esse sentimento, mas é como vestir um suéter extremamente pinicante e irritante que também, de alguma forma, me aquece por dentro e por fora.

**Não ganho muito fazendo lição de cálculo com você.**

**Só estou dizendo.**

O celular dele ganha um sorrisinho que é, na verdade, para mim, e ele digita uma resposta antes de guardá-lo no bolso.

**Bom, então não vamos estudar.**

Do outro lado da sala, ele desliza para fora da bancada.

— Vou comer alguma coisa.

— É, eu também. — Tim joga a mochila no ombro e então, quando passa por mim, diz: — Até mais, Eliza.

Len, seguindo atrás dele, faz um aceno imperceptível, como se estivesse ainda menos interessado na minha presença do que Tim.

— Tchau.

Enquanto os observo desaparecer porta afora, a redação não parece tão mais viva quanto parecia apenas alguns segundos atrás.

Minha nossa, o que tem de *errado* comigo?

Meu celular vibra outra vez, e eu o pego como se não tivesse notícias de Len há dias.

**Vamos fazer o que você quiser.**

Nesse exato momento, Cassie entra na redação com a câmera no pescoço, como de costume. Ela estava fora da escola cumprindo alguma tarefa antes do início das aulas, então não a vejo desde a tarde de ontem. Reparo que ela ainda está usando o botão *FEMINISTA*.

— Oi, Eliza! — Ela abre um sorriso. — Cara, que bom que encontrei você. Queria te mostrar as fotos da manifestação.

Ela se senta em frente ao computador com a jaqueta desconjuntada, livros caindo dos braços e a bolsa tombando no chão. A câmera, por outro lado, é retirada do pescoço e colocada na mesa gentilmente, como um bebê.

— Preciso subir umas fotos novas de hoje — explica ela, conectando

a câmera ao computador —, mas as da manifestação já estão aqui.

Puxo uma cadeira para me sentar ao seu lado enquanto ela abre a pasta.

— Uau — digo ao ver as imagens na tela. — Ficaram muito boas, Cassie.

Há registros vibrantes e ensolarados de todos se reunindo no pátio, sorrindo, gritando e levantando placas, de professores espiando curiosos pelas portas abertas. Também há fotos minhas, como esperado, caminhando vendada entre Winona e Serena, subindo na mesa de almoço e erguendo a espada no ar.

Acho que nunca pareci tão poderosa em toda a minha vida.

— Foi *tão* legal, Eliza — diz Cassie. — Senti orgulho de estar lá. Acho que é a coisa mais incrível que já fotografei para a *Corneta*.

— É, você fez um ótimo trabalho!

Cassie fica lisonjeada com meu elogio genuíno, mas balança a cabeça.

— Nada, eu só estava tirando fotos. Foi você quem fez tudo acontecer.

Uma parte do meu almoço começa a azedar no estômago.

— Eu não fiz *tanta* coisa assim.

— Tá brincando, né? — Cassie faz um gesto incrédulo para a tela do computador, que agora exhibe uma foto minha em *close-up*. Minha coroa de tranças brilha sob a luz. — Você lutou pelo que acredita — diz ela. — Pouca gente tem coragem de fazer isso.

Eu me ajeito na cadeira, me sentindo cada vez mais desconfortável.

— Não sei. Acabei cedendo no final.

— Não, você se manifestou contra o dr. Guinn! — exclama Cassie.  
— Você não deixou que ele punisse todo mundo só porque queriam que

suas vozes fossem ouvidas. Você estava *total* lutando contra o patriarcado!

Consigo não vomitar em cima do computador, mas só por pouco.

De alguma forma, me levanto e resmungo que preciso passar no meu armário antes da aula. Então junto minhas coisas às pressas e aceno para Cassie antes de sair correndo porta afora.

Atravessando o pátio em disparada, eu me sinto rudemente reapresentada à solidez detalhada do mundo — o asfalto irregular sob meus pés, a luz impiedosa do sol na minha testa, o barulho ensurdecedor da multidão na hora do almoço. As perguntas que estive evitando se aproximam. O que vai significar se Len renunciar e as pessoas descobrirem que nós ficamos? E se ele não renunciar? Nós ainda vamos continuar ficando?

E é só isso que estamos fazendo, ficando? Não parece ser apenas isso, mas não faço ideia. Da última vez que alguma coisa assim aconteceu comigo, eu não cheguei a lugar algum com Bertram. Nunca namorei ninguém antes. Será que quero namorar Len?

Este último pensamento faz minhas entranhas se contraírem em ao menos três jeitos diferentes. Pego meu celular e releio a última mensagem de Len:

**Vamos fazer o que você quiser.**

Meu coração, lógico, palpita quando a vê. Mas é tão fácil para ele falar isso, ser charmoso e prestativo. Porque, se a verdade vazar, não vai ser a identidade *dele* que vai ser reduzida a uma única ficada. Sou *eu* quem não quer que ninguém saiba. Porque sou eu quem vai ser criticada.

Digito uma resposta para Len e a envio antes que acabe mudando de ideia.

**Obrigada, mas acho que vou ter que passar.**

A resposta dele é quase instantânea.

**Ah, é? Mas por quê?**

Droga, Len.

**Porque as coisas ficam complicadas quando vou pra sua casa.**

E eu com certeza não preciso de mais complicação.

## 30

Infelizmente, esqueço que meu grupo de *Macbeth* marcou outra reunião hoje à tarde, considerando que a apresentação é na segunda-feira. Len pelo jeito também esqueceu. E, dentre todo mundo, é logo Ryan quem me lembra, durante a aula de inglês.

— Vai para a casa do Len hoje? — pergunta ele, parando na minha carteira.

Acho que salto uns dez centímetros da cadeira. Então me dou conta do que ele está falando.

— Ah. — Meu rosto cora. — A gente precisa mesmo? Todo mundo já sabe as falas, não é?

— Foi você quem disse que a gente precisava ensaiar mais — diz Ryan. — Acho que as suas palavras exatas foram “especialmente você, Ryan”.

— Desculpa, eu não devia ter dito isso. Você está indo bem.

Ryan parece intrigado.

— Eliza acha que a gente não precisa mais ensaiar — diz ele para Len, que está passando por nós.

— Estranho ela dizer isso — observa Len.

— Exatamente!

Quando Serena é consultada, porém, ela aponta uma questão mais crucial.

— A gente ainda precisa decidir o figurino, não precisa? Pelos pontos



extras?

Droga.

— Bom, então vamos nos encontrar no pátio — sugiro. — A gente não precisa ir a lugar nenhum.

— Principalmente se esse lugar for a minha casa — acrescenta Len.

— Quis dizer que a gente não precisa ir para a casa de ninguém. — Lanço um olhar ameaçador para ele, que finge não ver.

Por sorte, a atenção de Serena já voltou para o celular.

— Tudo bem — diz ela, com um tom cordial. — Que seja.

\* \* \*

Depois da escola, nós quatro nos reunimos na mesa de almoço debaixo do grande carvalho. Len está usando, para variar, um boné de beisebol de Willoughby. Acho curioso, porque acho que não o vejo com um desses desde antes de ele entrar para a *Corneta*. Parece que seu cabelo está ficando um pouco mais comprido de novo.

Len se senta bem ao meu lado, agindo de forma muito natural, o que faz meu coração acelerar. O que ele pensa que está fazendo, ficando tão perto? Ele acabou não respondendo minha última mensagem, então me pergunto se isso é a forma debochada dele de responder.

Eu me afasto e dou um peteleco na aba do boné.

— Qual é a desse chapéu?

— Len e eu tivemos uma ideia para os nossos figurinos. — Ryan tira o próprio boné de beisebol da mochila e o coloca com a aba virada para trás. Então ele cruza os braços e estufa o peito, dando uma cotovelada em Len. — Vai lá, mostra pra elas.

Obedecendo ao amigo, Len gira o boné e assume uma postura

similar, parecendo apenas um pouco envergonhado. O sorriso dele faz seus olhos se enrugarem como de costume.

Ele está ridículo, e também muito lindo.

Serena explode em risadas.

— Não entendi. — Faço uma careta, tentando manter a compostura.

— Vocês são... manos?

— Isso! — Ryan está entusiasmado. — Genial, certo? Zero esforço!

— Tá bom, não. — Começo a me levantar da mesa.

— Ah, espera. — Len segura meu cotovelo. — Escuta ele.

Desvio de seu toque e volto a me sentar, perto o suficiente para quase roçar em seu corpo. Eu me recuso a deixar transparecer que percebi o que ele fez.

— Beleza, pode falar.

— Então, eu estava procurando uns resumos de *Macbeth* no YouTube...

— Ryan, você não leu a peça?

— Sim, li umas partes.

— Quais partes?

— A minha parte.

Praticamente derrubo Len quando me levanto novamente, prestes a esganar Ryan.

— Você está falando sério?

— Ei, desde que ele decore as falas, isso não faz a menor diferença para você. — Len me puxa de volta para o lado dele. — Deixa o cara falar.

— Valeu, mano. — Ryan acena com a cabeça para Len, agradecido, e eu reviro os olhos. — Como eu estava *dizendo*, eu estava assistindo a esses vídeos, e em um deles a *Macbeth* era um carinha que queria ser

presidente da fraternidade...

— Você está me dizendo que essa sugestão completamente absurda não é sequer uma ideia original?

Ryan parece ofendido.

— Por que você tem que ser tão chata, Eliza?

— Não é figurino se você estiver vestido de você mesmo!

Len se inclina e, por alguns breves segundos, nossos ombros se encostam — por tempo suficiente para eu ficar em dúvida se é a inanidade de Ryan que está me irritando ou alguma outra coisa.

— Bom, tecnicamente, seria um figurino para você — diz Len, quase no meu ouvido. Então ele ajeita a postura, sorrindo outra vez. — E para você também, Serena.

Diferente de mim, Serena parece bastante otimista com toda essa situação. Ela rouba o boné de Len e o coloca na minha cabeça com uma expressão astuta.

— Vamos ver — diz ela, ajustando a aba. — Eliza, faz a sua melhor cara de mano!

— Que coisa idiota — resmungo.

Mas, em um impulso, levanto o queixo e faço um gesto com a cabeça, algo como um “e aí?”.

Serena gargalha, e não consigo deixar de abrir um sorriso bobo.

— Você é boa nisso! — brinca ela.

Len também está rindo, mas, estranhamente, não faz nenhum comentário, e seu olhar se prolonga de uma forma silenciosa e discreta que deveria ser particular, escondida até de mim.

De maneira abrupta, arranco o boné de beisebol da cabeça e o coloco na mesa.

— Isso quer dizer que todo mundo concorda com a ideia? —

pergunta Ryan, esperançoso.

Eu me levanto e dou alguns passos pela grama, tentando me recompor.

— Vamos ficar com ela por enquanto, até eu conseguir pensar em alguma coisa melhor — anuncio com firmeza. — Mas que tal começarmos a ensaiar logo, pode ser?

Depois de passarmos as cenas algumas vezes, os garotos decidem fazer um lanche, e me sinto quase aliviada de ver os dois caminharem até as máquinas de venda automática. Estou soltando um suspiro quando Serena diz:

— Então, o que está rolando entre você e o Len?

Engasgo. A distância, Ryan está colocando algumas moedas na máquina enquanto Len espera atrás dele.

— O quê?

Encaro os garotos porque não consigo olhar para Serena.

— Parece que está rolando alguma coisa — provoca ela. — Você não está se apaixonando por ele, né?

— Não — digo, um pouco na defensiva demais. — Sem chance.

Serena está se divertindo com isso até olhar para mim.

— Ah... — diz ela, como se estivesse percebendo algo no ar.

Entro em pânico.

— Que foi?

Serena se inclina, séria, como se fosse minha advogada e precisasse saber a verdade. Ela espera por um longo tempo, com a cabeça curvada, estreitando os olhos para mim.

— Você está... ficando com ele?

As últimas sílabas alcançam as notas da incredulidade, e sinto que quero morrer. Tento fazer minha mente esvaziar por completo, mas,

como a traidora que é, ela pula para a tarde de ontem e para o quarto de Len.

— Não acredito! — Serena cobre a boca. — Você está ficando com ele.

Ela está quase rindo, mas não consigo dizer se é porque está entretida ou chocada.

— A gente não está ficando — digo.

Serena me olha de um jeito que sugere que ela não acredita nem um pouquinho no que estou dizendo.

— Só aconteceu uma vez — cedo, me preparando para a explosão iminente.

Mas tudo que Serena consegue dizer é:

— Uau.

Ela se abana, como se estivesse imaginando um lugar especial no inferno para feministas que ficam com o inimigo.

— Desculpa, de verdade. Foi uma decisão horrível.

— Eu não poderia concordar mais. — Serena balança a cabeça. — Logo ele, Eliza!

Apoio a testa na mesa.

— Eu sei, desculpa.

Eu me pergunto se a situação vai melhorar para mim se eu deixar meu rosto plantado lá.

Mas então Serena me surpreende.

— Tudo bem — diz ela, no tom de alguém que está prestes a limpar uma bagunça enorme.

Olho para ela, abismada. Mechas do meu cabelo caem na frente dos meus olhos.

— O quê?

— Eu entendo. — Ela dá de ombros. — Ele é gostoso e também é atleta. É, tipo, impossível não reparar nele.

Nós duas olhamos para Len, esticando os braços e fazendo o moletom subir até metade das costas, levando a camiseta junto.

— Ele não é mais atleta — tento explicar.

Serena joga o boné de beisebol na minha frente.

— Não?

Estremeço.

— Sabe, sempre achei que seu tipo seria uma coisa mais James Jin. Mas, pelo jeito... — Ela soa quase melancólica. — É difícil resistir a um jogador de beisebol, né?

Abro a boca para questionar a implicação de que Len é *apenas* um jogador de beisebol, mas então a fecho, porque não sei se estou pronta para dizer aquilo em voz alta.

Serena gira o bracelete ao redor do punho em um gesto reflexivo.

— Presumo que você não contou a mais ninguém.

A observação me lembra que agora Winona é parte do “mais ninguém”, o que me deixa ainda pior.

— Ainda não.

— Bom, melhor continuar assim. — Ela solta um suspiro longo e estafado. — Se fosse literalmente qualquer outro garoto...

— Eu sei — digo, esfregando as têmporas.

Serena me avalia com firmeza.

— Esse conflito na escola é maior do que você e Len agora. Então, o que quer que esteja rolando entre vocês... é melhor parar.

As palavras dela têm um ar de certeza agourenta, e fico arrepiada tanto pela convicção dela quanto pela minha inabilidade de fazer o mesmo.

— Você é mulher — alerta Serena quando não respondo. — Len vai ganhar um tapinha nas costas, mas você vai ser estraçalhada pelas pessoas. Você não vai sobreviver se isso vazar.

Os garotos estão voltando para a nossa mesa.

— O que vocês compraram? — pergunto quando eles se aproximam, porque não tenho ideia do que mais dizer.

— Uva-passa — diz Ryan, com a boca cheia delas.

Len estende para mim seu pacote com nozes e frutas secas sortidas. Começo a pegar um punhado, mas Serena me intercepta.

— Então, Eliza — diz ela, passando um braço ao redor do meu ombro. — Você vai à festa comigo amanhã, não vai?

Olho para ela, confusa.

— O que...

— A gente precisa ir à luta — interrompe Serena. — Vai ser nossa chance de conhecer uns garotos.

— Tem algo errado com os garotos que vocês já conhecem? — questiona Ryan, com a testa franzida.

Serena abre um sorriso gentil para ele.

— Que festa? — A pergunta de Len é casual, feita enquanto ele mastiga umas nozes.

Serena o deixa esperando uma resposta dando de ombros sugestivamente, mas então Ryan acaba com o mistério.

— Nate Gordon vai dar uma.

— Ah — diz Len, como se isso fosse muito óbvio.

\* \* \*

**Serena sabe**, escrevo para Len depois, enquanto espero minha mãe no

estacionamento da escola. **Ela sacou.**

**Len: Sério? Como?**

**Eu: Como assim? Ela viu na sua cara!**

**Len: Eu? Fiquei do lado do Ryan contra você o tempo todo!**

**Eu: Bom, ela descobriu. E não ficou nada feliz.**

Len leva alguns segundos para reagir à mensagem e, quando o faz, seu tom perdeu um pouco da leveza.

**Cara, desculpa, Eliza. Você vai ficar bem?**

Tento conter a parte de mim que quer que Len dirija de volta para cá e me envolva em seu abraço, deixando meu rosto se enterrar em seu peito até tudo de fato parecer bem. Seria tão simples pedir, e ele viria correndo, só que isso é exatamente o que *não pode* acontecer.

**Serena disse que vai guardar segredo. Mas... eu meio que falei pra ela que foi uma coisa casual.**

Há uma pausa antes de ele responder de novo:

**Se você for pensar, é verdade. Tem sido uma coisa casual. Em grande parte.**

Eu me recosto em um dos postes de concreto do estacionamento e mordo os lábios. Então digito o que eu realmente não quero dizer.

**Acho que é melhor continuar assim, como a gente conversou antes. E a gente deveria parar com isso também.**

As reticências aparecem e desaparecem por um tempo antes de sua resposta chegar.

**Parar com o quê?**

De repente, o sol da tarde parece insuportável.

**Sei lá, o que quer que seja isso. Todas essas... mensagens.**

Len não responde por alguns bons minutos, e minha pele começa a pinicar por inteiro, como se estivesse queimando. Eu me pergunto se Len decidiu não mandar mais mensagens. Mas ele responde, por fim.

**Ok. Então até mais.**

Meu coração para. Então é isso? Engulo em seco.



Eu nunca, nunca mesmo, chorei por causa de um garoto, mas sinto que talvez, agora, consigo entender por que alguém choraria.

Len, porém, não parou de digitar, e sua próxima mensagem me faz rir alto, embora eu não saiba bem se é de irritação ou alívio.

**Até a festa do Nate.**

# 31

Cerca de vinte minutos depois de contar a Serena que vou à festa, Winona me manda uma mensagem.

**Serena tá tentando me convencer a ir a uma festa amanhã à noite. Ela disse que você vai.**

Droga. Acho que faz sentido Serena querer que Winona vá à festa também, mas ela não faz ideia da batalha que vai enfrentar.

**Eu: É, acho que vou.**

**Winona: Por quê???**

Eu definitivamente não tenho um bom argumento, então tento me ater aos fatos.

**Eu: Ela não parava de me encher, e é difícil dizer não para ela. Você sabe como ela é.**

**Winona: É, eu sei. É exatamente essa a questão.**

Serena, de fato, tem sido bastante persistente com suas mensagens, e mais uma chega agora:

**Vai ser superdivertido!!!! Você vai esquecer completamente do Len.**

Certo... Len. A última vez que falei com ele foi hoje mais cedo, quando perguntei se ele ia mesmo à festa, e ele respondeu com um único emoji: 🙄

Isso é bom, né? Estamos nos afastando, assim como Serena disse que deveríamos fazer. Assim como eu queria. Talvez não seja mais um problema eu ainda não ter contado sobre a situação para Winona.

Só que não. E parece que, quanto mais eu espero, pior fica.

Então digito uma confissão improvisada.

**Ei, só pra você saber, eu fiquei com o Len. Sim, o Len que a gente transformou na personificação do patriarcado. Mas não é nada de mais. Sério.**

Aperto a tecla de deletar sem parar, como se tivesse medo de que meu celular fosse, de alguma forma, transmitir a mensagem se eu não apagasse rápido o suficiente. Eu sabia desde o início que a confissão não seria fácil, mas agora é definitivamente tarde demais. A reação dela vai fazer a de Serena parecer quase um afago.

**Eu: Serena não é tão ruim quanto parece.**

**Winona: Você só sucumbiu ao charme Hwangbo.**

Cinco minutos depois, porém, mais mensagens chegam:

**Droga, Eliza. Ela não para de mandar mensagem. Tive que aceitar pra não enlouquecer.**

Para distraí-la, eu me voluntario para passar o domingo inteiro filmando *Garagens*, cujo prazo, percebo com certo alarme, termina em menos de uma semana. Em meio ao caos dos últimos dias, não pensei no filme nem uma vez, e reconhecer isso acrescenta uma nova camada à culpa que já está solidificada no meu peito.

Pelo menos isso eu vou compensar, prometo para mim mesma. Depois da noite de amanhã, assim que a poeira desse absurdo com Len baixar, vou voltar com tudo para o modo produtora para que nós possamos terminar as gravações e conquistar um prêmio. O Festival Nacional de Jovens Cineastas está prestes a testemunhar um grande sucesso de Winona Wilson. Vou garantir que isso aconteça.

\* \* \*

No sábado, meus pais têm uma briga feia. Bom, na verdade é mais mamãe gritando e papai sentado na mesa de jantar, rabugento e

silencioso. As brigas deles tendem a ser majoritariamente em vietnamita, com apenas algumas interjeições em cantonês, e essa não é uma exceção.

— Por que eu preciso fazer tudo nessa família, *há*? — lamenta mamãe.

Do sofá, lanço uma expressão apreensiva para Kim, sentada em sua escrivaninha na sala de estar, estudando. A lâmpada fluorescente acima da cabeça dela é forte demais, e ainda está claro.

— Isso é para o *seu* trabalho — diz mamãe. — Você mesmo devia estar procurando, perguntando por aí. Por que tenho que fazer todas as ligações para você? Acha que eu gosto de pedir ajuda para as pessoas? Acha que não fico com vergonha?

Ainda assim, papai não diz nada. Tanto Kim quanto eu começamos a juntar nossas coisas, tentando ir para o nosso quarto sem sermos percebidas, mas ficamos presas no meio da tempestade.

— É óbvio que eu não gosto de fazer nenhuma dessas coisas. Mas faço por elas duas. — Mamãe aponta para nós. — Para as suas filhas — enfatiza ela, como se ele tivesse se esquecido de nós.

— Se eu voltar a trabalhar em restaurante, encontro um emprego amanhã — diz papai, com um tom de voz irritado.

— E aí? Para nunca estar em casa? Eliza está quase terminando o ensino médio, e Kim está na faculdade. Quando você vai passar tempo com elas?

— Algumas coisas não têm jeito — diz papai. — É o destino.

Mamãe resmunga; o descontentamento é tão afiado que faz meu estômago embrulhar.

— Tem razão. Não sei o que fiz para você em uma vida passada para ser amaldiçoada com esse sofrimento.

Mamãe diz coisas desse tipo toda hora quando está brava, até para mim e Kim. Às vezes ela fica tão furiosa, lançando na gente toda granada emocional que encontra, que não consigo fazer muito mais além de observar com um horror distante, como se ela estivesse fazendo um alvoroço por trás de um vidro.

— Se você fosse um homem diferente — continua mamãe —, eu não teria que me preocupar com nada disso. Nem com dinheiro nem com o seu emprego. Eu deveria ter me casado com um homem que pode cuidar de mim!

Sigo Kim pelo corredor. Ela me faz um sinal para ficar quieta, depois abre a porta do nosso quarto. Entramos na ponta dos pés, lentamente nos isolando do barulho. Isso me lembra quando éramos mais novas e nos arrastávamos para dentro do closet juntas e esperávamos, em meio a saias longas e calças, a crise passar. Fazia um tempo que isso não acontecia.

— Gente. — Eu me jogo na cama. — Não acredito que ela falou aquilo.

— Ela não quis dizer aquelas coisas — diz Kim de maneira automática, se sentando na beirada de sua cama.

— Não sei...

— Ela não vai largar o papai, se é o que você está pensando. Ela não faria isso.

— Eu sei. Mas nem é disso que estou falando. Estou falando da parte de se casar com um homem que podia cuidar dela. Eu não ia querer que um homem cuidasse de *mim*.

— Você sempre teve alguém para cuidar de você — diz Kim. — Então é fácil para você dizer isso.

— Bom, quis dizer quando for adulta.

— Pode ser que você descubra que é mais difícil do que pensa.

Kim é tão irritante às vezes. Está sempre agindo como se fosse muito mais madura que eu, só porque é um pouquinho mais velha. Mas não é como se ela tivesse muito mais experiência de vida. Afinal de contas, ainda mora com a gente. Quero lhe dizer que não sou como ela, que não tenho medo do quão difícil vai ser. Mas ela já está colocando seus fones, então volto a ler *A vida: modo de usar*.

\* \* \*

Depois do jantar, digo à mamãe que vou para a casa de Winona. Ela ainda está tão envolvida na briga com papai que não me faz nenhuma pergunta, o que me dá coragem de pedir para ficar fora até mais tarde.

— Posso ficar lá até meia-noite? — digo. — Winona e eu temos muita coisa para fazer no filme dela.

— Tá bom, tudo bem.

— Você ouviu — digo para Kim, porque vou precisar que ela seja minha testemunha se mamãe esquecer que concordou com isso. — Meia-noite.

Kim revira os olhos.

— Pode deixar.

Algumas horas depois, porém, enquanto estou parada na frente do espelho do banheiro, Kim aparece e se encosta no batente. Ela encontra meus olhos no reflexo das nossas imagens enquanto faço tranças duplas no meu cabelo úmido.

— Eliza, você está namorando?

Paro no meio da trança, me perguntando se talvez mamãe não estava tão distraída assim.

— Mamãe pediu para você me perguntar?

— Não.

— Então fala baixo, por favor.

Termino a trança e amarro a ponta com um elástico.

— Então você está namorando *mesmo*?

O rosto de Kim se ilumina como se alguém tivesse acabado de colocar um grande sundae na frente dela.

— Não — respondo.

— Mas é óbvio que tem um garoto no meio.

— O que você quer dizer com isso?

— Uma noite dessas, você ficou conversando com alguém no celular até bem tarde. Não pense que eu não percebi.

Pelo visto, ela não percebeu a atual pausa nas trocas de mensagens.

— Fui dormir às onze ontem à noite.

— Ok, mas agora você está se arrumando toda. — Kim gesticula para o meu cabelo.

Odeio quando ela tem razão. Outras garotas, como Kim, passam o tempo todo preocupadas com o cabelo. Mas eu não, e agora estou insegura por tentar arrumá-lo. Quando você tem sempre a mesma aparência e as pessoas estão acostumadas a vê-la daquele jeito, qualquer mudança parece chamar muita atenção. O tipo errado de atenção. Porque uma mulher séria, que se dá ao respeito, deveria querer ser notada por sua mente, não por sua aparência, certo?

Kim comprime a boca, formando um sorriso de quem sabe o que está rolando. Então abre uma gaveta.

— Passa isso no seu cabelo. — Ela me entrega uma lata turquesa de metal. — Senão suas ondas não vão durar muito tempo.

— Não quero ondular o cabelo — declaro, embora fosse exatamente

o que eu pretendia fazer. Mudo de assunto. — Posso pegar seu carro emprestado hoje?

— Só se você admitir que tem um garoto nessa história.

— Eu vou a uma festa.

Às vezes, o único jeito de evitar dizer uma verdade é contar outra verdade.

— Sêrio? — exclama Kim.

— Sim. E aí, vai emprestar o carro?

— Tá bom, tudo bem. — Kim cruza os braços e sorri. — Ele vai estar na festa?

— Kim!

Ela sorri com ternura antes de ir embora.

— Só fico feliz que você finalmente tenha entendido que tudo bem se importar com a aparência.

Eu me olho no espelho outra vez e decido deixar as tranças. Não preciso me dar ao trabalho de arrumar o cabelo só por causa de um garoto. Também decido não usar nada especial — apenas a mesma calça jeans velha e meu suéter-substituto-do-dia, um pulôver branco só um pouquinho curto demais.

No último minuto, porém, antes de sair, vasculho a gaveta de Kim e pego um batom vermelho.

\* \* \*

A residência de Nate fica logo depois de Palermo, a menos de um quilômetro da casa de Winona, então decidimos ir andando.

— Preferia estar vendo um filme — resmunga Winona ao caminharmos pela calçada vazia.



O entardecer ainda está um pouco azul, mas as luzes da rua já estão acesas.

— A gente pode fazer isso depois — digo. — Vamos só dar um oi para Serena e ir embora.

É óbvio que nunca estive na casa de Nate, mas, assim que chegamos ao seu quarto, identificamos qual é a residência. Como esperado, a música atravessa o ar da tarde com o som irritante do baixo, junto de camadas de vozes flutuando uma por cima da outra, pontuadas por urros e gritinhos. As cortinas da frente estão fechadas, mas a janela de trás está iluminada e, através das cortinas quase transparentes, é possível ver pessoas amontoadas ao redor de uma mesa, irrompendo de vez em quando em um rugido histriônico.

Quando tocamos a campainha, é o próprio Nate quem atende. Para lhe dar algum crédito, ele não age como se fosse estranho termos aparecido ali, apesar nunca termos lhe dirigido uma palavra nos últimos três anos em que estudamos na mesma escola.

— Eliza Quan! — diz Nate, abrindo caminho para entrarmos. — A feminista! — Ele está sendo brincalhão, mas de um jeito que já passou do ridículo. Ou ele já bebeu demais ou é mais ingênuo do que eu pensei.

Serena chega correndo e imediatamente envolve Winona e a mim em um abraço apertado.

— Oieeeeeee! — Ela cheira a xampu de garota descolada. — Estou tão feliz que vocês vieram! — exclama ela. Então se aproxima de mim. — Minha nossa, Eliza, eu te converti ao batom?

Fico cerca de cinquenta por cento tão corada quanto meus lábios, mas Serena entrelaça o braço no meu, depois no de Winona.

— Eu amei — elogia ela, e sinto que ser notada pela aparência talvez não seja tão ruim assim.

Encontramos Esther e Heppy a caminho da cozinha, o que nos rende outra rodada de cumprimentos agudos e abraços. Winona parece já estar exausta.

— Querem beber alguma coisa?

Serena gesticula com um floreio para a bancada da cozinha, coberta de bebidas alcoólicas sortidas.

Faço que não com a cabeça, mas, para minha surpresa, Winona aceita. Quando olho para ela, Winona dá de ombros.

— Por que não?

Serena despeja mais ou menos um centímetro de vodca de uma garrafa de plástico quase vazia, enchendo o resto do copo até a borda com suco de laranja. Ela entrega a mistura a Winona antes de tirar outro copo vermelho do plástico, que entrega a mim.

— A gente precisa fazer um brinde — ordena ela.

Obedeço, me servindo de suco de laranja, e então erguemos nossos copos, encorajadas pela saudação de Serena:

— Ao feminismo!

Meu suco está em temperatura ambiente e deixa um azedume na minha boca.

— Fica melhor com vodca? — pergunto para Winona.

Ela estende o copo para mim, e dou um gole. Agora o gosto residual é amargo, e queima como se eu estivesse corando. Insatisfeita, devolvo a bebida para Winona.

— Ei, Hwangbo! — Dylan Park está perto da mesa de jantar. — Você vai entrar no meu time ou o quê?

Serena sorri com timidez, um gesto repetido tantas vezes que não exige qualquer esforço.

— Pode ser — diz ela, como uma grande dama magnânima. — Eliza

e Winona vêm comigo também.

Tento explicar que deveria me abster, porque não sou nada boa em jogos de bebida, e também estava meio que falando sério sobre toda a coisa de não beber.

— Não importa. — Serena coloca meu suco de laranja na mesa. — É só beber desse copo.

E, se Serena diz que isso vale, então vale.

— Ok — diz Dylan enquanto nos acomodamos ao lado dele. — Vocês conhecem as regras do jogo?

Nem eu nem Winona jogamos antes, então Dylan explica. Há dois times, cada um em uma fila em um lado da mesa. Quando o jogo começa, a primeira pessoa de cada fila precisa virar a bebida, colocar o copo na borda da mesa e depois virá-lo de modo que fique de cabeça para baixo. Então — e só então — a próxima pessoa da fila faz o mesmo, e assim por diante. O time que conseguir que todos bebam primeiro vence.

O juiz é um carinha branco que não conheço, talvez seja de Hargis.

— Em suas marcas — diz ele. — Preparar... vai!

Dylan é o primeiro e é um verdadeiro profissional. Ele bebe o copo de cerveja como se fosse água e, depois, em um giro de expert, vira o copo.

Serena é a próxima, e ela é maravilhosamente péssima. Ao lado dela, Dylan pula, urrando:

— Assim você me mata, Hwangbo!

Ela finalmente consegue virar o copo depois de umas sete tentativas, e dá um gritinho enquanto o plástico oscila até parar. Dylan ergue as duas mãos para um toca-aqui duplo, e ela pula para alcançá-lo.

Enquanto isso, é a vez de Winona, e ela age com naturalidade,

mantendo a postura. Nosso time está um pouco atrás por causa de Serena, mas Winona não se deixa abalar. Ela acerta depois de apenas três tentativas.

— Boa, Winona! — grita Serena, batendo palmas.

Agora é minha vez, e estou um pouco nervosa. Engulo o suco de laranja intragável em dois goles grandes e depois coloco o copo na mesa. Ok, digo a mim mesma, foco. Visualizo o copo ficando de pé depois de um giro. Dou um peteleco na borda com o dedo e, por um milagre, ele fica de pé na primeira tentativa.

— Isso aí, garota! — Dylan não contém o entusiasmo.

Graças a mim, alcançamos o outro time. É a vez de Tony Mercado, que acerta em duas tentativas, e então nós vencemos.

Estamos todos gritando agora, até Winona, e Dylan distribui *high-fives*.

— Quem diria que feministas seriam tão boas em virar o copo? — diz ele, sorrindo.

No meio de toda a comoção, ninguém notou que todo o contingente de beisebol de Willoughby se juntou à rodinha de espectadores. Entre eles, vejo um Jason Lee bastante carrancudo. E também... um ex-arremessador particularmente alto.

Len está encostado na geladeira, com uma mão no bolso e a outra segurando uma bebida. Ele está usando uma camisa xadrez verde selva, que cai bem com o castanho-escuro de seu cabelo. Quero correr até ele e me abrigar em seus braços, me aconchegar nele do jeito que a cachorrinha de Winona, Smokey, faz quando eu me agacho para cumprimentá-la. Mas não faço isso, porque não sou um animal de estimação e também porque, sério, o que é que tá *acontecendo* comigo?

Por sorte, todos estão alvoroçados demais com Serena e Jason para

perceber. Bom, todos exceto Len, que ergue o copo na minha direção com um pequeno gesto. Um brinde quase imperceptível. Não é nada de mais, mas aquece meu coração, não muito diferente de como aquele gole da bebida de Winona fez.

A música ainda está animada, e as pessoas ao nosso redor estão rindo, conversando e se esbarrando por todo o lado, mas, neste pequeno canto do jogo, o silêncio é fúnebre, com todos esperando para ver o que vai acontecer.

— Ei, galera — cumprimenta Dylan em um ato de coragem, embora dê para perceber que ele está inseguro.

Mas Serena não precisa de seu heroísmo.

— Acho que já acabamos por aqui — diz ela, entrelaçando os braços outra vez comigo e Winona, e nos conduzindo para o quintal.

\* \* \*

Uma hora e um pouco mais de álcool depois, Winona e Serena viraram melhores amigas.

— Winona, você é, tipo, tão genial — diz Serena. Nós três estamos sentadas juntas no sofá de vime de Nate, e estou no meio, abraçando uma almofada. Serena repousa um braço carinhoso no meu. — Você também, Eliza. É óbvio. Você não fica feliz que isso tudo nos aproximou?

Winona se inclina sobre mim do outro lado.

— Não vou negar, Serena. Por um tempo, achei que você fosse muito obcecada por garotos, aparência e todas essas coisas para ser feminista de verdade. Mas você se esforçou de verdade pela manifestação, então vou te dar *um pouco* de crédito.

— Olha ela! — explode Serena, e do nada elas estão tendo um ataque de risos que termina com as duas quase em lágrimas.

De alguma forma, as coisas devem ser mais engraçadas quando se está bêbado.

— Ai, por que a gente nunca saiu juntas antes? — Serena está quase sentimental agora. — Eu amo vocês pra caralho. Eu *amo* feminismo pra caralho.

Então Esther corre até nós, com o rosto um pouco vermelho. Ela se agacha na frente de Serena e sussurra:

— Ela está aqui.

— Quem?

Serena se empertiga. Todas nós nos viramos na direção que Esther aponta com a cabeça, e então percebo com uma certeza cristalina de quem ela está falando.

É a garota do jogo de beisebol. A namorada de Jason... ou o que quer que ela seja.

— A *piranha*? — Serena agarra meu braço, e a palavra perfura um pouco minha pele, assim como as unhas dela. — Meu Deus.

O nome dela, nos conta Esther, é Vicki Wang. Ela é do terceiro ano e estuda em Hargis. Conseguimos uma boa visão dela, parada com um grupo de garotos, iluminada pela porta do pátio. Ela tem um corpo pequeno e um rosto arredondado, com ombros largos como os de uma nadadora. Suas orelhas escapam pelo cabelo, e ela enrola uma mecha nos dedos, levantados como se estivesse segurando um cigarro.

— Nossa, ela é tão vulgar — diz Esther.

É difícil não comparar a garota com Serena, quase incorporando Grace Kelly com um macacão branco com ombros de fora. Especialmente agora, vendo-a sentada perfeitamente parada, com o

queixo erguido, lançando um olhar gélido e julgador. É um pouco triste que Jason a tenha largado por... bom, por esta garota.

— Ela *é* vulgar — declara Serena. — Quem fica com o namorado de outra pessoa?

— Minha prima diz que ela fica com qualquer um — revela Esther.

Observamos Vicki se jogando para cima de um garoto que nem é Jason, rindo tanto que seu trinado inautêntico chega até nós. Ela está usando um top de veludo que, apesar dos botões na frente, não sustenta bem seus peitos.

— Ela está se envergonhando. — Serena empina o nariz. — Ela devia se dar ao respeito.

Alguma coisa nisso tudo, nessas palavras cortantes, me lembra a conversa com mamãe.

— Talvez a gente devesse deixar ela pra lá — disparo.

As três voltam a atenção para mim.

— Você não é de deixar as coisas pra lá — diz Winona, com os óculos escorregando até a ponta do nariz.

— Bom... só acho que a gente não devia ficar falando mal dela. — Afundo um pouco no sofá.

— A gente só está falando mal dela porque ela fez algo *errado*, Eliza — diz Serena. — Tipo, eu não acho que você é uma piranha só porque você...

Ela se interrompe, à beira da revelação, e eu congelo. Mas então ela disfarça, como se estivesse se enrolando com as palavras por causa da bebida:

— Quer dizer, *se* você ficasse com um cara, eu não ia achar que você é uma piranha.

— É, você é o completo oposto de uma piranha — acrescenta Esther.

Começo a respirar no ritmo normal outra vez, mas volto a olhar para Vicki, inquieta. Embora seja Jason quem mereça a culpa, *tem* algo um pouco perturbador nela. Na forma como ela continua deixando a alça do top cair pelo ombro. Na forma como ela está performando uma espécie de monólogo para aqueles garotos, com uma voz melodiosa cheia de notas falsas, com tanta animação que o cabelo está começando a grudar em sua testa brilhante. Ela quer ser desejada por eles, e de um jeito brutal. Todas nós percebemos, talvez até os garotos. E acho que todas nós reparamos em mais uma coisa também: estamos aqui, neste lado de uma linha invisível, porque somos diferentes. Não somos como ela.

Ainda assim... eu também fiquei com um garoto que não deveria. Não é a mesma coisa, lógico, porque ele não estava namorando ninguém, mas de qual lado da linha eu deveria ficar?

Estamos sempre fazendo essas distinções, percebo, porque esperamos que elas de alguma forma nos protejam. Assim como no passado eu fiz questão de me colocar no lado oposto ao de Serena, agora estamos desesperadas para nos distanciarmos de Vicki. Mas a crueldade que tememos, na verdade, se infiltra em todas nós, não importa quantas linhas tracemos.

— Acho que vou pegar uma água — digo, me levantando de repente.

A caminho da cozinha, passo por Vicki e sua plateia de garotos. Se nossos olhares se cruzarem, vou sorrir para ela, decido.

Mas ela não repara em mim.



## 32

Ao me aproximar da cozinha, percebo uma figura familiar checando as garrafas na bancada. Ele é mais alto do que eu esperava, mas não tão alto quanto Len. Reconheço-o pelo cabelo ruivo debaixo do boné de beisebol. É McIntyre, o arremessador de Hargis.

Ele dá um passo para o lado quando eu me aproximo da geladeira e coloco meu copo no dispensador de água.

— Na verdade, acho que essa é uma ideia melhor — diz ele, e se aproxima para esperar sua vez, encostado na bancada com as pernas esticadas.

De perto, vejo que ele tem olhos castanhos no mesmo tom de suas sardas.

Não revelo que sei quem ele é — depois de encher meu copo, apenas sorrio, da maneira que se sorri para estranhos, e gesticulo para a geladeira.

— Toda sua — digo, deixando-o à vontade e me afastando.

— Então, você estuda em Willoughby?

Eu paro e respondo:

— Estudo. — Depois, porque ele parece estar esperando mais alguma coisa, acrescento: — Eliza.

Ele estende a mão para me cumprimentar.

— Prazer, sou o...

— McIntyre! — Len, que apareceu atrás dele, lhe dá um tapinha nas

costas. — Como vai, cara?

— Opa, é o Len DiMartile! — McIntyre ri. — Você conhece esse cara? — diz ele, se virando para mim. — Uma lenda!

Lanço um olhar seco para Len.

— Não conhecia.

— Eu sou das antigas — diz Len. — Ela só começou a frequentar jogos de beisebol depois que parei de jogar.

— Ah, é? — McIntyre parece perceber que eu de fato conheço Len.

— Eu fui no último — explico. — E foi o meu primeiro.

— Você mandou bem aquele dia — diz Len para McIntyre. — Ainda mais com aquele tempo.

— Nossa, cara, o vento estava impossível.

Eles conversam um pouco sobre o jogo. Depois, McIntyre pergunta sobre a recuperação de Len.

— Ah, sabe como é... — disfarça Len, tentando afastar a preocupação. — Tá indo.

— Deve ser difícil — diz McIntyre, e dá para ver que ele está imaginando como seria se a mesma coisa acontecesse com ele. E há outra coisa em seu rosto também. Pena? Culpa? O que quer que seja, não acho que ele faça por mal, mas Len não gosta muito.

— Olha, foi bom ver você — diz Len. — Boa sorte com o resto da temporada.

— Falou, valeu — diz McIntyre. — Espero que você volte logo. — Para mim, ele acrescenta: — Prazer em conhecê-la, Eliza. Talvez eu te veja na próxima vez que jogarmos contra Willoughby.

Ficamos observando-o se afastar.

— Ele parece legal — digo.

Len toma um gole de sua bebida.

— Não sabia que você tinha uma queda por arremessadores.

— Não sabia que arremessadores tinham uma queda por *mim*.

Espero Len rebater meu comentário com uma gracinha, mas ele não responde. Apenas ri. E percebo que nunca havia reparado em sua risada antes: grave e generosa, com um ar brincalhão e meio bobo.

De repente, me sinto um pouco tímida.

Fico na ponta dos pés, como se estivesse tentando espiar sua bebida.

— O que é isso aí? — pergunto.

Ele me passa o copo, e o gesto parece estranhamente íntimo, como se nós dividíssemos bebidas o tempo todo. Como se fôssemos amigos há algum tempo. Ou mais que amigos.

Dou um bom gole para que ele não repare no meu rosto.

— Espera... Isso é refrigerante?

Len solta um riso debochado.

— O que você achou que fosse?

— Sei lá. Alguma coisa que o pessoal descolado bebe. Cerveja?

— Eu vim de carro, e não sabia quanto tempo ia ficar. — Ele meio que me olha de soslaio quando diz isso.

— Você é muito responsável.

— Às vezes. — Ele passa a mão na parte de trás do cabelo e baixa a cabeça. Então seu olhar se ergue devagar, um adágio hesitante. — Você quer ir lá fora um pouquinho?

*Quero*, penso, com o coração já saltitando porta afora. *Vou lá fora com você. Vou a qualquer lugar se você me pedir desse jeito.* Mas não digo nada em voz alta. Em vez disso, apenas coloco as mãos nos bolsos da frente.

— E se alguém vir a gente?

— Bom. — Ele coloca o copo na bancada e sorri. — É só não fazer

nada que você não queira que as pessoas vejam.

O quintal da frente está vazio, então Len e eu nos sentamos nos degraus da entrada. Ficamos em silêncio por um tempo. Agora, a escuridão da noite já tomou o céu, e a luz dos postes é suave o bastante para que eu possa ver as estrelas. Gosto do friozinho também, surpreendentemente afiado na noite deserta, esparramando-se sobre o concreto como se o sol nunca tivesse existido. Atrás de nós, os sons abafados da festa continuam. Mas aqui, neste degrau comum, na ponta do gramado, descubro um pouco de conforto. Ou, suponho, Len e eu o descobrimos juntos.

Ele está encostado na lateral da casa; eu, não. Estamos perto o suficiente para nos tocarmos, mas não o fazemos.

— Queria te contar. — Estico as pernas, meus sapatos bem próximos do quadril dele. — Ouvi outras músicas daquela banda que você e Luis gostam.

— Ah, é? Algum comentário novo?

— Estou dividida, na verdade.

Len parece entretido.

— Como assim?

— Bom, eu gosto bastante deles. A voz do vocalista principal é provocativa, mas de um jeito bom. É irritante e relaxante ao mesmo tempo.

— É. Como se tivesse sido submersa no álcool de uma pastilha de mel e limão para tosse.

A especificidade da imagem, jogada de forma tão casual na conversa, me assusta, como se ele tivesse acabado de segurar minha mão. Eu até recuo — parece mesmo que ele me tocou — e escondo os dedos nas mangas do meu suéter.

— Você bem que leva jeito com as palavras — admito devagar, admirada e brincalhona, mas estou falando sério.

Ele dá de ombros.

— Eu também sempre gostei da voz dele. Acho que já passei um bom tempo pensando em como eu a descreveria.

Alguma coisa no jeito como ele revela aquilo, tirando uma folha áspera e afiada de uma roseira perto de seu ombro, me faz querer que ele me beije. Quero sentir seu beijo dissolver tudo, como das outras vezes, e depois quero ouvi-lo descrevendo o beijo, para que eu possa ter suas palavras também, como uma memória em forma de poesia que eu possa guardar em um cantinho do meu coração.

— Enfim — digo, afastando os pensamentos. — Acho que o problema é que algumas das melhores músicas deles são... bom, meio misóginas.

— Elabore.

Os olhos dele vagam pelas casas do outro lado da rua. Suas fachadas, todas parecidas, estão envoltas pela escuridão.

— Tipo aquela que fala sobre uma mulher tão horrível que faz o cara querer se suicidar pulando em um lago. Acho que tem um verso sobre como a beleza dela é a única coisa boa nela, e ela está desperdiçando isso.

Len ri.

— Ok, entendi o que você disse — concorda ele, jogando a folha em mim. — Mas eu diria que a perspectiva varia de faixa para faixa. Cada uma é uma história diferente. Então a persona de uma não tem a ver de fato com as visões de mundo da banda em geral. Eu espero.

— Eu sei, mas acho que às vezes não fica muito explícito como a banda se sente em relação a uma persona em particular. Ou como eles

querem que a gente se sinta em relação a ela. — Por impulso, estendo a mão e puxo a ponta desgastada do cadarço dele, embora não forte o bastante para desfazer o nó. — Então fico pensando se isso é um problema, sabe? Mas me pego querendo escutar as músicas mesmo assim. — Olho de soslaio para ele. — Não consigo parar de ouvir.

Len se inclina para a frente, com os braços apoiados nos joelhos. Se eu quisesse, poderia afastar uma mecha de cabelo de sua testa. Se ele quisesse, poderia estender os braços e me puxar para perto. E, por um segundo, parece mesmo que talvez um de nós vai fazer alguma coisa. Mas então ele pega uma pedrinha e a lança no gramado.

— Acho que não tem problema gostar de algo problemática — diz ele. — Desde que você veja pelo que é. — Ele abre um sorriso travesso. — E você é boa nisso.

Às vezes, não entendo como ainda não evaporei por completo.

Então, de repente, Len tira o celular do bolso.

— Aqui — diz ele, desbloqueando-o. — Fiz você ouvir umas músicas misóginas. Vamos ouvir algo de que você gosta.

Ele me entrega o aparelho, e eu o seguro com as duas mãos.

— Agora? — Dou uma olhada ao redor. — Aqui fora?

— Por que não?

A noite nos cerca com sua quietude, e quase não ouço mais a festa.

— Ok. — Penso por um momento, e então sei exatamente o que digitar na busca. — Aqui vai a minha banda favorita.

É assim que Len e eu acabamos com nossas cabeças próximas, pescoços curvados sobre a tela do celular, perfurando a calma suburbana com um hino punk rock de uma banda feminina explodindo dos pequenos alto-falantes do aparelho.

— É incrível — diz Len, sorrindo.

Na música que escolhi, a vocalista critica todos que a diminuem porque ela é uma mulher. Em diferentes momentos do clipe, ela está vestida de presidente, de bruxa sendo queimada na fogueira e de sufragista. A expressão dela é bastante furiosa, rebelde, mas ela também parece estar se divertindo muito. Sempre fico supermotivada depois de ouvir a música, e é assim que me sinto agora, zonzinha não só por causa da música em si, mas também pela embriaguez de dividi-la com Len.

— Gosto que a guitarrista, a baixista *e* a vocalista sejam todas mulheres — explico. — Elas têm a nossa idade, e são todas muito descoladas. Especialmente a vocalista. Ela é tão gata.

— É mesmo.

— Queria ser tão incrível como ela.

— Ela meio que me lembra você.

Eu me viro para ele, surpresa, e é aí que ele me surpreende com um beijo. Embora eu tenha passado a noite toda ansiando por isso, não esperava que fosse ser tão bom, que eu fosse ficar tão perdida nele, que eu quisesse me perder ainda mais.

Mas então ele recua de repente.

— Tudo bem. — Penso que talvez ele tenha parado por conta do que eu disse na cozinha, mas, nesse momento, com os dedos enroscados em sua camisa xadrez, é difícil lembrar por que eu me importei com aquilo.

— Não tem ninguém aqui.

— Não.

A palavra sinistra me faz paralisar. Sua expressão está cheia de incerteza, e vejo um lampejo de como ele devia ser quando criança, muito antes de aprender a não deixar seu rosto traí-lo.

— Qual é o problema, Len?

Ele desvia o olhar.

— Eu posteí o manifesto.

Isso me atinge feito um tapa na cara, e meu cérebro, em circunstâncias normais tão confiável, se recusa a fazer as sinapses.

— Mas achei que tivesse sido a Natalie — comento. — Foi você que falou para ela publicar?

— Não, fui eu quem postou. Na página inicial da *Corneta*.

Outro tapa, na outra bochecha.

A descrença me sufoca. Um segundo atrás, a postagem do manifesto parecia muito distante. Agora estou de volta à redação da *Corneta*, tomada por um pavor que me faz querer vomitar. Dessa vez, porém, é ainda pior do que antes, porque sei que foi *Len* quem escancarou meus pensamentos particulares e os espalhou por aí para todos lerem. Foi Len quem violou um espaço que eu pensava ser seguro, dando início a um monte de humilhações e críticas contra as quais eu tive que lutar sem qualquer ajuda dele. E, pior de tudo, ele nunca disse uma palavra sobre isso. Ele tem mentido para mim durante todo esse tempo. Len, o garoto que fez eu me apaixonar, esmagou minha confiança antes mesmo de eu dá-la a ele.

Em um instante, o mundo — o barulho da festa, esse momento nos degraus, o beijo — se torna sórdido.

— Por que você não me contou?

— Desculpa. — Len fecha os olhos. — Desculpa, Eliza. Eu não queria que nada disso acontecesse.

Por alguma razão, isso me deixa ainda pior.

— Você podia só ter me dito.

Pareço calma, mas por dentro estou fervendo com algo quente e feroz.

— Eu queria, principalmente antes...



Ele suspira, e sei que está falando de antes de nós ficarmos. Contra a minha vontade, meus pensamentos voam até nós naquela tarde, a mão dele por baixo da minha saia, minha mão descendo pela sua camisa e, pela primeira vez, eu me sinto como nunca achei que deixaria qualquer garoto me fazer sentir: sem valor.

— Por que você fez isso? — Obrigo minha voz a não estremecer. — Eu estraçalhei você naquele manifesto. Por que você quis postar uma coisa daquelas?

Ele não responde de imediato, apenas joga a cabeça para trás e examina os beirais do telhado. Finalmente, do fundo da garganta, vem a resposta:

— Acho que percebi que você tinha razão. É como eu te falei. Você vê as coisas do jeito que elas são.

Eu não me mexo, esperando que ele continue. Ele dá um suspiro longo e profundo.

— As coisas que você falou no manifesto eram verdade. Eu senti que você foi a única que enxergou a verdade por trás de toda a merda que eu falei. Senti que você realmente... me enxergou.

Os olhos dele encontram os meus, e sinto um arrepio, contrariada. Não há um traço de seu costumeiro humor confiante, nenhuma camada de plástico bolha de sarcasmo ao redor de suas palavras. Ele parece exposto e suave de uma forma que nunca vi antes — de um jeito que poucas pessoas devem ter visto. E, por alguma razão, eu me sinto responsável por protegê-lo. Honrada, até. Quero aninhá-lo nos braços e afagar seu belo cabelo, dizendo: *você tem razão, eu sou a única que te enxerga*.

Mas é então que percebo uma coisa: não sou especial. Sou apenas como todo mundo, sendo envolvida por aquelas baboseiras dele. Estou

perdoando-o fácil demais.

— Não. — Meu tom é bastante assertivo agora. — Eu não enxerguei você coisa nenhuma. Eu achava que você era só um atleta idiota levando a vida numa boa. Mas estava errada. — Eu me levanto. — Você não é idiota. É pior.

Ele se levanta também e, de repente, preciso erguer a cabeça para cuspir as palavras.

— Eu sabia que você era covarde, mas não sabia que seria capaz de machucar outra pessoa.

Ele recua.

— Isso não é justo.

— Qual parte?

A pergunta o faz hesitar.

— Eu não queria machucar você.

— Eu não me importo com o que você *queria* fazer. Eu me importo com o que você *fez*. E, no meu ponto de vista, você não conseguiu fazer a coisa certa, mesmo que fosse algo tão simples. — Balanço a cabeça. — Você não é nada se não conseguir fazer a coisa certa.

— Caramba, Eliza. — Len passa os dedos pelo cabelo, puxando as mechas com firmeza, como se quisesse arrancar todas elas. — Você sabe que nem sempre é fácil assim. Ainda mais com você. Como você teria reagido se eu tivesse contado antes?

— Eu nunca mais falaria com você.

— É isso que você quer? Que a gente nunca tivesse se aproximado?

— Sim.

— Você realmente pensa assim?

A voz dele falha na última sílaba, e meu peito aperta. Mas não volto atrás.

— Tudo que eu digo é verdade. Diferente de você.

Len fica em silêncio por um longo tempo. Quando ele enfim fala, alguma coisa muda em seu tom de voz.

— É verdade, você tem princípios.

Seu rosto está fechado, e começo a me arrepender da minha mentira.

— Tá bom, Eliza. Por que você não me conta mais sobre esses princípios? — Ele cruza os braços. — Eu sou covarde e mentiroso. Não sou sua ideia de como uma pessoa deveria ser e acho que você sabia disso antes de hoje. Então por que você veio aqui para fora comigo?

Não consigo emitir um som sequer.

— Será que suas amigas feministas, aquelas que te ajudaram a planejar a manifestação, sabem o que você está fazendo aqui?

Eu me viro para a porta, mas Len entra na minha frente.

— Você é tão certinha, Eliza. Tem tantas regras. Mas quando vai admitir que nem você consegue seguir todas elas? Quando vai admitir que, às vezes, nem você quer fazer isso?

Eu o empurro, porque estou farta daquela situação e preciso encontrar Winona para irmos embora dessa festa horrível. Tento abrir a porta telada, mas ela fica presa, e acabo tendo que forçar a maçaneta até ela finalmente abrir.

— Eliza, espera.

A voz de Len parece diferente de um segundo atrás. Está mais fraca, como se eu pudesse quebrá-la em um milhão de pedacinhos, se quisesse. Mas de que me importa? Eu o deixo sozinho ali na entrada.

## 33

Lá dentro, a festa continua da mesma forma que a deixei, mas agora o cheiro de suor e cerveja derramada me dá enjoo. Estou indo para o quintal dos fundos quando um casal, desengonçado e desorientado, cruza meu caminho. Consigo evitar uma colisão, mas por pouco.

— Ei, olha por onde anda! — grito. Então percebo quem é a garota.  
— Natalie?

Ela se vira.

— Elizaaaaa! — grita ela, como se estivesse empolgada ao me ver.

Esse é o primeiro sinal de que alguma coisa está errada.

— Você está bem? — pergunto.

Não conheço o garoto ao lado dela, pálido e com cabelo oleoso, e ele não percebe que Natalie entrou em uma conversa, se é que se pode chamar isso de conversa.

— Tô — responde Natalie. — Total. Super. — Ela dá risadinhas enquanto o garoto a conduz na direção das escadas e beija seu pescoço.  
— Para, Austin!

Natalie soluça e tropeça, caindo de joelhos.

Tem uma energia estranha nessa situação que me deixa perturbada, mas não sei ao certo o que fazer. Natalie está visivelmente bêbada, mas será que ela está embriagada demais para decidir se quer ir lá para cima com Austin? Será que ela ficaria brava se eu a impedisse? Não tenho ideia. Afinal de contas, nem somos amigas.

Tento ganhar tempo e informação.

— Então, hã, de onde você conhece o Austin?

O rosto de Natalie se enrugando em uma careta.

— O quê? — pergunta ela, mas seus olhos estão focados no chão.

Eu me curvo para interpretar sua expressão.

— Natalie...? — digo, alarmada.

Um cesto plástico de lixo, liso e redondo como uma casca de ovo, aparece entre nós na hora em que ela vomita. Eu me viro para ver quem está segurando o recipiente, e é Len.

— Já estive em festas de beisebol o suficiente para reconhecer esse olhar — diz ele, sério.

Austin, que parece bastante bêbado, ainda está esperando.

— Acho que já deu pra ela por hoje, amigo — disparo, me ajoelhando ao lado dela, e ele finalmente vai embora.

Natalie tosse, pelo jeito se aproximando do fim de seu estoque de vômito.

— Ela está acabada — observo, empurrando o lixo para mais perto dela.

— Ela vai se sentir melhor depois — diz Len.

Faço uma careta quando Natalie limpa a boca com a manga da blusa. Com os tênis brancos de cano alto virados em direções opostas, ela se debruça sobre o lixo e, enquanto continua a esvaziar o que quer que sobrou de seu lamentável jantar no cesto — se é que aquilo era seu jantar —, ela parece tão pequena. Olho ao redor em busca de suas amigas. Ela deve ter vindo com outras pessoas, certo? Cadê elas? Não sei como cuidar de bêbados. Principalmente quando não os suporto.

— Acho melhor alguém levar ela pra casa.

Com delicadeza, afasto as mechas de cabelo que grudaram no queixo

dela. Mas o carro de Kim não está aqui, e todo mundo na sala parece bêbado demais para dirigir.

Bom, com exceção de uma pessoa.

— Posso levar — diz Len. — Mas você precisa vir comigo, porque não vou aparecer na casa dela sozinho. Não com ela desse jeito.

Ele fixa os olhos nos meus quando ergo a cabeça. É uma súplica e um desafio ao mesmo tempo. Quero recusar, apenas me levantar e sair dali, deixando que ele lide com Natalie sozinho. Afinal de contas, eles parecem se conhecer bem.

Mas então reavalio Natalie, com o rosto pálido sobre o cesto de vômito.

— Onde você mora? — pergunto a ela.

Apesar de seu estado comprometido, ela consegue recitar o endereço, que eu digito no meu celular.

— É um trajeto de cinco minutos — digo a Len.

— Posso deixar você em casa depois — diz ele.

Olho ao redor tentando encontrar Winona, mas não a vejo em lugar nenhum, e Natalie está prestes a se aninhar em um sono oscilante nos braços de Len.

— Não, tudo bem — digo, porque não quero ir embora sem Winona.

— Só me traz de volta para cá.

Digito uma mensagem rápida para Winona.

**Vou levar a Natalie em casa. Longa história. Já volto.**

No banco de trás, Natalie está com a janela abaixada, o ar noturno soprando livremente pelo carro. Ela coloca o braço para o lado de fora e suspira.

— Aonde a gente vai? — pergunta ela.

— Vamos levar você para casa — digo, no banco da frente.

— O Len está dirigindo?

— Está.

A voz de Natalie se transforma em um sussurro.

— Ele é tão legal.

Não olho para Len.

— Aham.

— Eu tinha um *crush* enorme nele.

— Aham.

— Mas ele não gosta de mim. Quer dizer, não desse jeito.

Apesar de tudo, essa revelação me intriga.

— Como você sabe?

— Ele me disse — diz Natalie.

Mais uma vez, ela suspira.

Olho de soslaio para Len, que está com os olhos fixos à sua frente.

Para meu alívio, as luzes ainda estão acesas na casa de Natalie, que se revela mais uma obra-prima da arquitetura de Palermo. Len e eu caminhamos pelos familiares degraus de pedra até a porta da frente, com Natalie apoiada entre nós.

— Você está com as chaves? — pergunto.

Natalie começa a mexer em sua bolsinha, mas então a porta se abre. As mãos dela aparecem, uma ajeitando os óculos e a outra amarrando um roupão de banho ao redor da cintura. As duas parecem bastante aflitas.

— Não se preocupem — anuncia Natalie, em meio ao seu torpor. — Eu estou bem.

\* \* \*

No caminho de volta, Len e eu não trocamos uma palavra. Quando paramos em frente à casa de Nate, ele diz:

— Eliza...

Tento abrir a porta depressa, mas está trancada.

— Preciso sair — anuncio, puxando a maçaneta do carro.

— A gente pode conversar?

— Não.

Com um suspiro, Len destranca o carro, e eu saio. Para minha surpresa, vejo Winona parada nos degraus da frente. Graças a Deus. Começo a correr até ela, mas desacelero quando fica óbvio que ela não está contente em me ver.

— Que merda é essa, Eliza?

Franzindo o cenho, ela fixa o olhar em alguma coisa atrás de mim.

Eu me viro e vejo Len saindo do carro.

— Qual é o problema? — pergunto. — Eu tive que ajudar Natalie. Eu mandei uma mensagem para você...

— Minha bateria acabou. Mas Esther me mostrou.

Estou muito confusa agora.

— Esther?

Winona mostra um celular em uma capinha gigante no formato de um coala.

— Ai, meu Deus — digo, arrancando-o da mão dela.

Alguém postou uma foto de Len comigo, tirada há pouco mais de uma hora. Estamos sentados nestes mesmos degraus, explicitamente nos beijando.

Abaixo da foto, os comentários já estão começando a se acumular:

@fiverjlg: Mds... é a @elizquan e o @lendimartile?

@cooliobeans23: Acho que ela topa qualquer coisa pra ser editora-chefe 😊

@xlive328: Salve @lendimartile, marcando um ponto pro patriarcado essa



noite!!!

— Ai, meu Deus — repito. Não consigo formar outras palavras.

Len se aproxima.

— O que rolou? — Ele pega o celular antes que eu o derrube e vê a imagem incriminadora. — Merda — diz ele. — Como...

Nesse momento, Serena irrompe desengonçada pela porta, com Dylan logo atrás dela.

— Eliza, a gente conversou sobre isso — repreende ela. — Você realmente não conseguiu se controlar?

Winona olha de Serena para mim, entendendo tudo.

— *Ela* sabia? — A incredulidade faz a voz dela subir um oitavo. — Você contou para *ela*?

— Não. — Eu tento explicar, mas tudo está bagunçado na minha mente, como se fosse eu, em vez de todo mundo, que passou a noite bebendo. — Não, desculpa...

Winona se vira e volta para dentro da casa, furiosa, empurrando Serena e Dylan.

— Winona! — grito, mas ela não para.

— Viu só? — Serena diz para mim. Ela soa como se quase estivesse com pena. — Isso é só o começo.

Sinto Len prestes a colocar a mão no meu ombro, mas me afasto.

— Não encosta em mim! — grito, e saio correndo pela rua.

# 34

Corro até a casa de Winona e entro no carro de Kim. Estou suando, mas o ar da noite está fresco, então meu corpo não faz a menor ideia de como reagir. Nem a minha mente. Fecho a porta e enterro o rosto nas mãos.

O que está acontecendo comigo?

Embora esteja com medo, confiro meu celular. Os comentários na postagem ainda estão bombando, e preciso me forçar a parar de lê-los. Também recebi mensagens de Len, que ignoro, e uma de Kim, me alertando que é melhor eu voltar logo para casa, porque ela não pode continuar disfarçando minha ausência por muito mais tempo.

Ligo o carro e começo a dirigir, porque parece ser o primeiro passo lógico. Chego inteira em casa e, para meu alívio, o apartamento está silencioso quando destranco a porta.

Kim se vira para mim, sentada à sua escrivaninha.

— Nossos pais foram dormir — diz ela em voz baixa. Então ela me encara. — O que aconteceu com você?

Tiro os sapatos feito um zumbi.

— Não quero conversar sobre isso.

Passo por ela apressada antes que ela possa dizer qualquer outra coisa.

Depois de escovar os dentes, esfrego o rosto com bastante força com uma toalha até minha pele ficar vermelha. Quando desfaço as tranças,

meu cabelo está superondulado, e dou as costas para o espelho, enojada.

No quarto, subo na cama na escuridão, mas então meu quadril bate em uma coisa pesada. Estico o braço para sentir o que é, então lembro: o livro que Len me emprestou, *A vida: modo de usar*. O título é uma farsa, chega a ser ridículo. Uma farsa de merda, como o próprio Len. Sem dúvidas, o manual mais inútil que já li. Passei horas analisando as descrições densas e as anedotas confusas. Achei que tudo isso fosse revelar algo profundo sobre Len. Ou, pelo menos, sobre a vida. Em vez disso, já se passaram trezentas e cinquenta páginas, e estou tão confusa e frustrada quanto antes. A coisa toda parece um exercício de futilidade equiparada apenas à busca do personagem central em si, e não consigo acreditar que já considere a obra interessante.

Jogo o livro pela lateral da cama e me viro para a parede, me encolhendo debaixo das cobertas. Estou me sentindo horrível. Ser feminista deveria significar fazer parte de uma irmandade. Mas estraguei tudo, incluindo a única amizade que estive ao meu lado desde antes de eu sequer saber o que era feminismo.

E por quê?

Por um garoto.

Toda vez que penso nele, fico furiosa. Ainda não superei o fato de que foi ele quem publicou o manifesto. Era ele o tempo todo. O tempo todo! Lembrar de como eu não conseguia enxergar isso me dá náuseas. Não acredito que beijei aquele babaca. Não acredito que *gostei* dele.

Sinto meus olhos arderem, e é aí que percebo a maior traição de todas: ainda gosto dele. Que inferno. E, como um típico babaca, ele jogou isso na minha cara também: *então por que você veio aqui para fora comigo?*

Tento afastar suas palavras e dormir, mas, em vez disso, enfio o rosto no travesseiro e deixo as lágrimas finalmente escaparem.

## 35

Quando chego à *Corneta* na segunda-feira, Tim O'Callahan se levanta para me aplaudir lentamente.

— Isso aí, Eliza — diz ele. — Belo jeito de mostrar pra gente o que é feminismo de verdade!

Corando, abro a boca para rebatê-lo, mas James é mais rápido que eu.

— Pode parar, O'Callahan — ordena ele.

Len ajusta a postura em seu canto, tenso, mas Tim apenas sorri.

Evito qualquer outro contato visual a caminho da minha mesa, desejando que os minutos evaporem para que eu possa correr até ela.

Assim que coloco a mochila no chão, porém, Aarav faz uma pergunta.

— Então — diz ele. — É verdade que vocês mandaram ver no carro dele?

Todos ao nosso redor ficam em silêncio, e Natalie e Olivia trocam olhares chocados. Len, agora parecendo bastante irritado, sai de sua mesa como se estivesse prestes a dar um soco na cara de Aarav.

Mas eu lhe poupo o trabalho.

— Quando foi a última vez que *você* mandou ver, Aarav? — digo.

Ele fica sem reação.

— O que...

— Ah, você não quer falar sobre isso? Que curioso. Talvez não seja

da minha conta. — Lanço um olhar firme para o resto da sala, e ninguém mais dá um pio. — Posso ver os rascunhos de todo mundo, por favor?

O dia fica pior a cada hora que passa. Na aula de educação física, vou até Winona durante a corrida, mas ela começa a acelerar na pista e eu não consigo acompanhá-la. Ontem, quando fui à casa dela, esperando que ela fosse me dar uma chance de me desculpar, Doug atendeu a porta.

— Desculpa, Eliza — disse ele. — Winona me mandou falar que ela não precisa mais da sua ajuda. — Quando ele viu meu estado desolado, ofereceu: — Quer ficar para jogar Xbox comigo e com Sai?

— Não, Doug, a gente ainda vai filmar a cena! — Escutei Winona gritar lá de dentro.

— Desculpa — disse Doug mais uma vez, dando de ombros.

— Você poderia falar para ela que sinto muito? — pedi, e Doug assentiu.

Depois, fui para casa, e Winona não respondeu uma única mensagem ou ligação desde então.

Agora, enquanto atravesso o pátio, sinto os olhares das pessoas sobre mim, todos dando risadinhas debochadas entre si, sem dúvida repetindo todas as coisas horríveis que já disseram on-line:

*Lá vai aquela garota, a hipócrita. Aquela que fez um escândalo porque um garoto foi eleito para ser editor-chefe e depois ela ficou com ele. Aposto que era só com isso que ela se importava o tempo todo — aposto que nunca deu a mínima para o feminismo. A gente não disse? Como ela mentiu para as amigas desse jeito? Depois de tudo que elas passaram para ajudá-la. Mulheres como ela mancham a imagem das feministas. Ela só queria chamar atenção. Com certeza ela é do tipo que*

*dorme com os caras para conseguir alguma coisa.*

Todos me odeiam. Aqueles que desprezaram minhas reivindicações feministas estão extasiados; aqueles que sentem que traí o movimento estão indignados. Mas todos concordam em um ponto, no fim das contas: eu sou péssima.

Debaixo disso tudo, há uma energia silenciosa de algo muito ruim, que descubro não ser tão silenciosa quando vejo rabiscado no meu armário, embaixo de um *FEMINAZI* raspado:

*PIRANHA!!!!*

Estou me perguntando se seria muito ruim se eu simplesmente deixasse isso lá pelo resto do ano quando Natalie vem até mim.

— Oi, Eliza — diz ela.

— Que foi? — pergunto, sem olhar para ela.

— Eu só queria agradecer por ter me ajudado na noite da festa.

— Ah.

— Len disse que foi ideia sua. Que você pediu para ele me levar para casa.

Len distorcendo a verdade, como sempre.

— Não foi nada de mais.

Natalie observa o novo ato de vandalismo na porta do meu armário.

— Sinto muito por isso tudo estar acontecendo com você. E por todo o resto também.

— Tudo bem.

— Só para constar, não acho que você seja uma piranha.

Ela sorri para mim, e sorriu também.

— Obrigada — digo.

É esquisito. Esse tempo todo, presumi que foi Natalie quem postou o manifesto, e estava convencida de que ela era uma vaca. Agora, porém,

não tenho certeza de que ela merecia esse xingamento. Talvez nenhuma de nós realmente mereça.

\* \* \*

Então chega o temido quinto período.

Quando a aula começa, a atenção de Winona é absorvida por uma conversa com Eddie Miller, que se senta na frente dela. Ela não o suporta, então se ela prefere falar com ele a falar comigo, é porque as coisas estão *muito* ruins.

Serena também não faz a menor questão de falar comigo. Encarregada de distribuir os trabalhos corrigidos, ela atravessa os corredores, entregando-os. Quando chega ao meu, ela o coloca solenemente na minha carteira. Não é necessário dizer mais nada, a escola toda já sabe que Serena Hwangbo não vai mais andar comigo.

E não a julgo.

Se ela tem a intenção de se tornar a próxima representante da escola, agora sou uma desvantagem política.

Quanto a Len, ele desistiu de falar comigo. Tentou de manhã, quando eu estava saindo da *Corneta*, mas o ignorei, como se ele fosse apenas uma partícula de poeira no meu universo.

Ryan e eu, porém, pelo jeito ainda estamos nos falando.

— Então, Eliza, isso significa que você não é mais feminista?

— Vai à merda, Ryan.

A essa altura, meu único desejo é desaparecer na paisagem para que ninguém nunca mais notasse qualquer coisa que eu faça. Seria tão ruim ser insignificante? Seria tão chocante não defender um ideal? Eu não acho. Não mais.



Infelizmente, hoje é o dia em que nosso grupo de *Macbeth* vai apresentar as cenas e, graças ao nosso desastre de elenco, a turma parece muito mais interessada do que de costume. Quando a srta. Boskovic nos chama para a frente da sala, todos ajeitam um pouco a postura, para não perder nem um segundo do fiasco. Eles ficam decepcionados quando Len e eu não dividimos cena alguma — Banquo e Lady Macbeth só se encontram bem mais à frente na peça —, mas se refestelam quando Serena e eu apresentamos a discussão horripilante entre Macbeth e sua esposa depois que Duncan é assassinado.

Serena anda pela sala e recita suas falas, usando um boné de beisebol virado para trás, já que, devido à tragédia do fim de semana, não consegui pensar em uma ideia alternativa para os nossos figurinos. Sua versão de Macbeth é cheia de remorso e culpa, com mãos curvadas em garras que ela mantém longe de seu corpo, como se fossem de outra pessoa — como se ela não conseguisse entender como acabaram sendo suas. Observando-a, daria para pensar que Macbeth foi um verdadeiro comediante de stand-up que por acaso acabou tomando a péssima decisão de escutar sua esposa.

Certamente, ser interpretada por mim (vestida incoerentemente com meu próprio boné de beisebol) não faz Lady Macbeth ganhar nenhum ponto com essa plateia. Também não ajuda o fato de que, ao longo da cena, ela (1) planta armas na cena do crime porque Macbeth não consegue fazer isso, (2) diz a Macbeth que ele é um maricas por mudar de ideia e (3) age como se lavar as mãos fosse fazer toda a culpa desaparecer.

— “Um pouco d’água limpa-nos do feito” — diz ela para Macbeth, como uma verdadeira psicopata. — “Como é fácil, então!”

Em contraste, Macbeth termina a cena desejando não ter matado

Duncan.

— “Nunca mais. Eu temo quando penso no que fiz. Não posso mais olhá-lo.”

Enquanto finalizamos com uma reverência, a srta. Boskovic aplaude com vigor e declara:

— Confesso que não entendi muito bem o significado dos adereços de cabeça, mas foi uma interpretação inspirada, de qualquer forma!

Então ela abre espaço para uma discussão entre a turma.

Sarah Pak levanta a mão.

— Acho que essa cena contribui para a ideia de que Lady Macbeth é a verdadeira vilã da peça — diz ela. — Ela parece ter muito sangue-frio mesmo quando Macbeth está começando a se sentir mal.

A sala murmura, e várias cabeças assentem.

— Argumento interessante, Sarah — diz a srta. Boskovic. — Algum outro comentário?

Mas não há nenhum. Em vez disso, todos decidem continuar criticando Lady Macbeth.

— Ela só se importa com o poder — diz Greg Landau. — Quer tanto que Macbeth se torne rei que o força a cometer assassinato.

— É, pelo menos ele questiona se vale a pena — diz Veronica Patel. — Ele pode ter se redimido, mas Lady Macbeth continua incentivando-o.

Mais acenos de cabeça. Sim, todos concordam, Lady Macbeth é o próprio anticristo.

Então Serena levanta a mão.

— Fale, Serena — diz a srta. Boskovic.

— Acho que *Macbeth* é uma peça extremamente misógina — declara ela.

Com o comentário inesperado, um zum-zum-zum atravessa a sala. É uma afirmação ousada.

— De que forma? — pergunta a srta. Boskovic.

— Por todas as razões que todo mundo está falando — diz Serena. — Lady Macbeth é a personagem feminina principal, mas ela é supermalvada, o que não é legal, porque ela também confronta papéis de gênero por ser forte e ambiciosa. Ela está sendo punida por se comportar de uma forma que as pessoas leem como masculina.

A turma parece pensar no assunto. Abby Chan levanta a mão.

— Será que a gente deveria mesmo ler uma obra que retrata as mulheres de forma tão negativa?

Agora todos estão intrigados de verdade. Será que Shakespeare, um cara que temos que ler na aula de inglês todo ano, na verdade era misógino?

Algumas carteiras adiante, vejo Winona revirar os olhos. Por alguma razão, isso me dá coragem.

— Não sei se concordo — falo em voz alta sem levantar a mão, e todos se viram para me olhar. — Acho que é muito simplista dizer que a peça é misógina só porque Lady Macbeth é malvada.

— Por favor, elabore — diz a srta. Boskovic.

— A ambição é perigosa para Macbeth também — declaro. — A gente não deveria passar pano para ele. É ele quem de fato comete os assassinatos. — Meus pensamentos se reúnem com cada vez mais nitidez à medida que avanço. — E também dá para afirmar que a ambição de Lady Macbeth não é aut centrada. Seu foco é *ele*. Ela quer que ele seja rei, porque é isso que ela deveria desejar como uma esposa que o apoia. Além disso, ela parece se sentir culpada depois, quando enlouquece...

— Spoilers! — exclama Ryan.

— O que eu quero dizer — continuo, ignorando-o — é que não sei se a peça está necessariamente afirmando que Lady Macbeth é pior que Macbeth. — Analiso cada canto da sala. — Talvez o fato de que a gente a veja dessa forma diga muito sobre *nós*.

O sinal toca nesse momento, e a srta. Boskovic encerra a discussão.

— Vamos continuar amanhã, meus queridos!

Do outro lado da sala, Serena parece pensativa.

## 36

Discutir com Serena Hwangbo sobre *Macbeth* não foi a coisa mais inteligente que eu poderia ter feito para minha vida social, considerando as circunstâncias, mas também, que diferença isso faz de verdade? As coisas já estão bem ruins. A cada hora que passa, a história do que eu e Len supostamente fizemos na festa de Nate Gordon fica mais sórdida a ponto de qualquer pessoa achar que eu de fato me diverti naquela noite.

Eu acreditava que as pessoas não gostavam de mim, que elas achavam que eu era uma vaca. E, às vezes, talvez até me orgulhasse disso. É por isso que nunca de fato pensei duas vezes antes de rotular alguém dessa forma também. Porque ser uma “vaca” significava que eu poderia fazer o que quisesse sem me importar com insultos, já que eu enxergava certo poder nisso. Mas, nos últimos dias, tenho pensado que tipo de poder era aquele, se o mundo ainda é capaz de abrigar tanto ódio — o mesmo tipo de ódio, parece, que marca tanto a palavra *piranha*, não importa quem esteja falando.

Eu entendo bem esse tipo de ódio agora, lógico. Todos fizeram questão de garantir isso.

Depois das aulas, vou até a redação da *Corneta* e confiro se há alguém ali. Por sorte, encontro apenas James, então decido que é seguro ficar lá por um tempo.

— Como você está? — James para na frente do quadro branco enquanto passo por ele, arrastando os pés.

— Não muito bem.

— Como estão as coisas com Winona?

— Ruins.

— Ela ainda não te deixa pedir desculpas?

Eu me sento meio esparramada, repousando o queixo na mesa.

— Não.

James volta a apagar o quadro.

— E o Len?

Deixo minha cabeça pender para o lado e não respondo.

— Você também não vai deixá-lo pedir desculpas?

Eu me levanto de repente.

— Ele falou com você sobre o que aconteceu?

James se vira.

— Len? Não. Mas é bem óbvio pela forma como ele olha para você.

Ai. Abaixo a cabeça e pressiono o rosto na mesa, para que James não veja como fiquei vermelha. Sinto falta de tempos mais simples, quando James e eu não conversávamos sobre minha vida amorosa. Quando Len era apenas um atleta qualquer que eu não me importava em conhecer. Quando eu não esperava nada dele e ele não queria nada de mim.

Mas é atordoante, porque embora o estado atual das coisas seja incrivelmente patético, não sei se toparia voltar a como as coisas eram antes. Penso no que Len me perguntou na festa.

*É isso que você quer? Que a gente nunca tivesse se aproximado?*

— Publicar o manifesto foi uma atitude babaca — digo, com o rosto ainda encostado na madeira laqueada.

— Foi mesmo.

— Ele me disse que ia renunciar.

James dá de ombros, sem jeito.

— Ele não me falou nada ainda.

É óbvio que não. É provável que Len tenha mentido sobre isso também.

Abro a mochila e pego o rascunho de Olivia. É uma reportagem sobre a presença ínfima de escritoras mulheres (e muito menos de mulheres não brancas) no acervo de livros “clássicos” da biblioteca da escola. Na verdade, ela mesma propôs o tema na semana passada. É o tipo de reportagem com foco em dados que eu mesma gostaria de ter escrito, se tudo à minha volta não tivesse desmoronado.

— Fiquei inspirada, sabe, por todas as coisas feministas que você tem feito — disse Olivia. — Fez o assunto parecer, sei lá, relevante no momento.

Eu poderia tê-la abraçado, se fosse o tipo de pessoa que abraça as outras.

Estou no meio da escrita de um longo comentário nas margens quando ouço a porta se abrir.

— Hã, Eliza — diz James —, tem alguém querendo falar com você.

Meu estômago afunda, porque acho que é Len, mas na verdade é uma visitante ainda mais improvável: Serena. Ela está com meu velho suéter cinza dobrado sobre o braço.

— Ei — diz ela.

Estou surpresa demais para responder qualquer coisa além de “oi”.

— Encontrei isso nos achados e perdidos do vestiário feminino — diz Serena, caminhando até mim — quando estava procurando um dos meus brincos. — Ela estende o suéter. — Imaginei que você ia querer de volta.

Quando estico a mão para pegá-lo, ela acrescenta, como se não pudesse se conter:

— Embora ele não fique nada bem em você. Sem ofensa. Só achei que devia te avisar, como amiga.

— Ok, Serena.

Rio, apesar da situação, porque sei que ela está falando sério.

— Quer dizer, isso se... — diz ela — ainda formos amigas?

Passo os dedos pelo suéter, cheirando a mofo por ficar jogado entre meias solitárias, livros didáticos perdidos e sabe-se lá mais o quê. Parece que faz muito tempo que eu vestia isso todos os dias.

— Depende — digo. — Você está aqui para dizer “eu avisei”?

Serena me dá uma versão murcha de seu sorriso radiante.

— Não, é óbvio que não. — Então sua expressão desvanece por completo. — Sabe, todas as coisas que as pessoas estão dizendo... Isso vai passar.

— Talvez. — Dou de ombros, como se não fosse nada de mais. — Vou ficar bem.

Serena assente.

— Eu sei, mas sinto muito por não ter sido uma amiga melhor.

Suas palavras me pegam de surpresa. A última coisa que eu esperava era um pedido de desculpas de Serena Hwangbo.

— Tudo bem. — Brinco com as mangas do meu suéter. — Desculpa por ter ficado com a personificação do patriarcado.

Agora Serena ri.

— Ele vai renunciar, pelo menos?

— Não sei — digo. — Ele disse que iria, mas ainda não renunciou. Não sei quantas punhetas mais vou ter que bater para isso acontecer.

Serena parece chocada por um segundo antes de abrir um enorme sorriso.

— Minha nossa, Eliza — diz ela, caindo na risada. — Você é



péssima.

E, embora as coisas ainda estejam horríveis, é bom saber que Serena, pelo menos, não é.

Papai arranja um emprego em um restaurante de *fast-food* chinês chamado Golden Chopsticks. É diferente de seu antigo trabalho. Agora ele vai fazer frango ao molho de laranja e *lo mein* em vez de lagosta no vapor e sopa de barriga de peixe. Os clientes são mais jovens e em sua maioria brancos e latinos, em vez de chineses e vietnamitas, e fazem muitos pedidos para viagem e para entrega em casa. Papai diz que a parte mais difícil vai ser acompanhar o que chega pelo computador, porque é tudo em inglês.

Nunca estive no Golden Chopsticks, então faço uma pesquisa. As avaliações no Google são medíocres, e me pergunto se elas vão mudar depois que papai estiver trabalhando lá por um tempo. Espero que sim. Sempre avalio restaurantes pela internet, mas é meio engraçado pensar em papai sendo avaliado.

Na noite de quinta-feira, quando mamãe está na cozinha, picando alho com um cutelo de açougueiro enorme, vou até lá e me sento em uma das banquetas. Ela não ligou a coifa ainda, então o único som é da tampa da panela de arroz balançando com o vapor borbulhante. Desde ontem, quando papai voltou a trabalhar, ela passou a cozinhar sozinha de novo. Então me ocorre que quando mamãe reclama que papai não fica tempo o suficiente em casa para passar tempo comigo e com Kim, ela está falando de si mesma também.

— Oi, mãe — digo. — Precisa de ajuda?

Mamãe olha para mim e volta a cortar o alho.

— Você já acabou seu dever de casa?

— Não — respondo.

— Então vai terminar. Estou bem.

— Só estou fazendo um intervalo.

— A escola é difícil agora, mas você vai colher os benefícios depois.

*Sĩn fú hauh tìhm.*

Esse é um dos ditados favoritos de mamãe. Primeiro amargo, depois doce.

— É, eu sei.

— Se você estudar bastante, não vai precisar ser assalariada como eu e seu pai. Você vai poder ser a *lóuh báan*.

A chefe.

— Você acha que eu deveria ter meu próprio negócio quando crescer?

Estou meio que brincando, porque já sei o que ela vai dizer.

— Você é o tipo de pessoa que leva jeito para os negócios? Se sim, então ok, você pode ganhar bastante dinheiro assim. — Ela me avalia por um momento. — Mas não acho que você tem esse perfil. Você é honesta demais. É igualzinha ao seu pai.

Bom, talvez se eu tivesse sido um pouquinho *mais* honesta, não estaria tão encrencada.

— E a senhora?

— Abrir um negócio requer muita coragem. Eu não tenho.

Mamãe começa a lavar o espinafre, agitando as folhas submersas como uma expert antes de transferi-las para um escorredor de plástico rosa. Todas as vezes que tentei ajudar, ela criticou minha técnica.

— Você acha que o papai está gostando do novo trabalho?

— Não tem essa história de gostar. Trabalho é trabalho. — Mamãe sacode a cabeça. — E seu pai, seja qual for a razão, está preso nessa profissão. Dizem que o pior medo de um homem é escolher a carreira errada; o pior medo de uma mulher é escolher o homem errado.

Franzo o nariz ao ouvir isso.

— Isso não é mais verdade.

— Ainda é. Se você se casar com a pessoa errada, vai ter uma vida sofrida.

— Mas mulheres também podem ter carreiras. Elas não precisam mais ser dependentes dos homens.

— É óbvio que as mulheres devem trabalhar, mesmo que seja só meio período. O que eu sempre falo para você? Se tiver seu próprio dinheiro, vai poder ter sua própria voz. Se depender apenas do dinheiro do seu marido, um dia ele vai jogar isso na sua cara.

Decido não mencionar que uma mulher pode simplesmente não se casar, porque isso poderia me render um sermão sobre o assunto.

— Só estou dizendo que agora é possível uma mulher ser a pessoa que ganha mais dinheiro na família.

— É improvável.

— Estou dizendo que é possível.

— Uma mulher assim deve ser destemida e astuta. Não é fácil.

— Talvez eu tente.

— Não.

Fico chocada com a reação dela.

— Por que não? Você sempre fala que eu sou muito inteligente.

— A questão não é a sua esperteza. — Mamãe despeja um pouco de óleo vegetal na panela wok. — Como mulher, você deve escolher uma carreira que não seja exigente demais. Você vai ver, ter filhos e cuidar

da família é um trabalho difícil. É muito pesado fazer as duas coisas.

— Se eu for a provedora, meu marido pode cuidar da família.

— Não, mulheres são mais atenciosas por natureza. Veja só o seu pai. Ele é homem, então o trabalho dele é ganhar dinheiro para nos sustentar. Ele ama vocês, mas sou eu quem cuida de vocês.

Eu me lembro das palavras dela na briga daquela noite. *Por que eu preciso fazer tudo nessa família?*

— Não acho que as coisas precisam ser desse jeito — digo.

— Mas são. Você mesma disse que mulheres recebem menos que homens pelo mesmo trabalho, certo? Parece lógico que o marido seja a pessoa que ganha mais.

Estou surpresa por ela ter escutado alguma coisa do que eu disse.

— Sim, mas também falei que quero mudar isso.

— Talvez demore muito tempo, Eliza. — Mamãe soa cansada. — Existir já é difícil o bastante. Não torne as coisas ainda mais difíceis. — Ela liga a coifa, depois joga o alho na wok, e a conversa evapora com o chiado.

Na sala, onde Kim está estudando, me sento no sofá e apoio um cotovelo no descanso de braço.

— Você acha que a mamãe é feminista?

O lápis de Kim paira sobre seu trabalho.

— Hã, não.

— É estranho, porque às vezes parece que ela é e às vezes parece que não.

— Não é assim com a maioria das pessoas?

Acho que Kim sempre foi mais sábia do que eu.

— O que você acha que ela teria feito da vida se não tivesse filhas?  
— pergunto.

— E se não tivesse acabado como refugiada?

— Aham.

— Não sei. Ela disse uma vez que queria ser engenheira elétrica.

Eu não fazia ideia disso. Pelo que já ouvi, sempre pareceu que mamãe não tinha nenhum interesse quando criança além de tirar boas notas, “porque isso é a única coisa que importa”.

— Será que ela se lamenta? — Repouso meu queixo nas mãos. — Por não ter tido a oportunidade de fazer isso?

— É provável que sim.

Kim esfrega o olho sob os óculos, entortando-os sobre o nariz. Ela só usa óculos à noite, embora fosse parecer descolada com eles no dia a dia também.

Olho para mamãe refogando o espinafre, agitando a wok de vez em quando para sacudir bem o preparo.

— Às vezes eu acho que devia fazer engenharia — diz Kim. — Sabe, porque ela não teve oportunidade de estudar.

— Você ainda pode, não?

Kim se vira mais uma vez para as anotações espalhadas à sua frente.

— Não, não sou tão inteligente.

Ela declara isso com indiferença, como se fosse um simples fato, e eu a encaro. Como deve ser se anular desse jeito? De onde será que ela tirou essa ideia?

Mas eu sei. Já ouvi esse discurso milhões de vezes — da própria Kim, de mamãe, de todos que conhecemos. Incluindo eu. Kim é a bonita. Eu sou a inteligente.

Então me ocorre que, nos últimos tempos, Kim tem estudado bem mais que o normal. Há uma pilha de livros didáticos sobre sua mesa, incluindo um de química e outro de cálculo. Quão difícil realmente seria

se ela de fato tentasse se tornar engenheira? Se ela se esforçasse?

— É óbvio que você é inteligente.

Kim inclina a cabeça para o lado.

— As coisas melhoraram entre você e o garoto ou algo assim? —  
provoca ela.

Fico vermelha. Ela não tem ideia de como está errada.

— Estou falando sério, Kim.

Ela pega uma mecha de cabelo e alisa as pontas.

— Eu não me importo tanto assim, Eliza — diz ela. — Estou bem na biologia. Só estou tentando entrar em farmácia.

— Mas engenharia elétrica poderia ser tão mais legal, principalmente porque é uma das áreas em que as mulheres são menos representadas. Se você tivesse interesse...

— Não tenho. — Kim me corta, mas não de um jeito rude.

— Hora de comer! — chama mamãe, colocando o espinafre em uma bandeja de metal.

— Não sou igual a você, Eliza — diz Kim enquanto a sigo até a cozinha. — Não preciso que tudo na minha vida seja grandioso.

Ela abre a gaveta para pegar três pares de *faaijǐ*.

*Mas, e se fosse?*, penso.

## 38

No almoço do dia seguinte, Serena me manda uma mensagem dizendo que sou bem-vinda novamente à sua mesa, mas prefiro não me juntar a ela. Por mais que eu aprecie o apoio, acho que seria mais sábio continuar fora dos holofotes por um tempo. Então, em vez disso, me abrigo em um ponto atrás do estúdio de artes. É silencioso ali e, o melhor de tudo, ninguém consegue me observar sentada sozinha no asfalto, desembulhando meu sanduíche.

Dou uma olhada nele e suspiro. Muito peito de peru, como sempre.

A porta se abre e, por instinto, eu me agacho, apesar de estar bem escondida no outro lado do prédio.

— Ouvi que ela caiu de boca nele na festa do Nate Gordon — diz uma voz masculina. — Nos *degraus* da frente.

Estão falando de mim. Eu devia apenas me arrastar para baixo do prédio e me deitar em meio às aranhas como um cadáver.

— Que horror, Jared! — grita uma garota.

— O quê? É o que todo mundo tá falando!

É óbvio que estão falando.

— Eu realmente não achava que Eliza fazia esse tipo — diz outra voz, de um garoto. — Ela parece ser tão certinha.

Jared gargalha.

— Bom, é como dizem...

Mostro o dedo do meio para os dois, embora eles não possam me



ver.

— Não me importo com o que eles fazem. — Outra garota se manifesta. — Meu problema é, tipo, por que arrastar todo mundo para esse drama? Eu queria ter uma conversa de verdade sobre machismo no campus. — Ouço mais passos vindo da rampa, e então ela acrescenta: — O que você acha, Winona?

Quase deixo meu sanduíche cair.

— Sobre a Eliza? — A resposta de Winona é cuidadosa; ela arrasta as palavras daquela forma vaga de quando ainda está formulando o melhor jeito de realmente criticar alguém.

— Você e Serena não a ajudaram a planejar a coisa toda? Deve ter sido horrível descobrir que ela passou por cima de vocês por causa do Len.

Ela faz uma pausa, mas, depois, fala com uma prontidão que me atinge com tudo no peito:

— É, achei que ela fosse melhor que isso.

Uma chuva de culpa cai sobre mim. A vergonha me descama em pequenos fragmentos selvagens. Já ouvi muitas coisas sobre mim desde a noite da festa, mas esta é de longe a que dói mais.

— Era para Eliza ter se manifestado contra o machismo, mas ela evidentemente falhou — continua Winona, e abaixo a cabeça, me perguntando se algum dia vou parar de me sentir uma completa babaca por isso.

Então, sem qualquer aviso, ela acrescenta:

— Porque ninguém percebeu como a reação de todo mundo a essa situação toda ainda foi cem por cento machista.

As botas de Winona rangem rampa abaixo enquanto ela ultrapassa os outros, deixando todos nós em silêncio com nossos pensamentos.

\* \* \*

Naquela tarde, depois de muito refletir, decido fazer mais uma tentativa de me desculpar com Winona, embora tenha certeza de que ela ainda não quer falar comigo. Mas preciso tentar, digo a mim mesma enquanto caminho pela calçada na avenida Palermo. É o mínimo que posso fazer.

— Você disse que essa era a última vez!

Alguns metros adiante, Doug está parado no meio da rua, de braços cruzados.

— Eu disse que seria a última vez *se* a gente acertasse — grita Winona do meio-fio. — Essa foi a pior atuação que eu já vi na vida. Que diabo de emoção você estava tentando passar?

Sai, meio deitado na grama, me vê primeiro.

— Olha, é a Eliza.

Todos eles percebem minha presença, e Doug acena com entusiasmo.

— Eliza! Vem aqui e diz para a minha irmã que ela ficou louca.

Winona segura o braço de Doug com uma mão e a câmera com a outra, se dirigindo para a direção oposta.

— Duvido você fazer a Eliza me dizer qualquer coisa. Ela tem andado *muitíssimo* ocupada com outros interesses.

— Winona, espera. — Eu me aproximo, mas ela continua andando, puxando Doug consigo, que se debate. Pego o microfone boom da grama e os sigo junto com Sai. — Winona, me desculpa.

Ela não se vira.

— Você não faz mais parte da produção. Por favor, vai embora.

Acelero para me colocar na frente dela.

— Eu *sou* parte dessa produção. — Caminho de costas, pensando rápido. — Eu sou a produtora.

Winona me lança um olhar azedo.

— Não, você está demitida.

— Bom, tecnicamente, demitir as pessoas é o meu trabalho.

— Então se demita.

— Ok, se é isso que você realmente quer, eu me demito. Mas também é meu trabalho garantir que esse filme continue dentro do cronograma e, pelo que me lembro, o prazo para submissões do festival termina hoje à noite.

Estamos diante da casa dos Wilson agora, e Winona, carrancuda, solta Doug.

— Então... — continuo, embora seja arriscado. — Estava pensando, será que a gente precisa regravar essa cena?

— Pela oitava vez — murmura Doug, acariciando o antebraço.

Winona está examinando a grama, e prendo a respiração, esperando uma resposta que não sei ao certo se estou pronta para ouvir.

Por fim, ela sobe nos degraus de pedra que levam até a porta da frente.

— Veja o que você acha.

Lá em cima, eu me acomodo na frente do computador de Winona para assistir à versão atual do filme. Ele começa com uma despresticiosa Winona como irmã mais velha do personagem de Doug, passando pelos dois garotos enquanto eles brincam de bater as mãos. Então a história passa a focar apenas em Doug e Sai, que aparecem correndo pela calçada de Palermo, alegres e risonhos. Eles entram na 7-Eleven e fazem uma bagunça na seção de doces, até que minha voz os interrompe, acusando Doug de roubo. Observando os rostos dos garotos preencherem a câmera, noto como Winona foi bem-sucedida em capturar uma sensação de desconforto e claustrofobia.

— Está excelente — digo, me virando para Winona. Mas ela só faz uma careta, anotando alguma coisa em seu caderno.

Agora Doug e Sai estão conversando enquanto passeiam pela avenida Palermo. Doug está chateado com a acusação, mas Sai não entende. O conflito se intensifica, e eles brigam. Então Doug empurra Sai, Sai o empurra de volta, e Doug é derrubado na grama.

Mas então Doug se levanta novamente e dispara pela rua. Sai corre atrás dele, desajeitado, pisando com força na calçada até tropeçar e cair. Doug, ainda correndo, vira a cabeça bem a tempo de ver a queda e desacelera aos poucos. Há um momento de silêncio enquanto ele reflete sobre o que fazer. Então um carro se aproxima — ouvimos um ronco antes de ver o brilho deslumbrante do automóvel — e é Winona atrás do volante do conversível vintage do pai, arrasando com seus óculos de sol. Ela abaixa o vidro da janela e analisa a situação. *Entre*, ela parece sugerir para Doug, e ele obedece. Depois ela vai até Sai e lhe oferece uma carona também. Depois que ele sobe no banco de trás, Winona dirige rumo ao pôr do sol.

Quando o vídeo termina, estou sorrindo de orelha a orelha. Já vi vários filmes de Winona Wilson, e esse é o melhor até agora.

— Isso é uma obra-prima! — exclamo, me virando para encarar Winona. — Tipo, eu realmente... — Paro de falar quando vejo que ela não está ouvindo. — O que você está fazendo?

Winona ainda está rabiscando anotações tão intensamente que não consigo sequer lê-las.

— Acho que a cena da avenida Palermo precisa de algo a mais — diz ela, mais para a página do que para mim. — Ou talvez a menos?

Arranco o caderno de sua mão para que ela pare de escrever.

— Ei, o que foi?

— Nada — retruca ela, virando as páginas para recuperar as anotações. — Eu só preciso que o filme fique incrível. Só mais algumas mudanças e...

— Desse jeito você vai continuar fazendo mudanças para sempre — aponto. — Você nunca vai terminar assim. Como vai inscrever o filme?

— Bom, talvez eu não inscreva!

A fisgada na voz dela me faz sentar outra vez e soltar o caderno, que ela pega e leva ao peito.

— Você não pode *não* inscrever o filme — disparo. — Você não vai nem ter chance se não se inscrever.

— Sim, mas também não vou ser rejeitada.

Winona diz isso com uma voz tão baixa que eu quase não a ouço. Então entendo. Encaixo todas as peças, por fim. É por *isso* que ela reescreveu o roteiro tão obsessivamente. É por *isso* que ela insistiu em regravar tantas vezes. Porque se algo não está terminado, nunca poderá ser julgado. Ela nunca terá que lidar com o fato de que talvez a obra — e ela própria — não atingiu suas expectativas.

E, nossa, sei muito bem como é não atingir as próprias expectativas.

— Isso é superimportante, Eliza — diz Winona. — E eu acho que... principalmente agora que eu literalmente me coloquei no filme, não quero descobrir que ele não é bom o bastante. Não quero descobrir que *eu* não sou boa o bastante.

Smokey, com um talento para perceber uma boa oportunidade que só os cachorros têm, entra no quarto e repousa a cabeça no meu colo. Ela faz sua carinha mais fofa ao olhar para Winona e depois para mim.

— Talvez a vida real não funcione desse jeito. — Arrisco, afagando a cabeça de Smokey. — Talvez não se resuma a você ser boa o bastante ou não. Talvez o importante seja o processo.

Winona coça as costas de Smokey, o que faz ela balançar o rabo com animação.

— Talvez.

— De qualquer forma... — Eu a lembro. — Você mesma disse que os jurados do festival talvez sejam tendenciosos. Se eles não entenderem o seu trabalho, pode ser um problema deles, não seu.

— É — responde Winona, taciturna —, mas, no fim das contas, eles ainda são a autoridade. — O caderno escorrega de seu colo, mas ela não o pega. — Tipo, ganhar um Oscar ou entrar na Criterion Collection tem sua importância. Eu ainda quero o reconhecimento. E sinto que, se meu trabalho não for absolutamente perfeito, que chance eu tenho?

— Winona — interrompo. — Isso não parece algo que o seu pai diria? Não é o seu trabalho ser perfeita!

— Eu sei. — Winona solta um grunhido. — Eu sei.

— E sim, talvez você seja rejeitada, por razões injustas, mas a melhor coisa que você pode fazer nesse momento é arriscar. Então arrisque, porque seu filme é muito bom. Com certeza bom o bastante para concorrer. — Winona começa a negar, mas não a deixo. — Estou falando sério. Sinto muito por ter sido uma inútil nos últimos tempos, mas juro que te contaria se houvesse alguma coisa que eu achasse que você precisa alterar. Você sabe que eu falaria.

Winona se estica no chão.

— Isso é verdade — diz ela devagar. — Mas, vamos ser sinceras, seu julgamento tem se mostrado um pouco questionável.

A observação, embora não esteja errada, ainda faz com que eu queira me encolher de vergonha.

— Desculpa pela situação com o Len também — digo, arrependida. — De verdade.

Winona parou de afagar Smokey, então agora as duas estão olhando para mim com a mesma expressão de “como você pôde?”.

— O que você pensou que ia acontecer quando as pessoas descobrissem?

— Para ser sincera, não pensei muito em nada.

Ela solta uma risada pelo nariz, e é então que finalmente conto toda a história para ela. O beijo. Os amassos no quarto. A forma como Serena descobriu. A revelação sobre o manifesto.

— E, bom — digo —, você já sabe o resto.

— Que show de horrores, Eliza.

— Eu sei. Eu deveria ter te contado tudo antes.

— Por que você não contou? — pergunta Winona, franzindo a testa, mas a questão parece mais carregada de mágoa do que de raiva.

A resposta emerge do fundo do meu peito e, por mais que eu queira ignorá-la, não consigo:

— Eu fiquei com medo — admito. As palavras saem atropeladas e inadequadas, mas são verdadeiras. Todo aquele meu papinho sobre não temer nada era, no fim, injustificado. — Eu fiquei preocupada que você, mais que qualquer outra pessoa, me achasse uma decepção, pensasse que eu tinha desviado o foco do que importava de verdade. E fiquei com medo de que você estivesse certa.

Winona faz carinho no focinho de Smokey.

— Eu provavelmente *teria* sido rígida com você — concorda ela. — Como fui com Serena. — Suspirando, ela contempla o carpete por um longo tempo. — Como sou comigo mesma.

— Bem, ao contrário de você ou de Serena, eu meio que arruinei mesmo essa coisa de feminismo.

— Não arruinou, não. — Winona se inclina para trás, apoiando-se

nos cotovelos, e me encara. — Mas você também não facilitou para quem quisesse te defender.

Uma nova onda de exaustão me atinge, e me sinto pronta para me entregar a tudo — às críticas dos últimos dias, às decisões ruins que tomei, e ao que veio antes.

— Pois é — digo, cansada. — Às vezes acho que não deveria nem ter me dado ao trabalho, para começo de conversa.

— Você não acredita nisso de verdade — diz Winona. — Nem eu. — A expressão dela ganha um ar sério, e fecho os olhos, me preparando para mais críticas. — Mas da próxima vez que você decidir transformar o patriarcado em peguete, eu apreciaria ser informada antes de Serena Hwangbo. Acho que não é pedir muito, sendo sua melhor amiga.

Solto uma risada, quase murchando de alívio.

— Anotado.

— Especialmente se o garoto em questão vai aparecer me perguntando onde você está.

— O quê? — Minhas bochechas coram.

— Não esquentar, eu não fui tão legal com ele.

— Mas o que ele queria?

Smokey baixa a cabeça com desdém, e Winona arqueia uma sobrancelha.

— O que você acha?

\* \* \*

Mais tarde naquela noite, enquanto estou esticada na cama, tentando memorizar algumas palavras do vocabulário de espanhol, Winona me manda uma mensagem para dizer que *Garagens* foi oficialmente



submetido para a análise do Festival Nacional de Jovens Cineastas. Respondo imediatamente com !!!!!!!!, e pelos próximos minutos não trocamos nada além de uma série de emojis de celebração.

Então meu celular vibra com outro tipo de notificação. Pelo visto, alguém acabou de comentar naquela postagem de Natalie no Instagram, o que ainda acontece de vez em quando. Leio o *print* do manifesto como a masoquista que sou, me enchendo de raiva e humilhação enquanto releio minhas próprias palavras.

Mas então chego à última parte, os dois parágrafos que não escrevi.

*Achava que meus estimados colegas da Corneta eram melhores do que isso. Eles não são. Eles nunca foram. Nas três décadas de existência deste jornal, apenas sete dos editores-chefes foram mulheres. Isso representa dezenove por cento do total. Essa taxa é mais baixa do que a porcentagem atual de mulheres no Congresso. No Congresso, pessoal.*

*Hoje, a Corneta poderia ter dado uma pequena contribuição para inclinar o arco do universo moral. Em vez disso, elegeu mais uma vez um homem para fazer um trabalho que, em praticamente todos os critérios, deveria ter ficado com uma mulher bem mais qualificada. Estou decepcionada, indignada e ofendida — mas talvez eu não esteja surpresa.*

É então que percebo uma coisa. Se foi Len quem postou o manifesto, então... ele deve ter escrito aquele final.

O que aquilo poderia significar? Será que ele estava apenas debochando? Quer dizer, esse trecho era para ser uma paródia de algo que eu teria escrito?

Ou ele estava sendo sincero?

Imagino-o de pé na redação contando os retratos de editoras-chefes na parede, ou sentado em sua estúpida cadeira de Princeton no quarto, pesquisando o número de mulheres no Congresso.

Com a cabeça para fora da cama, confiro se *A vida: modo de usar* ainda está onde eu o joguei. É óbvio que está lá, aberto e com as primeiras cinquenta páginas dobradas. Por instinto, estico o braço para resgatá-lo, alisando as dobras até lembrar, no meio do gesto, que não deveria estar nem aí para o fato de ter estragado o livro de Len.

Vou até o final da obra criminosa, que acaba no capítulo noventa e nove. Se Perec tivesse seguido seu próprio conceito de passeio do cavalo pelo prédio residencial de maneira correta, deveria haver cem capítulos, um para cada apartamento. Mas ele não seguiu. Ele omitiu um capítulo de propósito só para quebrar o sistema. Isso foi o que aprendi ao pesquisar sobre o cara: Perec acreditava que restrições estruturais podiam ser a *raison d'être* de uma obra, mas a verdadeira criatividade e sentido vinham de abraçar um *clinamen*, ou um desvio intencional das restrições.

Então Len tinha razão quando me disse que Perec adorava regras. E, embora eu tenha me recusado a ouvir, ele também deu a entender que isso significava quebrá-las. As pessoas acham que esse fator faz com que o trabalho de Perec seja mais humanista, ou, pelo menos, mais filosófico. Porque acho que nada na vida é tão ordenado quanto se espera.

Pego meu celular mais uma vez e abro nossa conversa, as encarando as últimas mensagens que recebi dele:

**Eu errei, Eliza.**

**Me desculpa.**

**Será que a gente pode conversar? Por favor?**

Penso em responder, mas, em vez disso, bloqueio a tela e desligo a

luz. Na escuridão, eu me encolho e puxo a borda da coberta para perto do peito.

Maldito Len. Sempre que penso que o decifrei...

De manhã, estou na aula de química do primeiro período, tentando avançar na minha leitura de história dos Estados Unidos, quando os anúncios matinais começam ao som de Otis Redding.

Ergo os olhos, e é o vídeo promocional do baile de formatura de Winona, com o tema *A garota de rosa-shocking*. Ela convenceu uma aluna do último ano, Jada Williams, capitã da equipe de dança de Willoughby, a se vestir como Duckie e dublar a música “Try a Little Tenderness” — assim como no filme. Jada, vestindo um blazer bege, dança com bastante energia pelo pátio, aproveitando cada segundo. Ao final da última cena, o nome do filme aparece em magenta fluorescente e, embaixo, *Baile de formatura do Colégio Willoughby e Ingressos à venda no pátio*. Todos aplaudem quando o vídeo termina, incluindo eu.

Estou prestes a voltar para minha leitura sobre a *détente* da Guerra Fria quando ouço uma voz inesperada vindo da TV.

— Olá, Sentinelas. Aqui é Len DiMartile.

— E aqui é Serena Hwangbo.

— Por favor, se levantem para o juramento à bandeira.

Permaneço presa na minha carteira por uns bons cinco segundos depois que todos se levantam. Desajeitada, finalmente fico de pé, sem conseguir parar de encarar Len. Hoje ele está usando uma camisa de flanela em tons pastel de cor-de-rosa e amarelo. Está ao lado de Serena, que é pelo menos trinta centímetros mais baixa, e os dois se viram um

pouco, com as mãos sobre o coração.

No outro lado do peito, porém, estão usando os bótons *FEMINISTA*. O de Len, especificamente, chama a atenção por ter um pedaço de fita crepe cobrindo a palavra *FEMINISTA*. No lugar, escrita em canetinha, está a palavra *PIRANHA*.

Olho para James, que, de modo suspeito, não demonstra qualquer surpresa.

— Ei — sussurro. — O que está rolando?

— Espere e você vai ver — responde ele, enigmático.

Então, talvez pela terceira vez esse ano, presto atenção nos anúncios matinais. Obviamente, não retenho um único fato do que é dito tanto por Len quanto por Serena. Passo o tempo todo ansiosa, imaginando o que vai acontecer.

— Ok, Len — diz Serena, por fim. — Soube que você tem um anúncio especial. É isso mesmo?

— Sim — responde ele, assentindo. Ele não é tão bonito na TV como na vida real, mas a semelhança é suficiente para que meu coração acelere mesmo assim. — Bom, como vocês com certeza sabem, a equipe da *Corneta* me elegeu para ser editor-chefe no ano que vem.

As pessoas ao meu redor estão olhando disfarçadamente para mim agora. Finjo não reparar.

— E tem havido muita oposição a isso, e grande parte com razão. — Len pigarreja.

Ele parece nervoso, o que é atípico. Lá vão seus dedos no cabelo. Agora estou curiosa *mesmo*.

— Concordo que não tivemos muitas alunas em posições de liderança em Willoughby, em particular nas funções de representante da escola e editora-chefe da *Corneta*. Os números são um absurdo, e

lamento não ter feito nada para melhorá-los. Porque o feminismo, ao contrário do que muitos pensam, não se baseia em odiar caras como eu, e sim em todos nós trabalharmos juntos rumo à igualdade. — Ele olha para a câmera agora. É um olhar firme, imperturbável. — Mas essa não é a única razão pela qual vou renunciar.

Um burburinho se espalha pela sala, e até o sr. Pham para de corrigir as avaliações para ouvir.

— Estou renunciando porque fui eu quem postou o manifesto de Eliza Quan na página principal da *Corneta*. Foi uma conduta indigna de um líder e uma violação de integridade jornalística básica. Sem falar que foi bem babaca da minha parte. — Ele enfia as mãos nos bolsos. — Então, peço desculpas. Por tudo. Não posso aceitar a posição, porque não é a coisa certa a se fazer.

Ele encara a câmera mais uma vez, e é como se os olhos dele estivessem fixos nos meus.

— Obrigada, Len — diz Serena, como se ele estivesse apenas fazendo anúncios rotineiros. — É preciso muita coragem para admitir um erro, e acho que você fez isso com extrema delicadeza. — Ela lança um olhar confiante para a câmera, que, por alguma razão, também parece dirigido a mim. — Mas quero te perguntar mais uma coisa.

Ainda estou paralisada, assim como todo mundo na sala.

— Fale sobre esse bóton que você está usando. — Serena aponta para a camisa dele.

— Ah, sim — diz Len. — Como vocês com certeza sabem, estão circulando uns boatos bem pesados sobre mim e Eliza. Então eu só queria declarar algo muito importante: tudo que disserem sobre Eliza deve ser dito sobre mim também. Não é justo que só ela tenha que lidar com essa podridão.

— Isso é muito nobre da sua parte, Len — diz Serena. — Mas eu gostaria de ir além nessa discussão. — Ela arranca a fita crepe do bóton de Len revelando novamente a palavra *FEMINISTA*. Então ela cruza os braços e se dirige para a câmara: — Acho que todos nós deveríamos parar de insultar os outros. Eu também já fiz isso. Mas acredito que deveríamos nos esforçar para encorajar uns aos outros, não brigar. E, para mim, isso é importante o suficiente para ser a base de uma campanha.

Atrás dela, um banner se desdobra, mostrando Serena vestida de Rosie, a rebitadeira, exibindo os bíceps na pose clássica, com um texto que diz *Hwangbo para presidente!* no lugar de *We can do it!*.

— É isso mesmo, estou oficialmente anunciando minha campanha para representante da escola!

Tenho que reconhecer que ela sabe como transmitir uma mensagem.

Ao fundo, ouvem-se aplausos e vivas, e alguém joga uma chuva de confetes vermelhos, brancos e azuis no cenário.

— E isso é tudo — exclama Serena. — Bom dia e boa sorte!

Logo antes do anúncio matinal acabar, Len entra na frente da câmara fazendo um “v” de vitória.

— Votem na Serena! — diz ele, e então a tela fica preta.

Enquanto o sr. Pham desliga a TV, James ergue as sobrancelhas para mim.

— Qual é a sensação de ser a nova editora-chefe da *Corneta*? — pergunta ele.

Ainda estou boquiaberta, mas nenhuma palavra vem à minha mente além daquelas que decido escrever para Len:

**Tá bom, podemos conversar.**

# 40

No final do dia, espero por Len atrás do estúdio de arte, encostada na parede do prédio. A rua que faz limite com esta parte do campus é bem silenciosa e, embora seja possível ouvir o ruído distante dos atletas treinando, o único som de verdade é o vento que às vezes agita a grama amarelada.

Eu me agacho e pego os pequenos trevos-brancos, do tipo que Kim gostava de transformar em colares quando estávamos no fundamental. Ela sempre teve jeito para fazer isso: perfurava uma haste com a unha e passava outra flor pelo buraco, com o nó se firmando por conta própria. Eu, por outro lado, sempre que tentava fazer o mesmo, só conseguia amarrar uma haste na outra de forma nada graciosa. Era o preço que eu pagava pela minha força bruta e impaciência.

Estou testando o método de Kim agora, unindo meio atrapalhada um fio de trevos de quase sessenta centímetros quando percebo que Len ainda não apareceu.

Quando olho meu celular, não vejo nenhuma mensagem além da última, em que ele concordou em me encontrar aqui. Mando outra mensagem, mas, como resposta, recebo apenas um silêncio doloroso e prolongado.

Onde ele poderia estar? Parte de mim se pergunta se ele vem mesmo, no fim das contas. Será que ele fez tudo aquilo mais cedo só para me pregar uma peça? Meu peito se aperta em protesto, insistindo: *Isso não*



*parece algo que ele faria.*

Um constrangimento enrubesce minhas bochechas, e começo a despedaçar minha corrente de trevos, um pequeno nó de cada vez. O que sei sobre Len, de fato? Não acredito que, depois de tudo isso, ainda estou lhe dando o benefício da dúvida. Eu, Eliza Quan, *não* dou às pessoas o benefício da dúvida.

Na metade da minha destruição de trevos, porém, eu paro. Poderia continuar sentada aqui, despedaçando haste após haste, sentindo minha determinação crescendo e se tornando algo familiar e adequado, mas também profundamente insatisfatório. Ou poderia admitir que talvez eu não queira mais essa situação.

Amarro o comprimento restante da corrente de flores, formando uma pulseira, e então me levanto em um pulo. Não preciso dar o benefício da dúvida para Len, mas *posso* dar a ele outra chance.

De volta ao pátio, a multidão que se forma depois das aulas já diminuiu bastante. Então me ocorre que não tenho ideia de por onde começar a procurar por ele. Pego meu celular outra vez, tentando pensar em alguém que poderia saber o paradeiro dele. Serena, talvez?

Então, alguns passos adiante, ouço alguém batendo na janela de uma sala próxima. E, depois de alguns segundos, ouço outra batida. Eu me aproximo para investigar, e é quando o vejo. Do outro lado do vidro, ele está agachado atrás de uma carteira, jogando um clipe que atinge a janela com um ruído metálico suave. Quando me vê, ele finge digitar uma mensagem e acena as mãos em um gesto desesperado. *Sem celular*, ele faz com a boca.

Então foi isto que aconteceu: Len está na detenção e ficou com um professor rígido de verdade com a regra de confiscar os celulares. Eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei só um *pouquinho* grata por

Len ter enfim sido repreendido por alguma coisa. Mas percebo que de fato preciso falar com ele. A necessidade cresce a cada minuto e, se eu esperar até a detenção acabar, não vou ter muito tempo até mamãe chegar para me pegar. Não elaboro nenhum plano, mas isso não me impede de correr até lá e me ver completamente, sem qualquer vergonha, dentro da sala. Então percebo que o docente encarregado da detenção hoje é...

— Dr. Guinn!

Ele ergue os olhos de uma edição da revista *The Atlantic*, e me encara por cima dos óculos.

— Olá, Eliza — diz ele. — Apenas visitando hoje?

— Na verdade... — digo, e depois paro, porque não sei de que outra forma terminar a frase. De modo inapropriado, ou talvez apropriado, eu me pego imaginando o que Len faria. Então uma ideia me ocorre. — Tenho uma pergunta.

O dr. Guinn dobra a revista e a coloca na mesa. Todos os outros alunos, confusos e entusiasmados por essa interrupção na detenção, esperam sua resposta. Ela chega depois de uma longa pausa:

— Devo presumir que isso envolve nosso amigo dos fundos?

Todos os olhos se voltam para Len, que para no meio do movimento de se ajeitar na carteira, com as duas pernas esticadas na passagem entre os assentos.

— Essa é a questão — digo. — Ele não é bem meu amigo.

Pelo canto do olho, noto Len estremecendo de leve.

— Nesse caso, eu diria — responde o dr. Guinn, massageando a testa — que você sente que houve certa justiça nas consequências que se desdobraram?

Decido não responder.

— Dr. Guinn — digo, cobrindo com minha voz o espaço que sua pergunta ocupa no ar. — Não foi o senhor que uma vez falou sobre a importância da conexão?

As sobrancelhas do dr. Guinn, quase invisíveis de tão esparsas, se erguem em leve surpresa. Ele não está esperando por essa, e é exatamente com isso que estou contando.

— O senhor disse que nós deveríamos tentar nos conectar com aqueles que discordam da gente — continuo. — Com aqueles que nós acreditamos ter nos prejudicado.

— Acredito que tivemos essa conversa, sim.

— Mas construir uma ponte sobre esse tipo de fenda exige que os dois lados estendam, como o senhor disse, uma mão para fora das trincheiras. — Agora gesticulo para Len, que ainda está usando seu bóton. — Às vezes nós não fazemos isso muito bem, e às vezes não é realmente o bastante. — Ele afunda um pouquinho em seu assento. — Mas acho que vale reconhecer o esforço do outro quando tentamos.

Os braços do dr. Guinn estão cruzados como de costume. Sua boca está cerrada em uma linha pensativa que fica entre um sorriso e uma careta.

— O que você está propondo, Eliza?

Ok, lá vai.

— Acho que, hoje, o Len tentou — digo, apontando para ele. — Odeio admitir isso, mas tudo bem, porque também estou tentando. — Dou um passo para a frente, e, embora Len permaneça em silêncio e sério, seus olhos se iluminam. — Não acho que ele deva ser punido por finalmente ter feito a coisa certa. Pela primeira vez.

O dr. Guinn se reclina na cadeira.

— Você está pedindo para o Len ser liberado da detenção?

Assinto, olhando para o relógio acima da cabeça brilhosa do diretor.

— Só faltam uns quarenta minutos agora — argumento. — Acho que ele merece pelo menos esse indulto.

Um silêncio se instala enquanto dr. Guinn checa seu relógio e, descobrindo que pelo jeito ele precisa de um conserto, torce o botão de metal na lateral até ouvir um clique. Mais uma vez, a sala toda está hipnotizada. Depois de um longo tempo, ele responde:

— Muito bem. Indulto concedido.

A sala explode em gritos, o que é meio esquisito, se pararmos para pensar que eu só tirei Len da detenção, e mais ninguém. Mas Len, sendo Len, pulou de sua carteira e já está recebendo *high-fives* dos alunos ao redor. Gritos de “Aê, DiMartile!” e “Você é o cara!” pipocam por todos os lados e, ao observá-lo sendo parabenizado por não ter feito precisamente nada, concluo que algumas coisas pelo visto nunca mudam.

Mas quem sabe elas possam mudar. Len, balançando de leve a cabeça, faz um floreio em minha direção, como um ator gesticulando para a orquestra durante os agradecimentos, e alguém acrescenta:

— Isso aí, dê os créditos para quem merece!

A caminho da porta, o dr. Guinn diz:

— Talvez nós nunca concordemos em tudo, Eliza, mas sua tenacidade é, e sempre foi, uma força.

Ainda estou tentando entender se é um elogio quando ele devolve o celular para Len.

— Quanto a você, rapaz, te vejo de novo aqui amanhã.

— Amanhã? — pergunto para Len quando já estamos do lado de fora.

Ele abre um sorriso largo, caloroso e familiar.

— Se você não se importar, vou precisar ser liberado da detenção mais umas quatro vezes.

— Não sei se você merece esse esforço todo! — disparo com uma risada, e me sinto melhor do que eu esperava.

A felicidade de Len é evidente, embora ele esteja tenso, emanando uma energia furtiva e ansiosa. Ele passa os dedos pelo cabelo e depois puxa o boné de beisebol para baixo, cobrindo os olhos. Nunca o vi desse jeito, mas, ao mesmo tempo, sei muito bem como ele está se sentindo.

— Posso te pagar uma bebida? — pergunta ele, com a voz falhando um pouco ao pronunciar as palavras.

Na bancada do Boba Bros, Len pede o que está no cardápio especial da semana e então, antes que eu consiga dizer qualquer coisa, acrescenta:

— E um chá de lavanda com gelatina de amêndoas, por favor. Com leite de soja e metade de doçura. — Ele dá um passo para trás, abrindo espaço para mim. — Certo?

É exatamente o que sempre peço e, quando meu rosto se ilumina de maneira involuntária, consigo sentir sua tensão se dissolvendo em uma espécie de confiança satisfeita. Seu alívio é quase convencido. É por isso que, quando ele traz as bebidas ao lugar onde estou esperando no gramado do centro comercial, aponto para o outro copo:

— Eu quero esse hoje, se você não se importar.

Isso o surpreende, como eu sabia que aconteceria. Mas ele me entrega o copo sem fazer qualquer pergunta:

— É *hojicha* — diz ele, se sentando no chão ao meu lado. — Um chá verde japonês.

Tomo um gole e fico chocada com o gosto inesperado — é forte e

encorpado como canela ou açúcar queimado, mas sem o gostinho amargo no final. Não é ruim, na verdade. É inédito, mas, de alguma forma, ainda reconfortante.

No silêncio entre nós, Len mastiga o canudo mais que bebe, e passamos alguns minutos apenas observando os carros. Por fim, eu digo:

— Foi um belo anúncio que você fez hoje de manhã.

Ao mesmo tempo, ele diz:

— Escuta, eu sinto muito mesmo, Eliza.

Depois de uma pausa hesitante, Len continua, um pouco atrapalhado:

— Sinto muito por ter postado o manifesto e por não ter contado a você. Foi muito idiota. Mas a sua descrição de mim foi tão implacável que... bom, para ser honesto, eu meio que quis ver como seria engraçado provocar você.

Manchas rosadas de culpa se espalham pelas bochechas dele.

Jogo o canudo dentro do meu copo.

— É, eu sei. É assim que você finge que as coisas não te machucam. Sendo um babaca.

O rosto de Len se contorce de remorso.

— Eu juro, era para ser só uma piada idiota e autodepreciativa. Eu nem achei que alguém além de você fosse ver antes de tirarmos do ar. Tentei fazer James e Powell fazerem isso, lembra? Mas aí virou aquela coisa toda que eu não sabia como parar.

Ele toca meu punho; seus dedos são leves sobre a minha pele, e se demoram sobre a pulseira de trevos, com gentileza, antes de voltarem para a grama.

— Obviamente, eu não pensei direito. E depois eu só fiquei com

medo de te contar a verdade. — Ele está tomando longos goles do chá agora, esvaziando o copo em um ritmo não muito saudável. — Sinto muito por ter sido covarde, sinto muito por ter traído a sua confiança, e sinto muito por tudo que aconteceu por minha causa. E por todas as coisas horríveis que eu disse.

— Você *foi* horrível.

Len tenta esconder sua reação por trás do copo, mas tudo que sobrou foram cubos de gelatina de amêndoa e gelo.

— É... — diz ele, desolado.

— Mas você não foi o único que errou. — Agora eu suspiro. — Eu também disse algumas coisas bem horríveis. E sinto muito. — Estico as pernas, e ele faz o mesmo. As laterais das nossas calças se tocam. — Eu também fiquei com medo. E também estava errada sobre várias coisas. Pensei que sabia tudo sobre as pessoas, mas acho que provavelmente eu nem sabia nada sobre mim mesma. — Encaro, tomada por uma abrupta urgência de garantir que ele escute o que estou prestes a dizer, e seguro sua mão. — Eu não acho que você seja covarde.

— Não acha mais? — arrisca ele, fechando os dedos ao redor dos meus.

— Todos nós podemos ser covardes. — Encosto a testa no ombro dele. — Ou podemos não ser.

Ele repousa o queixo na minha cabeça, e parece natural nos encaixarmos, finalmente, desse jeito tão simples.

— Sábias palavras da nova editora-chefe da *Corneta* — concorda ele.

— Espera. — Ergo a cabeça em um sobressalto, tomada por uma constatação. — Renunciar significa que você precisa sair da *Corneta*?

— Não, eu vou continuar como repórter. A menos, é lógico, que você me expulse.

Abro um sorriso grande o bastante para competir com o dele.

— Sua reputação como jornalista está *de fato* um pouquinho manchada.

— Bom, estou virando a página. — Ele ajusta a aba do boné para a frente num ângulo impecável. — E, para começar, não posso mais cobrir jogos de beisebol. Por conflito de interesses e aquela coisa toda.

Eu o embosco com um abraço, e minha pergunta sai como um gritinho.

— Você vai voltar a jogar?

Acho que meu entusiasmo surpreende nós dois.

— Esse é o objetivo — diz Len, rindo.

— Uau, que ótimo! Talvez eu até apareça em um jogo qualquer dia desses.

— *Talvez* você até crie um amor duradouro pelo time de Willoughby. Pego o boné dele e o coloco na minha cabeça.

— Com esse tipo de coisa, nunca se sabe — digo, sorrindo, e deito na grama, com as mãos atrás da cabeça.

Len se deita também, e ficamos lado a lado sob o céu da primavera. De repente, a tarde parece infinita, como se o universo inteiro existisse no específico calor dourado aqui na minha frente, logo ao alcance das minhas mãos. E, embora exista muita coisa que eu não saiba ainda — e tanta coisa que não sou capaz de saber —, também nunca me senti tão confiante.



# Um mês depois

— Um pouco mais alto, talvez. Mais... Espera, não, agora está alto demais.

Len me encara por cima do ombro, com os braços esticados, segurando um retrato emoldurado na parede.

— Você sabe que alcança esse lugar, não sabe? — diz ele. — Não acho que você realmente precisasse de “uma pessoa extremamente alta” para fazer isso.

— Você me pegou. — Abro um sorriso diabólico. — A verdade é que eu só precisava de *você*.

Afinal, o simbolismo do gesto — meu retrato sendo pendurado em seu lugar de direito pelo garoto que quase me depôs — era bom demais para deixar passar.

Mesmo que o tal garoto seja muito lindo, especialmente quando parece emburrado por receber ordens.

Vou até ele, confiante, e me inclino para beijá-lo na bochecha, mas então paro, estreitando os olhos ao ver onde ele posicionou o quadro.

— Talvez um pouco mais para a esquerda?

É hora do almoço, faltam apenas alguns dias para o ano terminar de vez, e meu retrato de editora-chefe acabou de chegar pelo correio, enviado por Eton Kuo, da turma de 1988, nosso ilustre artista. James, que me entregou o pacote hoje de manhã, ficou choramingando o tempo todo.

— Cara — disse ele, me observando rasgar o envelope. — Parece que foi ontem que eu recebi o meu. — Quando desembulhei o retrato, ele o declarou uma obra-prima. Depois, com a voz trêmula, acrescentou: — Estou orgulhoso de você, Quan. De verdade.

O desenho, se me permitem dizer, ficou bem parecido comigo. Sim, minha testa ficou um pouco larga, e não acho que eu costumo franzir o rosto tanto assim (“Você franze”, observou James), mas dizem que não se deve ter expectativas tão rigorosas na vida.

— Assim está bom, Eliza — insiste Len, marcando a parede com um lápis antes de pegar um martelo na bancada.

Estou prestes a protestar quando Natalie, vermelha e ofegante, aparece na entrada da redação.

— Ei! — diz ela. — Acabaram de contar os votos para a eleição do conselho estudantil. Serena ganhou! Ela é a nova representante da escola!

— Que ótimo! — Junto as mãos, e mal consigo manter os pés no chão.

Com essa notícia e a de que Winona foi aceita no Festival Nacional de Jovens Cineastas, essa tem sido uma semana e tanto.

— Vou correr para o pátio — diz Natalie, pegando a câmera no armário. — Serena acabou de postar que vai fazer uma *live* surpresa em cinco minutos. Vejo vocês lá?

— Pode deixar! — respondo, acenando enquanto ela dispara porta afora. Então lembro que Len e eu estamos no meio da instalação do retrato. — Tudo bem se a gente terminar isso depois...

Mas Len fica parado, girando o martelo nas mãos antes de colocá-lo de volta na bancada, e é então que percebo que ele já terminou a tarefa.

E vejam só. Ele tinha razão. A moldura está alinhada direitinho.

— Ficou perfeito! — exclamo, radiante, e então pego minha mais recente alternativa de suéter, que tenho usado bastante desde que decidi que é perfeitamente razoável e até, ousado dizer, divertido —, dar uma variada no guarda-roupa de vez em quando.

— Jaqueta legal — observa Len, enquanto enfio os braços nas mangas de couro.

Dou risada quando ele me puxa para si, fingindo inspecionar o nome bordado no meu peito.

— Quem é DiMartile? — murmura ele no meu cabelo. — Você gosta dele ou algo assim?

Quase o deixo alcançar meus lábios, mas depois recuo, brincando.

— Bem — digo —, *ele* com certeza gosta de mim.

O sorriso de Len se demora em seu rosto.

— Ah, é? — diz ele. — Achei que você não ligava se as pessoas gostavam ou não de você.

Fico na ponta dos pés e passo os braços ao redor do pescoço dele.

— *Eu* posso ligar para o que eu quiser.

Então o puxo para um beijo de tirar o fôlego — um beijo de verdade dessa vez, longo e cheio de potencial — antes de conduzi-lo até o pátio, segurando sua mão, para descobrir como é o futuro quando as mulheres, finalmente, assumem o comando.

# Agradecimentos

Este livro não existiria sem as muitas pessoas que, felizmente, gostaram de Eliza o bastante para dar a ela (e a mim) uma chance:

Primeiramente, um grande obrigada à minha agente Jenny Bent, cujas reações às coisas são quase sempre iguais às minhas, só que mais sábias e hilárias — e cuja confiança inabalável nesta história fez todos os meus sonhos se realizarem. Obrigada também a Gemma Cooper, cujo gosto fabuloso e críticas lúcidas foram uma parte valiosa da jornada de Eliza. E ao resto da equipe da Bent Agency, especialmente Claire Draper, Amelia Hodgson e Victoria Cappello.

Um obrigada igualmente enorme às minhas editoras: a destemida e experiente Mabel Hsu e a eloquente e sempre graciosa Stephanie King. Tenho uma dívida com ambas por sua orientação apurada e apoio incansável. E porque elas dão risada das minhas piadas nos comentários.

Muita gratidão pela equipe da Harper: Karen Sherman, Lindsay M. Wagner e Gweneth Morton por sua atenção impecável aos detalhes; Molly Fehr, Amy Ryan e Fevik pela linda capa; e Allison C. Brown, Aubrey Churchward, Jacquelynn Burke, Tanu Srivastava e Katherine Tegen por todo o entusiasmo e apoio. O mesmo para Rebecca Hill, Sarah Cronin, Katharine Millichope, Kevin Wada, Stevie Hopwood e Katarina Jovanovic da equipe da Usborne — obrigada por criarem a bela edição britânica e por fazerem eu me sentir parte da família mesmo

a tantos fusos horários de distância.

Muito obrigada aos amigos que sempre agiram como se escrever um livro fosse um jeito bastante razoável de passar o tempo, especialmente àqueles que me ajudaram a terminar este: Trish Smyth, que me inspirou a voltar a escrever; Lei'La' Bryant e Lucy Claire Curran, que há muito tempo são minha maior torcida; Ayushee Aithal, que ouve todos os meus desabafos e oferece excelentes conselhos; e Alice Lee, cujas críticas me são indispensáveis desde que tínhamos doze anos.

Agradeço também a todos que dedicaram seu tempo lendo rascunhos completos ou parciais, incluindo Avi Francisco, Christina Liu, Krystal Gregory e Riya Kuo.

Muito amor e admiração para meus pais, que apoiaram minha escrita desde o começo. E também para C., que inspirou um personagem importante.

E, por fim, para J. Não teria feito isso sem você.

# Sobre a autora



© Lauritta Stellers

MICHELLE QUACH é designer, escritora e mora em Los Angeles. É estadunidense descendente de chineses e vietnamitas, e formou-se em história e literatura na Universidade Harvard. Michelle ama comédias românticas, personagens que nem sempre fazem a coisa certa e qualquer cachorro que se pareça com o dela. *Não nasci para agradar* é seu romance de estreia.

[www.michellequach.com](http://www.michellequach.com)

Twitter: [@michellequach](https://twitter.com/michellequach)

Instagram: [@\\_michellequach](https://www.instagram.com/_michellequach)

# Leia também



*Contato de emergência*  
Mary H. K. Choi



*Com amor, Simon*  
Becky Albertalli



*Box Amor & livros*  
Jenna Evans Welch



*Para todos os garotos que já amei*  
Jenny Han